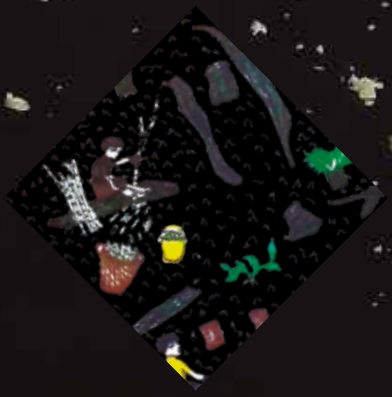


OLHARES
SOBRE O TERRITÓRIO:
PESQUISAS dos
Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque

iepé

OLHARES sobre o território reúne um conjunto de 37 ensaios escritos pelos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque, como parte da exigência para receberem o diploma de Técnicos em Meio Ambiente conferido pelo Instituto Federal do Amapá – IFAP. Tem muita novidade aí para o leitor descobrir e apreciar.

Participantes de um curso de Formação de Agentes Ambientais Indígenas conduzido entre 2016 e 2019 pelo Iepé, em parceria com o Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque, Funai e TNC, esses jovens tiveram aulas teóricas e práticas, no modelo da pedagogia de alternância, realizaram experimentos nas aldeias, participaram de intercâmbios e assumiram o compromisso de se envolver na gestão dos territórios indígenas do Oiapoque. Trata-se de primeiro curso com esse formato, que garantirá a certificação dos participantes.

OLHARES
SOBRE O TERRITÓRIO: PESQUISAS dos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

Conselho Diretor: Marina Kahn (Presidente), Lúcia Hussak van Velthem (Secretária) Ruben Caixeta de Queiroz (Tesoureiro)
Conselho Editorial: Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luis Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak Van Velthem, Lux Boelitz Vidal
Coordenador Executivo: Luis Donisete Benzi Grupioni

Coordenadora do Programa Oiapoque: Rita Becker Lewkowicz
Equipe do Programa Oiapoque: Alenilda Benjamim Rocha, Ana Carolina Yamaguchi de Andrade, Estefany Baia Furtado, Gina Marcela da Silva Feitosa, Juan Junio Morais dos Santos e Marcelo Fernando Domingues
Assessoria Antropológica ao Programa Oiapoque: Lux Boelitz Vidal

Para saber mais sobre o Iepé consulte www.institutoiepe.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olhares sobre o território : pesquisas dos agentes ambientais indígenas do Oiapoque / organização Rita Becker Lewkowicz. -- 1. ed. -- São Paulo : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2022.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89357-05-6

1. Farinha - Cultivo 2. Gestão ambiental 3. Indígenas - Saúde 4. Manejo florestal sustentável 5. Oiaporque (AP) – Aspectos sociais 6. Povos indígenas I. Lewkowicz, Rita Becker.

22-117985 CDD-363.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Gestão ambiental 363.7
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Iepé São Paulo
Rua Professor Monjardino, 19 – Vila Sônia
05625-160 – São Paulo – SP
Tel. 11-3746-7912 e 3569-4973
sede-sp@institutoiepe.org.br

Iepé Oiapoque
Rua Lelio Silva, 91 – Centro
68980-000 – Oiapoque – AP
Tel. 96-3521-3228

OLHARES
SOBRE O TERRITÓRIO:
PESQUISAS dos
Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque

iepé

OLHARES SOBRE O TERRITÓRIO:
PESQUISAS dos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque

© Iepé, 2022

Este livro resulta do processo de formação dos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque como Técnicos em Meio Ambiente, realizado pelo Iepé em parceria com Ifap, Funai e TNC, entre 2016 e 2019.

Organização
Rita Becker Lewkowicz

Autores Agentes Ambientais Indígenas
Adailson Ioiô Labonte
Caviano Benjamin Forte
Deimison dos Santos
Dieldo Charles dos Santos
Ederlan Severino Pastana
Edivaldo Labonte
Edmilson Iaparrá Labontê
Egson Monteiro Clarindo
Eliano dos Santos Iaparrá
Evandinho Narciso
Garcia Narciso
Geô Ioiô
Gilmar Nunes André
Hildson dos Santos Iaparrá
Jarbas Malaquias Pastana
Jessinaldo Labonte Ioiô
Judson dos Santos Batista
Lázaro Getúlio dos Santos
Lelivaldo Iaparra dos Santos
Manoel Severino dos Santos
Marinelson dos Santos
Mayke de Oliveira dos Santos
Mercias Silva Narciso
Nerio Forte Karipuna
Pedro dos Santos
Rafael Monteiro Hortencio
Rivaldo dos Santos Forte
Ronaldo Narciso Anicá
Roniele Forte dos Santos
Ronivaldo Severino
Rosenilda Santos Martins
Sedrick Anicá dos Santos
Sidelvan Monteiro dos Santos
Sielton Forte
Valderino Forte
Vanderson Narciso Iaparrá
Zanilda Narciso Lourenco

Projeto gráfico
Renata Alves de Souza | Tipo Gráfico Comunicação

Realização

Ao senhor Domingos Santa Rosa (in memoriam)
que tanto contribuiu com o processo de formação
dos Agentes Ambientais Indígenas, com sua memória
impecável, sua visão abrangente e reflexão perspicaz e crítica
sobre os processos históricos pelos quais
os povos indígenas do Oiapoque passaram

Os textos desta publicação estão sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0, como uma forma de democratizar o acesso à informação. A licença não se aplica às fotos e ilustrações, que continuam sob copyright ©. Para detalhes, acesse https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR

Sumário

8 APRESENTAÇÃO | Rita Becker Lewkowicz

14 FERRAMENTAS DE GOVERNANÇA

16 As Expedições de Vigilância nas Terras Indígenas de Oiapoque | Evandinho Narciso

27 Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque | Edivaldo Labontê

35 O pensamento do pajé com os *kahuan* para o Plano de Gestão das Terras Indígenas | Sedrick Anicá dos Santos

42 Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque | Caviano Benjamin Forte

50 Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque e os empreendimentos dentro e no entorno das Terras Indígenas | Rafael Monteiro

58 HISTÓRIA DAS ALDEIAS E DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL

60 A história das aldeias do povo Galibi Marworno | Dieldo Charles dos Santos

69 Fundação das aldeias no Rio Curipi | Deimison dos Santos

78 História da Aldeia Urubu no Rio Urukawá | Edmilson Iaparrá Labontê

82 Fundação da Aldeia Ywawká | Eliano dos Santos Iaparrá

88 CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE MANEJO

90 Pesquisa sobre a caça na região Uaçá | Sidelvan Monteiro dos Santos

97 Pesquisa sobre a pesca na região do Rio Uaçá | Egson Monteiro Clarindo

107 O manejo do *mewka* no Urukawá | Geô Ioiô

111 Manejo de tracajá no Rio Uaçá | Manoel Severino dos Santos

116 Manejo de *tawahu* nas Terras Indígenas de Oiapoque | Lázaro Getúlio dos Santos

121 Manejo de açaí e abelhas na Aldeia Açaizal | Marinelson dos Santos

127 Conhecimentos Palikur sobre animais e plantas na região do Rio Urukawá | Jessinaldo Labontê Ioiô

135 Levantamento de plantas nativas nas Terras Indígenas do Oiapoque | Valderino Forte

144 ROÇAS, PRODUÇÃO DE FARINHA E NOVOS EXPERIMENTOS

146 A roça e a produção da farinha nas Terras Indígenas do Oiapoque | Lelivaldo Iaparrá dos Santos

155 O trabalho na roça do povo Galibi Marworno: conhecimento sobre a produção de farinha | Jarbas Malaquias Pastana

162 *Nuvel dji vuih*, "recado da fruta": experimento com plantas na Aldeia Taminã | Nério Forte Karipuna

167 Experimento de agrofloresta na Aldeia Kuahi | Vanderson Narciso Iaparrá

171 Experimento com adubo orgânico na Aldeia Flecha | Garcia Narciso

177 Adubo orgânico feito da casca da mandioca na Terra Indígena Juminã | Gilmar Nunes André

180 SAÚDE DAS PESSOAS E DOS TERRITÓRIOS

182 Resíduos sólidos: grande problema, possíveis soluções | Mayke de Oliveira dos Santos

188 Resíduos sólidos: iniciativas coletivas na Aldeia Tukay | Mercias Silva Narciso

198 Trabalho com resíduos sólidos na Aldeia Amomni | Adailson Labontê

201 Pesquisa sobre alimentação na Aldeia Flamã | Rivaldo dos Santos Forte

208 Mudanças na alimentação das famílias na Aldeia Manga | Roniele Forte dos Santos

212 Plantas utilizadas pelos Karipuna da Aldeia Manga | Pedro dos Santos

218 Saúde da mulher indígena | Rosenilda Santos Martins

223 As parteiras indígenas | Zanilda Narciso Lourenço

226 HISTÓRIAS, FESTAS, ARTEFATOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES

228 As histórias de Cobra Grande no Rio Oiapoque | Ronivaldo Severino

235 Turé na Aldeia Espírito Santo | Judson dos Santos Batista

242 *Mahaka*, *bã* e *pagha*: os artefatos usados pelo pajé nas Terras Indígenas do Oiapoque | Sielton Forte

247 A festa da padroeira da Aldeia Santa Izabel | Hildson dos Santos Iaparrá

253 As festas de santo dos Povos Indígenas do Oiapoque | Ederlan Severino Pastana

257 Transformações de algumas práticas culturais do povo Galibi Marworno | Ronaldo Narciso Anicá

APRESENTAÇÃO

Os povos Galibi Kali'na, Palikur Arukwayene, Galibi Marworno e Karipuna que, hoje, somam aproximadamente 9 mil pessoas, vivem em 67 aldeias distribuídas em três Terras Indígenas, no Oiapoque, Amapá. Eles mantêm suas especificidades, historicamente construídas, com suas cosmologias, línguas[1] e organização social particular. Cada povo vive em uma região diferente, associada aos principais rios do território. Apesar de suas diferenças formam, politicamente, um coletivo autodesignado como "povos indígenas do Oiapoque" principalmente para as relações com os não indígenas, com os quais possuem um largo histórico de contato, que remonta ao início do século XVI.

A gestão socioambiental das terras indígenas vem sendo uma das principais preocupações das lideranças desses quatro povos. Ao compartilharem um mesmo complexo territorial, criaram espaços de discussão e tomada de decisão coletiva sobre seus territórios desde, pelo menos, os anos 1970, quando começaram as primeiras grandes assembleias de caciques. A partir dessa organização, conquistaram o reconhecimento de três Terras Indígenas: TI Galibi, TI Uaçá e TI Juminã (formando uma área contínua de 518.454 hectares, na fronteira com a Guiana Francesa) hoje demarcadas e homologadas, garantindo uma segurança jurídica sobre o território, especialmente relevante nesta região fronteiriça e marcada por diferentes investidas coloniais e projetos de desenvolvimento, como a construção da rodovia BR156 que cruza a parte sul da TI Uaçá.

Após a demarcação de suas terras, as lideranças indígenas iniciaram processos de discussão coletiva sobre o seu presente e seu futuro, considerando o contexto de um território agora limitado, do aumento populacional e das diferentes pressões internas e externas. Em 2009 publicaram o seu "Plano de Vida", apontando diretrizes e prioridades nas áreas de educação, saúde, território e meio ambiente, produção, movimento indígena e cultura. A partir desse plano, em 2011, discutiram a elaboração de um Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque (PGTA), pontuando três eixos prioritários: proteção territorial, manejo e uso dos recursos naturais, e formação para a gestão territorial indígena. Esses dois documentos focam principalmente nos acordos internos, olham para dentro do território, pensando no fortalecimento dos modos de vida e nas formas de garantir a sua sustentabilidade.

Posteriormente, o foco foi para a discussão do que vem de fora, de projetos e empreendimentos que trazem impactos sobre os territórios. Discutiram coletivamente suas regras para tomada de decisão frente a estes projetos e também da forma adequada de estabelecer um diálogo respeitoso entre indígenas e governo, diferente do histórico de projetos mal sucedidos e acordos não cumpridos. Essas regras subsidiaram a elaboração do Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque, publicado em 2019. Além disso, como protagonistas na elaboração destas ferramentas de governança, as lideranças de Oiapoque tiveram um papel importante na discussão do movimento indígena nacional para a elaboração da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), que acaba de completar 20 anos de sua criação (em 2022).

No âmbito do processo de implementação do PGTA das Terras Indígenas do Oiapoque, se concretizou o processo de formação dos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque, realizado pelo Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé em parceria com o Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO, com apoio da The Nature Conservancy (TNC) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

O Curso de Formação dos Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque foi realizado entre 2016 e 2019, formou 38 indígenas que foram certificados pelo Instituto Federal do Amapá – IFAP, como Técnicos em Meio Ambiente. A formação foi ofertada no modelo da pedagogia da alternância, com módulos presenciais e atividades práticas nas aldeias, promovendo e fortalecendo iniciativas sustentáveis nas comunidades. Contou com uma carga horária total de 1402 horas, considerando as aulas presenciais, práticas e atividades complementares. A proposta curricular multidisciplinar incluiu temáticas diversas com uma abordagem metodológica intercultural, no sentido de valorizar e sistematizar os conhecimentos indígenas, assim como promover o diálogo com outros conhecimentos e tecnologias, de forma simétrica e a partir de uma perspectiva histórica e comparativa.

1 São falantes da língua Parikwaki (Povo Palikur Arukwayene), Galibi Kali'na (Povo Galibi Kali'na) e Kheuól (Povos Karipuna e Galibi Marworno), além do português e francês, aprendidos na relação com as diferentes populações que transitam por essa região desde o século XVI.

O curso contou com oito componentes curriculares, de quatro módulos cada:

1) SISTEMAS DE CONHECIMENTOS: foco sobre as formas de produção de conhecimento, suas especificidades e relações com modos de vida nos territórios, assim como metodologia e técnicas de pesquisa;

2) PRODUÇÃO E SUSTENTABILIDADE: discussão e comparação entre diferentes sistemas de produção e nas relações entre meio ambiente, economia e sustentabilidade;

3) PRÁTICAS DE MANEJO SUSTENTÁVEL: sistematização das características dos principais ecossistemas, das mudanças ocorridas nas terras indígenas ao longo do tempo e reflexão sobre as possibilidades de produções e práticas sustentáveis adequadas a estas realidades;

4) CONCEITOS E POLÍTICAS SOCIOAMBIENTAIS: problematização dos conceitos relacionados à gestão socioambiental, considerando o histórico da discussão ambiental e indigenista e buscando conhecer as políticas públicas e as legislações específicas à temática socioambiental;

5) INSTRUMENTOS DE MONITORAMENTO TERRITORIAL: discussão e uso de novas tecnologias para o monitoramento das terras indígenas, aprofundando os conhecimentos sobre temas relacionados à vigilância, cartografia, mobilidade, ocupação territorial, resíduos sólidos, entre outros;

6) GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DAS TERRAS INDÍGENAS: foco sobre as políticas nacionais de gestão territorial e ambiental das TIs, PGTA e outros instrumentos de governança com objetivo de analisar os problemas vividos nas terras indígenas e discutir as indissociáveis relações existentes entre os problemas ambientais e sociais;

7) MODELOS DE DESENVOLVIMENTO E AS TERRAS INDÍGENAS: voltado à discussão dos diferentes modelos de desenvolvimento e o histórico de ocupação e colonização da região amazônica, relacionando-os com a crescente pressão em torno dos recursos naturais e dos conhecimentos dos povos indígenas;

8) PRÁTICAS E CONHECIMENTOS SOBRE AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO: foco nas práticas agrícolas indígenas, agricultura familiar e agricultura industrial, diferenciando processos da agroecologia, permacultura, monocultura, agrofloresta, biodiversidade agrícola, áreas degradadas e recuperação florestal.

Além dos encontros presenciais e atividades práticas nas aldeias, o curso contou com uma série de intercâmbios dentro das terras indígenas, oportunizando aos jovens que conhecessem mais o próprio território, e também em outras regiões para a troca de experiências sobre temáticas diversas (Parque do Tumucumaque, Acre, Guiana Francesa, entre outros) e a participação em congressos e seminários (em Belém, Brasília e Manaus). E, ainda, foram realizadas visitas técnicas com fins didáticos e de pesquisa na sede do município, tais como: aterro (lixão) e mercado municipal da cidade de Oiapoque, como também nas unidades do Campus Porto Grande do Instituto Federal do Amapá – IFAP.

Os estudantes indígenas do Oiapoque ficaram conhecidos como AGAMIN – que além de ser uma sigla das iniciais Agentes Ambientais Indígenas, é o nome de um pássaro que cuida e limpa a floresta. A turma é bastante diversa, com representantes dos diferentes povos (15 Galibi Marworno, 14 Karipuna e 9 Palikur), com formação escolar, familiaridade com o português, aptidões e interesses diferentes. A faixa etária majoritária (55%) é de 18 a 29 anos e são principalmente homens, com apenas 2 mulheres na turma. Ainda que esta diversidade tenha sido um desafio, também foi uma das principais qualidades da formação, permitindo o diálogo sobre os conhecimentos de cada povo, exercícios de tradução intercultural e explicações entre os estudantes e frente às lideranças, assim como foi possível valorizar as potencialidades de cada um.

Na etapa final da formação, cada estudante escolheu um tema de pesquisa de seu interesse para realizar seu trabalho de conclusão. Foi dedicada uma disciplina para trabalhar metodologias de pesquisa e construir os projetos. Os orientadores foram definidos conforme a formação disciplinar e afinidade temática. A partir das pesquisas realizadas nas aldeias, foi realizada uma parceria com o curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – Unifap para viabilizar o laboratório de informática para a transcrição, sistematização e formatação dos trabalhos.

Esta publicação reúne os trabalhos finais de 37 estudantes, compilando seus exercícios de pesquisa, escrita e reflexão, a partir das discussões da formação. Os trabalhos foram editados para o formato de capítulo de livro, mas foi mantida a escrita original dos autores, na íntegra. A divisão dos trabalhos em seis partes foi realizada no processo de organização do livro.

Na primeira parte do livro, "FERRAMENTAS DE GOVERNANÇA", os autores apresentam suas pesquisas relacionadas aos instrumentos e acordos coletivos elaborados ao longo dos anos com o objetivo de viver bem na terra demarcada. Relatam o processo histórico de autodemarcação das terras indígenas e as expedições anuais para a manutenção desses limites e da proteção territorial. Descrevem o processo de elaboração do PGTA e do Protocolo de Consulta e sua compreensão sobre a relevância desses documentos, assim como do papel dos agentes ambientais na implementação dessas ferramentas. Destacam, também, a importância de respeitar a relação com os outros seres que vivem

no território, animais, plantas e seres espirituais, como *kahuan-karuanas* ou donos, que também contribuem para a proteção e gestão do território.

Na segunda seção, "HISTÓRIA DAS ALDEIAS E DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL", os trabalhos reúnem informações sobre como certas aldeias dos diferentes povos foram fundadas, os processos de centralização dos moradores em grandes aldeias, promovido pelo estado, e a retomada posterior, de organização interna das lideranças, de fundação de novas aldeias distribuídas por todo território. São trazidas narrativas cosmológicas sobre a origem de certas aldeias, como também são apresentadas as estratégias de proteção territorial discutidas para a ocupação das margens da rodovia BR156.

"CONHECIMENTOS, MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DO TERRITÓRIO" é o tema da terceira seção, que reúne trabalhos que abordam os conhecimentos indígenas sobre o território, especialmente sobre os diferentes animais, peixes, árvores e plantas que estão ligados aos modos de vida dos povos indígenas da região. Os autores abordam as relações que têm com essas espécies, seja na caça, na pesca, na construção de casas e nos usos medicinais dos pajés. Também são apresentadas as ações de manejo do tracajá que os agentes ambientais vêm realizando nas aldeias das diferentes regiões, com o objetivo de recuperar essa espécie que vem diminuindo nas terras indígenas. Ao entrevistar os mais velhos, os trabalhos refletem sobre as mudanças que ocorreram no território, especialmente sobre a diminuição dessas espécies importantes. Atribuem as mudanças ao aumento da população, a adoção de novos instrumentos de caça e pesca, a construção da BR156, entre outros motivos. Essa reflexão motivou acordos internos para reduzir esse impacto sobre o território, pensando no presente o no futuro, como descrito no PGTA das Terras Indígenas de Oiapoque.

Em "ROÇAS, PRODUÇÃO DE FARINHA E NOVOS EXPERIMENTOS" estão reunidos os trabalhos relacionados a produção agrícola nas aldeias, especialmente da farinha de mandioca, base da alimentação e fonte de renda das famílias indígenas do Oiapoque. São descritos, em detalhes, os procedimentos para a abertura de roças e a produção da farinha, assim como os desafios encontrados nesse processo e as alternativas propostas pelos agentes ambientais. Além disso, são relatados os experimentos com adubação orgânica, com base na casca de mandioca, e também experimentos de plantios de árvores (frutíferas e florestais), com inspiração nos estudos sobre agrofloresta, em diálogo com os conhecimentos indígenas sobre essas espécies.

"SAÚDE DAS PESSOAS E DO TERRITÓRIO" é o tema transversal da quinta seção, que apresenta trabalhos relacionados à alimentação, à medicina tradicional e às mudanças trazidas pelo aumento do consumo de produtos industrializados, como a questão dos resíduos sólidos nas aldeias. Os três primeiros trabalhos discutem os impactos trazidos pelos resíduos sólidos e apresentam relatos de iniciativas realizadas e propostas de estratégias para lidar com este problema que vem aumentando nos últimos anos. Os trabalhos seguintes apresentam pesquisas relacionadas à alimentação nas aldeias, comparando o consumo de caça, pesca e produtos industrializados, cujos resultados são bastante diferentes de acordo com o tamanho e localização das aldeias. Os últimos trabalhos dessa seção apresentam um levantamento sobre as plantas frutíferas e medicinais e seus usos, especialmente relacionados à saúde das mulheres e aos saberes das parteiras.

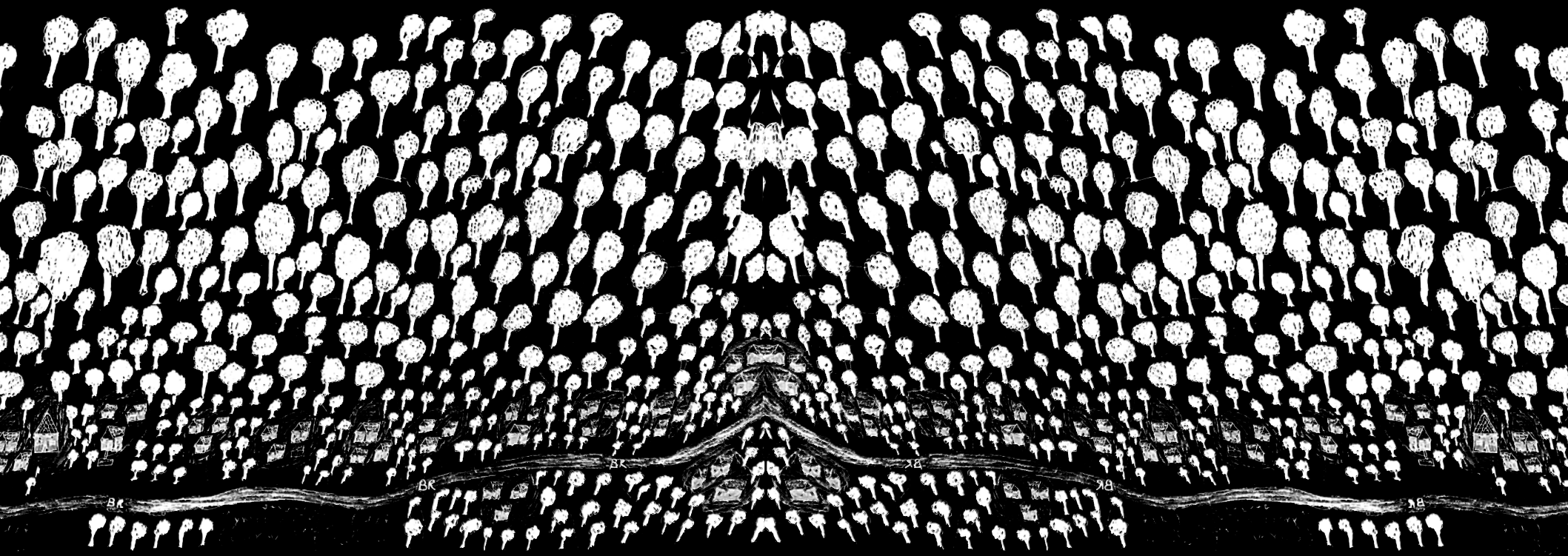
Na última parte do livro, "HISTÓRIAS, FESTAS, ARTEFATOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES", os trabalhos abordam as formas de se reunir e festejar, em suas diferentes expressões. Há um destaque à importância do Turé entre os povos indígenas do Oiapoque, especialmente no fortalecimento das relações entre as famílias e com os outros seres (como os "donos" ou "karuanas") que vivem e ajudam a manter o equilíbrio do território. Os autores trazem, também, descrições sobre as mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo, sugerem explicações para a perda da vitalidade de certas práticas culturais e apontam para a importância de valorizá-las como parte da gestão socioambiental do território.

Além de ser o resultado de um exercício importante de pesquisa e de produção bibliográfica dos pesquisadores indígenas, esta publicação tem o objetivo de dar um retorno às comunidades. Traz o registro e sistematização de conhecimentos e processos históricos, a partir do olhar dos agentes ambientais e das suas reflexões. Traz relatos dos trabalhos realizados e do empenho que empreendem nas ações nas aldeias. O livro poderá ser utilizado nas escolas indígenas e não indígenas, na universidade e para pesquisas diversas. Mais do que esgotar cada temática trabalhada, os trabalhos despertam o interesse para novas pesquisas e discussões.

Boa leitura!

Rita Becker Lewkowicz
Coordenadora do Programa Oiapoque

FERRAMENTAS DE GOVERNANÇA



As expedições de vigilância nas Terras Indígenas de Oiapoque

Evandinho Narciso, indígena Galibi Marworno, nasceu em 1988 na aldeia Kumarumã Rio Uaçá, TI Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Engenharia Sanitária e Ambiental da UFPA

Atualmente nós povos indígenas estamos sofrendo muitas ameaças e pressões tanto internas como externas que acontecem na nossa terra. São ameaças: invasão de garimpeiros, invasão de madeireiros, pescadores, asfaltamento da BR156, entrada de pessoas não-indígenas, etc. É um desafio para nós, Agentes Ambientais, estar perto dos caciques, lideranças, professores, agentes de saúde e outras organizações indígenas para discutir e refletir o que podemos melhorar e resolver para o benefício da nossa terra e como nós vamos enfrentá-los. O trabalho de vigilância vem sendo realizado desde que a nossa terra passou a ser demarcada e reconhecida pela FUNAI. Esse trabalho de vigilância faz parte do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) e é sobre a proteção territorial para viver bem hoje e no futuro.

Nesse contexto, o meu trabalho foi feito através de três pesquisas que completaram meu entendimento durante a formação como Agamin. As pesquisas foram feitas com uma pessoa de cada povo: Galibi Marworno, Karipuna, Palikur. As entrevistas foram realizadas em janeiro de 2019. Foram entrevistados o senhor José Luís, de 65 anos, morador da aldeia Kumarumã; o senhor Domingos Santa Rosa, 59 anos, morador da aldeia Manga e servidor da FUNAI; e Edivaldo Labontè, 43 anos, morador da aldeia Kumenê, e colega Agamin.

A proteção territorial das Terras Indígenas do Oiapoque

O TERRITÓRIO INDÍGENA

Para se falar da Terra Indígena, tenho que falar primeiro sobre Território Indígena, que são duas coisas diferentes. Tudo começou com essa questão das terras. O Brasil na realidade era um grande Território Indígena, que começava do Norte até o Sul. Na faixa litorânea no sul da região da Amazônia também tinha uma grande concentração de Indígenas, era também um grande território. Mas com a chegada dos europeus, como conta a história do Brasil, que eram conquistadores naquela época, eles começaram a invadir o Território Indígena. Nessa faixa litorânea tinha também uma grande concentração de etnias e, com essa chegada, essas etnias foram se refugiando no centro do Brasil, pelo Centro Oeste. Da mesma forma, algumas etnias do Norte, também se refugiaram para o centro do Brasil. Muito extermínio aconteceu. Muito tempo depois, nos anos 1950 e 1960 quando o Brasil começou a se desenvolver, houve também um grande massacre dessas etnias no Centro Oeste com a construção de rodovias, com a construção de estradas de ferro, e a expansão da agricultura. Muitos indígenas foram extintos por conta do desenvolvimento, por conta da ocupação regional, por conta do progresso. Nós sofremos muito com isso, por causa desses grandes projetos.

Assim, Território Indígena é toda aquela região ocupada pelos indígenas, onde eles vivem, eles caçam etc. Nós indígenas necessitamos de grandes territórios para viver e conservar a biodiversidade, as riquezas naturais. O Brasil era e é um grande território indígena. Toda essa região, do litoral, do Norte, da Amazônia, Nordeste até o Sul era o território indígena. Depois que mudou a legislação, tiveram que criar as Terras Indígenas.

TERRA INDÍGENA

Terra Indígena é diferente do Território Indígena. Porque Território Indígena não tem limite, Terra Indígena tem limite, onde só aquela região demarcada é considerada como Terra Indígena. Para se criar uma Terra Indígena, existem vários caminhos: tem que seguir, tem que trilhar e, o mais importante identificar aquela região, ou aquela terra. Não se pode considerar qualquer Terra como Terra Indígena. Para fazer isso, a gente tem que identificar aquela terra na Funai. É obrigação da Funai identificar e demarcar as Terras Indígenas, para isso ela cria uma comissão oficial, a presidência da Funai publica uma portaria e nomeiam vários servidores, vários indigenistas. Esses profissionais podem ser biólogos, antropólogos, que vão fazer o estudo dessa região. Eles vão fazer o reconhecimento da aquela área, se existe mesmo vestígios de ocupação tradicional e, vão ver sítios arqueológicos, cemitério de antepassados, onde eles caçam, onde eles tiram os alimentos deles, a sobrevivência deles e o uso da aquela região. Eles vão identificar essa área, vão fazer uma série de procedimentos.

Outra parte importante, eles vão fazer o levantamento fundiário. Nessa etapa é visto se existem outras ocupações de não indígenas, se naquela região existem posseiros, fazendeiros, colonos, ribeirinhos ou qualquer rastro de civilização. Vão verificar se existe possibilidade e necessidade de indenização, se aquela área é considerada Terra Indígena, se aquela área é importante para a sobrevivência para os povos originários. Outra coisa importante também, para perceber se é Terra indígena é o levantamento antropológico. Nessa etapa vão estudar quantas etnias existem naquela terra. Quantas línguas são faladas, qual a população, qual os números de indígenas existentes naquele local. Quais as crenças, mitos, tradição, se é uma região tradicionalmente ocupada, há quanto tempo eles vivem ali, qual a história e a origem desse povo. Para o território poder ser transformado em Terra Indígena é necessário todo esse processo. No final vem a parte mais importante, que é a demarcação da terra e a homologação dela por parte do Governo Federal e da Funai (Ministério da Justiça).

A DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS

Tem que ter participação não só dos técnicos da Funai, mas também de indigenistas, topógrafos e outros técnicos que entendem daquela situação. O mais importante é o acompanhamento da população indígena, para garantir o máximo do Território Indígena dentro da Terra Indígena. A participação indígena é importante porque eles vão dizer, por exemplo, "*não, essa nascente aqui é importante para nossa terra. Porque essa nascente é que cria tal rio. Esse igarapé aqui, é importante para nossa terra, porque ele joga água para nascente de tal rio*". Uma nascente, um afluente, um lago, um baixão que são as áreas submersas, transformam uma bacia hidrográfica, um conjunto de lagos, rios, e seus afluentes, isso é muito importante para uma Terra Indígena. É isso que deve estar numa Terra Indígena. Os indígenas têm que acompanhar a demarcação para garantir todo esse manancial que fica dentro de uma Terra Indígena. Essa parte é feita tanto na parte fundiária, quanto da parte antropológica. As montanhas, os lagos, os igarapés, os recursos naturais, onde tem a biodiversidade em abundância, geralmente é disso que a população precisa para sobreviver. Todo esse processo de estudo, de acompanhamento, tudo isso é feito na demarcação e tem que ter o acompanhamento indígena. Essa que é a diferença do Território para Terra Indígena. Porque Terra Indígena tem que ter o limite, vai ser Terra Indígena onde for concluído a demarcação, é onde for trilhado aquele determinado limite dos povos originários.

A HOMOLOGAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS

Outro procedimento importante é a homologação das Terras Indígenas. Ela vai ser analisada por vários técnicos da Funai, para depois ser transformada em Terra Indígena. Após isso, o presidente da República irá assinar a homologação dela. Depois que o presidente assinar tem uma parte que é o registro dessa terra. Ela vai ser registrada em cartório e aí sairá o decreto da homologação dessa terra, com assinatura do presidente. A demarcação da terra gera memorial descritivo, que é a certidão de nascimento. Ela registra os pontos coletados dos técnicos, dos topógrafos, as coordenadas geográficas, o perímetro e a dimensão da terra. Que vai gerar a certidão da terra e transformar em documento registrado em cartório.

A TERRA INDÍGENA UAÇÁ

Com relação à Terra Indígena Uaçá, ela também teve todos esses caminhos. A população da Terra Indígena Uaçá começou a se preocupar no início dos anos 70 quando começou a ocorrer as grandes mobilizações indígenas juntamente

com a ajuda de vários parceiros na época, a própria Funai, o CIMI e outros organismos que eram os parceiros dos povos indígenas de Oiapoque. Principalmente os conhecimentos tradicionais dos antigos caciques com aquela visão de garantir os seus limites na região e, que a conheciam, mesmo porque o mapa era um grande território que começava desde a Guiana Francesa até Mazagão no Sul do Amapá. Os primeiros navegadores que passavam por aqui, eles já presenciavam a presença de algumas etnias, como: os Palikur, os Galibi Marworno e outros povos que conseguiram serem identificados no passado histórico. No início dos anos setenta, os antigos caciques tinham que garantir o máximo do território para os povos originários porque naquela época o governo era militar.

AS NEGOCIAÇÕES DO GOVERNO E OS CACIQUES

Naquela época quando começaram as negociações, o governo militar queria garantir o máximo de território para o município e para o estado. Mas, os caciques com a sabedoria que eles tinham e, com o conhecimento da região, eles tiveram uma garra, uma força muito grande. Souberam fazer essa negociação, de estender o limite da terra mais para o centro da floresta. Nesse tempo, as populações ficavam concentradas em ilhas, nas margens de igarapés, rios. Eles ficavam muito longe da floresta, mas conseguiram convencer o governo militar na época, para ganhar o máximo de território. Naquela época o governo queria que o limite da Terra Indígena Uaçá, fosse o Rio Curipi. Considerando as nascentes do Rio Curipi para direita seria a Terra Indígena. Para a esquerda seria do município, ou seja, terra do Estado. Os caciques brigaram muito por isso, diziam eles: "*Não, esse rio é nosso, nós queremos que o limite vá além do Rio Curipi*" (entrevista com o Sr. José e Sr. Domingos). Foi uma negociação de várias reuniões dos antigos caciques juntamente com os indígenas que se mobilizaram várias vezes.

Nos anos de 1980, eles conseguiram esse acordo. Em 1984 aconteceu uma reunião em Macapá, eles assinaram um primeiro acordo, que foi para passar essa BR156 de Macapá até Oiapoque. Em 1986 perceberam que houve um erro, porque deixaram de fora uma parte do território, que eram as nascentes dos três rios Curipi, Uaçá e Urukawá. Ao mesmo tempo, ficou de fora também o lago Lençol. Resolveram entrar com uma solicitação de inclusão, dessas áreas na Terra indígena. Depois de muita negociação conseguiram novamente incluir essas duas regiões que chamava Uaçá 1 e Uaçá 2 que ficam no Sul da Terra Indígena e o Lago Lençol no Norte. Em 1986 até os anos 1990, conseguiram demarcar essas áreas. Em 1992 ocorreu a homologação da Terra Indígena Uaçá, onde ficou agregado essas duas áreas. A Terra Indígena Uaçá ficou com 470 mil hectares.

A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA UAÇÁ

A demarcação dessa terra contribui muito com a organização dos povos originários. Ela serviu de uma lição, de um exemplo. Porque são os povos originários que demarcaram essa terra juntamente com dois técnicos da Funai, um que veio de Belém e o outro de Brasília, que fizeram um trabalho de topografia. Além deles, havia mais quatro funcionário indígenas da Funai de Oiapoque, que são: Mário Dos Santos, Coaraci Macial Gabriel, Domingos Santa Rosa, Haroldo dos Santos, além do coordenador Frederico, que acompanharam essas equipes, para concluir a demarcação da Terra Indígena Uaçá. Desde dentro da floresta, até a abertura das picadas. Havia equipes de transportar gêneros alimentícios, apoio na saúde, apoio técnico. Esses servidores foram fundamentais nessa parte de acompanhamento, do processo demarcatório. Teve outra pessoa, Sr. Lucivaldo que também acompanhou, ele era enfermeiro e liderança. Os caciques e as lideranças eram uma grande equipe, que somava de cem a cento e oitenta pessoas, que entravam nessa mata. Essas atividades foram feitas em várias etapas. Quando saía uma equipe, entrava outra, com intervalo de alguns meses, semanas, até concluírem totalmente o serviço. Foram grandes mobilizações, um trabalho muito divertido, muito bonito e muito importante para a história.

A HOMOLOGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA UAÇÁ

Depois da conclusão da demarcação em 1992, veio a homologação da terra. A partir desse momento, as lideranças começaram a discutir o pós-demarcação. Os primeiros passos depois da demarcação continuaram com grandes mobilizações, tais como as assembleias e encontros com os parceiros juntos com os povos indígenas. Aí foi discutida a garantia e a proteção do território. Só a demarcação, não garantiria a integridade da terra, não seria exclusivamente nossa sem problemas, sem polêmica, sem invasão. Começaram a discutir essas coisas e ao longo desses anos chegaram à conclusão que teriam que ter mais coisas, além da demarcação. Uma delas é a segurança da terra, cumprir a legislação, o monitoramento, fiscalização e a vigilância. Iniciaram em vários momentos discussões para garantir isso e para pensarem como encontrar estratégias para toda a população cumprir, se envolver e assumir a responsabilidade. Isso foi discutido em várias reuniões também e resolveram dividir esse perímetro, essa linha seca de picada, em parcela para cada etnia. Para ter a responsabilidade de vigiar, manter limpo e visível essa linha. Essa divisão foi feita e cada etnia assumiu uma parte desse trecho. A partir disso, a participação nas expedições entrou como norma nas comunidades e virou uma lei interna.

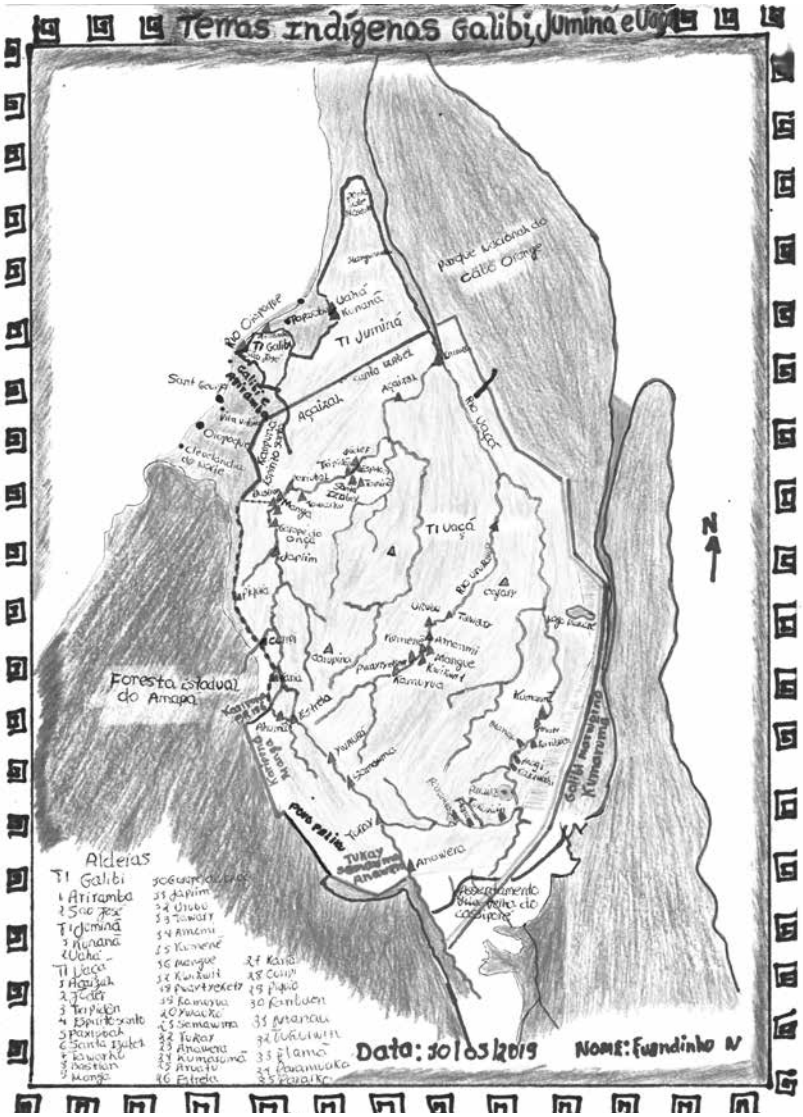


Figura 1: Mapa das TIs Uaçá, Galibi e Juminã, com a divisão do trabalho das expedições de vigilância
Autor: Evandinho Narciso, 2019

A ORGANIZAÇÃO DA EXPEDIÇÃO DE VIGILÂNCIA

Todo ano, nós nos organizamos em expedições de limpeza desses limites. Expedições para fazer a vigilância, o monitoramento e a fiscalização. Às vezes existe até equipe de rodízio, uma equipe fiscaliza a outra que está fazendo a atividade que está dentro desse acordo. Até hoje esse acordo existe, é feito todo ano em cada comunidade, cada região organiza essa expedição de acordo com a condição daquela região. A época que o acesso fica mais favorável dessas equipes, na região do Lago Lençol, na região sul da terra. Na região Sudeste que fica os Galibi Marworno e, limite com Parque Nacional do Cabo Orange (PNCO). Como houve vários momentos de definição do limite, na região sudeste ocorreu uma sobreposição de área, que não ficou definido com a demarcação. Essa área é onde está localizado o Lago Maruane, que também é muito importante para os povos indígenas, e que a maior parte iria ficar de fora. Resolveram solicitar uma correção daquela região, foi feito essa correção, só que o Parque Nacional Cabo Orange considerou os primeiros pontos que foi feito pela Funai. E quando a Funai fez essa correção já tinha considerado como região do Parque Nacional do Cabo Orange. Essa área é uma área bem grande e bastante considerável, de mais ou menos 17.000 hectares.

A relação das lideranças indígenas com os parceiros

A FUNAI e as lideranças indígenas, sempre mantiveram um diálogo com o ICMBio e com administrador do Parque Nacional. Nunca houve nem um problema até agora, mas é uma situação que precisa ser apreciada e resolvida. Atualmente, nós, Agentes Ambientais Indígenas, tivemos também um diálogo com esses parceiros, Ibama, ICMBio, Iepé e Funai de como podemos ajudar a manter essa área de sobreposição com o PNCO, de como fazer papel do Agente Ambiental Indígena, da liderança, cacique e outros. Uma forma de como chegar no consenso juntos na questão de monitorar, fiscalizar, vigiar, proteger. Existe uma proteção, uma preocupação dos dois lados, tanto da administração do PNCO quanto para os povos indígenas. Nós indígenas e a Fuani também nos preocupamos com aquela região, porque é uma região de difícil acesso no verão e temos dificuldades de fiscalizar. Mas, nós, indígenas junto com a administração do PNCO já estamos estudando como fazer a proteção da aquela região. É uma região muito rica em biodiversidade.

Os povos indígenas junto com os parceiros estão tentando garantir a proteção do território, da sua população e da biodiversidade. Os Karipuna, os Galibi Marworno, os Palikur, e os Galibi-Kalinã, cuidam de suas terras. Os Galibi Marworno se reuniram na Aldeia de Kumarumã para a escolha de um período para sua expedição, em uma reunião com as antigas lideranças e chefe de posto. Nessa época Manoel Floriano Macial era morador da aldeia Kumarumã e era chefe de posto. Depois foi morar na Aldeia Tukay. Toda a população indígena, juntos com chefe e liderança, escolheram o mês de outubro e, ao mesmo tempo foi escolhido a idade de pessoas para participar da expedição. Ficou definido de 15 anos até 50 anos. A reunião saiu com bastante sucesso e aprovada. Desde lá, essa regra e o trabalho vem sendo praticado com bastante interesse e vontade, levando em consideração, benefícios para os povos originários.

O povo Galibi Marworno

Os Galibi Marworno todo mês de outubro saem em grandes quantidades de pessoas para sua expedição. O mês de outubro foi escolhido porque é um mês de muito verão e fica seco, para não se tornar difícil o acesso ao limite da terra e para não se tornar perigoso durante a atividade de limpeza no mato. Os Karipuna, os Palikur e os Galibi-Kalinã também se organizam dessa forma. Antigamente, alguns tempos atrás, os Galibi Marworno costumavam entrar para sua expedição todo mundo junto em só um lugar. Eles iam de canoas a remo, todo mundo se responsabilizava por sua própria conta. A Funai sempre apoiava os povos indígenas com algum tipo de ajuda, como gêneros alimentícios, combustível e tipos de equipamentos como terçado, lima e outros. Atualmente a maioria das pessoas e das comunidades, já não usa tanto a canoa durante sua expedição. Usa-se mais a voadeira e motor de popa para facilitar o acesso até o serviço. Agora também mudou esse costume de ir todo mundo junto em um só lugar. Mudou essa regra. Porque demorava de cinco a sete dias no mato, para terminar o serviço da expedição. O tempo foi diminuindo e atualmente passou para dois ou três dias.

Os Galibi Marworno, têm um compromisso de se responsabilizar do trecho a partir do ponto chamado Carumbé, até a BR-156 na parte Sudoeste da Terra Indígena Uaçá. Nesse trecho se encontram montanhas e igarapés além de plantas medicinais e outros. A entrada no mato é por equipe. Cada equipe fica com uma parte desse trecho, vem roçando e tenta alcançar até outra equipe. Também durante a atividade no mato, algumas pessoas formam outros grupos de caçadores e cozinheiros para caçar e cozinhar para quem está trabalhando.

A quantidade de caçadores e cozinheiros é de duas a três pessoas para um grupo de doze ou mais pessoas. Há bastante comida. Muita caça, como: catitu, paca, veado, tatu, macaco, mutum e outros. Mas só para manter a necessidade das pessoas que estão trabalhando.

Cada equipe de trabalho é composta por professores, agentes de saúde, Agamin, lideranças e caciques. Os equipamentos utilizados durante a expedição são: canoa ou voadeira, remo, mochila, jamaxi, bota, mosquiteiro, rede de dormir, GPS, espingarda, faca e outros. Quem participa dessa expedição de vigilância são somente os homens e não pode participar as mulheres. Os homens que não participam ou não cumprem essa regra, são chamados pela comunidade, essa pessoa tem que explicar o motivo da sua falta. E se não for caso de doença, essa pessoa é punida com uma tarefa de dois ou três dias de faxina na comunidade.

A expedição de vigilância, fiscalização e monitoramento, é muito importante para nós indígenas. Porque só através desse diagnóstico conseguimos observar o que está acontecendo dentro e no entorno de nossas terras. Se há alguns tipos de invasão de garimpeiros, madeireiros, pesca ilegal. Não somente essas coisas, mas também pode existir outros, como pode reparar o que precisa e melhorar com relação ao limite da terra. Por exemplo, se estão faltando algumas indicações de placas, quais os tipos de espécies de animais, madeiras de lei, plantas medicinais e outros estão desaparecendo. Tudo isso é importante saber onde está acontecendo. Em algumas regiões já foram encontradas placas de propriedades próximas aos limites das Terras Indígenas e outros problemas que estão afetando direta e indiretamente a Terra Indígena. Caso houver algumas invasões, ou qualquer problema que pode prejudicar a terra, ou pode trazer impacto para a população indígena, nós comunicamos a Funai e outros parceiros. Ou, registramos uma ocorrência na Funai, para investigar o caso dessa invasão ou desse problema.

Conclusão

Esse trabalho de expedição de vigilância me levou a uma história muito longa, de como iniciou esse processo, desde o começo até o dia de hoje, das mudanças, por exemplo: do território indígena para uma Terra Indígena, das lutas dos antigos caciques em prol da demarcação e homologação das Terras Indígenas de Oiapoque. Foi uma conquista que nós povos indígenas tivemos com essa luta e coragem. Apesar de difícil, conseguimos ter nossas terras de-

marcadas e homologadas. O desenvolvimento do movimento indígena em conjunto, em união, permite ver toda essa trajetória da linha do tempo, com relação a sua terra, com relação a sua cultura, as realidades dos povos Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi-Kalinã. O surgimento da divisão do trabalho, de como começou essa organização da expedição, que é dividido por região. As pessoas que participaram no tempo da demarcação da Terra. O que motivou a participação indígena na demarcação que foi um papel fundamental com seus conhecimentos tradicionais que tiveram. Os principais objetivos dessa expedição são: cuidar, vigiar, monitorar, fiscalizar, manejar, preservar, conservar e proteger o que tem de bens na nossa terra.

Aprendi muito principalmente sobre como os Agentes Ambientais Indígenas devem se inserir, qual nosso o papel nesse trabalho, nessa organização. Nosso trabalho é incentivar a comunidade a se preocupar com essa atividade para não desistir de um trabalho que vem de uma longa história. Através desse trabalho e em nome das antigas lideranças, as populações indígenas, as comunidades indígenas atualmente conseguem ter uma alimentação saudável, uma terra onde fazem suas roças, onde caçam, um rio onde se pode pescar e uma água para beber. Uma bela natureza, com plena biodiversidade. E que tudo isso é considerado como patrimônio para a futura geração, por que a Terra Indígena é o patrimônio material e imaterial de nosso povo.

O reflexo desse trabalho é buscar estratégias para melhorar a vida dos indígenas. Buscar uma maneira de como não perder o que já tem garantido, tanto na parte social, cultural e econômica. Por isso, o tema Expedição de Vigilância das Terras Indígenas de Oiapoque é fundamental para nós refletirmos, pensarmos como devemos comparar o passado, o presente e o futuro. Um trabalho que um povo desenvolve junto com os *karuanas* – os donos da terra. E que está tudo relacionado e conectado com a terra, com a floresta, os rios, o ar, o meio que os seres humanos, os animais dependem para sobreviver e que pode beneficiar não só os povos indígenas, mas também ao planeta todo.

Trabalho orientado pela professora Teresa Cristina Silveira

Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque

Edivaldo Labontê, nasceu em 1977
na aldeia Kumenê localizada no Rio Urukawá
e mora nessa mesma aldeia,
trabalhando com agricultura

O Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque (PGTA) representa a voz dos povos indígenas do Oiapoque, que estão localizados no norte do Amapá. Aqui são três Terras Indígenas (TI Uaçá, TI Galibi e TI Juminã) e nós somos quatro povos: Palikur, Galibi Marworno, Galibi Kalin'nã e Karipuna.

Eu escrevo sobre a importância do PGTA pensando em quatro temas: controle e proteção territorial, uso sustentável dos recursos naturais, educação ambiental, e gestão territorial. Tudo isso faz parte da nossa vida, por isso eu escolhi esse tema, o PGTA, que fala sobre o cuidado da terra. Para fazer esse trabalho, entrevistei o Sr. Domingos Santa Rosa, indígena Galibi Marworno e funcionário da Funai, duas vezes. Também entrevistei o ex-cacique Azarias Ioiô Iaparrá, da aldeia Kumenê, e consultei o material usado durante nossa formação.

Entendendo o PGTA

Quando eu vi o PGTA, eu comecei a ler e entender que ele se relaciona ao nosso Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque, aos costumes que temos nas nossas aldeias e ao nosso território. Entendo que o PGTA é um documento que tem a voz de pessoas que já estavam pensando na importância da preservação do nosso território e sobre como fazer isso na prática. Para mim foi muito importante conhecer esse documento para entender como funciona e acredito que é muito necessário passar esse conhecimento para as comunidades, especialmente da minha região Palikur.

Eu acho que muitas pessoas não conhecem o que esse documento diz. No PGTA, eu vejo que tem um conhecimento pelo qual a população não se interessa mais e vejo que o povo já está começando a esquecer os costumes que tínhamos antes, com nossos avós. Eu quero explicar para a comunidade o que diz no PGTA, até mesmo o que pode impactar a vida do nosso povo e reforçar que é importante haver os costumes até hoje. Vou falar do que é a gestão e o cuidado de proteger, vou falar das palavras mais importantes do documento e vou traduzir do jeito que as pessoas entendem.

A seguir, descrevo a conversa com o Sr. Domingos Santa Rosa sobre a história do PGTA e com o cacique Azarias Ioiô Iaparrá sobre o nosso entendimento Palikur da natureza e seu ciclo para a nossa cultura.

COMO FOI FEITO O PGTA

Desde o início do Curso de Formação como Agente Ambiental Indígena, conversei com o Sr. Domingos Santa Rosa sobre como foi feito o PGTA. Ele falou que a proposta foi fazer um documento que representa todos os povos indígenas, não só da terra TI Uaçá, mas também TI Juminã e TI Galibi que compõem as Terras Indígenas do Oiapoque. Nós respeitamos a tradição de todos, cada povo tem diferentes culturas e organizações em suas aldeias, por isso construímos juntos o PGTA. Também temos muito recurso dentro dessas terras. Hoje em dia aplicamos esse conhecimento dentro da nossa terra porque olhamos para as futuras gerações.

Eu vejo que o conhecimento que nós tínhamos antes mudou. Quando nós começamos a ver outras formas de vida, podemos até esquecer a tradição, mas quando vemos o documento do PGTA, a gente pode ver que o seu sentido é sempre falar do costume, da tradição, da dança, da cultura e das práticas. O documento informa e faz que as pessoas pensem como era diferente antes, os rios cheios de peixe. No passado, sabemos que era fácil, a gente podia beber a água do rio porque ela era bem saudável, mas com o tempo nós observamos a mudança através do que nós produzimos e em troca dos produtos industrializados. Isso fez também que as pessoas começassem a cavar seus poços, por causa da poluição do rio, quando a BR-156 cortou a nossa terra. Quando eu descrevo a importância do PGTA para a comunidade, podemos entender esse documento juntos.

De acordo com a entrevista com o senhor Domingos, sobre como foi feito o PGTA, ele contou que naquela época nem todos se interessavam em construir esse documento. Mas, a segurança de cada povo das TIs do Oiapoque é trabalhar em coletivo, foi assim que nós construímos esse PGTA. Com a ajuda dos parceiros Funai, Iepé, TNC, professores, Agentes Indígenas de Saúde, Lideranças e comunidades. Existem outras ferramentas como ao Protocolo de Consulta Prévia, que são muito importantes para nós, pois quando vem gente de fora, eles podem ver as regras e decisões. Eu como Agamin, vejo que isso é uma luta muito grande de construir esse documento com pouca gente que entendeu bem essa importância de proteger as nossas terras Uaçá, Juminã e Galibi.

Esse documento é muito importante na defesa das terras indígenas, na proteção ambiental. O PGTA conquistou um espaço e reconhecimento formal importante através da criação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Indígena (PNGATI). O PGTA faz parte e é apoiado pela PNGATI que

articulada aos órgãos do Governo Federal, deverá envolver também os estados e municípios. Essa política reconhece a contribuição dos povos indígenas, e de seu modo de vida e formas culturais de utilizar a terra e seus recursos naturais (PGTA, 2012). Na proteção das florestas e do meio ambiente nos diferentes biomas brasileiros, o documento da PNGATI foi preparado por um grande grupo de membros do Ministério do Meio Ambiente, Funai e do movimento indígena em consulta com as comunidades. São os povos que defendem junto os problemas e seus direitos para os que vêm depois, para esse povo continuar reconhecido como indígena.

QUANDO CONSTRUIU O PGTA, O QUE MUDOU?

Na minha pesquisa eu entendi que o PGTA trata das preocupações do povo indígena a respeito da terra. No dia 10 de julho de 2019 entrevistei o senhor Domingos Santa Rosa, novamente. Perguntei, "Senhor Domingos me fale um pouco a respeito do que o senhor viu ao longo tempo, o que mudou de lá para cá desde quando construíram o PGTA". E ele respondeu:

O PGTA é a política nacional das terras indígenas. O PGTA saiu do PNGATI que é a política de gestão das terras indígenas e, a partir daí foi criado em várias terras indígenas, e foi feito o PGTA. O próprio PNGATI é obrigação da Funai junto com os povos indígenas de discutir sobre a implantação do PGTA, implantar o programa de gestão em cada terra indígena onde foi necessário aos povos indígenas entender e discutir esse programa para ajudar a fazer a gestão da terra, garantir a demarcação, garantir o território, o bom uso da terra, garantir a implantação de projetos adequados para àquela área, ou seja, a sustentabilidade, o meio ambiente, respeitando projetos que vão gerar renda para a comunidade. Respeitando todos os costumes das comunidades que valorizam a cultura, o artesanato, a língua, a história dos povos indígenas e fortalecer a educação diferenciada, mantendo o controle territorial. O PGTA, como eu já falei, ele é composto de três temas, que a gente chama de eixos: I) o controle territorial e uso dos recursos sustentáveis e naturais; II) a formação de agentes ambientais; e III) Manejo e Gestão da Terra. A partir daí, a educação. Então, o PGTA sustentou esses três eixos e três temas. Então, a pergunta que tu fizeste é bem difícil da população indígena entender de imediato. É fácil de implantar esse PGTA, aí todo mundo está sabendo desse PGTA, mas não é assim. Para todo mundo está uma maravilha, está funcionando tudo direitinho, mas não é assim que as coisas funcionam. Esse processo é longo, é muito lento, complicado. A gente tem que fazer isso a longo prazo, tem projetos dentro do PGTA de curto prazo, tem projetos que leva menos tempo. Tem projeto a longo prazo, demora mais, então, a gente tem que ir devagar. A gente vai aplicando e as pessoas vão entender. Por exemplo, a formação de vocês, Agamin, é uma parte do PGTA, a formação de agentes ambientais faz parte dos três temas para gerenciar a terra: controle territorial, uso sustentável de recursos naturais e também as formações. Então esse curso de vocês, dos agentes ambientais, vai contribuindo muito com o controle, fiscalização, monitoramento ambiental e vigilância. A formação de vocês também vai estar dentro do uso sustentável dos recursos naturais porque vocês estão dentro do terceiro tema, trabalhar e usar a sustentabilidade. Vocês vão ajudar, você vai ajudar no uso dessa terra, vocês vão ajudar nos trabalhos, projetos adequadamente, então tudo isso vem da Política Nacional que é PNGATI. Então, tudo isso é processo e as pessoas vão entender. Ai quando me perguntam como o senhor acha dessas pessoas a relação do PGTA, está funcionando? Está indo bem, estão entendendo o ponto? Eu digo está caminhando no início, né? A gente está chegando no final da formação de vocês, Agentes Ambientais, é uma etapa que a gente está concluindo, é uma etapa da PNGATI. A gente está concluindo a formação de vocês e vocês vão receber os diplomas. Vocês vão ser técnicos em meio ambiente. Então, essa etapa vocês estão concluindo. A gente já vai cumprir as coisas que estão dentro do PGTA. Então tudo isso tem que ser implementado. O que é implementação? É a continuação das ações que você está formado, aí vocês não parem, as coisas não param. Aí vocês começam a tirar do papel, do caderno e as coisas vão andar. Tudo aquilo que vocês estão aprendendo na sala de aula, aí você vai aplicar na prática. Junto com os caciques, junto com a escola,

junto com os alunos, junto com os parceiros da atuação, aí vocês vão desenvolver os projetos. Que tipo de projeto? Nesses três temas que eu falei, vocês vão desenvolver os projetos dentro desses três temas, se for do controle territorial, vocês vão trabalhar de vigilância, com fiscalização, com monitoramento, vocês vão monitorar o ambiental, o ambiente, vocês vão fiscalizar, a fiscalização da terra, discutindo nas reuniões as coisas da segurança da terra. Dentro daquele outro eixo que é do uso dos recursos naturais, vocês vão estar formados em técnico em meio ambiente, então vocês vão executar alguns projetinhos da comunidade, ou vocês vão executar algumas ações e que não seja toda comunidade, pelo menos alguns projetos da tua família, alguns projetos produtivos, alguns projetos de manejo, produção. Nós temos vários exemplos: manejo do tracajá, manejo de açaí, tem o sistema de agroflorestal, de plantas frutíferas com outras misturas de plantas, ou seja, para a comunidade, ou seja, para vocês, para a Terra Indígena. E alguns projetos que vocês vão fazer e desenvolver dentro da educação, fazer palestras nas escolas conscientizando as crianças, fazendo soltura de tracajá, educando as crianças. Então, essas coisas não vão parar. Vocês vão continuar esse processo muito lento, porque, por causa da nossa cultura, a gente já nasce com a mentalidade, a gente nasce pescando, tem que caçar, tem que matar o animal para se alimentar, tem que derrubar a mata para plantar a roça para se alimentar no futuro, para sustentar a nossa família, então, a gente já nasce com essa mentalidade e cresce de acordo com o PGTA, que é o Programa de Gestão das Terras Indígenas. Mas só que quando a gente cresce, a gente já aprende outras coisas, então muitas coisas a gente entende, mas muitas coisas a gente não entende por que a nossa cultura tem necessidade, como pescar, derrubar, e então dentro disso a gente aprende muitas coisas para não causar impacto ambiental, como se pesca, não se pesca com a rede, com timbó acaba com os peixes e leva os peixes em extinção, que causam problemas ambientais. Então, esse é o processo, é demorado. Estamos no início desse processo".

Para nós, os Palikur

Nós Palikur, somos um povo que vive há muito tempo preservando as nossas terras e cultivando dentro do território. Já viemos pensando antes em diversas iniciativas e regras nas aldeias de fazer a proteção de algumas espécies, também definido no documento do Plano de Vida dos povos indígenas do Oiapoque.

Para nós, Palikur, quando chega época de verão usamos o nosso conhecimento para saber a direção, a distância, altitude e profundidade, era através da nossa mente. Isso nós aprendemos com os nossos pais e nós repassamos para nossos filhos. Até hoje utilizamos essas técnicas no nosso mundo. Nós sabemos contar o dia, o mês, o ano através dos insetos. Nós sabemos quando chega o tempo de inverno através dos sapos, quando ele canta, e no verão através da cigarra, ou do lagarto quando eles dão os gritos. Nós andamos no mato através do sol, do vento e da nuvem, nós conseguimos localizar na mente a nossa aldeia ou rio, por exemplo, leste onde sol nasce, ou no oeste onde sol se põe, e norte, e sul, que chamamos na nossa língua Palikur "*waramahaptakkukitakkamupes, tiwguptakkukitkamummisanbi"*. Mas hoje vemos uma grande mudança, e cada vez o tempo está piorando, mas por causa do desmatamento. A população brasileira aumentou junto com a poluição e não sabem controlá-la. Nós, povos indígenas, moramos há muito tempo na floresta e nunca prejudicamos o meio ambiente, por onde passamos plantamos várias sementes de frutas nativas.

No nosso calendário, o primeiro mês de janeiro é quando a chuva deixa o campo alagado. No mês de fevereiro é quando o maracujá dá flor. O mês de março é quando dá muito lagarta no mato. No mês de abril, aparece no céu as estrelas *Kusuvwi Eggutye* que é o irmão mais velho que traz pouca água. No mês de maio é o irmão mais novo do *kayeb* que traz muita água e que chamamos de *Kusuvwi Isamwitye*. E o mês de junho é quando dá muito peixe. No mês de julho as cigarras alertam as comunidades para se preparar para limpar e derrubar as roças. No mês de setembro é o tempo do camaleão de botar os ovos. No mês de outubro é o mês da queimada da roça. O mês de novembro é o mês de plantio da roça. E, o mês de dezembro é o mês da piracema. Isso é o nosso calendário do ano todo.

Quando entrevistei o cacique Azarias, nós fizemos uma viagem para o Oiapoque, fomos sentados na proa do barco e começamos a olhar a paisagem, e sentimos o ar bem gostoso e como se fosse no verão, mas ainda era inverno, a água estava muito grande, nós sentimos que água estava muito grande, nós sentimos as mudanças porque a beirada do rio mudou todas as árvores que tinham na beira e onde os pássaros gostavam de posar para descansar desapa-

receu, por causa do incêndio. Na fala do cacique Azarias, ele ficou muito triste quando começamos ver as mudanças, o desaparecimento de alguns animais como camaleão, tucunaré e matupiri. Disse ele "*muitas das vezes quando chega o mês de maio e julho era para você ver peixe, dava muito peixe no rio, mas hoje nós não vemos mais essa quantidade".*

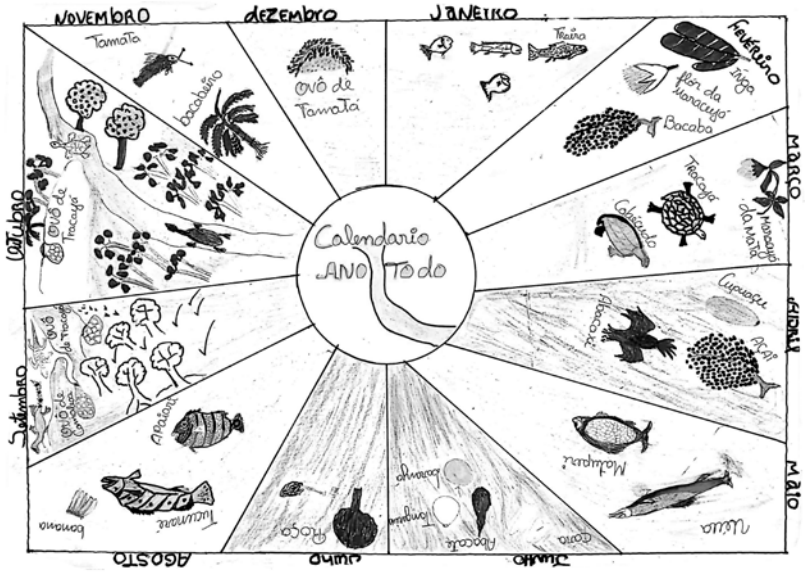


Figura 2: Calendário Palikur
Autor: Grupo dos Agentes Ambientais Indígenas do Rio Urukawá, 2019

Conclusão

O PGTA é uma ferramenta para defender a terra indígena junto com outros documentos como o Protocolo de Consulta. Nele existem várias coisas importantes para vida dos povos indígenas do Oiapoque, como histórias, culturas tradicionais, língua, movimento, plano de vida e conservação da sustentabilidade dos povos em geral. Tanto para indígenas e não indígenas, não tem a diferença basta só cuidar da natureza, para deixar ela se reproduzir.

Trabalho orientado pela professora Teresa Cristina Silveira

O pensamento do pajé com os *kahuan* para o Plano de Gestão das Terras Indígenas

Sedrick Anicá dos Santos, indígena Karipuna, nasceu em Clevelândia do Norte, mas atualmente vive na aldeia Santa Izabel que está localizada na Terra Indígena Uaçá, na margem direita do Rio Curipi. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002

Nessa pesquisa, pretendo fazer uma descrição sobre a importância do pajé e os *kahuan* para o meu povo Karipuna, da minha comunidade Santa Izabel, que valoriza muito essa prática e contribui bastante na organização social e na conservação da biodiversidade das Terras Indígenas, principalmente na saúde e na educação.

Esta descrição é importante por três motivos: **i**) ajuda a entender uma antiga tradição do povo Karipuna, que é o conhecimento e tradição realizado pelo pajé e os *kahuan* na aldeia Santa Izabel; **ii**) contribui para enfrentarmos os problemas gerados pelo choque cultural nas comunidades; **iii**) permite refletir sobre o quanto essa prática do xamanismo com os seres sobrenaturais fortalece a organização social e a manutenção da cultura, assim contribuindo também na preservação do território.

O pajé quando faz a festa do *Turé* mobiliza toda a população da comunidade. Jovens, adultos e crianças participam e existem regras que todos precisam seguir desde a preparação para a festa do *Turé* até o dia da dança, que é o momento que o pajé chama os *kahuan* para agradecer a cura que eles proporcionaram durante aquele ano e também pelas orientações que eles nos dão. Os *kahuan* ajudam no plano de gestão do nosso território, porque em cada lugar da floresta existe o seu dono de morada, porque em cada povo existem seus conhecimentos. Principalmente, para nós, povo Karipuna da aldeia Santa Izabel, acreditamos muito na prática do xamanismo com os *kahuan*. Existem os donos dos lagos, os donos das montanhas, então, para visitar esses lugares existem certas restrições ou regras, por exemplo, não pode ir só uma pessoa sozinha para esses lugares em que há a presença dos *kahuan*.

Há muito tempo atrás, o meu avô era um grande pajé, ele me falava que a presença do pajé na comunidade era muito importante, pois o pajé exercia vários papéis: conselheiro, orientador do cacique e da comunidade. Ele me explicou também que o pajé junto com os *kahuan* promove a cura, e depois que a minha mãe também nasceu com esse dom de ser pajé, esse foi outro motivo que me levou a escolher esse tema.

O meu objetivo é mostrar para os mais jovens e para as pessoas que não acreditam nos nossos conhecimentos e para os não índios (que não conhecem a nossa realidade) como o pajé e os *kahuan* ajudam a cuidar da nossa terra e da biodiversidade que ali existe. Portanto, queria que isso virasse material didático para escola na aldeia e para fora dela, para facilitar o entendimento sobre a vida dos povos indígenas e para fazer os mais jovens procurarem os mais velhos para aprenderem os seus conhecimentos.

O Pajé e os *Kahuan*

A primeira vez que eu participei de uma sessão de pajelança foi em 1997 na aldeia de Santa Izabel. Isso aconteceu em um momento de transformação de minha mãe em pajé e foi a partir daí que eu comecei a participar e prestar bastante atenção na importância do pajé com os *kahuan* para povo Karipuna. Foi através dessas duas entidades que surgiram as nossas regras e leis que contribuíram bastante para manter a biodiversidade viva e a nossa organização nas comunidades Karipuna até hoje, seguindo a orientação do pajé com *kahuan*.

Essa relação, pajé/*kahuan* também ajuda a entender como vivemos e como cuidamos do nosso território que inclui os costumes, os conhecimentos e nossas regras. Os *kahuan* são pessoas como a gente, mas são de outro mundo, o mundo dos espíritos e que consideramos os nossos médicos e guardiões do nosso território. São eles que nos estabelecem as regras, e os *kahuan* não gostam de serem perturbados. Os *kahuan* habitam em vários lugares como no espaço celeste, na terra firme e na água. Aqui vou apresentar alguns *kahuan* do espaço: *vã* (vento), *zetuel* (estrela ou constelação), *lalin* (lua), *solei* (sol). *Kahuan* da terra firme que é: *djib dãbuá* (mapinguari ou curupira), *yohokã maskilili* (matintaperera), *ahahi, kuhimoko, tawen, tawahi,* os *kahuan* da água, como *ahamahi* (cobra grande) e *lame* (maresia).

Tudo começou através do meu avô José dos Anjos Aniká, ele teve esse dom de ser pajé e passou por vários processos de transformação com várias etnias, com Karipuna, Galibi Marworno, Wajãpi do Camopi (Guiana Francesa), a partir daí ele começou a contribuir com as comunidades promovendo a cura. Muitas pessoas de vários lugares e etnias diferentes começaram a procurar o meu avô com a presença de diversos feitiços. Depois ele assumiu como cacique na aldeia Manga. Ao passar de alguns anos, ele também assumiu a chefia de posto no Encruzo. Depois a minha mãe começou a sentir alguns sintomas, que provocavam uma crise de desmaios que levava vários dias e que demorou quase um ano para melhorar. Ela também passou por dois processos de transformação com o senhor João Martins, que era o pajé da aldeia Santa Izabel. O seu outro momento de transformação foi com o meu avô no posto do Encruzo, e, então, passamos a morar lá por vinte anos.

O Turé

O *Turé* é uma festa de agradecimento aos *kahuan,* pelas curas que elas proporcionam por meio das práticas xamânicas dos pajés. Os pajés dançam, cantam e bebem muito *caxixi* com os *kahuan* que vêm ouvi-los cantar várias vezes sem repetir o canto. O *Turé* é feito no *lakuh* cercado por varas chamado de *pirorô* que são enfeitadas com bolas de algodão (*kotõ)* e ligados por fios onde são presas penas brancas, vermelhas e pretas que são retiradas de garça, arara e mutum (*plim)*. O *Turé* pode ser realizado a qualquer momento, mas o verdadeiro *Turé* é feito durante a lua cheia de outubro, quando são feitos os grandes bancos da Cobra Grande, Jacaré e Peixe como espadarte, pintado os mastros e levantado o *lakuh.* O banco do pajé fica no pé do mastro principal ao lado *pakahá,* o cesto onde ele guarda o maracá, cigarros de *Tawahi kõpoze*, cigarros preparados para oferecer aos *kahuan* e outras coisas como remédio (*kõpoze)*. Eles cantam para chamar os *kahuan* que somente ele pode ver, e usar o maracá e os cigarros de *Tawahi kõpoze* para viajar ao outro mundo.

Os homens se vestem com um pedaço de pano vermelho preso na cintura e é chamado de *kalẽbê*. Usam *butxeê, kuhun,* colares de miçangas, sementes, dentes de animais, além de pintarem o rosto, braços e barrigas com marcas diferentes. As mulheres usam também saia de buriti ou pano das cores vermelha ou verde e as blusas podem ser também de buriti ou pano e, às vezes vestem sutiã feito de cuias. As festas duram até o *caxixi* terminar após uma, duas ou três noites parando no início da manhã e retornando no final da tarde, no intervalo da dança toca-se o *kutxi.*

Para dançar o *Turé* é preciso ter de 12 a 15 pessoas ou de 20 a 25 dançarinos no *lakuh*. Estes são os que vão imitar os bichos ou *kahuan.* No *Turé* dos Karipuna há pequenas diferenças entre as coreografias dos outros povos. No primeiro momento da dança é normal ela começar no final da tarde com a dança do gengibre (*jete wahimã).* Quando dá meia noite começa as imitações dos *kahuan*, aí logo têm que começar imitando um grande *kahuan* como o guardião da floresta (*dja dã bua)* e outros *kahuan.*

Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque e a sua importância de consultar os kahuan nas decisões sobre a Terra Indígena

Devido aos *kahuan* serem pessoas diferentes de nós seres humanos, eles conseguem viver na natureza sem agredi-la. Através do pajé a gente consegue se comunicar com os *kahuan*. O pajé fala que no mundo dos *kahuan* existem regras, é por isso que nós, povos indígenas, criamos várias regras para fazer a gestão das Terras Indígenas. Os *kahuan* habitam em diversos lugares ou regiões do território indígena e eles se apresentam por região ou lugar como a terra firme, espaço ou água, igual a nós povos indígenas que nos dividimos por etnias. Alguns *kahuan* como o *djiabdãbua* e *ahamahi* (Cobra Grande) que controlam algumas espécies de peixes e caças como o porcão que garante o equilíbrio das espécies.

A ideia de incluir os *kahuan* no Protocolo de Consulta é fazer com que o governo e outras pessoas possam conhecer o nosso modo de vida, que é o *no sixtem* (nosso jeito de viver) com a natureza como mãe e pai em uma relação de família, um depende do outro para sobreviver. Nessa relação, não só existem pessoas, animais, árvores, existem também os espíritos que fazem parte dessa família que nos orienta a fazer a gestão de nosso território e manter o equilíbrio das espécies, fortalecendo a cultura do povo Karipuna.

Esse foi um dos motivos para colocar dentro do Protocolo de Consulta os *kahuan,* e outras formas de vida, também como sujeitos de direitos. Porque se vier acontecer algum impacto sobre nós, povos indígenas de Oiapoque, não só a gente será impactado, os espíritos também serão. Nós os consideramos seres vivos. Na nossa cultura, muitas pessoas se perguntam por que nós colocamos os *kahuan* no Protocolo de Consulta? Mas sem eles não teríamos a proteção do nosso território.

Por exemplo, no Rio Tietê, em São Paulo, também existia *kahuan*, assim como os rios das Terras Indígenas. Mas não é que ele era o proprietário do Rio Tietê, mas o rio era a morada dele. Existe uma troca com a natureza, um cuida do outro. Os *kahuan* também cuidam do rio. Com esse modelo predatório de desenvolvimento, os grandes empreendimentos podem ter afastado ou mesmo matado esse *kahuan* do Rio Tietê. O desenvolvimento acaba matando ou espantando os *kahuan* e levando consigo o bem mais precioso: uma água limpa, um ar puro. Com a morte do *kahuan,* acaba acontecendo um desequilíbrio da natureza, provocando grandes enchentes e mudanças do clima.

Talvez isso tenha sido semelhante ao *kahuan Warukaman*. Segundo nossos antigos pajés, antes ele morava na terra ou na floresta, porque o *kahuan Warukaman* ele não gosta de ser perturbado, principalmente com muito barulho ou cheiro de sangue, esse foi um dos motivos que ele foi morar no espaço celestial. Ele também é conhecido pelos não indígenas como Estrela Dalva. Hoje para nós, ele é considerado um dos melhores médicos na prática do xamanismo, na nossa tradição.

O Protocolo de Consulta vem para contribuir na proteção territorial, porque o governo hoje tem um pensamento conhecido como "desenvolvimento", que para ele é o agronegócio, a monocultura, a soja, extrair minério, grandes obras. Já para a gente, povos indígenas do Oiapoque, a natureza é considerada mãe, então, o Protocolo de Consulta só vem para contribuir com a conservação do nosso território e também fazer a gente ter um diálogo com o governo. Trazer o governo para realmente conversar com a gente de uma forma que venha respeitar o nosso modo de vida dentro das comunidades.

Para nós, Povos Indígenas do Oiapoque, os *kahuan* são donos do local de morada deles, isso não quer dizer que eles são proprietários desses locais, um exemplo bem claro é como nós, povos indígenas, moramos em uma terra demarcada. Temos o direito de usufruto dela porque nós cuidamos dela enquanto nós moramos nela, somos os donos, mas essa terra é da União, assim, os *kahuan* também cuidam, mas não são donos.

Conclusão

Neste trabalho, parti do meu conhecimento e do conhecimento das pessoas que eu entrevistei para explicar a importância da relação do pajé com os *kahuan* para Plano de Gestão das Terras Indígenas de Oiapoque, do Protocolo de Consulta e também para entender a tradição do povo Karipuna, mostrando a prática do xamanismo no Rio Kuripi da etnia Karipuna. Além disso, foi possível verificar também que com chegada da religião evangélica nas comunidades do Rio Kuripi, principalmente na aldeia Santa Izabel onde foi feita a pesquisa, isso acabou dificultando meu trabalho, porque muita gente não se interessa mais pela prática do xamanismo por essa prática ser considerada pelos evangélicos uma prática diabólica. Isso é um alerta importante para conservar a cultura e não deixar ela acabar.

A partir dessa pesquisa também conseguimos mostrar para as lideranças Karipuna como ainda está vivo esse conhecimento, mas está sofrendo várias ameaças, algumas dentro da comunidade e outras de fora. Com isso, é preciso valorizar mais os conhecimentos dos nossos antepassados, promovendo oficinas e debates nas escolas, nas comunidades e também para fora das aldeias, fortalecendo o nosso direito de garantir a sobrevivência da futura geração. E também é importante avançar nessa ideia junto com o Protocolo de Consulta que os *kahuan* precisam ser consultados antes de qualquer coisa, e explicar também para fora sobre esse nosso jeito de viver no nosso território.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque

Caviano Benjamin Forte, indígena Galibi Marworno da aldeia Karibuen do rio Uaçá, Terra Indígena Uaçá. Atualmente é acadêmico do curso de Engenharia Florestal da Unifesspa, no Campus de São Félix do Xingu, Pará. Também participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

O tema da minha pesquisa é o Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque. Nas aulas do curso de formação, aprendemos sobre o protocolo de consulta e depois também participei das oficinas onde elaboramos o nosso próprio Protocolo de Consulta. A pesquisa foi feita em várias etapas. Como agente ambiental, participei da primeira oficina do Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque, em 2017, e da oficina regional na Aldeia Kumarumã, em 2018. O Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque foi aprovado na Assembleia Geral dos Povos Indígenas do Oiapoque no dia 22 de fevereiro de 2019, na aldeia Kumarumã.

Gostaria de destacar duas coisas importantes. Nós, povos indígenas, não somos contra o governo, mas desde que a gente seja consultado respeitando nossos direitos. Para nós, consultar é participar desde a elaboração de uma proposta ou projeto e mudança de leis, conforme dizem os artigos 231e 232 da Constituição Federal 1988 e na convenção 169 da OIT. O nosso protocolo vai ajudar nas conversas justas e de boa fé, com o governo, explicar para o governo, o conhecimento dos nossos antepassados. É importante mobilizar todos os povos indígenas do Oiapoque para a tomada de decisão com o governo. Todas as lideranças devem participar do processo de tomada de decisão. Na sequência, descrevo como foram cada uma das oficinas que participei e também a Assembleia Geral que aprovou o Protocolo de Consulta.

Construção e aprovação do Protocolo de Consulta

PRIMEIRA OFICINA GERAL COM OS 4 POVOS

Decidimos na Assembleia Geral dos Povos Indígena do Oiapoque, escrever nosso Protocolo de Consulta. Então fizemos muitas conversas nas aldeias, com nosso Conselho de Caciques para elaborar este documento. Eu participei da primeira oficina de elaboração do protocolo de consulta, nos dias 5 a 7 de dezembro de 2017, no Centro de Formação dos Povos Indígenas do Oiapoque. Estavam presentes representantes das cinco regiões e dos quatro povos, como: lideranças, professores, agentes de saúde, agentes ambientais, jovens, mulheres etc. A oficina foi aplicada pela advogada Luciana Nóbrega, e ela explicou sobre o protocolo de consulta, debatemos: "*como nós devemos elaborar ideias coletivas para a construção do protocolo de consulta, com base na convenção 169 da OIT e a Constituição Federal de 1988*". As perguntas que nortearam a oficina foram: *O que é protocolo de consulta? Quando deve ser feita a consulta? Quem deve ser consultado?*

Depois, cada representante colocou suas ideias: que a consulta deve ser antes de tomar uma decisão com o governo ou antes de chegar a uma decisão final com o governo. Todas as etnias das Terras Indígenas de Oiapoque devem ser consultadas sobre todas proposta do governo estadual, municipal, federal. Também a criação ou mudança de leis que podem envolver nosso direito e prejudicar a nossa vida. Através de muita conversa chegamos a um acordo de quantas oficinas deveriam ser feitas em cada região, a data, o local onde seriam realizadas. Foi nessa reunião que todas as lideranças chegaram num acordo que seria um protocolo dos quatro povos e das três Terras Indígenas. Para a segunda oficina de protocolo de consulta, decidimos que deveriam ser realizadas cinco oficinas, uma em cada região, dos quatros povos de Oiapoque. No terceiro dia de tarde, todas as lideranças voltaram para sua aldeia para repassarem as informações para as comunidades, o que foi discutindo durante a primeira oficina de protocolo de consulta dos povos indígenas de Oiapoque.

OFICINA REGIONAL DO RIO UAÇÁ

A segunda oficina de protocolo de consulta que eu participei foi dia 27 de novembro de 2018, na aldeia de Kumarumã. Estavam presentes os membros da comunidade como: professores, jovens, lideranças, agentes ambientais etc. A oficina foi aplicada pela advogada Erika. Primeiro ela explicou sobre as leis que garantem o direito dos povos indígena do Brasil a serem consultados, conforme a convenção 169 da OIT e dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, que garantem ao direito à terra.

Ela questionou sobre a consulta, o que é o protocolo de consulta para os povos indígenas do Oiapoque e cada um escreveu a sua resposta e respondeu de acordo com o seu entendimento. Muitas respostas diziam que o protocolo é um documento para nos defender das coisas que vem de fora, ou seja o processo de um caminho com vários pontos. Depois mostrou alguns exemplos da oficina que aconteceu em outras regiões em forma de desenhos, gráficos, fotos, durante a construção e elaboração de protocolo de consulta nas aldeias. Através de desenhos, explicamos como estão distribuídas as terras indígenas e os povos que vivem nelas.

Outra coisa importante para organizar nosso protocolo de consulta é respeitar a organização que já existe na terra indígena, para a tomada de decisões nas comunidades. Explicamos em forma de desenhos como nos organizamos: no nível da base, em cada uma das nossas aldeias temos nossos caciques, vice cacique e conselheiros, que chamamos de lideranças e que têm a responsabilidade de defender os interesses de todos.

O Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque (CCPIO) reúne todas as lideranças de 53 aldeias que temos hoje, lembrando que podem mudar com o tempo. O conselho não pode decidir nada sozinho, porque as decisões são construídas a partir das nossas bases, com as lideranças, na comunidade com participação de todos.

Todos participam dos entendimentos de tomada das decisões, então as decisões nunca são tomadas apenas pelas lideranças, porque assim pensamos o que é melhor para toda a comunidade. Muitas das nossas reuniões e conversas são feitas na base regional. As lideranças de cada região indicam o local e o período adequado para realização de atividade ou reuniões. Também nossas associações de jovens e de mulheres acompanham e apoiam as atividades de tomada de decisão nas regiões.

No nível geral reunimos as lideranças de todas as aldeias das três Terras Indígenas de cada uma das cinco regiões. No nível maior nossas lideranças se organizam através do CCPIO, que convoca assembleia para discutirmos com as representantes de todas as regiões sobre os assuntos que dizem respeito aos povos e as Terras Indígenas do Oiapoque. O CCPIO ajuda nas conversas com autoridades do governo, mas não toma a decisão sozinho, porque as decisões são construídas nas aldeias, nas regiões com as comunidades e as lideranças. Buscamos a construir uma só ideia com os assuntos que tem a ver com todos os povos indígenas do Oiapoque. Para isso precisamos receber as informações de boa-fé, por parte da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e os demais órgãos do governo, oralmente e por escrito. Nós precisamos ter tempo para fazer as reuniões internas e também fazer reunião com os órgãos do estado brasileiro, que estão interessados na consulta. Também nossos parceiros devem acompanhar todos os processos da consulta e de monitoramento.

Um dos desenhos que fizemos na oficina foi uma cuia, como resultado do debate sobre confiança. A cuia significa nosso desejo de que os povos indígenas e governo bebam em confiança da mesma cuia. Porque os povos indígenas do Oiapoque já tivemos muitas experiências ruins quando o governo não nos consultou ou prometeu coisas e não cumpriu. Respeitar nosso protocolo é o primeiro passo para o governo resgatar a nossa confiança.

Juntando todas as informações que conversamos na oficina, vimos que antes de dialogar ou fazer uma consulta o governo e as pessoas de fora, devem saber as regras que temos dentro das nossas comunidades. O governo deve beber da nossa bebida tradicional, comer da nossa comida, respeitar as nossas decisões, tem que ter tempo suficiente para as reuniões, paciência para

fazemos a tradução na língua, dormir na nossa casa. O governo deve saber que o cacique não decide sem a comunidade, mas leva as informações para a comunidade.

O caminho da consulta também foi apresentado em desenhos, explicando que toda demanda deve chegar via a autoridade interessada do governo municipal, estadual ou federal. Devem comunicar a FUNAI e o CCPIO através de um documento. A FUNAI sempre deve comunicar o CCPIO que as informações do processo da consulta devem acontecer no Oiapoque. Depois o CCPIO convoca uma reunião com todas as lideranças, associações, FUNAI, parceiros e autoridades interessadas do governo.

O assunto da reunião de consulta deve ser bem claro para todas as lideranças entenderem sobre o que se está discutindo, porque nesta reunião os caciques tiram suas dúvidas. Depois cada cacique faz uma conversa com sua liderança e com sua comunidade incluindo professores, jovens, agentes de saúde e agentes ambientais etc.

As lideranças de cada aldeias voltam a se encontrar numa reunião regional para construir uma só ideia junto com as demais aldeias. Depois do momento das conversas por região, todas as lideranças se encontram em uma grande reunião, semelhante a uma assembleia geral, mas que é específica para tratar do tema da consulta, para fechar a construção de uma só ideia ou consenso dos povos indígenas do Oiapoque. Também nessa reunião se existirem propostas consideradas muito ruins ou se surgiram dúvidas da base, devem ser esclarecidas com mais informações para a comunidade.

Também nós devemos fazer um plano de consulta para acompanhar o projeto que está sendo avaliado para continuar informando as comunidades, se já temos elemento suficientes para a proposta e se não tiver, fazemos mais reuniões com a base. O CCPIO pode marcar outra reunião com todos os povos indígena do Oiapoque, para chegar num plano com o governo ou um acordo de boa fé e montar uma comissão para acompanhar o projeto do governo e continuar informando para as comunidades.

Todos os processos da consulta devem ser custeados pelo governo interessado. Quando houver um acordo com o governo, ele deve sair de todos os caciques, e não apenas de alguns em separado. O CCPIO pode ser o porta-voz de todos os povos do Oiapoque que ajuda a levar a informação para todos os caciques levarem para sua comunidade. A informação objeto da consulta pode chegar da FUNAI, mas devem passar pelo CCPIO que organizará todas as reuniões, com as comunidades e vai enviar convite para todas as comunidades, com recurso financeiro do governo. No caso de o cacique não poder comparecer ele enviará um representante com poder de decisão. Essa é nossa forma de nos organizamos.

ASSEMBLEIA DE AVALIAÇÃO DO PROTOCOLO DE CONSULTA

Nos dias 20, 21 e 22 de fevereiro de 2019, foi realizada uma grande Assembleia de Avaliação dos Povos Indígenas do Oiapoque, na aldeia Kumarumã, onde estavam presentes todos os caciques de cada região, para discutir sobre educação, saúde, meio ambiente, território e inclusive sobre o Protocolo de Consulta dos Povos Indígena do Oiapoque. A discussão começou, com a advogada Érika explicando para as lideranças e a comunidade, que "*o protocolo é uma tradução para que os governos considerem e respeitem o direito dos povos indígenas do Oiapoque.*"

Por fim chegamos num acordo final sobre o protocolo de consulta. Logo após, uma pessoa de cada região leu o documento para todas as lideranças da sua comunidade. Todas as lideranças e comunidades concordaram em aprovar do protocolo de consulta e fechar em só um acordo dos povos indígenas de Oiapoque. As cerca de 300 pessoas que estavam na assembleia aprovaram o Protocolo de Consulta na Assembleia.

Durante a Assembleia eu entrevistei quatro pessoas sobre o protocolo de consulta, fiz quatro perguntas para as pessoas que participavam:

1. Por que o Protocolo de Consulta é importante para os povos indígenas do Oiapoque?;

2. O que queremos ganhar com isso? Para que serve?;

3. Como devemos ser consultados?;

4. Qual a relação do protocolo com o território? Qual a importância do território?. Meu objetivo era saber qual era visão das pessoas das comunidades com relação ao Protocolo de Consulta, para adquirir conhecimento sobre os empreendimentos que estão visando a Terra Indígena.

Segundo o seu Domingos Santa Rosa, do povo Galibi Marworno, servidor da FUNAI, ele falou que "*o PGTA e nosso Plano de Vida est*ão *relacionados com o Protocolo de Consulta, porque há muitos anos os povos indígenas do Oiapoque cuidavam das nossas terras. É o protocolo dos 4 povos, Galibi Marworno, Palikur, Karipuna e Galibi-Kalinã. O documento vai ajudar as lideranças se encontrarem e a construir soluções adequadas com o governo e fortalecer a nossa luta com governo e nossa cultura.*"

Janina dos Santos Forte, do povo Karipuna, falou sobre a importância do território. Ela disse "*que o território é a nossa casa na verdade, por isso nós cuidamos da floresta. Também os nossos sistemas indígenas fazem parte de nosso protocolo de consulta. Porque nós respeitamos a floresta, antes de visitá-la, tem a sua regra. Porque a floresta é a nossa casa, traz alimentação e também a cura*".

Sedrick Anicá Dos Santos, agente ambiental Karipuna da aldeia Santa Izabel, falou "*que o protocolo de consulta também serve para as pessoas que querem adentrar dentro da nossa terra como: turista, pesquisadores, jornalista etc. Também sobre a importância dos karuana, que vai contribuir bastante, com nosso protocolo de consulta, porque foi elaborada junto com nossos sistemas indígenas*." Rafael Monteiro, também agente ambiental Galibi Marworno da aldeia Tuluhi, disse "*que este documento é de suma importância, para nós dialogarmos com os governos sobre qualquer empreendimento que o governo quer construir dentro ou no entorno dos nossos limites".* Ele deu um exemplo*: "o lixão que está sendo construído no outro lado da minha aldeia, espero que antes da construção do lixão o governo consulte a comunidade porque vai prejudicar a nossa vida, é a gente que está vivendo nesse local, não bicho*".

Conclusão

Durante a pesquisa que eu fiz do protocolo de consulta, vi que ele realmente é um documento importante. Considero que participar do protocolo de consulta, além de ser bem explicativo, é muito importante para o governo entender as regras dos povos indígenas do Oiapoque. Essa tradução vai melhorar a relação das comunidades com quem vêm de fora. Também é muito importante que os karuanas estão sendo respeitados no texto do protocolo de consulta, então nosso sistema de mundo também está na consulta e vão nos ajudar a construir soluções para negociar com o governo respeitando o território.

Acredito que esse documento vai juntar todas as lideranças regionais, ajudar a se organizarem para discutirem e dialogar sempre que houver empreendimento dentro ou no entorno das Terras Indígenas. Essas conversas vão ser levadas para as comunidades, sobre qualquer plano do governo, e fortalecidas nas Assembleias dos Povos Indígenas do Oiapoque. Esses conhecimentos das lideranças vão passar de geração para geração.

Também devem ser aplicadas dentro da escola indígena, porque somos quatro povos diferentes, temos cultura, e falamos língua diferente, e temos visões do mundo que os governos não conseguem entender. O Protocolo de Consulta é um documento ou escudo para nos defender, para lutar pelos nossos direitos. Nós não queremos mais que o governo tome decisões sem nos consultar honestamente, por isso nós escrevemos este documento, com o conhecimento dos povos.

Nós povos indígenas do Oiapoque estamos tentando proteger a nossa terra, para as crianças que vão nascer vivam em harmonia no território e deem continuidade nesse processo de conhecimento, que faz parte do nosso sistema para ensinar para os filhos e netos, que esse conhecimento passa pelo presente e segue para o futuro.

Trabalho orientado pelo professor Igor Scaramuzzi

Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque e os empreendimentos dentro e no entorno das Terras Indígenas

Rafael Monteiro, indígena Galibi Marworno, nasceu na aldeia do Kumarumã, mas hoje vive na aldeia Tuluhi localizada na BR156, no Km 23, na Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

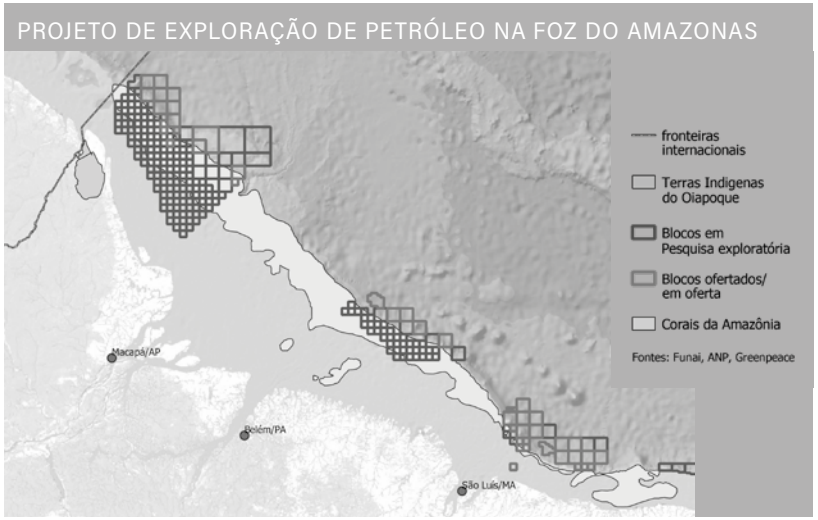
Os povos indígenas do Oiapoque há muito tempo, em anos anteriores, ouviram propostas do governo com decisões prontas, com obras que muitas vezes vão nos afetar e impactar a nossa vida dentro do nosso território. Por isso a gente decidiu, nas reuniões, criar o nosso Protocolo de Consulta, para que o governo entenda e tenha que respeitar a nossa preocupação com o território. Nós temos a nossa lei indígena, que conhece a cultura e nos ajuda a entender como vivemos em nossa terra, com sistemas, costumes, as crenças das religiões, as regras, tradições e a preocupação e relação com todos os seres que vivem em nossa terra. Temos também a preocupação com nosso modo de vida coletivo, onde todos tem um papel, como no *maiuhi* (mutirão). Manter nosso sistema em nosso protocolo de consulta é importante porque faz parte do plano de vida, trazendo as regras, para que todos respeitem como vivemos. Para nós o território não é apenas habitado por seres humanos, além dos animais caça e das plantas, temos outros mundos e outros seres, como os donos *karuanã*, em todos os lugares: nos rios, igarapés, lagos, montanhas, cavernas, árvores, ilhas. Esses são lugares sagrados, e também os animais todos têm seus donos, por isso eles precisam ser respeitados. Alguns lugares do nosso território não podem sofrer qualquer tipo de impacto, sempre pedimos permissão para os pajés para autorizarem nossa presença conforme suas regras. Somos porta vozes dos seres vivos e dos seres espirituais de algumas árvores como o *arári*, *tauenê*, e a *pukuriwa*. Todos eles têm seus espíritos que protegem e curam.

Fazer este trabalho para conhecer o protocolo de consulta das terras indígenas do Oiapoque é importante para mim por muitos motivos. O principal neste momento, é porque sabemos que o município de Oiapoque quer transferir a área do aterro municipal, o "lixão", do lugar onde está agora para instalar em uma área bem em frente à minha aldeia, cerca de um quilômetro. Eu sei que isso pode afetar muito a minha aldeia, os rios, os peixes, a caça. Conhecendo o caminho do protocolo de consulta, eu posso mostrar para o secretário de meio ambiente do município este documento, para que ele respeite os indígenas que moram ao lado de onde querem construir o aterro sanitário. Assim o secretário sabe que antes de qualquer ação do governo tem que consultar a comunidade indígena. E também é importante porque assim nossa comunidade já pode se organizar antes, e eu posso fazer isso como Agamin.

Projetos e ameaças ao nosso território

Atualmente nós indígenas estamos preocupados com as ameaças do governo, dentro e fora da nossa terra, com os grandes empreendimentos, de obras que podem ser aplicadas. Os brancos não sabem nada sobre a nossa preocupação com terra, eles apenas desmatam áreas de floresta com muitas queimadas. Tudo isso os brancos fazem sem saberem e não entendem que existem os donos da floresta, os karuanã. Não queremos que o governo traga propostas de grandes obras que impactem nos nossos rios, igarapés, com a abertura de ramais ou a derrubada de árvores. A passagem da rodovia é outra preocupação com esses tipos de empreendimento dos brancos. Não sabemos se irá poluir os rios, lagos, igarapés, o solo. Eles devem escutar nós povos indígenas que vivemos na terra há muito tempo, senão em alguns anos a terra não vai produzir mais nada. A prefeitura tem o projeto de construir o novo lixão municipal na frente da minha aldeia, e ficamos sabendo disso, vendo que o projeto existe sem consultar os povos indígenas do Oiapoque.

Por isso nós queremos que os brancos venham conversar com a gente para ter diálogo com os povos indígenas do Oiapoque. Nós não somos contra os empreendimentos dos brancos, mas primeiro tem que entender a nossa preocupação com a terra. Nós cuidamos bem dela, não fazemos marcas de destruição como acontece se construir obras nos rios. Por isso nós falamos que não é só nós que vivemos na terra, existem também os donos karuanã. Isso também é a fala dos nossos antepassados, que há muito tempo vivem no território.



Principais empreendimentos que nos afetam hoje

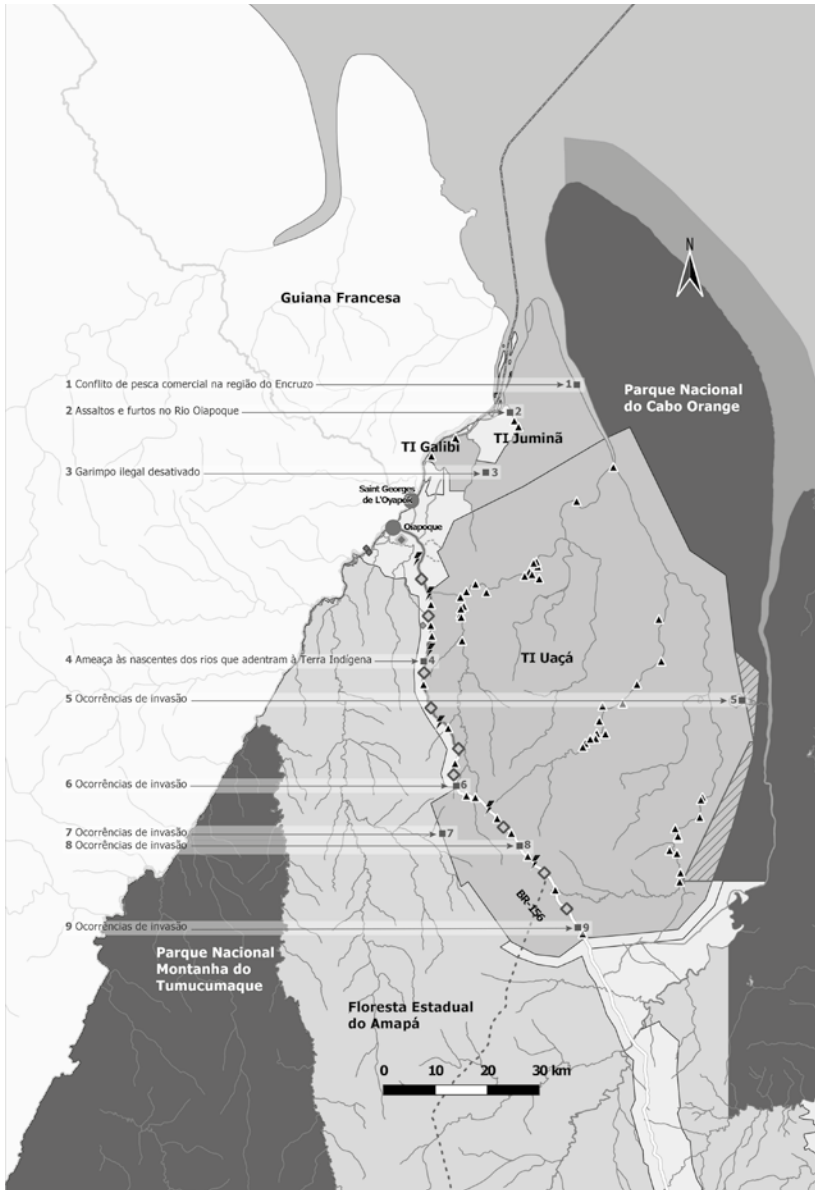


Figura 2: Mapa das ameaças às TIs do Oiapoque
Autor: CCPIO, 2019

ASFALTAMENTO DA BR156

A estrada BR156 cruza a Terra Indígena Uaçá, nesse trecho tem 11 aldeias. Do km 18, onde tem o ramal para a aldeia Manga, até o km 64, a terra indígena fica somente de um dos lados da estrada. A partir da aldeia Ahumã, no km 68, a estrada já atravessa a terra indígena, sendo TI dos dois lados da estrada até a última aldeia, que é a Anawerá, no km 102, onde acaba a terra indígena. A estrada afeta de jeitos diferentes dentro do território onde nós vivemos, e temos que ter diferentes estratégias de proteger nossa terra. A extensão que já é asfaltada, que atravessa a terra indígena é de 42km (do km 18 até o km 60), na direção Oiapoque/Macapá. Vemos que os risco com o asfalto são maiores, e que ocorrem impactos com o aumento da velocidade dos carros, ônibus e caminhões. Hoje vemos que com o asfaltamento, cada vez mais os animais e peixes ficam mais longe dificultando nossa caça. Também tem mais não indígenas que invadem os rios, igarapés, lagos e lugares sagrados, inclusive fazendo acampamentos.

Nos igarapés e nos rios que atravessam a BR-156, os principais problemas são o vazamento de óleo diesel, e de outros tipos de produtos químicos. Isso é um problema porque os rios e igarapés que estão na terra indígena têm suas nascentes fora da nossa terra, mas a água corre para o nosso lado e nos afeta. Tem também grandes áreas desmatadas, e queimadas, com uso de agrotóxico jogados na terra, o que também pode poluir a água e matar os peixes e outras espécie de animais com a contaminação.

Outra questão relacionada com o asfaltamento da BR156 é a realocação das aldeias. Há muito tempo nós indígenas vivemos na nossa terra e protegemos o território, mas com a construção da estrada, apenas três aldeias foram realocadas: Anawerá, Curipi e Piquiá. Essas aldeias foram construídas 500 metros para dentro da terra, distante da BR156. Essa é uma proposta do governo para que as casas fossem construídas de alvenaria, mas algumas casas foram mal construídas e abriram grandes áreas, derrubaram as árvores e ramais, sem fazer a consulta dos povos indígenas, e fizeram as coisas conforme eles quiseram. Nos anos de 2018 e 2019 surgiu outra proposta do governo, de dar continuidade para a relocação das outras aldeias, e abriram ramal e logo paralisaram com a obra pouco tempo depois.

Esse exemplo do asfaltamento da BR e seus impactos mostra que quando o governo faz as coisas do jeito que eles querem, muitas vezes dá muito errado, porque as obras foram malfeitas e não serviram para ser usadas. Ainda há muitas coisas para serem feitas na realocação das aldeias, e agora precisamos conversar e fazer diálogo com consulta prévia para poder fazer as obras de um jeito que seja bom para as comunidades. Para isso serve o protocolo de consulta que temos que usar.

FIBRA ÓTICA BANDA LARGA

Houve um processo de licenciamento da passagem do cabeamento de fibra ótica da empresa Oi, dentro da Terra Indígena Uaçá, paralela à BR156. O processo não foi exatamente uma consulta, mas sim um acordo através do Ministério Público Federal, envolvendo a FUNAI, a empresa Oi e o Conselho dos Caciques (CCPIO). Com o acordo, elaborou-se um termo de compromisso com medidas que foram cumpridas, como a radiofonia e internet nas aldeias, e outras que ainda não foram cumpridas, como os cursos de formação. Neste momento, um novo projeto está sendo discutido, que é a intenção de realizar o enterramento do cabo de fibra ótica em alguns trechos da BR156. Queremos que nesse segundo processo, seja seguido nosso protocolo de consulta e respeitadas as nossas decisões.

PCH SALTO CAFESOCA

Existe também um projeto do governo de construir uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH) no Rio Oiapoque, no lugar chamado Mahipá, acima da sede do município do Oiapoque. Isso vai nos afetar, impactando nos rios, igarapés e comunidades indígenas que ficam próximo do rio, nas TI's Galibi e Juminã. Vai gerar um grande impacto, pode matar os peixes com as turbinas e pode poluir a água. Sabemos que a água pode baixar e secar e isso pode nos atingir e não sabemos exatamente o que vai acontecer quando o empreendimento estiver funcionando. Além disso, no período de construção da obra vai aumentar o fluxo de caminhões e materiais pesados na rodovia BR156 que cruza a nossa Terra Indígena.

PONTE BINACIONAL

A ponte binacional que liga Oiapoque e Guiana Francesa foi inaugurada em 2017 e também causa um impacto nas nossas terras. Com a ponte na fronteira, há uma entrada maior de pessoas de fora que vêm da Guiana Francesa para o munícipio brasileiro e tudo isso vem aumentando o número de carros e também da população no munícipio de Oiapoque. Além disso, quando tiver a estrada asfaltada e a ponte funcionando plenamente, o fluxo pode aumentar muito.

IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS

Nós indígenas estamos preparados para lidar com os impactos socioambientais, decorrente dos projetos do governo que afetam ou que virão afetar a nossa região ou território. Já fizemos dois importantes documentos colocando nossas ideias e prioridades no papel, para estarmos preparados para esses projetos que vem de fora. Em 2008, nasceu o Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque e, em 2012, o Plano de Gestão Territorial e Ambiental dos Povos Indígenas do Oiapoque (PGTA). Essas são nossas ferramentas, onde nos preocupamos com a nossa vida e as futuras gerações.

Nossa preocupação é que alguns problemas sejam muito grandes com as transformações que vem ocorrendo na região, como a ampliação do fluxo na rodovia, o crescimento da população, a pressão do assentamento que se localizada no entorno da nossa Terra Indígena e aumento da frequência de invasões para caça, pesca e garimpo ilegal nas Terras Indígenas. Especialmente com o governo atual que foi eleito, nos preocupamos com as propostas de lei que afetam os direitos dos povos indígenas, com os projetos de lei que autorizam mineração em Terras Indígenas, os impactos que já estamos vendo na saúde indígena e na educação, nas escolas e universidade. Isso nos preocupa muito.

Por que o Protocolo de Consulta é importante?

Com essas preocupações, consideramos que é muito importante termos o nosso protocolo de consulta, pois ele serve para que o governo municipal, estadual e federal respeite e conheça as regras dos povos indígenas do Oiapoque para poder realizar uma consulta de boa-fé, antes de criar leis, políticas ou projetos. Esse respeito de sermos consultados está garantido pelas leis que o Brasil tem ou é signatário. São elas, a Constituição Federal de 1988 (artigo 231, o principal deles) e a Convenção 169 da OIT (ratificada pelo Decreto 5051/2004).

A consulta não pode se restringir a discussão de impacto e compensações, pois temos o direito de decidir sobre as coisas que acontecem nos nossos territórios, inclusive dizer não ao projeto. No processo de consulta não pode haver qualquer ameaça ou chantagem, o governo não pode usar nosso direito garantido como barganha e nem dar benefícios ou dinheiro apenas para uma pessoa ou uma comunidade. Isso prejudica o nosso direito coletivo e vai contra a nossa organização garantida em Assembleia Geral dos Povos Indígenas e das Organizações Indígenas do Oiapoque.

COMO O PROTOCOLO DE CONSULTA FOI CONSTRUÍDO E ELABORADO

Para elaborar este protocolo de consulta, discutimos nas assembleias e fizemos cinco oficinas regionais com autonomia, na BR,156, Rio Oiapoque, Rio Curipi, Rio Urucauá e Rio Uaçá. Fizemos reuniões e muitas conversas nas aldeias com as lideranças indígenas. Nas reuniões, tivemos a participação de lideranças, caciques, membros das comunidades, conselhos, jovens, mulheres, agentes ambientais, agentes de saúde, parteiras, pajés, alunos, e a FUNAI, que apoiou e participou de algumas oficinas.

Com todas as contribuições das cinco regiões, foi levado uma versão do protocolo para discussão na Assembleia de Avaliação dos Povos Indígenas do Oiapoque, realizada em fevereiro de 2019, na Aldeia Kumarumã. Nesta ocasião, o protocolo foi aprovado. Uma das principais regras colocadas no nosso protocolo é que as decisões nunca são tomadas apenas pelas lideranças, todos têm que participar das discussões, dos entendimentos e das tomadas de decisão pensando no que é melhor para as comunidades. Também destacamos que é importante fazer e garantir a tradução nas diferentes línguas maternas de cada povo e região.

Conclusão

Desde que comecei a participar das reuniões e de contribuir na elaboração deste protocolo, vi que era importante para a gente saber mais sobre nosso direito. Isso nos ajuda a entender as leis e as propostas do governo. O protocolo é importante pois é uma defesa para debater fora e dentro das nossas Terras Indígenas. Este documento é uma memória e uma arma de mostrar as regras do que pode e do que não pode. Queremos que as pessoas que vem de fora, brancos, conheçam e respeitem este documento. Este protocolo serve para que todos os governantes respeitem os povos indígenas e conheçam nossa preocupação com o território, que vem desde os nossos antepassados. Foram eles que abriram o caminho para nós sabermos como viver e cuidar da nossa terra.

Nosso papel de Agente Ambiental Indígena é levar as informações e elaborar junto com as comunidades indígenas, contribuir nas reuniões e assembleias dos povos indígenas e fortalecer o movimento indígena. Somos conhecedores da terra, isso pode permanecer sempre em nossa memória e fortalecer nossa tomada de decisão junto com as lideranças.

Trabalho orientado pelo professor Igor Scaramuzzi

HISTÓRIA DAS ALDEIAS E DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL

A história das aldeias do povo Galibi Marworno

Dieldo Charles dos Santos, indígena Galibi Marworno, nasceu em 1989, na aldeia Kumarumã e morou na Aldeia Paramuwaka, TI Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

A minha pesquisa fala sobre a história e a ocupação do território do povo indígena Galibi Marworno. Explico como surgiu a grande aldeia Kumarumã e o que vem ocorrendo agora com o aumento da população indígena, desde a sua fundação. Apresento como foi a decisão das lideranças, atualmente, para a criação de novas aldeias e quais os motivos principais para esse movimento de descentralização.

Breve história do povo Galibi Marworno

A partir do material produzido pelo professor indígena, Nordevaldo dos Santos, sobre a história da Aldeia Kumarumã que usei como referência, se afirma que praticamente não existem dados relativos à instalação dos Galibi Marworno na bacia do Uaçá, que deve ter ocorrido no final do século XVIII. Os Palikur eram o grupo dominante na região e, no século XVIII já habitavam na bacia do Uaçá, quando tiveram o início dos conflitos entre eles e os Galibi-Kali'na, que ocupavam o litoral da Guiana Francesa. A possível origem dos atuais Galibi Marworno do Uaçá está ligada aos resultados desses conflitos.

Os Galibi-Kali'na, saíram vitoriosos nos primeiros embates, acarretando de forma decisiva para o destino dos Palikur, especialmente porque foram obrigados a voltar para trás, para regiões de difícil acesso, porém de grande vantagem para planejar uma operação de guerra. Tentando desalojar os Palikur que se encontravam nas montanhas, os Galibi-Kali'na travaram combates com os Palikur, sendo a maior luta que ainda hoje é guardada na memória local: *Kayrumairá*. Apesar do duro encontro entre forças, os Palikur conseguiram sair vitoriosos, após um combate no Monte Tipoka, que está entre os Rios Uaçá e Urucauá, no qual os Galibi-Kali'na foram batidos de forma definitiva.

Os Galibi-Kali'na, então foram expulsos para fora do território Palikur, sendo empurrados pelos seus inimigos até a região de Macorria, nas proximidades de Caiena. Uma parte, porém, do grupo Galibi, ficou isolado no Rio Uaçá, e com sua retirada cortada, ofereceu a paz aos Palikur. A esses Galibi se juntaram indígenas restantes que sobraram das missões jesuíticas da Guiana e outros povos também fugitivos de aldeamentos do baixo Amazonas, entre esses, os Maraon, que fugiram de uma missão do baixo Araguari e se instalaram no alto Cassiporé, e os Aruã, também fugitivos de missões, se integraram mais tarde aos povos do Rio Uaçá, mantendo sua identidade como povo até o final do século XIX.

Os combates travados entre Galibi-Kali'na e Palikur são lembrados até hoje por todas as populações do Vale do Rio Uaçá havendo certos locais que são considerados como se fossem monumentos a eles, particularmente nos Rios Curipi e Uaçá. E também nas músicas do Turé onde que são contados muitos dos feitos dos antigos Galibi, como por exemplo, o *turaka*, em que os Galibi contam a luta travada com os Palikur, no monte Kayrumairá, onde segundo eles, saíram vitoriosos.

A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA ALDEIA KUMARUMÃ

A história fala que antigamente as pessoas moravam em ilhas na margem do Rio Uaçá, em cada ilha ou lugar tinha uma família. Depois, quando o governo chegou com a escola, eles começaram a reunir as pessoas para uma única "Vila", portanto em 1930 foi instalada a Vila de Kumarumã no Rio Uaçá, naquela época o nome da vila se chamava Santa Maria. Depois de algum tempo, eles mudaram o nome da vila de Santa Maria e passaram a chamar de Kumarumã, devido um antigo morador que era um pajé e ele morava numa ponta da vila, o nome dele era Ahumã. Por isso, a aldeia é chamada hoje de Kumarumã, porém a padroeira de Kumarumã continua sendo Santa Maria.

A partir de 1930 a 1934, se deu o início da fundação da aldeia de Kumarumã. São poucas famílias que vieram fazer suas casas para seus filhos estudarem, mas eles continuaram a morar nas ilhas. A partir da década de 1970 quando chegou o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), junto com a Funai e com os líderes, que naquele tempo eram o senhor Manoel Floriano Macial e o senhor Manoel Felizardo dos Santos, ambos capitães dos Galibi do Uaçá, eles passaram nas ilhas, conscientizando as pessoas para virem morar na aldeia Kumarumã. Essa foi a segunda etapa que fizeram para reunir as pessoas numa única aldeia, então, através da escola foi que conseguiram convencer as pessoas para irem morar na aldeia Kumarumã.

Antigamente os nossos antepassados não faziam farinha, eles viviam através das coletas de frutas como por exemplo: a *sororoka* que é uma planta nativa, eles tiravam a fruta ou sementes dela, e colocavam numa panela com água e ferviam, depois colocavam num pilão e pilavam bem até ficar bem fino igual a uma massa. Depois eles pegavam para fazer beiju que serve como alimentação indígena, para comer com peixe, caça e outros. E também eles viviam e se alimentavam de outros tipos de frutas da floresta, como: inajá, tucumã, ingá, açaí, bacaba e outros tipos de frutas. Mas também eles plantavam alguns tipos de plantas como, cará branco e roxo, dachina, banana, cana etc. Depois de algum tempo, eles começaram a plantar, abacaxi e outros.

COMO GERAVAM RENDA (AGRICULTURA, ARTESANATO E EXTRATIVISMO)

Desde a década de 1930 os Galibi Marworno produziam muitas canoas para a venda, que servia como moeda de troca para outros produtos alimentícios na aldeia. E vendiam peixes salgados, como tucunaré, pirarucu, jacaré, tracajá e etc. Como também peles de animais, como por exemplo, da onça, jacaré etc. Vendiam também outros tipos de produtos que eram produzidos pelos próprios indígenas, como: remo, arco e flecha, colocares de sementes, de miçangas e outros. Os Galibi Marworno vendiam e vendem os seus produtos entre Rio Oiapoque na Guiana Francesa e no Rio Cassiporé, em Vila Velha. Foi assim que geravam a renda do povo indígena Galibi Marworno.

Uma alternativa de renda é que nós chamamos de projeto da cooperativa, onde cada equipe ou grupo de pessoas fazia uma roça, particularmente roças para a sua subsistência. Foi dessa roça que eles tiravam uma parte e davam para a comunidade, ou seja, foi dessa parte que eles davam para a cooperativa, eles compraram um pequeno barco que demos o nome de Santa Maria. E, também, ao mesmo tempo eles contribuíram para comprar o óleo diesel para abastecer o gerador da comunidade.

PAJÉ NA ALDEIA

Na aldeia Kumarumã antigamente havia muitos pajés, porque esses pajés são para os indígenas como um médico ou doutor na aldeia, e até hoje nós utilizamos os conhecimentos dos mais velhos. Quando uma pessoa sente algumas dores de cabeça, uma doença gravemente forte, procuram primeiro os pajés para fazer uma consulta antes de ir ao posto ou hospital. Após a consulta, o próprio pajé fala qual a doença que a pessoa tem e ele mesmo quem faz as receitas dos remédios, e também qual o remédio que a pessoa deve usar para aquela doença. Antigamente na aldeia Kumarumã existiam pajés que conheciam muitos remédios da mata, como árvores e plantas medicinais. Na aldeia Kumarumã existiam dois pajés, um era Uratê, outro era Manoel dos Santos, que já faleceram alguns anos atrás, eram essas pessoas que preparavam os remédios para os pacientes.

Também são os pajés que falam onde tem lugar sagrado, aonde a pessoa deve chegar, como por exemplo, nos lagos, rios, nas montanhas; as árvores, os peixes, as caças, tudo isso tem seus donos. Ele também fala da quantidade que pode pegar como, jacarés, tracajás e pirarucu, como as caças também, anta, cutia, paca, veado, catitu e outros. Portanto uma pessoa comum não tem esse acesso de chegar com esses donos, são só os pajés que se comunicam com esses *karuãnas*, então através desses pajés as pessoas conseguem chegar nos lugares sagrados.

Entre os rituais tradicionais, muitos homens na faixa de 35 aos 80 anos, praticam o *pota* ou sopro, como uma forma de cura. Os pajés exercem suas atividades sob influência dos espíritos da mata e da água, e de outros pajés falecidos ou vivos. A prática do *pota* se faz através de espíritos e não implicam em poderes sobre os fenômenos naturais, como outros trabalhos do pajé. O *pota* cura vários tipos de doenças, algumas delas são caracterizadas como causadas pela ave noturna *kauiuiru*. Usa-se banho de ervas, sopro, baforadas de cigarro acompanhadas de rezas na língua antiga, ou no *kheoul*. Dificilmente as pessoas procuravam hospital antigamente, pois eram tratadas dentro da aldeia mesmo, de preferência em suas casas ou nas casas dos pajés, dependendo da doença que fosse.

FUNDAÇÃO DAS NOVAS ALDEIAS

A aldeia de Kumarumã vem crescendo muito nos últimos anos. Até hoje, em 2019, muitas matas foram destruídas, e a população do Kumarumã aumentou muito. As construções das casas estão ficando muitos próximas das outras, o espaço para as novas construções está ficando esgotado. Os lugares onde faziam suas roças perto da aldeia não existem mais, devido ao aumento da população. Assim, os lugares onde são feitas as roças hoje estão ficando muito longe e de difícil acesso. Portanto, com esse olhar, hoje na aldeia Kumarumã as pessoas decidiram voltar para os lugares antigos, para fazer suas roças, porque é mais próximo do rio.

As margens do Rio Uaçá, as ilhas, e o Rio Tapamuru, são lugares que os Galibi Marworno ocupavam antes da fundação da aldeia Kumarumã. Atualmente, esses lugares que os Galibi Marworno moravam no passado estão sendo ocupados de novo e hoje são as novas aldeias no Rio Uaçá. Cada família escolhe um lugar para morar. Algumas aldeias antigas continuaram sendo habitadas, mas com outros nomes. Abaixo mostro uma tabela com essas aldeias:

Nessas aldeias moram poucas famílias. Nesse período, dessas oito aldeias novas, três delas cresceram muito, como por exemplo: Aldeia Manau, Aldeia Flamã, Aldeia Paramwaka. Essas três aldeias são as que têm escola. Também dentro dessas três aldeias temos uma Igreja Evangélica, uma Escola Municipal, o alojamento e também tem professores contratados pela Prefeitura.

Tabela 1: Relação das aldeias antigas no Rio Uaçá e seu nome atualmente
Autor Dieldo Charles, 2019

Nº	Aldeia antiga	Nome atual	Nº	Aldeia antiga	Nº	Aldeia antiga
1	ZileTomã	Tomã (moram 2 famílias)	16	Bixkot	31	Kumarawa
2	ZileManau	ZileManau	17	ZileTupatu	32	Ghãban Sab
3	Manau	Manau	18	Kueiên_wirutupuri	33	Takaka
4	Tukuiwin	Tukuiwin	19	ZileFãfã	34	Tõn
5	Djiab	Flãmã	20	ZileTukuwiru	35	SoMaho
6	Mãnisen	Paramwaka	21	ZileArãpuku	36	Ayka
7	ZileUanãPitxi		22	Puen Flex	37	Puen Mel GhoFei
8	Zilebãbu		23	ZileLeglis	38	Zile Flex
9	GhãZile		24	Põm	39	ZileKahapa
10	ZilePox		25	ZileLõnbar	40	ZileSõhaj
11	ZileVieVille		26	ZIlewahaku	41	ZileGayag
12	LagUruçu		27	Uruku	42	ZileHuku
13	ZileMahipa		28	Õko	43	ZilePatxiha
14	ZileMapapuen		29	Paxiwaka		
15	ZileApukuriwa		30	Mateu		

A partir de 2014 a 2015, foram fundadas as novas aldeias ao longo do Rio Uaçá, que são mostradas na tabela abaixo:

Tabela 2: Relação das novas aldeias fundadas no Rio Uaçá
Autor: Dieldo Charles, 2019

Aldeia	Número de família	Número de pessoas (aproximado)
Karibuen	4	30
Manau	7	35
Maji	7	
Kaxiwahi	4	
Paraiko	6	
Tukuiuen	3	
Flamã	15	
Paramwaka	8	29

Mas a maior preocupação das lideranças é de como a aldeia, aquela ilha Kumarumã, vai suportar todas essas pessoas, que a cada ano que passa o número de famílias está aumentando. Em todas as Assembleias vem essa preocupação. Com aumento da população, muitos problemas sociais estão acontecendo também, porque é muita gente vivendo em um só local, muito junto, um interferindo na família do outro, na privacidade dos outros, um incomodando a tranquilidade do outro. E começaram surgir as religiões também dentro da aldeia, e começaram aparecer mais de uma religião, os costumes começaram a mudar, e a população começou a se preocupar com a centralização de mais pessoas na aldeia.

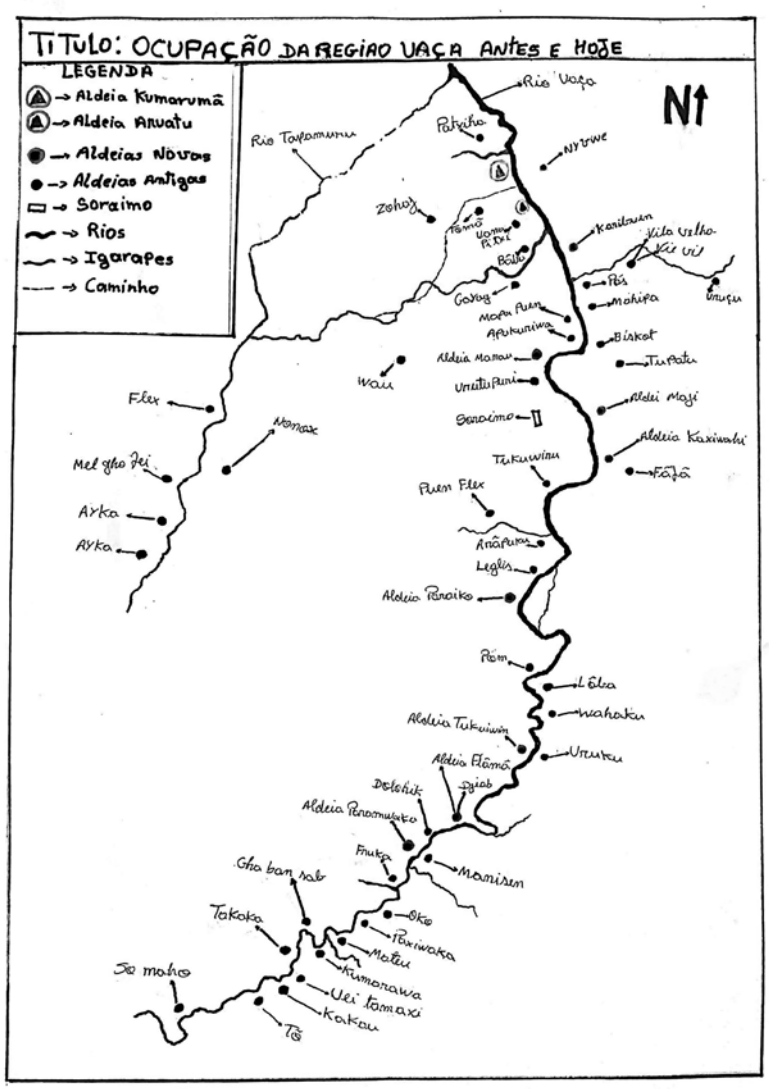


Figura 1: Mapa da Ocupação da região Uaçá antes e hoje
Autor: Dieldo Charles, 2019

Outro motivo para se criar mais aldeias, é que as lideranças Galibi Marworno analisaram que estavam perdendo a força política no momento de votar. Quando eles fazem uma votação em alguma questão que diz respeito a toda Terra Indígena, as etnias têm que votar para aprovar uma situação que envolve toda Terra Indígena. As vezes os Galibi Marworno perdiam a votação, porque tinham poucas aldeias e poucos representantes, já os Karipuna, muitas das vezes ganhavam a votação porque tinham mais aldeias e muitos representantes, isso dava mais poder de voz com mais força política na votação, esse foi o motivo de pensar para se criar mais aldeias na região do Uaçá.

Essa discussão das novas aldeias não se deu da noite para o dia, vem ocorrendo há vários anos. Essa preocupação surgia dentro das reuniões e começaram a surgir muitas conversas paralelas, começaram a espalhar para todo povo Galibi Marworno, então, começamos a nos manifestar que nós tínhamos que criar novas aldeias, porque nós somos muito poucas lideranças, nós temos que ter mais lideranças para votar, para a gente lutar pelo nosso interesse também. Os Karipuna são muitos e todas as vezes a gente perdia para eles quando iam em alguma votação ou outra. Mas quando os Galibi Marworno vão defender as causas internas não existia essa preocupação, era bem tranquilo, sem briga, pois era só uma questão de política mesmo.

Então tinham essa preocupação e começaram a descentralizar as primeiras aldeias que foi o Tukay, Samaúma e Anawera que ficam na BR-156, depois começaram a criar a aldeia Aruatu, eles colocaram uma família lá, e um Cacique, depois do Aruatu foi fundada Tuluhi que também fica na BR-156. Nesse mesmo momento, começaram a discutir sobre a ocupação da beira do Alto Rio Uaçá. A partir daí que passaram a criar essas aldeias novas, então eles organizaram internamente com apoio da comunidade. Dentro dessa organização que começaram a discutir sobre a ocupação na margem do rio, nos pontos estratégicos, nos locais históricos que existem no rio, pois existem vários pontos históricos e vários lugares que mesmo antes de chegar os Galibi Marworno, já existiam os primeiros ocupantes. Existem esses locais com nome que a comunidade conhece até hoje. Então, foram ocupando esses lugares para construir mais novas aldeias na margem do Rio Uaçá, já pensando na questão política para fortalecer mais a etnia Galibi Marworno.

Portanto, o objetivo foi descentralizar algumas famílias e desafogar a ilha de Kumarumã para proporcionar uma qualidade de vida melhor, ocupar a margem do rio, e também já esperar o ramal e a linha de transmissão que está previsto para trazer energia para região Uaçá. Então foi dessa forma que foi pensado e discutido de fundar essas novas aldeias. Mas ainda eles insistem em criar outras aldeias, por exemplo, na BR-156, lá no Igarapé Chibé está previsto criar mais uma aldeia nos próximos anos. Várias pessoas se organizaram para se transferirem para lá. A seguir a Tabela 3 que apresenta todas as aldeias Galibi Marworno existentes nas TI's do Oiapoque.

Tabela 3: Relação das aldeias Galibi Marworno nas Terras Indígenas do Oiapoque
Autor: Dieldo Charles, 2019

Aldeia	Região	Número De Famílias
Kunarumã	Uaçá	390
Aruatu	Uaçá	7
Karibuen	Uaçá	4
Manau	Uaçá	7
Maji	Uaçá	7
Kaxiwahi	Uaçá	2
Paraiko	Uaçá	6
Tukuiuen	Uaçá	3
Flamã	Uaçá	15
Paramwaka	Uaçá	8
Anawera	BR 156	7
Tukay	BR 156	27
Samauma	BR 156	18
Tuluhi	BR 156	6
Kunana	Oiapoque	21
Uaha	Oiapoque	30

Portanto, podemos destacar aqui os principais motivos do povo Galibi Marworno para criar novas aldeias no Rio Uaçá:

- A questão política entre os quatro povos das TI's do Oiapoque;
- Fortalecimento da política Galibi Marworno;
- Ter mais Cacique;
- Desafogamento da ilha de Kumarumã;
- Necessidade de construção de novas casas na aldeia Kumarumã;
- Visando abertura do ramal e energia elétrica;
- Moradia adequada na sua própria Aldeia.

Conclusão

Em primeiro lugar, esse trabalho trouxe muitas coisas que eu não sabia sobre a história dos povos originários da região Uaçá, e principalmente dos Galibi Marworno. Através dessa pesquisa eu aprendi muitas coisas sobre o modo de vida no passado, e como está a cultura no passado e hoje. Em segundo lugar, com esse trabalho podemos ajudar as comunidades para não haver extinção do nosso modo de vida, valorizar nossa cultura, e resgatar aquilo que já foi extinto.

Trabalho orientado pela professora Teresa Cristina Silveira

Fundação das aldeias no Rio Curipi

Deimison dos Santos, mora na Terra Indígena Uaçá, às margens do Rio Curipi, na Aldeia Jõdef

Este trabalho é sobre a fundação de algumas das aldeias do povo Karipuna na margem do rio Curipi. Explico como foram surgindo as aldeias, de onde vieram as pessoas, quem são e qual a aldeia que surgiu primeiro. É importante saber qual é o primeiro morador da aldeia, quando surgiu, como viviam antes, o que tinha antes, qual a mudança, para onde essas pessoas que fundaram as Aldeias foram, se ainda estão vivos ou já faleceram, então tudo isso é importante saber para poder explicar para os jovens.

A ocupação do Rio Curipi

CHEGADA DAS PRIMEIRAS PESSOAS NO RIO CURIPI

Nesse trabalho, vou utilizar as entrevistas que fiz e o livro que consultei, que era de um aluno da escola da Aldeia Santa Izabel, para falar sobre a fundação das aldeias no Rio Curipi. Essa história começa da seguinte maneira, contando todos os seus desesperos e pedidos de socorro:

Antigamente não existiam as aldeias na margem do Rio Curipi, somente na margem do Rio Urucawa e Rio Uaçá. Certo dia aconteceu uma briga entre famílias do povo Karipuna, que queriam terra para morar. Mas quando chegaram na Aldeia Kumarumã o cacique não os aceitou. Naquela época tinha uma rigidez muito grande entre as etnias; não permitindo que houvesse mistura entre os povos.

O cacique dos Karipuna perguntou se poderiam seguir o Rio Curipi; que lhe foi respondido afirmativamente. As pessoas vieram seguindo o rio, mas eram muitas famílias. Duas ficaram onde hoje é a Aldeia Açaizal e as outras seguiram em frente. Chegando a um determinado local do rio; avistaram uma cobra muito grande. Mesmo com muito medo começaram a flechá-la; mas não conseguiram matar.

A cobra ficou muito zangada e partiu para cima deles; afundando duas canoas e comendo as pessoas. Temendo a morte de mais pessoas o cacique ordenou que retornassem aonde essas duas famílias tinham se alojado. Chegando lá; explicaram o acontecido aos amigos. Ficaram por lá durante uns tempos; mas sempre pensando em seguir o rio.

Buscando coragem resolveram partir novamente. Mas chegando ao mesmo local lá estava a cobra que não os deixou passar de jeito nenhum. E quando teimavam; ela sempre afundava suas canoas e comia as pessoas. Depois de muita tentativa sempre fracassada; o cacique resolveu retornar à Aldeia Kumarumã em busca de ajuda. Contou toda a situação de desespero que estavam passando; e imediatamente o outro cacique se prontificou em ajudá-lo. Na Aldeia de Kumarumã tinha dois pajés bastante respeitados; um era Bastião e o outro conhecido como Procópio. Ambos foram imediatamente acionados pelo cacique de Kumarumã para tentar resolver o problema. O cacique Karipuna implorou ao pajé que o ajudassem.

Os dois pajés decidiram atender ao pedido de socorro e foram ver a situação. Mas chegando ao lugar conhecido como Buriti viram aquela correnteza vindo muito forte; e num piscar de olhos; o monstro começou a sair do fundo da água e vir em direção a eles. Procópio ficou com muito medo; querendo entender o que estava acontecendo. Imediatamente começou a reza para os seus Karaúanas em busca de socorro. Nisso a cobra foi se acalmando. Vendo a cobra mais calma; decidiram descer da canoa na margem na parte seca para pensar em uma solução.

De repente viram uma arara gritando e acharam estranho; pois no mesmo instante a cobra se agitava. Foi então que perceberem; quando a arara gritava; a cobra voltava a se movimentar enraivecida. Era na verdade um aviso. Que estaria passando alguém e que o monstro teria comido. O pajé Procópio começou a fazer seus preparos no intuito de acalmar a cobra. Depois que preparou o remédio colocou como o último ingrediente a ponta do seu cigarro e jogou tudo no rio.

Nesse momento Bastião que já tinha feito um banho para jogar no rio cantava para seus Karaúanas oferecendo bastante caxixi (bebida feita de mandioca). Jogou tudo no rio e o monstro foi se afastando daquele espaço. A partir de então as embarcações começaram a passa normalmente. O cacique Karipuna junto com a sua família passou enfim e os Karipuna construíram suas Aldeias ao longo Rio Curipi.

SURGIMENTO DA PRIMEIRA ALDEIA

Antes da primeira família Karipuna fundar a primeira aldeia no Rio Curipi existia uma aldeia que era conhecida como Vila de Laranjal, ali já existia um grupo de pessoas que estavam morando onde hoje é conhecido como a Aldeia Jõdef. Durante a pesquisa eu ouvi as pessoas falando que nem eram índios que estavam morando lá. Diziam que era um grupo de franceses, mas não sei ao certo de onde que eram essas pessoas. Abaixo apresento a história que foi contada pelo meu sogro, antigo cacique da Aldeia Jõdef. Ele tinha essa história escrita em *kheuol*, eu traduzi ela aqui:

A Aldeia Jõdef foi a primeira Aldeia do povo Karipuna surgindo na margem do Rio Curipi. Naquela época não existia batismo e as pessoas não batizavam, eles viviam muito tranquilo. Passou alguns tempos, chegou uma doença e as pessoas começaram a adoecer e começaram a morrer. As mulheres começaram a ter filhos com os bichos, as mães e filhas começaram a morrer no parto delas. E as pessoas ficaram tristes e não sabiam o que fazer.

Um dia eles acharam um jeito de falar com um pajé que era um grande sábio. E o pajé aceitou o pedido deles. Ele fez uma cantarola, o Turé, para olhar a Aldeia, saber o que estava acontecendo. Ele falou diretamente: "meus amigos se vocês não saírem deste lugar, o bicho vai acabar com todos vocês. E ele vai acabar matando muitas pessoas!" Então, as pessoas começaram a atravessar o Rio Curipi para uma aldeia que hoje é conhecida como a Aldeia Espírito Santo. Desde aquela época, Jõdef foi abandonado.

Depois que todo mundo atravessou para a outra aldeia, as pessoas pararam de morrer, as mulheres faziam o parto normal, e as pessoas começaram uma nova vida. As famílias começaram a aumentar de novo e viviam bem como era antigamente. E o pajé falou pra eles: "vocês viram? Se a gente não tivesse nos retirado de lá, eu não sei como nós íamos ficar, por que esse bicho era muito bravo. O nome dele era Ghã Papa Laghatxis (Grande Pai Lagartixa). Ele queria comandar as pessoas. É por isso que ele estava fazendo isso com a gente".

Depois que todo mundo atravessou para outra Aldeia, levantaram suas mãos agradecendo a deus que eles ficaram muito contentes, e agradecendo também o pajé, porque se não fosse ele, eles não sabiam como eles iriam ficar, não sabiam como era para defender suas famílias, para ter muito mais filhos, porque as famílias tinham diminuído e a vida deles ficado triste.

SURGIMENTO DA SEGUNDA ALDEIA

A segunda aldeia fundada pelos Karipuna foi a aldeia conhecida atualmente como Espírito Santo. A pessoa que fundou essa aldeia lutou bastante para conseguir fundar essa segunda aldeia, com toda dificuldade que ele vinha enfrentando, ele conseguiu uma vida nova para ele e a família do seu Teodoro, que sempre acompanhava ele. E quando resolveu todo o problema que tinha naquela vila, mandaram o convite para algumas pessoas da primeira aldeia, para ir fazer sua casa na comunidade dele. Segue o relato abaixo:

A segunda Aldeia que foi surgindo é onde hoje encontramos a Aldeia Espírito Santo. Quando já existia a Aldeia Jõdef, a Aldeia Espírito Santo, era um matagal só, mato para todos os lados. Com o tempo passando chegou um senhor conhecido como Teodoro, que junto com sua família resolveu fazer uma roça. Nessa roça, plantaram muita mandioca e laranja, com o intuito de se alimentar futuramente.

O tempo foi passando e os pés de laranja cresceram bastante. E, ao olharem para aquela plantação tão bonita, decidiram pôr um nome do local em que viviam de Vila de Laranjal. Foi então que começaram a chegar outras pessoas, vindas de várias partes e se instalando na comunidade.

O senhor Teodoro resolveu fazer uma reunião, mas não entendia de leis. Pois queriam alguém para lidera a vila. Assim, Teodoro foi eleito pelas várias pessoas que ali moravam como o primeiro cacique da Vila de Laranjal. O senhor Teodoro junto com a comunidade decidiu construir uma igreja exatamente onde hoje fica a Igreja do Divino Espírito Santo.

Com o passar do tempo, Teodoro pensou em criar uma pequena festa para alegrar a comunidade. Mas, naquela época não existia bebida alcoólica na vila, as pessoas pensavam apenas com a diversão. Bebiam apenas bebida tradicional, que é o caxixi (feito de mandioca).

Também naquele tempo não sabiam que existia aparelhagem de som e inventaram uma batucada. Foram cantando e batendo num instrumento chamado tambor, feito de madeira e pele da cobra sucuri.

Do outro lado do rio, abaixo de onde hoje é a Aldeia Jõdef, havia um grupo de pessoa que viviam tranquilamente. Nisso o senhor Teodoro, que também tinha participado do ritual, propôs às pessoas que atravessassem o rio e fossem morar na vila onde ele era o cacique. Todas as pessoas rumaram com o senhor Teodoro; e a vila que foi crescendo mais e mais.

Com o passar do tempo, uma família resolveu voltar e renovar a Aldeia Jõdef, que tinha sido abandonado. Era uma família de nove filhos (quatro homens e cinco mulheres) que estavam morando na Aldeia Espírito Santo. O nome do pai dessa família é o senhor Adriano Forte.

O ano de 1987 é o ano que eles começaram a roçar e derrubar. Já no ano de 1988 eles limparam todo o terreno, e tiraram as madeiras para construir suas casas. E assim foi chegando outras famílias até no dia de hoje.

SURGIMENTO DA TERCEIRA ALDEIA

O surgimento da terceira aldeia foi da seguinte maneira: havia um senhor que morava no Encruzo. Esse senhor era conhecido como Senhor Coco. Ele resolveu pedir autorização do chefe de posto do SPI para construir um barracão nessa ilha, esse senhor não era índio. Então é de lá que começa o surgimento da terceira aldeia, que é onde hoje se encontra a Aldeia Santa Izabel. A história que conta no livro é:

Assim que o chefe de posto deu o aval para o Senhor Coco, ele subiu o rio e começou a limpar a área da plantação e outra área para construir um barracão onde pudesse se abrigar. Construiu seu abrigo e roça, plantando mandioca, banana, milho, laranja, tangerina, melancia e outras coisas. Quando a plantação começou a amadurecer, o senhor ia até a cidade de Oiapoque para vender, e assim conseguiu juntar algum dinheiro. Naquela época era difícil ter barco motorizado, eram apenas canoas e remos. Esse era o transporte mais comum da região.

Dizem que na saída do igarapé que passa em frente a Aldeia Santa Izabel, morava um guariba enorme. Que ficava dentro de um buraco. Quando as pessoas passavam, eram puxadas para o fundo do rio.

O velho Coco ficou intrigado com toda essa situação e resolveu falar com um pajé para "ajeitar" o igarapé, liberando a passagem para as pessoas que quisessem passar por ali. Ao se resolver o problema do igarapé, Seu Coco teve que passar por outro mais complicado, relacionando a sua futura moradia definitiva, pois passara a gostar da área e a queria como sua moradia.

O chefe de posto fez uma reunião para decidir se poderia permanecer no local como morador definitivo, apesar de ser uma área indígena. Na reunião discutiram e decidiram que poderia construir sua casa, porém com a condição de fazer o bem.

Depois de alguns meses fora, ele conheceu Dona Delfina, que foi sua primeira esposa. E com ela retornou à aldeia, e começou a construir sua casa. Mas percebeu que precisava de bastante dinheiro para terminá-la. Seu Coco foi novamente ao Encruzo para trabalhar e conseguir arrecadar algum dinheiro. Depois de passar dois anos trabalhando e juntando dinheiro, foi até a cidade de Oiapoque e comprou o que necessitaria para a construção do imóvel. Contratou alguns trabalhadores para ajudá-lo a tirar madeira. Foram cortar a madeira numa montanha chamada Capaio.

Naquela época tiveram que usar uma espécie de serrote grande para derrubar as árvores, pois era difícil outra matéria que fizesse a derrubada mais rapidamente. Eram necessárias duas pessoas, uma em cada ponta. Tiraram bastante material, esteios, tábuas, e tudo mais que iriam precisar. Carregaram todo o material para aldeia e construíram a casa.

Com o tempo foram chegando outras pessoas e que até construíram outras aldeias que tem perto da Aldeia Santa Izabel. Com o passar do tempo, outras famílias foram subindo o rio até chegar aonde hoje se encontra a Aldeia Manga. Depois que construíram a aldeia, resolveram fazer um ramal para facilitar a viagem para cidade de Oiapoque. Até hoje cada umas das quatros etnias, estão morando nas suas regiões, sem briga e vivendo em paz e alegria.

SURGIMENTO DA ALDEIA JAPIIM

Sobre a fundação da aldeia Japiim, que é a última aldeia, subindo o Rio Curipi, entrevistei meu colega, Lelivaldo Iaparrá dos Santos. Ele falou que ouviu o avô dele contando como que ele fez para procurar um lugar para fundar essa aldeia. Esse lugar foi encontrado e fundado uma aldeia que o nome foi dado Japiim. Foi dado esse nome porque nesse lugar tinha muito ninho do pássaro japiim. Lelivaldo falou que não sabe exatamente o ano que foi fundada aquela Aldeia, ele só sabe que era na época de verão que o avô foi fazer sua roça naquele lugar. Então essa foi a última Aldeia Karipuna surgindo acima do Rio Curipi.

Conclusão

Esse trabalho fez com que eu aprendesse muitas coisas. Aprendi de onde as pessoas vieram, quem são essas pessoas, e também aprendi como eles fizeram para entrar nesse Rio Curipi, quais as dificuldades que eles encontraram até chegar onde as aldeias foram fundadas e quantas pessoas que morreram nessa batalha, quantas embarcações que sumiram e como eles fizeram para afastar as barreiras que eles estavam enfrentando.

E as nossas comunidades podem se beneficiar com esse trabalho, através de um livro, para colocar nas escolas ou até apresentar em algumas assembleias. Também para deixar e ensinar os nossos futuros filhos, para que eles saibam também tudo sobre a fundação dessas aldeias, para que quando os filhos crescerem, que possam fazer igualmente como os antigos, porque os antigos não vão mais estar aqui. E é eles que vão estar apresentando esses trabalhos.

Trabalho orientado pelo professor Felipe Garcia

História da Aldeia Urubu no Rio Urukawá

Edmilson Iaparra Labontê, indígena Palikur, mora na Aldeia Urubu, que fica localizada nas margens do Rio Urukawá, na Terra Indígena Uaçá, município do Oiapoque, Amapá

Nesse trabalho, vou contar a história da minha aldeia, a Aldeia Urubu, que fica no Rio Urukawá. É importante saber essa história e registrar ela, porque contando a gente não vai esquecer. Assim as crianças, os alunos, vão saber a história da ocupação do seu território, como chegaram até aquele local para fundar a aldeia e toda a história que os antigos contam que aconteceu ali. Para fazer essa pesquisa, eu entrevistei o Senhor Roberto Ioio, de 70 anos, que vive na Aldeia Urubu. Ele gosta de contar histórias, então quando ele foi na minha casa eu expliquei para ele que eu estava fazendo esse trabalho. Então perguntei se ele podia me contar a história da aldeia e ele aceitou contar. Enquanto ele contava, as crianças também ficaram ouvindo a história.

HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO DO RIO URUKAWÁ

Antigamente, nós do povo Palikur vivíamos todos espalhados, em pequenas aldeias em um extenso território que se estendia até a Guiana Francesa. No Rio Urukawá existiam muitas aldeias, todas aldeias tinham cacique para cuidar. Eram as aldeias: Yanawa, Kamuywa, Pwaytket, Kwikwit, Kumenê, Mange, Amomni, Urubu, Tawari, Tipoca. Naquela época, não tinha religião cristã, era somente o pajé. Antigamente, também não existia a Aldeia Kumenê, esse lugar era conhecido como cemitério, pois muitas pessoas foram enterradas lá.

Outra aldeia que também não existia no Rio Urukawa era a aldeia Flecha. Estas pessoas vieram do Rio Uaçá, povo Galibi Marworno, vieram para o Kumenê porque não tinha mais roças deles e por isso eles vieram para o Rio Urukawá. Ficaram primeiro na Aldeia Kumenê e não quiseram voltar mais para a região deles. Então eles pensaram sobre o que fazer e foram conversar com o cacique, para eles pedirem um lugar para eles morarem. Então o cacique deu a resposta pra eles, ele falou que iria primeiro fazer uma reunião com todas as comunidades aqui do Rio Urukawá. Eles fizeram a reunião e então decidiram que eles iriam ceder uma ilha para essa família morar. E foi a partir desse momento que eles estão lá há muitos anos até hoje. Quem me contou essa história foi o Senhor Alberico Iaparrá. Agora no ano de 2019, se voltou a ocupar outra ilha, onde antigamente existia uma aldeia. Esse lugar se chama Aldeia Massika.

A HISTÓRIA DO ROUBO DA MANDIOCA E ORIGEM DA ALDEIA URUBU

O Senhor Roberto Ioiô contou a história sobre a fundação da Aldeia Urubu. Há muito tempo atrás, ainda antes da demarcação da Terra Indígena Uaçá, as pessoas faziam a roça delas no local onde hoje é a aldeia. Essa roça ficou lá durante anos, por quase 10 anos teve roça nesta ilha. Mas um dia uma pessoa

viu que aquela ilha era um bom lugar para viver, e por isso esta pessoa ficou lá e fundou uma aldeia nesta ilha que deu o nome de *Avuhkikvu,* que é o nome de uma árvore sagrada que também é usada para as curas do pajé.

Esta primeira pessoa seguiu morando naquele lugar com a própria família, até os filhos deles crescerem, então a aldeia começou a mudar. Nesta aldeia que chama *Avuhkikvu,* morava uma senhora com um senhor. Um dia, a senhora pensou que queria fazer uma festa na próxima lua cheia. Mas aquela senhora não tinha a roça dela para tirar a*kaneg* (mandioca) para fazer *danka* (bebida fermentada de mandioca). Então ela pensou: "*meu irmão tem a roça dele, eu vou tirar a mandioca lá na roça do meu irmão, vou aproveitar*". Mas ela não pediu para o dono da roça, então quando ela fez o *danka*, ela preparou todas as coisas dela e convidou muitas pessoas para participarem da *Kayka Wawahna* (festa da dança de maracá).

Mas no outro dia, o dono da roça foi visitar a roça dele e ele viu que alguém tinha tirado mandioca e ficou bravo. Então ele voltou para a casa dele, e contou para a mulher e ela deu a resposta: "*será que não foi a tua irmã que fez isso?*". E ele respondeu: "*agora eu não sei*". Então começaram a pensar o que eles iriam fazer. Decidiram mandar a mulher dele perguntar para sua cunhada se tinha sido ela que tinha tirado a mandioca da roça do marido dela. A esposa disse: "*o teu irmão foi visitar a roça dele e viu que tem pessoas que tiraram mandioca de lá*". Então ela voltou e falou para o marido que a irmã dele respondeu que não tinha sido ela, mas eles decidiram que ela iria perguntar mais uma vez.

Então ela foi novamente na casa da cunhada e perguntou: "*Foi você que tirou a mandioca da roça do meu marido?*", e ela respondeu: "*Não, não fui eu*". Então o irmão dela falou para mulher dele: "*Eu vou fazer alguma coisa para acabar com essa pessoa que roubou a minha raiz de maniva!*". Então ele foi em um lugar que tem uma pedra grande, diferente, que chamamos *Kuvegti*. Ele chegou nesse lugar e conversou com a *Kuvegti*, ele disse: "*Me ajuda a acabar com aquela pessoa que tirou mandioca da minha roça*". Quando terminou de conversar, jogou a raiz da mandioca para o buraco embaixo da pedra.

Quando ele voltou para a aldeia, já estava acontecendo a *Kayka*. Todos estavam dançando e bebendo *danka*. Ele ficou só observando. A festa durou três dias e no último dia, as pessoas começaram a passar mal, ficaram doentes. Uma pessoa, então, passou muito mal e vomitou. Logo depois ela morreu. Em seguida, aconteceu a mesma coisa com outra pessoa. E assim todos foram passando mal e morrendo. Até que morreram todas as pessoas que moravam na Aldeia. E como não sobrou ninguém para conseguir enterrar todo mundo, foram os urubus que acabaram comendo o corpo das pessoas. É por causa desta história que hoje a aldeia se chama Aldeia Urubu.

A ALDEIA URUBU HOJE

Em 2019, a população aumentou na Aldeia Urubu. Hoje vivem sete famílias, tem uma igreja e tem uma escola. Tem nove casas. Agora nós temos cacique, Vecio Ioio, e também um Agente Indígena de Saúde (AIS), Feliciano Ioio, tem Agente Ambiental Indígena, Edmilson Labontê, e também tem o pastor da igreja, que é o cacique. Agora é diferente, a gente não gosta de roubar a mandioca na roça dos outros, porque a decisão de agora já mudou, porque cada um tem a sua roça.

Conclusão

Ao longo do curso, eu tive algumas dificuldades, principalmente relacionadas a língua portuguesa. Meu povo Palikur fala a língua *Parikwaki* e o português é a nossa segunda língua. Mas é bom para a gente estudar e aprender nesse curso. Eu aprendi um pouco sobre a história da fundação da Aldeia Urubu e eu nunca vou esquecer esta história e também a história da *Kuvegti*. Para mim é importante continuar este trabalho dentro da escola para explicar para as crianças saberem esta história da aldeia como esta aldeia mudou para o nome Urubu.

Trabalho orientado pelo professor Felipe Garcia

Fundação da Aldeia Ywawká

Eliano dos Santos Iaparrá,
morador da aldeia Curipi
(Terra Indígena Uaçá), indígena Karipuna

Eu fiz meu trabalho sobre a fundação da aldeia Ywawká. O meu objetivo era saber que ano foi fundada a aldeia, por que eles foram morar na BR 156 e o que mudou até os dias de hoje. Para isso fui entrevistar os moradores da aldeia, falar com as pessoas mais velhas, perguntar como era antes. A aldeia Ywawká é uma aldeia do povo Palikur e fica localizada na BR156. Eu cheguei na aldeia Ywawká em 2014, eu casei na aldeia, foi por isso que eu cheguei nessa aldeia e também estou nesse curso de formação porque o cacique e a comunidade me escolheram. Morei 3 anos na aldeia Ywawká, depois voltei para a minha aldeia Curipi. Esse trabalho também é para saber como as pessoas ocuparam a BR156, como nós indígenas cuidamos do nosso território. Como nós indígenas nos preocupamos com nosso território, principalmente devido a BR156 passar dentro da nossa Terra Indígena Uaçá. Foi por isso que surgiram as aldeias da BR156, para poder fiscalizar, fazer o monitoramento e proteger nossos recursos naturais.

A HISTÓRIA DA ALDEIA YWAWKÁ

Na rodovia BR 156, que cruza a Terra Indígena Uaçá, no município do Oiapoque (Amapá), estão localizadas treze aldeias que são: Kuahi, Tuluhi, Palha, Piquiá, Curipi, Kariá, Ahumã, Estrela, Ykawakun, Ywawká, Samaúma, Tukay e Anawerá. Nessas aldeias moram de três povos diferentes, Karipuna, Palikur e Galibi Marworno.

A aldeia Ywawká foi fundada em 1998. Na entrevista que fiz com o cacique da Aldeia Ywawká, ele contou que foi em 1998 que um grupo de cinco pessoas do povo Palikur foram fazer a limpeza do marco da demarcação no 102 km da BR156, onde fica a aldeia Anawerá. No retorno da limpeza decidiram vir por outro caminho até chegar na estrada da BR 156. Então eles acharam o lugar muito bonito e decidiram fazer uma roça, e no ano de 1999 se mudaram da aldeia Kumenê para morar na aldeia Ywawká. Nesse tempo eram seis famílias, então cada família fez suas roças.

Nesse tempo tinha muita caça, as pessoas não precisavam ir muito longe para conseguir seus alimentos e nas suas roças também plantavam seus alimentos, como a mandioca, cana-de-açúcar, cará, abacaxi, banana, macaxeira e outros tipos de alimentos. Além de fazer suas roças e plantar, também produziam grandes quantidades de artesanato, que eram a sua grande fonte de renda. Então a partir do ano 2000, a aldeia foi crescendo e chegaram mais famílias, outras pessoas casaram e no dia de hoje, moram onze famílias na aldeia. Eles continuam fazendo suas roças, sempre plantando seus produtos, e nos dias de hoje eles vendem artesanato, farinha, banana, cará e outros tipos de produtos na cidade do Oiapoque. Esses produtos que são sua fonte de renda.

O NOME YWAWKÁ

Eu entrevistei o meu colega, Edivaldo Labontê, pois eu queria saber por que deram esse nome para a aldeia Ywawká. Ele me disse que Ywawka significa "rápido, fazer algo rápido". Explicou que quando as pessoas chegaram nesse lugar já era tarde, então tinham que fazer rápido seu barraco antes da noite chegar, e por isso que o nome da aldeia é Ywawká.

A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO DA BR156

Entrevistei o Sr. Domingos Santa Rosa, técnico da FUNAI e indígena Galibi Marworno, sobre a história de ocupação da BR156. Ele relatou que a ocupação da BR156 aconteceu nos anos oitenta, logo depois da primeira negociação que houve para determinar o limite da Terra Indígena, porque o Amapá naquela época ainda era Território da União. Eles precisavam definir junto com o governo federal sobre o limite da Terra Indígena, por causa da BR 156 que vinha de Macapá para Oiapoque. Essa negociação começou ainda nos anos setenta e quando foi no início dos anos 80, através de duas grandes reuniões entre indígenas e o governo, eles definiram que a área indígena ficasse de limite com a BR 156 e que a BR deveria passar do lado da área indígena.

Vindo de Macapá para Oiapoque, do quilometro 102km até o quilometro 64 a Terra Indígena está dos dois lados da estrada. A partir do quilometro 64 do lado esquerdo tem fazendas de não indígenas e do lado direito da BR156 é Terra Indígena Uaçá, dessa forma, que foi negociado. Mas com passar do tempo, as lideranças perceberam que com esse acordo os povos indígenas iriam perder muito com isso, porque a parte mais importante ficava fora da Terra Indígena: as nascentes dos três rios que entram na TI, os rios Uaçá, Urukauá e Curipi.

Então, veio uma nova negociação e depois definiram que o governo daria uma compensação para os indígenas construir o Posto de Vigilância na BR 156, doou um caminhão e doou 5 quilômetros de terra ao sul da TI Uaçá, para ser anexada na Terra Indígena. Nesse tempo, tinham dois postos de fiscalização, um era no quilometro 90 onde hoje é a Aldeia Tukay, e outro no quilometro 70 onde hoje é a Aldeia Estrela. Isso nos anos oitenta. Depois, com a vinda da BR, as comunidades começaram a discutir a pressão que a estrada ia trazer sobre as Terras Indígenas, em relação a garimpo, extração ilegal de madeira, passagem de pessoas, fluxo de carros, tudo isso ia aumentar muito. Então, veio o pessoal da Aldeia de Kumarumã morar na Aldeia Tukay. Aconteceu a mesma coisa na Aldeia Estrela, veio gente de Santa Isabel morar ali e então as margens da BR já ficaram mais ou menos povoadas.

Com o passar do tempo, os caciques continuaram a se preocupar com a passagem da BR, e começaram a discutir nas assembleias a criação de novas aldeias, foi então que Raimundo Iaparra decidiu fundar a Aldeia Piquiá, e o Cacique Boliviano decidiu fundar a Aldeia Curipi. Assim foram surgindo as aldeias da BR, para tornar mais segura a BR, evitar invasão de caça e de pesca. O povo Palikur também decidiu mandar uma família para morar na BR, que foi a família de seu Roberto Ioio que foram morar no quilometro 80, que hoje é a aldeia Ywawka.

Depois de algum tempo, veio o projeto de asfaltamento da BR 156, em 2004 e 2005, começaram a discutir o asfaltamento da BR e foi feito um novo estudo porque o asfaltamento ia trazer outros impactos, então resolveram construir mais uma aldeia, que é a aldeia Anawerá, bem no limite do quilometro 102 com o recurso da compensação. Além disso, o projeto previa a realocação e construção de seis aldeias, para ficarem mais distantes da rodovia. Porém, até hoje, esse processo não foi finalizado.

No ano de 2011, foi criado o Comitê Gestor do Componente Indígena da BR156 (COGEPI), um comitê que reunia membros indígenas e do governo, para discutir a compensação e as medidas preventivas para o asfaltamento da BR 156. O COGEPI continua atuando até os dias de hoje, pois ainda não foi finalizado o processo de realocação das aldeias e de implementação do Componente Indígena do licenciamento Ambiental. Então foi assim que aconteceu a ocupação da BR 156, para a proteção da Terra Indígena, porque se não tivesse ocupado a BR hoje ela estava invadida, muita gente ia entrar para caçar, pescar, tirar madeira e até construir casas.

O ANTES E O AGORA NA ALDEIA YWAWKÁ

No passado as coisas eram diferentes, tudo era mais tranquilo, era de acordo com suas cultura e costumes, antes as pessoas consumiam só produtos naturais, e nos dias de hoje já consomem alguns produtos industrializados, porque ficamos bem perto da cidade. E hoje em dia estão vindo os grandes empreendimentos como hidrelétricas e plataformas de petróleo, que podem nos afetar. Também existe a intenção do governo de acabar com as Terras Indígenas, desrespeitar nossos direitos, então tudo isso está acontecendo nos dias de hoje.

VISITA DOS AGENTES AMBIENTAIS À ALDEIA YWAWKÁ

Em julho de 2018 nós Agamin fizemos uma visita na Aldeia Ywawká, para fazer uma palestra com a comunidade, a respeito do nosso trabalho, e também

sobre Resíduos Sólidos, para ver a situação do lixo na comunidade. Nessa palestra falamos qual era o nosso objetivo, e pedimos autorização do cacique para fazer um levantamento sobre resíduos sólidos na comunidade. Com a sua autorização, fizemos o trabalho e vimos que tinha vários tipos de resíduos jogados na comunidade. Depois falamos para eles não jogar o lixo em qualquer lugar porque é muito perigoso, o lixo pode causar várias doenças e pode prejudicar a natureza. Mas nós não fomos só falar do problema, mas também propor soluções para o problema. Falamos para a comunidade não misturar o lixo, como garrafas pet, garrafa de vidro, sacos plásticos, borrachas, ferro e outros. E colocar cada um num saco, e tipo de resíduos como, garrafas de vidro, alumínio dar para vender.

Conclusão

Esse trabalho foi muito bom para mim, antes de acontecer esse curso, eu não sabia dessas coisas. Com esse trabalho eu aprendi muito, principalmente como fazer uma pesquisa, como conversar com as pessoas para buscar informações. Quando a agente busca informações das pessoas, a gente descobre muitas coisas. Então esse trabalho que eu fiz era buscar essas informações sobre a Aldeia Ywawká.

Com essa pesquisa, eu pude falar com as pessoas mais velhas, perguntar em que ano a aldeia começou e as diferenças que existem nos dias de hoje. Através do trabalho, encontrei informações do passado e até os dias de hoje, e é muito importante fazer isso. As pessoas da comunidade podem observar esse trabalho e aprender, como por exemplo, tem coisas que faziam no passado e hoje não fazem mais, então eles podem resgatar essas coisas do passado, para não perder seus costumes e também ver essas diferenças do passado até os dias de hoje.

Trabalho orientado pelo professor Felipe Garcia

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE MANEJO

Pesquisa sobre a caça na região Uaçá

Sidelvan Monteiro dos Santos, indígena Galibi Marworno, mora na aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Eu me interessei em aprofundar meus estudos sobre a caça, pesquisando e fazendo monitoramento sobre quais animais são mais consumidos nas aldeias hoje. Acho muito importante fazer essa pesquisa e comparar o que se caça hoje com o que era caçado no passado dentro da região Uaçá, a partir das lembranças dos mais velhos, pois eles guardam muitas coisas dentro do seu mundo de conhecimento e podem nos ajudar a entender as mudanças. Eu escolhi esse trabalho de pesquisa, porque a caça é uma atividade importante para a nossa subsistência e que precisa ser mantida no futuro. Os resultados podem ajudar a comunidade, os professores e alunos a refletirem sobre como usamos os animais e outros recursos naturais que têm dentro da nossa terra indígena. Se os seres vivos, a fauna e a flora estão bem, nós também estaremos bem, com uma vida melhor.

Me preocupo porque hoje a população está crescendo e aumentando cada vez mais e, por isso nós temos que cuidar da forma como consumimos os animais de caça, fazer com cuidado e não depender somente desses animais na nossa alimentação. Por exemplo, hoje usamos espingardas, o que não usávamos no passado. Isso pode aumentar o número animais que matamos, e se matamos muito, depois de algum tempo, pode causar diminuição e talvez até acabar com algumas espécies que fazem parte da nossa alimentação. Hoje percebemos que caçar está ficando mais difícil, pois a caça está mais longe. Eu também quis saber quais os tipos de caça estamos consumindo mais hoje, para comparar com os relatos dos mais velhos sobre a caça do passado e avaliar se houve mudanças.

Em 2019, eu entrevistei 22 caçadores. Escolhi dias em que as pessoas não estavam ocupadas e em lugares onde eles se sentiam bem para falar sobre esse assunto. Eu expliquei para eles que isto era uma pesquisa dos Agamin, dentro do curso de formação e da importância desse trabalho, para saber quais espécies eram consumidas. Além disso, eu entrevistei algumas pessoas mais velhas das aldeias para aprender e adquirir os conhecimentos deles. As entrevistas tinham as seguintes questões:

a) Os nomes dos locais das caçadas;

b) Que tipo de ambiente se localizavam esses locais (montanha, terra firme, ilha, igarapé etc);

c) Quais espécies havia caçado;

d) Qual o tamanho (adulto, médio ou pequeno);

e) Se era macho ou fêmea.

COMO ERAM AS CAÇAS NO PASSADO

Segundo o conhecimento do senhor Manuel Azimiro Charles, morador da aldeia Kumarumã de 67 anos, ele disse: "*quando eu era jovem, tinha muita caça bem perto e por todas partes das ilhas*". Naquele tempo a população Galibi Marworno era menor, as casas eram espalhadas e eles moravam bem distantes uns dos outros, nos seus terrenos, que hoje se tornaram aldeias novamente. As pessoas não precisavam sair longe da casa para caçar, pois os animais ficavam próximos. Neste tempo, o porcão (queixada) era uma das caças mais comuns e as pessoas matavam somente para o consumo da família, não havia venda e a caça grande era dividida entre as pessoas. Os animais de caça não gostam de muito barulho. No passado não tinha muita derrubada para fazer roças e tinha muitas árvores frutíferas e quando o caçador saía para caçar ele encontrava todo tipo de caça, tanto de dia quanto de noite, e em qualquer estação, seja no inverno ou verão.

COMO SE CAÇAVA NAQUELE TEMPO

O povo Galibi Marworno gosta muito de caçar, e no passado caçavam principalmente quando tinha uma festividade dentro da comunidade, como a festa da santa padroeira ou a dança tradicional. Nessas ocasiões as pessoas caçavam muito, saindo com 5 a 10 canoas. Eles não demoravam nem dois dias para voltar trazendo muita caça como: macaco prego, cuamba, guariba, porco do mato, paca, cutia, jacamim, mutum, antas, caititu e outros. Naquele tempo nem todo mundo tinha arma de fogo, pois era caro e eles não tinham condições de comprar, então emprestavam uns dos outros. Também eram só os adultos que podiam pegar em espingardas. E eram só os homens que iam caçar.

COMO ESTÃO AS CAÇAS NOS DIAS DE HOJE

Hoje a população cresceu muito e tem algumas mudanças dentro da nossa região. Houve inclusive a fundação de novas aldeias. Isto acontece porque as famílias cresceram muito e algumas aldeias ficaram muito grandes, como é o caso da Aldeia Kumarumã, que tem mais de 2000 pessoas. Os locais de caça mudaram muito, pois o barulho nas aldeias vem aumentando cada vez mais e os animais não gostam. A mata e as florestas que estavam mais perto foram sendo derrubadas para o plantio das roças e, por isso, as caças também começaram a mudar de local indo para as cabeceiras dos rios, igarapés ou nas montanhas para a buscar seu alimento. As matas que eram mais próximas das aldeias se tornaram capoeiras e atraíram espécies que gostam de capoeira como cutia, tatu, veado vermelho, veado branco, jabuti, macaco da noite, paca. Já as espécies como macaco prego, guariba, cuamba, mutum, jacamim são mais encontrados em grandes florestas na terra firme ou nas montanhas. Também o jacaré da pedra fica no igarapé onde tem área pedras. Assim o caçador precisa de dois a três dias para caçá-los. Hoje também se vende caça nas aldeias. O preço do quilo de caça é uma norma interna dentro da comunidade e as pessoas que vendem tem que seguir. O objetivo é manter o preço baixo para as pessoas não venderem muito.

A caça que é mais difícil de encontrar hoje na região é o porco do mato. É um animal que pode ser encontrado, mas em lugares mais distantes, que pode ser na terra firme ou nas montanhas onde pode ser esconder e onde não tem muito barulho. Segundo ainda os relatos do senhor Manoel Azimiro o porco do mato tem o "seu dono". Os donos dos animais protegem eles. No passado tinha muitos porcos do mato na região, mas devido ao crescimento da população, as pessoas mataram muitos porcos do mato. Por causa disso o "dono" cerca eles para proteger e eles ficam presos e mais difíceis de serem encontrados. O porco do mato é um tipo de animal que não gosta de barulho e hoje na região do Rio Uaçá o barulho aumentou muito devido aos motores de popa, máquina "catitu" de ralar mandioca, as motosserras e gerador de energia das novas aldeias. Por causa disso a "mãe" e o "dono" dos porcos do mato os levaram para bem longe. Os porcos do mato também não gostam do cheiro das queimadas no campo, o que acaba levando os animais para bem longe.

RESULTADOS DA PESQUISA COLETIVA DOS AGAMIN SOBRE CAÇA NAS ALDEIAS KUMARUMÃ E ARUATU ENTRE SETEMBRO E DEZEMBRO DE 2017

A seguir apresento o resultado da pesquisa coletiva entre os Agamin da região do Rio Uaçá, nas aldeias Aruatu e Kumarumã. Foram feitas 53 entrevistas com caçadores e foi registrado um total de 89 animais caçados. Como podemos observar na tabela, os animais mais caçados foram: paca, macaco prego e veado vermelho. E foram caçados mais machos do que fêmeas dessas espécies. Essa pesquisa foi feita na estação seca.

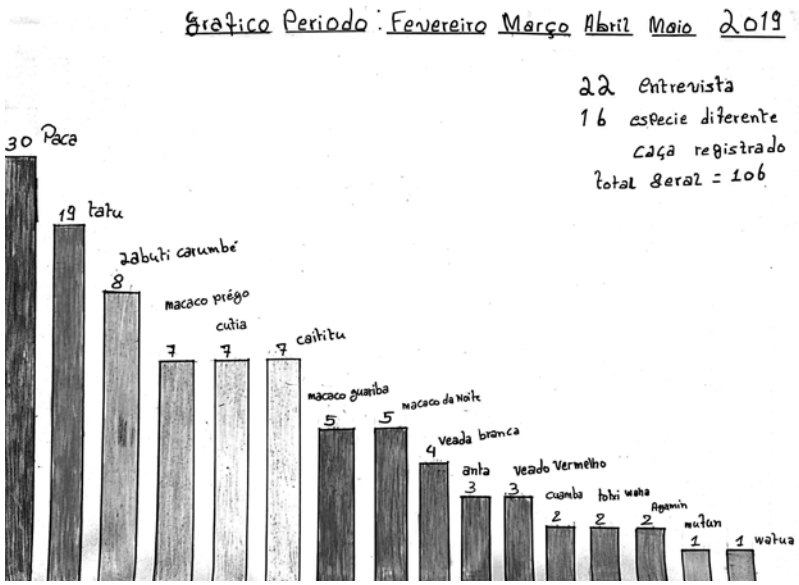
Tabela 1: Resultado da pesquisa coletiva dos Agamin do Rio Uaçá de setembro a dezembro de 2017.
Autor: Sidelvan Monteiro, 2019

CAÇA	Macho/Fêmea	Kumarumã	Aruatu	Total
Número de entrevistas		48	4	52
Anta	Macho	1		1
Anta	Fêmea	1		1
Camaleão	Fêmea	2		2
Catitu	Macho	3		3
Catitu	Fêmea	7		7
Cotia	Macho	3		3
Cotia	Fêmea	2		2
Guariba	Macho	3		3
Guariba	Fêmea	4		4
Jacamin	Fêmea	1		1
Jacupeu	Fêmea	1		1
Macaco prego	Macho	12		12
Macaco prego	Fêmea	4		4
Macaco da noite	Fêmea	1		1
Mutum	Fêmea	1		1
Paca	Macho	14	1	15
Paca	Fêmea	3	1	4
Porcão	Macho	1		1
Tatu	Macho	5		5
Tatu	Fêmea	1		1
Veado branco	Macho	1	1	2
Veado branco	Fêmea	1		1
Veado vermelho	Macho	10	1	11
Veado vermelho	Fêmea	3		3
Total		85	4	89

RESULTADOS DA PESQUISA DE CAÇA NAS ALDEIAS KUMARUMÃ E ARUATU NO PERÍODO ENTRE FEVEREIRO E MAIO DE 2019

Foram caçadas 16 espécies diferentes nos meses da pesquisa, num total de 106 indivíduos (gráfico 2). As espécies mais caçadas foram paca e tatu. Quatro tipos diferentes de macacos foram caçados nessas duas aldeias. Caititu, veado vermelho, veado branco, anta, além de duas espécies de jabuti também foram caçados. Foram caçadas poucas aves, sendo somente um mutum e dois jacamins. Nenhum porco do mato foi caçado no período da pesquisa. Espingardas foram usadas em todas as caçadas. Os locais onde estas espécies foram caçadas se chama chamam: *Were, Khik ahumã, Puen huku, Ghãkhik, Zile kwata, Zile Batõzê, Tawenê, Puen baj, Arãpuk e Tapamuru* na nossa língua *Kheuol*. Todos esses lugares de caça ficam distantes das aldeias.

Gráfico 1: Espécies caçadas no período entre fevereiro e maio de 2019
Autor: Sidelvan Monteiro, 2019



Conclusão

Essa pesquisa me mostrou muitas informações importantes sobre os animais caçados, e também aprendi um pouco de quais eram as caças no passado e como se caçava naquele tempo. Aprendi com minha pesquisa que hoje todos os caçadores usam espingarda e tem que caçar em locais distantes para encontrar animais. Nenhuma das caçadas foram feitas em locais próximos.

Uma outra diferença é que, pelos relatos do senhor Manoel, os porcos do mato eram comuns, mas durante a pesquisa os caçadores entrevistados relataram que não mataram nenhum. Eu também fiquei surpreso de saber que comíamos muitos tipos de macacos. Eu também esperava que mais aves fossem caçadas, mas não foi isso que a minha pesquisa mostrou.

Os resultados da pesquisa mostraram como é importante saber sobre a caça e quais os animais que são importantes na nossa alimentação. Além disso, saber que as caças só estão sendo encontradas em locais distantes já avisa que está difícil de caçar próximo às aldeias e as pessoas precisam então de mais combustível, transporte para poder caçar mais longe, além de precisar também comprar munição. Eu acho também que essa dificuldade de achar caça próxima à Aldeia Kumarumã, ocorre devido a que a aldeia é muito grande, com muito barulho e muitas pessoas que precisam comer.

Achei de suma importância fazer essa pesquisa porque com o passar do tempo, como disseram os mais velhos nas entrevistas, o mundo está mudando muito, mas a caça ainda faz parte da nossa alimentação no dia a dia dentro das comunidades indígenas e precisamos saber o que acontece para poder pensar em como resolver os problemas da caça. Nós dependemos dos recursos naturais de dentro da terra indígena. Este trabalho me fez pensar muito sobre o cuidado que temos que ter com a nossa terra, pois dentro dela tem vários tipos de seres vivos e um ambiente de muitas riquezas tanto da fauna como da flora com árvores nativas, plantas medicinais, frutas, todas elas que também dependem desse ambiente saudável, assim como nós, seres humanos, que também convivemos junto com elas e dependemos delas para viver.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Pesquisa sobre a pesca na região do Rio Uaçá

Egson Monteiro Clarindo, indígena Galibi Marworno, nasceu na Aldeia Kumarumã e mora na Aldeia Flamã, no Rio Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

Os Agamin fizeram uma pesquisa ampla sobre alimentação, caça e pesca entre os meses de agosto a dezembro de 2017 (estação seca) e março a junho de 2018 (estação chuvosa). Eu escolhi o tema da pesca para o meu trabalho e estendi as pesquisas para incluir o período chuvoso de fevereiro a maio de 2019. A pesquisa foi feita através de entrevistas com os pescadores da Aldeia Kumarumã, uma aldeia grande com aproximadamente 2000 pessoas. Nós elaboramos as perguntas das entrevistas durante o curso. As perguntas eram: a) Onde pescou?; b) Quando foi pescar?; c) Quantas pessoas pescaram?; d) O local onde pescava?.

Eu analisei 84 entrevistas na estação seca de 2017, 15 na estação chuvosa de 2018 e 12 na estação chuvosa de 2019. As entrevistas eram feitas com os pescadores quando eles voltavam das pescarias. Entrevistei também um senhor de 67 anos da aldeia Kumarumã, sobre como era pesca no passado, no tempo que ele era jovem e o que mudou no dia de hoje.

Essa descrição da pesca é importante para os indígenas saberem, quais peixes são importantes na nossa alimentação, se mudam dependendo da estação e se mudou muito em relação ao que os nossos avós pescavam. Podemos saber quais tipos são mais consumidos ou mais pescados na Aldeia Kumarumã, na região do Rio Uaçá; que tipo de material de pesca eles usam. Com a pesquisa, podemos saber se os peixes estão aumentando ou diminuindo, se tinha mais peixe no passado que agora, se houve mudança na diversidade e quantidade dos peixes. Podemos pensar sobre os motivos das mudanças que podem ser: o aumento da população da aldeia, que precisa comer mais, ou se estamos usando muitas malhadeiras ou até mudanças no clima, que podem diminuir as quantidades.

COMO A PESCA ERA ANTES E COMO É HOJE

Segundo o senhor Manoel Azimiro Charles, Galibi Marworno de 67 anos morador antigo da aldeia Kumarumã, ele já pescava desde seus 12 anos. Disse que não precisava sair muito longe para pescar, bem na frente da aldeia já era suficiente. Nesse tempo só pescava para o consumo, vendia ou trocava por farinha, mas não com frequência, pois não tinha muitas pessoas que compravam como hoje. Ele disse que matava de 10 a 50 tucunarés de 2 a 3 kg. Ele matava esses tucunarés de arco e flecha entre a antiga Base Militar do Suraimon até onde hoje é a aldeia Manaú. Segundo ele, os peixes não acabam, eles fogem para outros lugares, "*quando é a época da cheia, os peixes* vão e quando dá a seca*, eles não vão voltar mais para o rio, eles ficam nos lagos*", disse ele. Os peixes fogem por causa do barulho do motor de popa e também das malhadeiras que são proibidas, mas tem algumas pessoas que pescam escondido. No inverno de 2018 (março a junho) não deu muito peixe, porque a água encheu rápido. Já nesse ano de 2019 a água ficou parada e deu muita piranha grande, enquanto no ano de 2018 só deu piranha pequena. De lá para cá ele viu como o tempo muda, hoje tem muitos peixes, mas são pequenos, e não como aqueles que eles matavam quando ele era jovem, "*Hoje tucunaré não chega ao tamanho como eu via*".

Hoje existem momentos para pescar, a hora e o tempo que eles vão pegar. Antes era qualquer hora. No passado também tinha mais peixes, não chega ao número de hoje. O tempo vai mudando e os peixes também mudam. A população indígena vem aumentando, os peixes morrem mais, aquele que sobrevive busca uma saída, ele não vai poder ficar mais neste lugar, eles ficam com medo, saem, vão para outro lugar, aonde as pessoas não chegam. Segundo ele "*onde os tracajás ficam esquentando em cima das árvores, se uma pessoa for atirar, o tracajá não vai mais aparecer neste lugar, ele vai para outro lugar e é assim que vão desaparecendo os tracajás.*"

ÁREAS DE PESCA DA ALDEIA KUMARUMÃ

A partir das fichas de levantamento de pesca, analisei quais eram os locais mais pescados e situei no mapa da região do Rio Uaçá, conforme pode se observar a seguir. Elaborei dois mapas, o primeiro referente a estação chuvosa de 2018 e o segundo mapa apresenta os dados dos locais de pesca da estação chuvosa de 2019.

Figura 1: Mapa dos locais de pesca, resultado da pesquisa na estação chuvosa de 2018
Autor: Egson Monteiro Clarindo, 2018

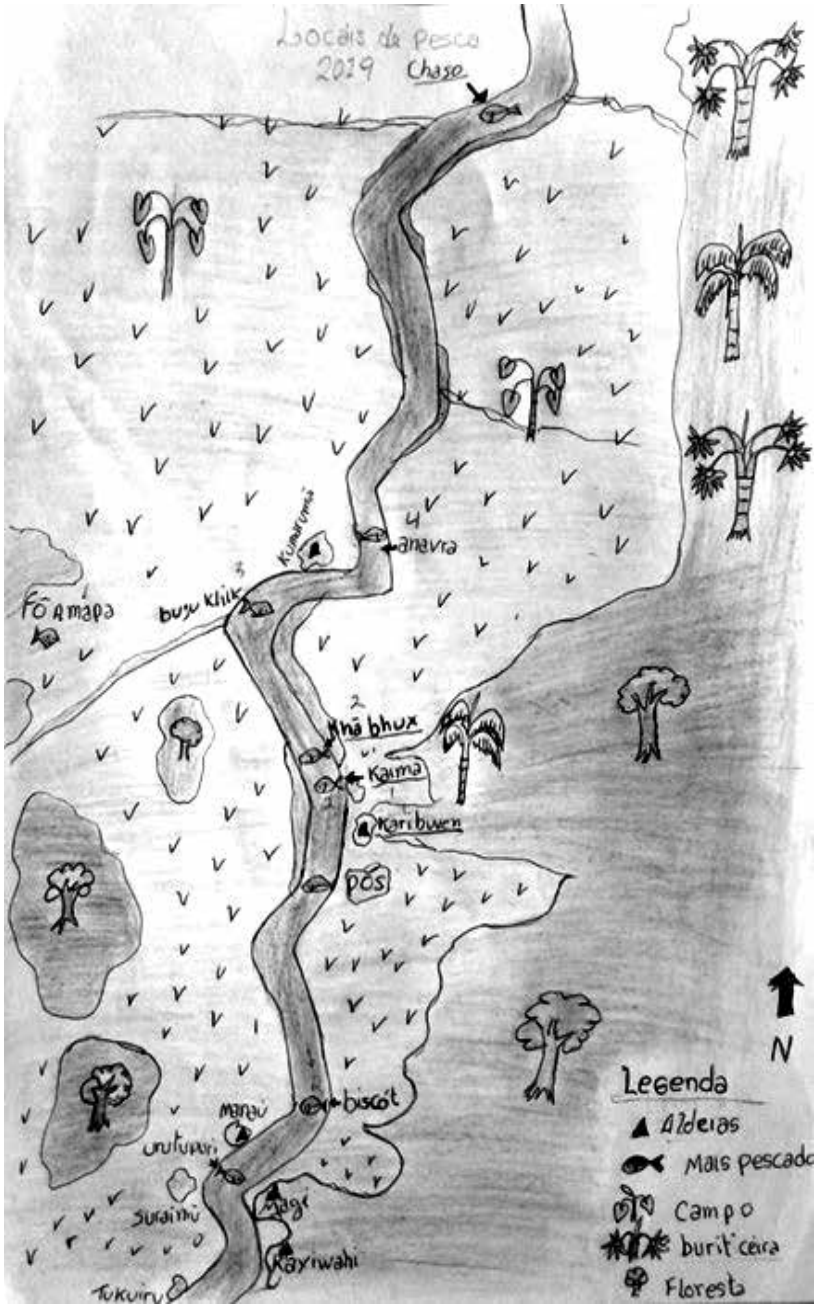


Figura 2: Locais de pesca da pesquisa realizada na estação chuvosa de 2019
Autor: Egson Monteiro Clarindo, 2019

O QUE PESCAMOS?

Pescamos vários tipos de peixe que tem em nosso rio como: tucunaré, piranha, mafurá, dãxẽ, topoio, acará cascudo, mandi, surubim, acará porco, jiju, jacundá, piranha amarela, apaiari, acará tarrafa, acará barbalho, jacaré, tracajás etc. Pescamos de várias maneiras dependendo da hora do dia ou de cada estação. Para cada momento, tem um jeito de se pescar os peixes. Por exemplo, tem peixes que aparecem nas pescarias tanto no verão como no inverno como é o caso das piranhas, tucunarés, acarás pretos. As iscas mudam com estação do ano. Na estação chuvosa só conseguimos pescar piranha se usarmos isca de *poraquê* ou do pássaro *sassá,* enquanto na seca pode-se usar qualquer isca.

Cada tipo de peixe sabe como que o tempo muda. Eles sabem quando é época da chuva, da seca, quando tem frutas. Eles não vão sem saber para onde ir, mas sim vão atrás das frutas sabendo quando elas caem. Do mesmo jeito, nós também sabemos o momento que cada tipo de peixe aparece, os lugares que têm mais comida para eles, como é o caso do matupiri, camarão, frutas como jenipapo, açaí. Eles vão atrás dessas comidas para se alimentar, e nós vamos atrás deles para pescar. Eles precisam dessas frutas e nós precisamos deles para nos alimentarmos. Nós temos as regras de pesca para o pirarucu e tracajá, e tem épocas que eles não estão disponíveis para pesca.

COMO PESCAMOS?

Pescamos com vários tipos de instrumentos de pesca, como caniço, linha de mão, zagaia, arco e flecha e dois tipos de arpão, arpão de pirarucu e jacaré, e um de tracajá que é (tapoá) e sararak que é uma fecha para pescar tracajá. Todas essas ferramentas têm momento ou local certo de usar elas, de acordo com as estações. Conhecemos várias técnicas de pesca de acordo com as mudanças ao longo do ano: no verão quando é o começo da seca tem muitos peixes, e você pode pescar com qualquer instrumento. Quando o rio está muito seco para pescar tucunaré se pesca com caniço e isca viva, como *Waxupaio* (acará barbalo) e *Lavuel bato* (acará barbelo) e outros peixinhos. Tem que sair as 3 horas de madrugada para pegar a isca do tucunaré, ter uma velocidade de remar, para que o tucunaré tenha tempo de ver a isca, pois se for muito rápido ele não vai ver e se for muito devagar ele vai desconfiar. Usa-se um caniço bem grande, para poder chegar lá no fundo. Com o passar do tempo os peixes aprendem a desconfiar da isca e as pessoas precisam procurar outra forma, outra isca, para pescar. Tudo isso é para a nossa sobrevivência. A gente vai buscando, cada vez mais, outros jeitos de pescar, mas isso é de hoje. No passado não tinha isso, a pesca era simples e não tinha complicação, porque tinha bastante peixe, de qualquer jeito você puxava qualquer tipo de peixe.

QUANDO PESCAMOS?

Pescamos no verão e inverno, de madrugada, de noite, de dia. As pessoas têm um costume de lanternar usando zagaia de 18 às 20 horas da noite para a janta. Entre 2 e 5 horas da madrugada vão lanternar e pescar para ter comida no almoço. Têm pessoas que pescam das 3 às 4 horas da manhã para matar a isca e começar a pescar as 5 horas da manhã. As pessoas dizem que quando você pesca cedo "puxa" mais peixe, porque o tempo é frio e calmo. Quando é de dia, o sol é muito quente e os peixes vão pra sombra, embaixo dos barrancos, embaixo das árvores onde é profundo. Os peixes maiores vão todos para o fundo, ficando só os menores em cima. As pessoas às vezes precisam pescar cedo por causa de outro trabalho.

ONDE PESCAMOS?

Pescamos nos lagos, rios, campos alagados, igarapé, no *pinotxe,* perto das ilhas, nos aningais, nos igapós, *piésbuá*, araparizal e regiões alagadas, mas depende das estações do ano. Quando é no verão só pescamos no rio.

Durante o inverno podemos pescar em vários lugares dependendo do nível da água. Quando a água começa a encher pescamos ainda no rio, quando água está bem grande e chega por toda parte, você pode pescar onde você quiser. Na época do inverno o momento é de pescar jacaré tinga que fica nos lagos, e do tracajá também, pescamos no campo nos *piésbuá*, *pinotxe*, perto das ilhas que são lugares que os peixes gostam de ficar porque tem comida, além de oferecerem sombra para eles também.

NOSSO MANEJO

As regras de manejo que tem na região do Rio Uaçá são de não matar pirarucus e tracajás no momento da desova. Esta regra foi definida quando os indígenas perceberam que o pirarucu e os tracajás estavam diminuindo. Por isso resolveram colocar uma regra proibindo a pesca do pirarucu de janeiro a junho. Neste período não se pesca pirarucu, mas pode pescar tracajá. Nos meses de julho a dezembro não pode pegar o tracajá, mas já se pode pescar pirarucu. Esta regra é para nós conservarmos e usarmos de uma forma sustentável para não destruir para que nós possamos continuar comendo essas espécies futuramente.

MUDANÇAS DE ESTAÇÃO

Os peixes mudam com a mudança das estações. Quando o verão vai passar para o inverno, os peixes do rio dão um sinal, vão mudando de cor como, por exemplo, a piranha, tucunaré e outros. No caso da piranha ela vai ficar preta cheia de ovos na barriga, o tucunaré vai ficar bem amarelo também cheio de ovos. Outras espécies de peixes também vão estar cheias de ovos. Tem pássaros que cantam quando o inverno está perto, chamando a chuva. Ele é conhecido na língua kheuól como *kuraxue*. Os peixes já estão prevendo o inverno quando a chuva vai cair, pois mudam de cor. Quando uma pessoa vai pescar se puxa um peixe com a cor diferente então ele já sabe que vai chover, mesmo antes do inverno começar. É um sinal de que a hora do inverno está chegando. Durante o verão os peixes não desovam. Eles esperam a chuva cair para desovar, quando a água fica grande para eles entrarem com seus filhotes no campo. Depois que água fica grande os peixes voltam à cor normal. Quando vai chegar o verão os peixes vão se aproximar do rio, pois o campo também fica seco e a água vai ficar quente. Há também alguns bichinhos que vão dar o sinal da chegada do verão, uma lagartixa chamada *Taritarina* na língua kheuól e um besourinho *Riuriu*. Eles gritam ou cantam no começo do verão e as pessoas então sabem que o verão está começando (mês de julho) e quando é o momento da roça também. O mês de julho quando começa, dá muito peixe porque eles estão saindo do campo para os rios. Eles fazem o caminho inverso para os lagos no começo das chuvas, ficando nas bocas dos igarapés prontos pra subir como faz a traíra, o jejú, o tamoatá, seguidos pelos carás e tucunarés quando água já tiver crescido um pouco.

AS ESPÉCIES MAIS IMPORTANTES

Durante a estação seca de 2017 foram pescados 15 tipos de peixes, além de dois tipos de jacarés. Conforme pode se observar no gráfico a seguir, o tucunaré foi o peixe mais pescado, seguido de piranha vermelha, dãxe (uel) e traíra. Este gráfico demonstra o resultado da pesquisa coletiva realizada pelos dez agentes ambientais indígenas da região do Rio Uaçá.

Figura 9: Gráfico com o resultado do levantamento de pesca na região do Rio Uaçá em 2017.
Autor: Grupo Agamin Rio Uaçá, 2018.

Já na estação chuvosa, realizei a pesquisa individualmente no ano de 2018 e 2019. Abaixo, apresento o gráfico com o resultado do levantamento de pesca realizado no período de fevereiro a maio de 2018, na Aldeia Kumarumã.

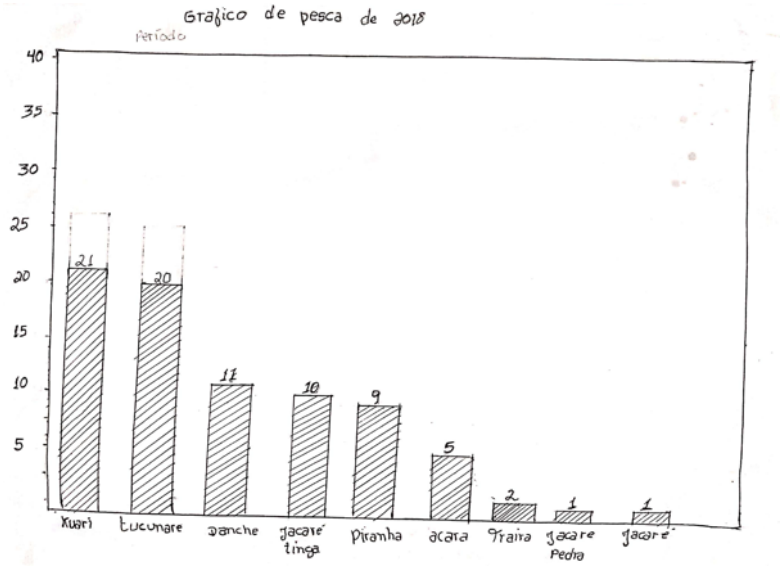


Figura 104: Gráfico com o resultado do levantamento de pesca na região do Rio Uaçá em 2018. **Autor**: Egson Monteiro Clarindo, 2019

Como podemos observar no gráfico, neste período os peixes mais pescados foram kuahi e tucunaré. Observa-se também uma quantidade significante de jacarés que foram capturados, isso ocorre porque na época chuvosa é mais difícil para pescar e a captura de jacarés é maior.

Abaixo, apresento o terceiro gráfico, com o levantamento de pesca realizado em 2019, no período de fevereiro a maio, com 12 entrevistas com pescadores.

Figura 15: Gráfico com o resultado do levantamento de pesca na Aldeia Kumarumã de fevereiro a maio de 2019.
Autor: Egson Monteiro Clarindo, 2019

Neste período, o peixe mais pescado foi a piranha, seguido pelo tucunaré, acará porco e acará preto. Isso ocorreu porque esse ano a chuva foi diferente. Parou de chover de fevereiro a abril, fazendo com que o rio não subisse tanto, como de costume.

Conclusão

Durante esse trabalho, eu aprendi muitas coisas. No caso da pesca, percebi como ela muda de um ano para o outro, a quantidade, os tipos de peixes e os lugares de pesca. Também percebi que cada pescador tem certos lugares de pesca que frequenta mais que outros, e isso mudou do passado para hoje também.

Esse trabalho é muito importante porque a pesca faz parte da nossa vida e da nossa alimentação no dia a dia. A gente tem que analisar o resultado da pesquisa para poder repassar para as comunidades: se o resultado for muito baixo a cada ano e percebermos que algumas espécies de peixes estão diminuindo, precisamos fazer algum tipo de acordo ou ação para evitar que isso aconteça. O resultado desse trabalho também serve como uma fonte de pesquisa para as pessoas, para saberem onde tinha mais peixe ou se ainda tem nesses locais. Principalmente para as crianças saberem onde são os principais locais de pesca de hoje, pois não sabemos se no futuro ainda haverá muitos peixes nestes locais. Quando eles analisarem essa pesquisa no futuro, vão descobrir os locais da pescaria no passado e qual o efeito dos peixes estarem sumindo. Conforme aprendi com o Senhor Manoel Azemiro Chaves, o aumento do uso do motor de popa hoje nas aldeias faz com que os peixes, tracajás e outros animais se afastem cada vez mais.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

O manejo do *mewka* no Urukawá

Geô Ioio, indígena Palikur. Mora na Aldeia Kumenê, TI Uaçá. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Eu comecei minha formação como Agente Ambiental Indígena (Agamin) em 2003, aprendendo sobre três assuntos principais: produção de mel de abelhas nativas, manejo de andiroba e o manejo do *mewká* (tracajá), que é um assunto que me interessa muito. Eu comecei a fazer este manejo em 2003 porque antigamente tinha muito *mewká*, na nossa região, mas eles começaram a diminuir e queríamos que não desaparecessem. Para esse trabalho eu mobilizei a comunidade muitas vezes para trabalhar no manejo do tracajá, desde a procura dos ninhos caminhando na beira dos rios e barrancos e depois trazer para plantar (incubar) os ovos na aldeia.

Meu objetivo é descrever o manejo do *mewká* na região do Rio Urukawá, que está sendo feito para aumentar o número de tracajás na natureza, para que a gente possa continuar se alimentando delas no futuro. Antigamente tinha muito *mewká*, mas a população indígena aumentou e tanto os ovos como também os adultos fazem parte da nossa alimentação, por isso os *mewká*s diminuíram.

O TRABALHO DE MANEJO DO *MEWKÁ*

Este estudo é sobre o *mewká* e o manejo que fazemos no Rio Urukawá. O tracajá é uma espécie que vive nos campos alagados na TI Uaçá. Ela faz seus ninhos no verão amazônico, entre setembro e outubro, nas praias e nos barrancos. Os filhotes levam mais ou menos 60 dias para sair do ovo. Quando começam a se alimentar fora do ninho eles comem três tipos de alimentos que na língua Palikur se chamam *padidvam* (ninho de camarão), *yim* (peixinhos) e *takes* (camarões). O projeto de manejo surgiu para proteger o *mewká* na época da desova, pois os ovos e também os adultos são muito consumidos e começaram a ficar difíceis de encontrar. O manejo do *mewká* que nós fazemos é trazer os ninhos para serem enterrados na aldeia onde nós Agamin podemos cuidar até eles saírem dos ovos, para depois soltarmos os filhotes na natureza.

Para fazer o manejo do *mewká*, primeiro nós precisamos encontrar os ninhos na natureza para trazer para a aldeia. É preciso sair cedo para encontrar os ninhos nas praias porque muitas pessoas saem cedo também para tirar os ovos pra comer. Os agentes ambientais Palikur saem juntos para procurar os ninhos nas beiras dos rios, de voadeira, as vezes gastando várias horas seguindo caminhos nos igarapés para poder chegar nos lagos, principalmente o Lago Topaia onde sabemos que tem muitos ninhos.

Quando a gente encontra os ninhos a gente coleta os ovos e coloca numa caixa de isopor com areia e vegetação. É importante que os ovos não sejam virados na hora de mudar do ninho para a caixa de isopor. Ela deve ser transportada para aldeia com cuidado, para não balançar muito, pois os *mewká* estão em desenvolvimento dentro dos ovos. Nós coletamos e plantamos os ovos na aldeia no mesmo dia. Nós achamos ninhos também nas beiras de nossas roças, que estão perto da água. Neste caso nós sempre pedimos permissão ao dono da roça para coletar os ninhos, explicando porque estamos fazendo isso. Em geral nós contamos com o apoio dessas pessoas que nunca disseram não.

RESULTADOS DO MANEJO NA ALDEIA KUMENÊ

O manejo do *mewká* na Aldeia Kumenê soltou 70 filhotes em 2017 e 140 em 2018, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 Ninhos plantados na aldeia e filhotes produzidos

Ano	Nº de ninhos	Nº de ovos tirados	Filhotes nascidos e soltos
2017	6	121	70
2018	11	214	140

Nós tivemos problemas com ovos que não conseguiram sobreviver. Alguns ovos não conseguem se desenvolver porque são atacados por formigas ainda no ninho. Isto aconteceu principalmente em 2017, porque nós plantávamos os ninhos no chão e eles eram cercados por tela para evitar que alguns animais mexam no ninho, mas as formigas ainda conseguem entrar. Em 2018 nós mudamos a forma de plantar e construímos uma "incubadora" suspensa e passamos óleo nos pés para que as formigas não cheguem nos ninhos. Isso diminuiu totalmente os ataques das formigas, o que foi bom. Ainda tivemos alguns problemas com ovos que não se desenvolveram em 2018 e achamos que o motivo talvez seja porque os ovos se mexeram muito nas caixas de isopor quando foram trazidos para a aldeia.

Depois que os filhotes nascem a gente coloca eles em bacias com água e alimento (o mesmo que eles comem na natureza) e cuidamos por 5 meses, para eles ficarem fortes e maiores antes de serem soltos. É um período importante para educar as crianças sobre o manejo. Os professores trazem os alunos e eles veem os tracajazinhos e nós, Agamin, explicamos porque fazemos o manejo.

SOLTURA DOS FILHOTES E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ALDEIA KUMENÊ

A soltura dos filhotes é também um momento para fazer educação ambiental. É quando a gente ensina as crianças que estamos soltando os filhotes, que protegemos para a natureza, para que elas possam crescer, ter filhotes e a gente poder continuar tendo *mewká* para as próximas gerações. A gente faz a soltura no mês de maio. Os Agamin reúnem a comunidade, junto com professores e alunos e faz uma apresentação sobre o manejo e a soltura dos filhotes

e fala da importância de proteger o *mewká* na época da desova. O nome do nosso projeto é *Nukagmada Mewka*, que significa "amigo do tracajá".

Nós falamos para as pessoas não tirarem todos os ninhos que encontram na natureza. A gente aproveita para falar sobre a vida do *mewká* para as crianças e lembra que no passado tinha muito *mewká*, mas que com o aumento da população as pessoas passaram a comer muito mais e por isso diminuiu, assim vimos a necessidade de fazer o manejo. A gente escolhe um local bom para soltar os filhotes. Tem uma área muito bonita na beira do rio com muitos bambus. Nós reunimos pessoas de várias aldeias Palikur para participar da soltura. Na última soltura eu falei com os caciques para emprestar o barco da comunidade para fazer a soltura. É um barco grande que cabe muitas crianças. Além de mim, os Agamin que participam do manejo são Gildofo Iaparra, Jessinaldo Iabonte Ioiô, Adailson Labonte e Edivaldo Labonte. Além deles tivemos a presença de nossos parceiros, o Instituto Iepé, a FUNAI e os professores Claudiane e Vinicius da Universidade Federal do Amapá.

Conclusão

O trabalho de manejo de *mewká* pelos Agentes Ambientais Indígenas Palikur já vem sendo feito há algum tempo. A gente antes não acreditava que ela pudesse diminuir, mas aconteceu e nós iniciamos o manejo. A cada ano a gente vence um desafio que aparece, como foi o caso de proteger melhor os ovos plantados nas aldeias das formigas predadoras. Com o tempo, vamos conseguindo soltar mais filhotes na natureza. Nós já estamos vendo mais *mewká* adultos pegando sol nas aningas caídas e achamos que nosso trabalho tem tido resultado.

Eu, como Agamin acho o trabalho de educação ambiental sobre o *mewká* é tão importante quanto fazer o manejo. A gente tem conseguido envolver as escolas, fazendo palestras, trazendo os alunos para acompanhar o manejo e soltura. Ensinamos um pouco sobre o que fazer para o tracajá não acabar, para que possamos continuar comendo agora e no futuro. Fazendo o manejo aprendi a usar outras ferramentas, como por exemplo registrar nosso trabalho de pesquisa nas aldeias com celular para mostrar as fotos e os vídeos nas escolas para apoiar a conversa sobre o tema na comunidade.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Manejo de tracajá no Rio Uaçá

Manoel Severino dos Santos, indígena Galibi Marworno nascido no Rio Uaçá em 1960, mora na aldeia Kumarumã, que fica na TI Uaçá. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Nosso trabalho com o tracajá se iniciou em 2003, quando fizemos um intercâmbio promovido pela organização não governamental The Nature Conservancy (TNC) em Pracuúba/AP. Lá eles nos apresentaram o trabalho que faziam, de retirar os ovos das covas, implantá-los em uma área onde pudessem ser protegidos e depois fazer a soltura no rio. Era uma forma interessante de cuidar dos tracajás, que estavam diminuindo cada vez mais na nossa região. Éramos 26 Agentes Ambientais Indígenas que foram para o intercâmbio, mas apenas alguns continuaram fazendo o trabalho até hoje.

Em 2005, logo que voltamos de Pracuúba, fizemos a primeira experiência na aldeia do Kumarumã, para ver se dava certo, e deu. Pegamos e replantamos 3 ninhos na aldeia e soltamos 60 tracajás. Desde lá, não paramos de fazer o manejo dos quelônios, sendo que a cada ano soltamos mais tracajazinhos de volta para o rio. De 2007 a 2010, tivemos o apoio da TNC para seguir realizando o manejo, com o acompanhamento do professor Fábio Maffei e do Marcio Sztutman. Eles ajudavam nos mostrando como era a técnica de tirar as covas, medir e pesar os ovos, como implantá-los, e depois também para marcar os tracajás antes de fazer a soltura.

Quando eles deixaram de nos apoiar em 2010 foi difícil, mas nós não paramos nosso trabalho, continuamos fazendo o manejo sem apoio nenhum externo. A partir de 2014 passamos a ter o apoio da CTL de Etnodesenvolvimento da FUNAI e do Iepé no nosso trabalho.

O trabalho de manejo do tracajá na Aldeia Kumarumã

Viajamos uma distância em torno de 80 km da aldeia Kumarumã, descendo e depois subindo o rio, para encontrar as covas, que ficam geralmente nas praias e nas lombadas de terra nos campos e num tipo de ambiente que temos em pequenas áreas que se chama *savan du*, que é uma vegetação do Cerrado, para os não índios. Reconhecemos facilmente as covas do tracajá, pois aprendemos com nossos pais e avós, desde quando éramos pequenos e íamos pescar com eles.

Ao encontrar uma cova (ninho) um Agamin chama o outro para ajudar a tirar ovos com cuidado e colocar no isopor. Esta parte é difícil de fazer porque a gente tem que prestar atenção na fundura do ninho e tirar cada ovo com todo cuidado, do jeito em que ele está no ninho, anotando em que posição eles estavam. Os ovos que estão embaixo, tem que ficar embaixo e os de cima tem que ficar em cima quando a gente transplantar o ninho na aldeia, pois foi assim que a tracajá "mãe" colocou na natureza. Antes de colocar o ovo na caixa de isopor, a gente coloca um pouco da terra do ninho dentro dela, para que o ovo não se mova durante o transporte e para levar um pouco da terra do ninho até o local do transplante na aldeia.

Na aldeia já existe um local definido onde vamos fazer as covas para colocar os ninhos trazidos da natureza. Às vezes é no pátio da escola ou próximo a casa dos Agentes Ambientais Indígenas para que a gente possa cuidar deles até o período dos filhotes saírem dos ninhos. Nos primeiros anos, nós fazíamos as covas no chão mesmo, como os tracajás. Mas, tivemos alguns problemas com formigas atacando esses ninhos na aldeia. Então para resolver este problema, fizemos caixas de madeira suspensas sobre 4 pés também de madeira, cheias de areia para tirar os ovos do chão. Além disto, colocamos panos encharcados de óleo diesel usado nos pés da caixa para as formigas não subir na caixa e atacar os filhotes. Este foi um dos aprendizados do nosso manejo na aldeia. Em outras aldeias os Agentes Ambientais colocaram telas sobre os ninhos para evitar que calangos e o jacuraru abrissem e comessem os ovos transplantados.

Os filhotes de tracajás demoram cerca setenta dias para saírem do ovo. Mas não soltamos eles imediatamente para a o rio. Porque senão os predadores (piranha, jacaré na água, jacuraru, raposa e gavião na terra) comem elas. Depois que eles nascem, nós cuidamos deles em nossas casas durante 3 a 4 meses, alimentando-os com folhas e outros vegetais que coletamos nas margens do rio. Toda a família acaba envolvida nesse cuidado. Fazemos palestras na escola, ensinando para as crianças como fazer o manejo e a importância de cuidar do tracajá para que ele nunca deixe de existir na nossa terra indígena. Quando os tracajás já estão crescidos, no mês de abril, fazemos a soltura.

É um grande evento esse momento de devolver os tracajás para a natureza. Juntamos as crianças da comunidade, também jovens e mulheres, e vamos até a área da soltura, onde devolvemos os tracajás para o rio. Quando começou o manejo, soltamos 61 filhotes em 2007 e 338 em 2008 na nossa Aldeia. No ano de 2017, fizemos a soltura de 250 tracajás, na área próxima à aldeia Manaú (aldeia próxima ao Kumarumã) e contamos com a participação de mais de 100 crianças indígenas. Foi um momento de bastante comemoração, fazendo parte também da programação da semana de comemoração dos povos indígenas.

Em 2018, transplantamos 11 ninhos e conseguimos fazer nascer 154 filhotes. Esses filhotes vão ficar em bacias com plantas aquáticas na aldeia para a gente cuidar antes de serem soltos. No momento em que escrevia este traba-

lho ainda não tínhamos feito a soltura de 2019, ela foi feita junto com os alunos no mês de maio. É importante envolver as crianças, pois desde o início do nosso trabalho viemos tentando fazer um trabalho junto com a comunidade, fazendo palestras nas escolas, nas igrejas, e também falando nas reuniões na aldeia e no Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque (CCPIO), que precisamos cuidar do tracajá pensando nas próximas gerações.

A gente explica que não é uma proibição comer o tracajá, mas que precisamos diminuir o consumo, não pegar para vender, e continuar fazendo o trabalho de manejo dos quelônios para que a cada ano tenha mais tracajás na nossa terra indígena.

Principais resultados alcançados

Nós percebemos que já tem uma diferença no número de tracajás na nossa região desde que começamos o trabalho. A cada ano, temos feito solturas de mais ou menos 300 tracajás, e em um ano chegamos a soltar 590. Podemos calcular, assim, que durante esses 10 anos, mais de 3 mil tracajás foram soltos no rio Uaçá. Foram também distribuídos mais de 100 tracajazinhos para povoamento de lagos em aldeias situadas às margens da BR 156, onde tem pouca opção de alimento.

Também percebemos que algumas espécies de tracajá que não víamos faz tempo estão voltando a aparecer, como por exemplo, a tracajá cabeçuda e a matá-matá. Além disso, encontramos tracajás adultos que tem a marca do nosso manejo, é importante, pois assim podemos enxergar a mudança. Todas estas atividades desenvolvidas estão de acordo com o nosso Programa de Gestão Territorial e Ambiental dos Povos Indígenas do Oiapoque (PGTA) e com o Plano de Vida, que são instrumentos onde planejamos nosso futuro e das próximas gerações.

Disseminação da experiência

No começo do projeto, quando tinha apoio externo, os Agentes Ambientais Indígenas de outras regiões das terras indígenas do Oiapoque também estavam fazendo o trabalho de manejo, mas depois que o apoio parou a maioria desistiu de seguir o trabalho. Mas nós da região Uaçá seguimos fazendo o manejo dos quelônios e já temos bastante experiência, com isso, podemos ensinar os novos Agamin que estão começando e também podemos levar essa experiência para outros lugares, mostrar como fazemos para que outras comunidades possam fazer também. Até porque a tracajá adulta circula longe, pelos diferentes rios da região, então quanto mais gente estiver cuidando e fazendo o manejo, mais tracajás vamos ter.

Fazer o manejo dos quelônios é cuidar do nosso território e pensar nas próximas gerações. A gente pensa que daqui há 20 ou 30 anos, quem sabe vai ter mais tracajá. Precisamos cuidar, porque é bom para nós mesmos, para podermos ter tudo o tempo todo, não faltar nada na nossa terra indígena. Estamos fazendo nossa parte.

Desafios

A maior dificuldade que enfrentamos é a falta de apoio, falta de apoio da comunidade, falta de apoio externo, de recursos para equipamentos (motor, barco voadeira, combustível etc.) para continuar fazendo nosso trabalho. Hoje, precisamos alugar o barco com motor para fazer a coleta dos ovos, por isso nossa maior necessidade é um barco e motor, para que os Agentes Ambientais Indígenas possam desenvolver essas e outras atividades. No começo tínhamos apoio da TNC, mas hoje temos apenas um pequeno apoio da FUNAI e Iepé. Mas seguimos, buscando parceiros e mais apoio da comunidade para continuar com o trabalho.

É um desafio também fazer a comunidade entender e reconhecer o nosso trabalho. Às vezes encontramos as covas mexidas, e também vemos gente pegando 20 e até 30 tracajás. Isso não é para comer, é para vender, e isso dói para a gente que faz o trabalho. Por isso, estamos tentando envolver a comunidade, ensinar também para os novos Agentes Ambientais Indígenas que estão começando agora, para que todo mundo ajude a cuidar. Também temos alguns desafios na incubação dos ovos. Este ano, por exemplo, as formigas atacaram e quase perdemos tudo. Tem também os predadores naturais como jacuraru, macaco, raposa, gavião, irara, jacaré, entre outros. Mas apesar de tudo isso nosso trabalho vale a pena. Se não tivéssemos começado o manejo, teria pouco tracajá hoje.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Manejo de *tawahu* nas Terras Indígenas de Oiapoque

Lázaro Getúlio dos Santos, indígena Galibi Marworno, mora na Aldeia Kumarumã. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Escolhi esse tema, manejo do *tawahu* (tracajá), porque acho muito importante e me ajuda a multiplicar os tracajás, que servem de alimento para a comunidade, hoje, e para o futuro. Este trabalho permite a gente mostrar para a comunidade e os jovens, as crianças e os adultos e orientar e ensinar a importância de como manejar o *tawahu*. Essa atividade pode servir na escola, no ensinamento das crianças e dos jovens a ver como o trabalho foi feito de perto para ter esse conhecimento desde criança até crescer. *Tawahu* é como chamamos o tracajá na nossa língua, o *kheól*.

O *tawahu* e os povos indígenas do Oiapoque

Os povos indígenas do Oiapoque, vivem em terras indígenas demarcadas e homologadas. Nas terras indígenas tem grandes áreas de terra firme e com campos alagados com muitos buritizais e açaizais. Tem também mangues, pois, nossas terras tem contato com o Oceano Atlântico ao norte. É uma região muito rica de espécies de peixes, caças e aves. Por ter uma preocupação em manter essa abundância da qual nós dependemos é que caciques e lideranças se reuniram para falar sobre o manejo de *tawahu*, jacaré e pirarucu alguns anos atrás. Eles começaram a perceber que o jeito que as pessoas estavam pescando, sem respeitar a época de desova estava fazendo algumas espécies diminuírem. Por causa disso os caciques decidiram colocar algumas regras para proteger o pirarucu, os *tawahu*s e também o jacaré-tinga, que nós apreciamos muito na nossa alimentação. A regra era parar de pegar essas espécies durante 5 anos. Funcionou bem, pois depois de 5 anos apareceram muitos indivíduos dessas espécies. Depois as pessoas voltaram a comer essas espécies. No caso do *tawahu* além das pessoas comerem os adultos, as pessoas também comem os ovos que são muito gostosos. Se os ovos são consumidos com o passar do tempo não vai ter filhotes para virarem adultos e se reproduzir e as *tawahu* vão começar a diminuir. Isto tem acontecido em alguns lugares, onde tem muito consumo de ovos e as aldeias são muito grandes, como é o caso da minha Aldeia Kumarumã, com 2000 pessoas.

Existem vários tipos de *tawahu* como, o *tawahu ghotét* (tracajá cabeçudo); *tawahu kuiamuku* (tracajá cabecinho) e outros um pouco diferentes como a *wiwi*, aperema e mata-mata. O *tawahu ghotét* e o *tawahu kuiamuku* só se pode encontrar no rio, nos lagos, no igarapé que ligam o rio ao lago, no campo alagado e na mata ciliar de inverno. O wiwi e mata-mata podem ser encontrados na maricagem e nas matas pertos dos rios e igarapés. O *tawahu* se alimenta de

várias plantas aquáticas como a vitória-régia, mururé, junco e, também de lodo. Ele adulto tem 40 centímetros de comprimento e 25 centímetros de largura, desova do final de agosto até outubro botando seus os ovos na areia, beira do rio, no *savan du*, (cerrado) no toco de buritizal e barrancos nas beiras dos rios e lagos. Depois que ela bota os ovos, leva 40 a 60 dias ou mais para nascer os filhotinhos. Os predadores dos ovos de *tawahu* são a formiga, jacurarú, raposa, macaco-prego e até mesmo o gavião. Já quando o *tawahu* é adulto são a onça, jacaré, peixe topoiô. Porém, o principal predador do *tawahu* vem sendo o ser humano. O *tawahu* e seus ovos fazem parte da alimentação do ser humano e principalmente dos povos indígenas, mas seu consumo em excesso vem trazendo problemas para a conservação dessa espécie.

Manejamos os *tawahu* no mês de julho a dezembro. No mês de julho o *tawahu* está cheio de ovos e, por isso, as comunidades deixam de comer *tawahu* nesse momento. O manejo de *tawahu*, que nós Agente Ambientais Indígenas fazemos, começa na época da desova de *tawahu* que é no começo de setembro.

Etapas do manejo de *tawahu*

COLETA E TRANSPORTE

Inicia no período de desova quando se transplanta os ninhos da natureza para locais adequados escolhidos para "replantar" nas aldeias. Iniciamos na primeira lua do mês de setembro quando os *tawahu* botam muitas covas de ovos. Saímos da aldeia às 5 horas da manhã para que a gente possa encontrar alguns ninhos para transplantar para locais seguros antes das pessoas que coletam para comer. Andamos em muitos lugares procurando ninhos e para isso precisamos usar bota, facão, ter uma caixa de isopor para guardar os ovos, além de caneta, caderno para fazer os registros e alimentação. O isopor serve para proteger os ovos coletados do sol, do vento e da chuva durante o transporte deles para a aldeia. Ao fazer a coleta dos ovos é preciso, primeiro, por um pouco de terra no isopor para enterrar um pouco os ovos para que não fiquem balançando.

Outro passo importante é coletar um pouco da terra que cobre o ninho. Essa terra tem o xixi do *tawahu* mãe e esse xixi é importante para ajudar as tracajazinhas a nascerem e sobreviverem. É importante manter a mesma ordem dos ovos no ninho na natureza e nos ninhos transplantados. Para isso nós marcamos cada ovo com um número com caneta ao colocar no isopor. Nós anotamos também o local onde o ninho foi achado, o tipo de solo (se é na areia ou barro) e o tipo de ambiente: se é *savan du*, beira do rio, toco de buritizal e etc. Uma coisa importante de dizer é que o número de ovos encontrados em cada cova pode variar muito. Podemos encontrar covas com 16 ovos e outras com até 40 ovos. Segundo os antigos isso varia de acordo com a idade do *tawahu*. Dizem eles que, quanto mais jovem a *tawahu*, mais ovos ela bota.

NASCIMENTO E CRESCIMENTO

Levamos os ovos dos ninhos coletados de volta para a aldeia no mesmo dia no isopor com muito cuidado para não balançar, pois pode fazer com que os filhotes não se desenvolvam bem se mover muito nesse período. Ao chegar na aldeia a gente "replanta" os ovos na incubadora, que é um lugar escolhido com cuidado para que não entrar formiga, ou cachorros pois eles comem os filhotes antes deles saírem do ninho. Quando nascem os filhotes a gente anota quantos estão vivos ou mortos e depois eles são colocados em bacias com água. Tem ovos que não produzem filhotes que nós chamamos de ovo de vento.

Quando os filhotes saem dos ovos eles ficam com a gente na aldeia durante quatro meses para ficarem com o casco mais duro. Nós cuidamos dos filhotes em bacias dando comida da própria natureza. A gente toma esse cuidado para que quando for feita a soltura eles já estejam com o casco duro e não tem mais o cheiro do ovo para atrair os predadores. Durante o curso de formação, aprendemos que o sexo do *tawahu* é definido pela temperatura do ambiente. Temperaturas abaixo de 30 graus irão nascer *tawahu* machos, temperaturas acima de 30 graus irão nascer *tawahu* fêmeas. Durante nossas coletas podemos observar que tem *tawahu* que preferem botar ninhos perto de *kapê* (uma árvore que tem no *savan du*), mas também coletamos ovos em ninhos feitos no campo aberto, diretamente no sol. Isso acontece para que tenha o equilíbrio entre o nascimento de *tawahu* machos e fêmeas. Para tentar imitar a *tawahu*, nós construímos nossas incubadoras em locais que peguem sol e sombra durante o dia.

SOLTURA DOS *TAWAHU*

A soltura é feita a partir do quarto mês depois de nascimento delas, quando estão com casca madura e o cheiro do ovo já saiu e por isso o predador não ataca mais elas. A soltura dos filhotes de *tawahu* não pode ser feita em qualquer lugar do rio, igarapé ou lago. As tracajazinhas devem ser soltas no mesmo local de onde foram coletados os ovos. Nós devemos fazer a soltura

pela parte da manhã ou no final do dia, em momentos em que o sol esteja muito quente. No momento da soltura não se deve atirar ou jogar as tracajazinhas de qualquer jeito. Devemos colocar elas com algum cuidado para que elas não se machuquem, como quebrar as patas ou machucar o casco. Nos últimos anos temos feitos a soltura dos filhotes de *tawahu* nos lagos ou rios com a participação da escola com as crianças e a comunidade em geral. Um dia antes, nós reunimos quem vai participar e fazemos uma palestra sobre como é a vida do *tawahu* e o sobre nosso trabalho de manejo, a importância de fazer o manejo e conservar a *tawahu*. E também ensinamos como deve ser feita a soltura. No dia seguinte, bem cedo saímos para soltura.

Este é o momento de ensinar as crianças de como fazer o manejo, o que é manejo de *tawahu*, para que serve o manejo e qual a importância do manejo para o futuro. Para que vem crescendo desde pequeno com essa aprendizagem e conhecimento, com essa visão de manejar os recursos naturais e viver bem no futuro, quando crescerem saberão não só tirar da natureza, mas colaborar e saber viver com ela.

Conclusão

Durante todos esses anos venho aprendendo cada vez mais com o manejo dos quelônios, monitorando para ver se o número deles está em equilíbrio na minha aldeia, se está diminuindo ou se está aumentando o *tawahu*. Durante todos esses anos eu passei várias dificuldades no meu trabalho, no manejo de *tawahu*, na coleta dos ovos e outros. Tem que sair muito cedo, antes que as pessoas saiam da aldeia, andar muito no campo a procurar cova de *tawahu*, ir nos lagos no sol quente com fome e sede, mas sem desistir.

A comunidade é grande, tem muitas pessoas que entendem as regras internas incluindo as de proteção ao *tawahu*, mas tem outros que não obedecem. Isso mostra que nós como Agentes Ambientais precisamos trabalhar mais nas escolas para alertar as pessoas e orientar sobre porque é importante proteger os *tawahu* na época que elas reproduzem. As vezes as pessoas acham que nossa orientação é só para proibir as pessoas de comerem, mas não é isso. Através desse trabalho as comunidades podem se beneficiar tanto hoje como no futuro, na sua convivência no dia a dia, na parte de alimentação e outros. Então, tudo isso tem que caminhar para frente, e dar a continuidade no trabalho de manejo de quelônio e de outros tipos de manejo que a comunidade precisa.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Manejo de açaí e abelhas na Aldeia Açaizal

Marinelson dos Santos, indígena Karipuna, nasceu e mora na Aldeia Açaizal, que se localiza na região do Rio Curipi, na TI Uaçá. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

A ideia do tema para esta pesquisa surgiu como parte de uma atividade durante o Curso de Formação. Como eu já trabalhava com manejo do açaí e produção de mel de abelhas nativas na comunidade, eu me interessei em desenvolver mais sobre esses temas na pesquisa do meu TCC. Eu quis incluir as abelhas nativas na pesquisa porque percebemos uma diminuição de abelhas nas regiões próximas da aldeia. Isto está acontecendo porque na época de fazer roças as pessoas colocam fogo e derrubam árvores e, sem perceber, derrubam árvores que têm colmeias e matam muitas abelhas.

Trabalhar com o tema do manejo de açaí junto com as abelhas nativas é muito importante porque se não fossem as abelhas, as árvores e palmeiras não poderiam produzir frutos, pois dependem das abelhas para a polinização. A vida do açaí depende das abelhas para a polinização de suas flores, e as abelhas precisam do néctar das flores para se alimentar e produzir mel. Eu escolhi esse tema porque é muito importante trabalhar com essas duas espécies que se relacionam e contribuem para o equilíbrio da natureza.

O manejo de açaí e abelhas nativas na Aldeia Açaizal

O manejo dos açaizais nativos feito na Aldeia Açaizal é chamado de manejo de baixo impacto. Um dos objetivos deste tipo de manejo é manter a biodiversidade combinando os açaizais com as outras árvores e animais existentes na mesma área. Essa parceria entre elas serve para conservar o funcionamento da floresta, pois os açaizais não ocorrem sozinhos. Um outro aspecto do manejo é aumentar a quantidade de luz, pois o açaí gosta muito de luz e cresce melhor em lugares com mais sol. Isso aumenta a qualidade do fruto. As várzeas do Rio Curipi possuem touceiras com muitos pés de açaí e eles brigam entre si por nutrientes. Uma outra parte importante do manejo é cortar o excesso de pés na touceira para elas produzirem mais frutos em alturas mais baixas. O máximo de pés que podem ficar numa touceira são 3 perfilhos, 4 jovens e 5 adultos, se tiver mais do que essa quantidade vai ser preciso cortar alguns pés para não ocupar espaço dos outros açaizeiros

Isso contribui para a aumentar a produtividade do açaizeiro na floresta de várzea do Rio Curipi. Seguindo as orientações técnica de manejo da equipe da Embrapa, que nos ensinou este novo tipo de manejo, a quantidade dos frutos pode chegar aumentar quatro vezes em áreas manejadas mantendo outras espécies, frutíferas e florestais.

Para fazer o manejo a comunidade se organiza para ajudar nas atividades: uma equipe prepara alimentação para levar para a parcela que está sendo manejada, enquanto a outra faz a roçagem da parcela. Esse planejamento inclui também a organização dos utensílios de trabalho: terçado, capacetes, foice, machados. Também pensamos como o trabalho vai ser feito, quais caminhos e quais áreas serão manejados. Nós usamos, também um caderno de anotações, em que serão relatadas todas as informações, os custos da alimentação e do combustível, dos insumos utilizados nos dias de trabalho e pela equipe de trabalho. Na época da safra nós anotamos também o número de sacas de açaí colhidas.

É importante antes de iniciar as atividades do manejo que as pessoas se preparem com os equipamentos que previnem os acidentes no trabalho. As pessoas devem tomar o máximo de cuidado para não sofrer qualquer tipo de acidente. Já na etapa de colheita dos frutos fica a critério do apanhador de açaí utilizar ou não o equipamento. O capacete deve ser usado durante todas as etapas do manejo, diminui o risco de caírem galhos e frutas direto na cabeça das pessoas. Durante todas as etapas de intervenção nas áreas de manejos as pessoas devem seguir as orientações técnicas, os açaizais nativos devem ser feitos de acordo com as características de cada comunidade, levando em consideração a localização, as espécies da flora e fauna existente no local. O cacique reúne as pessoas da comunidade para fazer essa atividade dentro das parcelas manejadas, fazer o acompanhamento e fazer a intervenção para dar os frutos de boa qualidade.

Iniciando meu próprio manejo de açaí

Eu iniciei meu manejo de açaí a partir dos conhecimentos que eu recebi dos técnicos da Embrapa junto com o conhecimento Karipuna das florestas e de seus plantios. Fiz o experimento com o manejo de açaí, atrás do meu *carbê* junto com meus filhos, que ajudaram, e até este ano está dando tudo certo. Esse ano 2019 eu quero aumentar mais o meu manejo de açaí para poder tirar mais do que eu tirei esse ano. Eu resolvi fazer o meu manejo pessoal, próximo da minha casa para ser mais fácil de tirar açaí, pois as parcelas de manejo da comunidade ficam um pouco mais longe da aldeia.

Eu também estou trabalhando com as abelhas nativas, eu me interessei em trabalhar com essas espécies através de uma capacitação da qual eu participei na aldeia Kumenê, no ano de 2004. Vendo como os professores esta-

vam ensinando como tirar os ninhos das abelhas, do tronco das árvores para colocar nas caixas para produzir mel na aldeia. Isso me motivou, ao retornar contei para a comunidade e as pessoas se interessaram. Logo veio um projeto apoiado pelo Instituto Peabiru para ensinar como trabalhar com as abelhas nativas, que não tem ferrão. Este projeto durou 3 anos, mas a comunidade deu a continuidade do projeto, e hoje é o grupo de jovens da aldeia que está cuidando das abelhas e da produção de mel. Porém, tenho a minha própria criação de abelhas, ao lado da minha roça, tenho quatro caixas, agora só falta fazer a multiplicação das abelhas, que é dividir um ninho em duas partes, para passar de uma caixa para outra.

Eu iniciei também um plantio experimental com a banana, baseado no que aprendi na disciplina de Agrofloresta, no curso de formação. Fiz próximo da minha casa e já tenho 60 pés de banana, onde já cortei alguns cachos para vender na cidade de Oiapoque. Agora quero aumentar o meu bananal. Tem outras pessoas da aldeia que tem seus próprios bananais de cerca de 200 a 300 pés de banana nas suas *mahikage*. Eles já venderam cachos para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos).

Comercialização do açaí da Aldeia Açaizal na safra de 2019

Em 2019 nós nos organizamos para quantificar a produção de açaí na Aldeia Açaizal. Isto inclui o açaí produzido nas parcelas e fora delas (tabela 1). Em 16 dias de coleta nós tiramos 471 sacas de 28 quilos de açaí. Nós podemos retirar mais, mas temos dificuldades em transportar o açaí para fora da Aldeia. Temos que gastar combustível e pagar frete, o que encarece muito, mesmo quando já temos comprador certo. Mas o açaí é um recurso importante que contribui para a renda das famílias da minha aldeia.

Tabela 1: Demonstrativo da coleta de açaí da Aldeia Açaizal durante a safra

Mês	Dias de coleta	Sacas coletadas	Preço médio (R$)	Valor (R$)
Março	4	40	50	2000
Abril	9	338	60	20.280
Maio	2	66	70	4.620
Junho	1	27	70	1.890
TOTAL	16	471	62,50	28.790,00

Nós vendemos nosso açaí para alguns compradores que vendem o açaí *in natura* ou preparam a polpa e comercializam em Oiapoque e Macapá (tabela 2). Infelizmente não temos o rastreamento completo do nosso açaí e em alguns casos nós nem sabemos para onde vai o açaí que produzimos.

Tabela 2: Lista de compradores do açaí da Aldeia Açaizal, sua origem e destino

Compradores	Sacas compradas	Procedência	Onde vende:
Bruce	322	Oiapoque	Oiapoque e Macapá
Socó	77	Oiapoque	SR
Helder	24	TI*	SR
Toninho	20	SR**	SR
Gilberto	12	SR	SR
Jaimisson	10	TI	SR
Cleimisson	6	TI	SR

* Terra Indígena

** Sem Rastreamento

Não é somente a Aldeia açaizal que maneja e comercializa açaí nas terras indígenas do Oiapoque. Há também as aldeias que ficam nas margens da BR156, uma região de terra firme que também comercializam açaí (tabela 3). No entanto todos reconhecem que o açaí produzido na várzea rende mais e é mais saboroso. Atualmente somente a aldeia Açaizal maneja e vende açaí das áreas de várzea.

Tabela 3: Lista de aldeias das TI's do Oiapoque que também manejam e comercializam açaí em 2019

Aldeia	Local	Nº de sacas	Preço médio da saca (R$)	Valor (R$)
Curipi	Terra firme	118	53,75	6.342,5
Kariá	Terra firme	560	50	28.000
Ahumã	Terra firme	183	54,3	9.936,9
Estrela	Terra firme	55	80.3	4.416,5
Samauma	Terra firme	101	44.2	4.464,2
Ywawká	Terra firme	201	40,7	8.180,7
Tukay	Terra firme	243	40	9.720,0
Acaizal	Várzea	471	60	28.260,0
TOTAL		1932		99.320,8

Conclusão

Enquanto Agente Ambiental Indígena da minha comunidade Açaizal, aprendi muito com pesquisa que fiz na aldeia falando com os professores, e as pessoas mais velhas. Os mais velhos, explicaram como era a safra do açaí, antes do projeto chegar nas aldeias. Antes a produção do açaí era muito grande, eles falaram que produção do açaí diminuiu um pouco no início do manejo, pois foi muito desbastado. Mas com o tempo a produção foi aumentando e os cachos ficaram mais gordos e cheios de fruto. Com o projeto a tendência é aumentar a produção dos açaizais nas aldeias que estão trabalhando com o manejo de açaí. Nós já percebemos que a produção aumentou. Isto já tem beneficiado economicamente algumas as famílias. Ainda temos alguns desafios, como os problemas de transporte dos frutos para a venda, mas estamos discutindo algumas possibilidades junto com nossos parceiros.

A comunidade pode se beneficiar com esse trabalho, cuidando das parcelas, que estão manejado, fazendo a limpeza, como roçar, limpar as touceiras dos açaizais e fazer a contagens dos pés de açaí que estão nas touceiras. A comunidade, tendo esse cuidado com esses manejos, vai gerar benefícios para ela mesma. As abelhas são muito importantes para o açaí, pois fazem a polinização das flores do açaí, não só o açaí, mas as outras árvores, frutíferas, que posam dar seus frutos. As abelhas, precisam, também das flores das árvores, para que elas posam produzir mel, que é muito bom para remédios, principalmente para gripe.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Conhecimentos Palikur sobre animais e plantas na região do Rio Urukawá

Jessinaldo Labontê Ioiô, indígena Palikur, mora na aldeia Kamuywá na região do Rio Urukáwa, na Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

A minha pesquisa é sobre algumas espécies de animais e plantas que vivem na mata e no campo alagado, para mostrar o conhecimento dos Palikur. É importante para registrar os nossos conhecimentos sobre os animais e as árvores da nossa região. Por isso é importante lembrar e registrar os detalhes de informações sobre as espécies, através do conhecimento e da língua Palikur. Eu escolhi esse tema para falar sobre os animais que costumamos caçar e também sobre as árvores importantes que existem na nossa região. Escrevi esse trabalho em português e também em *parikwaki* a língua do meu povo Palikur-Arukwayene para que as pessoas da aldeia possam ler também.

Local da pesquisa

A região do rio Urukawá, onde moram os Palikur, é muito diversa. Existem campos alagados, floresta de terra firme, montanhas e ilhas. Nós conhecemos as caças que utilizamos para consumo e também usamos os ossos dos animais para fazer artefatos como pulseira e colar. Os animais que eu escolhi para descrever foram, principalmente: anta, cutia, paca, queixada, catitu. Algumas das árvores são plantadas por nós na mata, mas a maioria não é. As plantas utilizamos para consumo e também para fazer esculturas. Dessas plantas também usamos algumas para remédio medicinais, sejam as folhas, cascas ou raízes. As plantas pesquisadas foram, principalmente: piquiá-de-espinho, andiroba, taperebá, *kwep*, *awayó*.

Sobre as árvores

Tiramos árvores da mata firme, ilhas, capoeira, campo alagado, lago, igarapé montanha, rio. As madeiras de lei (cupiúba, andiroba, pequi, angelim), são tiradas da mata firme e da ilha. Elas são muito utilizadas na construção de casco, para construir casa e também para fazer artesanato e remédio medicinal.

Como caçamos e quais espécies caçamos

Entre os Palikur em geral quem caça são os homens, usando cachorro de vez em quando. É principalmente na mata de terra firme, região de floresta, que eles vão atrás de caça, para levar alimentos para sua moradia. Também nas ilhas grandes existem caças que são encontradas na mata firme.

Eu também sou caçador. Quando caço na mata firme procuro caititu, veado, mas também encontro pássaros, como jacamim e mutum. Geralmente essas espécies ficam nas montanhas e no baixão, e nós sabemos disso e por isso caçamos lá. Esses são locais onde tem muita caça. Nós Palikur caçamos o ano inteiro, no inverno e no verão, mas em locais diferentes. Na seca nós caçamos sempre na mata firme, enquanto na época da chuva é possível caçar nas ilhas no meio do campo alagado porque estão cheios de água e é possível chegar a qualquer local de canoa.

Em geral nós caçamos durante o dia. Mas quando não encontramos caça de dia temos que caçar de noite com lanterna. Antigamente nós caçávamos com arco e flechas, mas hoje nós só usamos *agabgus*, que é como os Palikur chamam a espingarda. Nós aprendemos a caçar com nossos pais ainda pequenos. Eu aprendi a caçar com meu pai quando eu ainda era pequeno e também com meu irmão e meu tio. Assim as crianças Palikur aprendem a caçar na floresta, desde 7 anos da idade quando já começam a andar junto com seus pais. A gente também aprende com outros caçadores. Aconteceu assim comigo, eu cacei junto com outros caçadores e aprendi a caçar na floresta. As crianças se interessam mais em caçar quando os caçadores pegam algo. Se um pai sai para caçar com seu filho e matou caça, quando passa uma semana ou um mês o filho começa a perguntar para o pai, quando irão de novo caçar. É assim a aprendizagem sobre caça entre os Palikur que vai de geração em geração.

No passado também havia proibições de comer alguns animais em alguns momentos específicos da vida. Por exemplo uma mulher grávida não podia comer anta e veado. Não podia comer essas caças até quando os filhos dela tem 1 ano de idade. Hoje, porém, não se respeita muito esses costumes. Hoje os Palikur têm regras de controle sobre alguns tipos de peixes. Por exemplo, na época de reprodução do pirarucu e do tucunaré, nós deixamos eles cuidarem os seus filhotes, para ter esses peixes no futuro. Essa regra entre os Palikur é antiga e existe ainda até hoje. Ela é um tipo de manejo que nós fazemos para que os peixes possam se reproduzir. Temos outros tipos de manejo para aumentar o número de jacaré-tinga e tracajá, pois gostamos muito de comer, mas que foram muito caçados. E além disso consumíamos também seus ovos e eles começaram a diminuir. Hoje tentamos proteger os ninhos de tracajá na época da desova, até os filhotes nascerem.

Sobre as mudanças da caça entre o passado e o presente

De acordo com as entrevistas, no passado os Palikur caçavam muito e tinha muitos animais de caça na região do Rio Urukawá. Era possível pegar caça grande como veado e caititu, bem perto da aldeia. Nesse tempo os Palikur não usavam armas de fogo e, por isso as caças não se assustavam e era fácil caçar. Eles usavam arco e flecha que é uma arma que não assusta os animais e fazia parte da cultura antiga dos Palikur. Hoje sabemos que a tecnologia avançou muito e as espingardas trouxeram mudanças, principalmente a questão das caças. Se, por um lado, a espingarda mata mais rápido os animais ela também assusta e os animais que aprendem a fugir do barulho dela. Então neste aspecto mudou bastante. Por isso é importante pesquisar sobre a caça, para orientar o que precisamos fazer, se será necessário manejar no futuro. Para isso é preciso monitorar porque antes do uso da espingarda tinha caça, mas agora elas estão mais raras.

Sobre árvores da mata de terra firme

Eu vou falar de uma árvore chamada *kwep*, na língua Palikur. É uma espécie que parece cultivada porque encontramos muitas delas juntas num mesmo lugar. Ela fica no baixão e também na beirada da terra. Tem dois tipos de *kwep*: uma tem casca fina e outra casca grossa. Nós usamos a cinza do *kwep* de casca fina na preparação do barro das nossas peças para fazermos esculturas de cerâmica. Antigamente fazíamos grandes potes para fazer *wanska,* uma bebida utiliza dos rituais Palikur no passado.

A madeira de *Awayó,* ou caju da mata, é muito utilizada para fazer as famosas esculturas de madeira Palikur como os bancos utilizados pelos Pajés. Tínhamos grandes escultores Palikur, como o Senhor Wetmin, que faleceu em 2018. Antes de partir, contudo, ele ensinou a arte de fazer esculturas aos seus filhos que hoje fazem e ensinam seus filhos. O *awayó* não é somente para fazer esculturas, ela também é usada para tirar tábua e para construir ralo manual de mandioca e móveis. O *awayó* é muito conhecido por nós Palikur da região do Rio, Urukawa. *Awayó* fica nos ambientes de mata firme, mas também é possível encontrar ela nas ilhas.

O *huevgi* ou guarumã é muito utilizado para fazer cestos, peneira, tipiti e abano, que são artefatos tradicionais da nossa cultura. Hoje já não fazemos tanto esses artefatos como antes e muitas pessoas já esqueceram, pois os jovens não se sentam mais com os velhos para aprender a tecer esses artefatos. O *huevgi* é uma espécie que tem somente na mata firme. O *huevgi* possui quatro tipos diferentes: *bukutgu, a fufega, awdik a fufega e huevgi*, huevgi ou *axita*.

Ahaku, tivigu

Eg kewa amutibe, awaku eg kawinh adahan paxnika a yikna, inekikên kadahan ka aysima pukunbawka gukak nog âh. Awaku eg ka kemâ minikwakma akiw, minikwak eg tivigu eg kadahan ka aysima muwapu eg kadahan heneme akak inin kugi eg, kaba eg yuma akiw. Egmêm tivigu eg pi batekte misakwa avit waxi avantahan eg kadahan pi kibite, ayiw avitiw kewgihi henemeh eg kadahan hâwata avitiw kewgihi. Henemeh ka kiyesadma, henemeh ik adahan wis utivgu avit kewgihi hâwata.

Eg misakwa amadga asababan, hâwata ihapkew akigbimnew waxi, ihapkew avge eg tivigu misakwa. Eg tivigu ahaku kabayno eg kawih adahan kêne woskeki, inin akapuska gacaminka. Eg kawih adahan kehne mayeket, ayteke akiw eg kawih adahan idapti, ayteke akiw eg kawih adahan kehne pa ak. Ayteke nikwe egme guh kabay adahan kehne, iveyti adahan katiwka, i wagawgaki. Payeva inin iveyti, kitakva inin iveyti wiwhka, inin iveyti wiwhka guntak tivigu guh. Inin iveyte kawih adahan ka ayt, payeva inin iveyti, tivigu gayi yim ik adahan ayava madikte hiyeg nog âh tivigu eg kadahan ka aysima pukuhbawka gukak nog âh awaku hmanawa eg nog âh kabayno.

Ku eg madike made kitva ik adahan eg utipka akiw ke minikwakbe nikwe kadahan ka aysima mahikoki adahan wis utivgu, adahan kehne mayeket hâwata adahan wiwhne pa ak, adahan wiwhne idapti, hâwata adahan wiwhne iveyti. Heneme eg tivigu eg kadahan ka aysima, ga kamnika akiw inin gakamnika, yim ka makisu nikwe hene na kamnika gumin tivigu.

Wawkma boyo

Nog yim kadahan ka aysima ga kamnika ku kineyva eg aymohwa, eg aymohwa ahakwa kaseviye, kiwva iwetgit ku kiw eg misakwa. Eg nog yim eg kabayno axka, eg misakwa muwapu iwetgit, awaku eg misakwa ahakwa kaseviye wayikavgik, hâwata eg misakwa ahakwa mahakwa, hâwata eg misakwa kayimadga, hâwata eg misakwa avigu paewni nikwe eg nog wawkma boyo eg misakwa amun paxnika iwetgit (…). Kuyn payeva hiyakemniki gudahan, akavuska hiyakemniki gudahan, ku aysaw eg kanio nikwe kayik adahan pis daxgu awaku eg kanio nikwe gute avuywte gukamayn, ku eg gunag umenbika nikwe eg gukamayn kayk adahan eg bakwa hâwata kawnata ik adahan eg aymohwa inin mahikoki gudahan.

Nikwe akavuska adahan, eg kavusaw kanio eg kavusaw avin kag novembro, eg kwis kavusaw kân, egkis kwis, kân wayikavgik, kineyva gukamayn misakwa im gukamayn misakwa ay amim âh, ay avit tip, hanwata amim tinivwih inin mbana iwetgit eg kawih adahan eg kanio. Inin awnene amin kamuwkabet. Kuyn awnene amim akavuska adahan eg bakwa eg, kavusaw bakwa pabuskak novembro eg kwis kavusaw bakwa henewa paeke dezembro. Ku aysaw paeke dezembro nikwe eg bakwa pi kibite akiw nikwe ke inegênbe gudahan nog yim gukamayn, kuyn hmanbaki eg kavusaw ibakaw muwapu, eg ibakaw muwapu, ku aysaw digiswiki nikwe eg kavusaw ibakaw muwapu kukiney eg misakwa.

Hâwata eg nog yim eg kadahan kenka kiyataki gudahan, inin kiyataki, im kapusaw giwntakis amekenegben. Nikwe im kamisakwa awaku im hiyakemniki inekiken im adukwenawa tiviknene han pitate, im kamisakwa hmanawa eg nog yim eg kwis madike, kakema minikwak akiw. Inekikeh, kenka mapitamninka gudahan adahan eg kamadik, awaku ku yuma mapitamninka gudahan nikwe eg madike, hmanbaki ik adahan eg madik, eg madike awaku eg kamaxka akak pidig, hâwata akak abukwiy tyegen nikwe hene ik adahan eg madike awaku eg kamaxka akak nawotuye givunkis.

Dano ahakwaya kaseviye

Nog danó eg misakwa ahakwa kaseviye, awaku ayge guvin ayge eg aymonhwa hâwata eg misakwa amum mbana iwetgit payeva inin iwetgit inin iwetgit kukiney nongas tipenbu misakwa. Hâwata kiwva egkis kan kadahan iwetgit gudahankis, adahan egkis kaniokis egkis kan akak kamuwki. Nikwe iwetgit ku kiney egkis misakwa egkis misakwa apigu wayik unad abet hâwata kamuwkabet, hâwata egkis misakwa amadga mahakwa egkis misakwa, kamuwkabet unad abet, adukwenawa egkis ay amadga mahakwa, hâwata egkis kabaynovwiy axka. A vigu paewni egkis misakwa unad abet, kamuwkabet egkis ka misakwa avigu paewni egkis misakwa unad abet eyge evigu paewni awaku im ahin gudahankis heneme ku im iwetgit kadahan gudahankis kineyva egkis kan awaku egkis kan apit mbana iwetgit, akapuska ku kiney eg kan.

Eg kan amdga mahakwa, ay apit timisne, awaku ayge eg misakwa, ayge eg apanenekwa. Wayikavgik kineyva egkis kan egkis kan waykmun inin ka nun ka amamun avge egkis mewka ku paye misakwa apigu wayik ayge egkis kan. Hâwata egkis mewka kupaye misakwa apigu wayik, egkis kan abet kanh, awaku egkis hiya inin kanh kabantiwa inekikeh egkis batek akak inin iwetgit adahan gekis kanio ayge. Unad abet egkis misakwa kaymadga adahan egkis axwanokis awaku egkis aymonhwa ay amum inin iwetgit, nikwe egkis kadahan kenka mavitamninka gapitkis hiyaptigivyene apigu wayik awkwa igkis iki adahan hiyeg kamax piyana mbana ka ik adahan manuk inege kupaye igkis iki gikitahnikis.

Hâwata akak inin kugin eg mewka kadahan aymohka gukankay adahan isankiska apigu wayik adahan eg kamadik, adahan butavye akiw hiyavgu adukwenawa. Hâwata inin kagta im misakwa adahan kanuhne bakin nay, heneme inin hiyakemniki im adahan kanuhne madikte nengas kupaye ay apigu wayik awkwa awaku nog awkwa eg kadahan ka aysima kabeynevwiy a ikna adahan paykwene gaymohwankis apigu awkwa.

Conclusão

Eu aprendi nesse trabalho a fazer pesquisa e registrar os conhecimentos Palikur sobre como a gente caçava antigamente e quais as mudanças nos dias de hoje. Minhas entrevistas me ensinaram sobre as formas de aprender a caçar e também sobre os manejos que os Palikur antigos já faziam para manter as espécies presentes e não caçar ou pescar demais. Ainda existem muitos animais e plantas no Rio Urukawá. Antes a gente sabia fazer muitas coisas com essas plantas, mas hoje estamos esquecendo. Há pouco tempo aconteceu uma oficina numa aldeia Palikur sobre a fabricação das esculturas de madeira, cerâmica e cestos que foi muito importante. Nos fez lembrar de coisas da nossa cultura que já não sabíamos fazer e fomos aprender com algumas pessoas da aldeia que ainda sabem que foram nos ensinar.

Estudar a caça é importante porque na região do Rio Urukáua já não tem mais caça como antes, mudou um pouco. Eu posso ajudar a pensar sobre o que podemos fazer na busca de uma solução para melhorar a situação da caça e talvez, retornar um pouco como era antes, pois já ajudaria as comunidades. Temos que cuidar das plantas e animais que são importantes para nós para não perdermos eles. Precisamos pensar em como cuidar, como fizeram nossos antigos, que tinham suas formas de manejar. Esse é o método para o futuro. Eu, como Agente Ambiental Indígena, achei interessante trabalhar com espécies das madeiras de lei, sobre a nossa fauna e o valor delas na nossa cultura.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Levantamento de plantas nativas nas Terras Indígenas do Oiapoque

Valderino Forte, da Aldeia Txipidô
etnia Karipuna do Rio Curipi,
Terra Indígena Uaçá

O tema desse trabalho é o levantamento das plantas nativas que existem no Rio Curipi e que são utilizadas pelos Karipuna. Escolhi estudar essas árvores, porque vejo que na Terra Indígena existe grande variedade de plantas, em diferentes áreas. Porém nem todos os jovens conhecem e, ainda mais preocupante, não sabem onde encontrar essas árvores, não sabem para que elas servem, quais animais se alimentam delas, quando produz frutos e sementes. O objetivo é saber como elas vivem, como elas são importantes na vida dos animais. Quero que as pessoas da aldeia, professores e alunos da escola leiam esse trabalho de pesquisa para aprender sobre a importância e o valor das árvores para os povos indígenas.

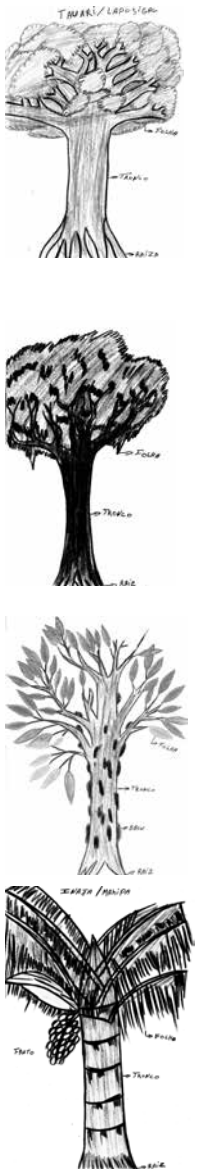
Descrição da área do estudo

A Terra Indígena Uaçá tem lugares muito diversos. Tem grandes áreas de campos alagados que na minha língua se chama *Savân*. Existem muitas ilhas de terra firme no meio do campo alagado que são os lugares onde a gente mora, faz as roças e caça. Moro em uma dessas ilhas, que se chama Txipidô. Em janeiro a água sobe sobre o campo, inundando tudo. Já em julho ela começa a baixar e, no mês de setembro, a maré com água salgada do oceano entra no rio Curipi misturando água salgada com água doce matando vários tipos de peixe que não gostam de água do mar no rio. A maré também traz vários peixes do oceano como *Pusisi, Vuih e kumâ-kumâ*, conhecidos em português como piramutaba, pintado e bagre.

Na região Uaçá existem vários lugares sagrados na mata que tem seus donos, que são seres invisíveis. Nestes lugares as pessoas não podem entrar e nem derrubar árvores, principalmente as medicinais, que os pajés usam no seu trabalho de curar as pessoas das aldeias das Terras Indígenas de Oiapoque.

Nas ilhas existem dois tipos de solo, terra firme e campo alagado. Ali existem vários tipos de plantas nativas. Por isso eu fiz um levantamento do uso de algumas espécies que quase não se encontram mais perto da aldeia e estão acabando. Isto inclui não só as madeiras de lei, mas também algumas árvores que as pessoas usam na sua cultura corporal, como também na pintura do artesanato. Outras que são para uso do Pajé na cura dos *Karuanã* (seres invisíveis que auxiliam o Pajé nas curas) na dança do Turé.

Catálogo de algumas espécies de árvores importantes estudados na pesquisa



Tauari, Arari, Lãsã e *Mahipa*
Autor: Valderino Forte, 2019

Tauari: O Tauari é encontrado na mata firme e nas ilhas. Sua casca é utilizada para fazer cigarro com tabaco usado pelo Pajé em suas cerimônias, para fazer seus remédios caso algo ruim tenha acontecido com a pessoa que o Pajé está cuidando ou até no processo de transformação de uma pessoa que tem o dom de ser Pajé. Muitas pessoas também fumam o tauari durante o *maiuhi* (mutirão comunitário); outras utilizam o tauari no seu dia a dia como cigarro.

Arari: Arari é uma árvore encontrada na mata de terra firme é uma árvore alta podendo medir de 1 a 12 metros de altura e serve de remédio. Os Pajés usam no tratamento de doenças. Em algumas regiões do Amapá usam o tronco para fazer tábuas e móveis. É preciso ter cuidado com esta espécie. Não é qualquer pessoa que pode tirar a casca dessa árvore. É necessário falar com o Pajé porque o Arari tem seu dono. É o pajé tem que preparar um cigarro para defumar a árvore antes de tirar a casca.

Lãsã: O *lãsã*, conhecido como breu, é uma árvore que se encontra mata e ilha. As pessoas tiram para utilizar para fazer fogo e calafetar embarcação. É usado também para remédio como defumação de roça para evitar pragas e também para dor de cabeça.

Mahipa: O *mahipa*, conhecido como inajá é uma palmeira que se encontra na mata de terra firme e nas ilhas. O fruto serve como alimento para as pessoas. A fruta do inajá começa a cair no mês abril. É fonte de alimento também para algumas espécies de animais como cutia, macaco e outros. A palha do inajá é usada pelos indígenas para cobrir o *karbê* (casa de farinha) ou até mesmo as casas. As mulheres usam o caroço para fazer artesanato como anel, brincos e colares.

Iaiá, Báx, Papa kuaio, Griõ e Morototó
Autor: Valderino Forte, 2019

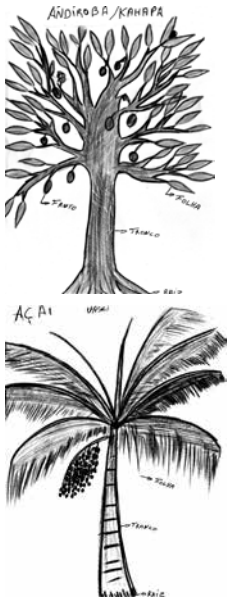
Iaiá: O iaiá é uma árvore que se encontra na terra firme e nas ilhas. Mede de 1 a 10 metros de altura. Seu tronco é utilizado para fabricar canoas e barcos. A árvore produz flores no mês de março e abril e seus frutos aparecem no mês maio. Papagaio, cotias e veados se alimentam do fruto do iaiá.

Báx: *Báx*, conhecido em português como buriti, é uma palmeira que fica no campo alagado nasce em qualquer lugar encharcado água. O Buriti é utilizado para fazer artesanatos, o galho serve como tampa para as garrafas de tucupi que fabricamos e comercializamos; o tronco as pessoas utilizam para fazer ponte para conseguirmos andar nos campos alagados no verão. Em outros lugares as pessoas tiram óleo do fruto, mas nós não temos este costume.

Papa Kuaio: *Papa kuaio* é conhecido como limão brabo. Essa árvore nasce no campo alagado na beira das ilhas. O tronco é utilizado para fazer os bancos rituais do Pajé no ritual do Turé. Um dos bancos rituais feitos dessa madeira é o banco da Cobra Grande, no qual só os homens podem se sentar. Além dos bancos, essa madeira é também utilizada para fazer colheres de pau e outros artesanatos.

Griõ: *Griõ* é conhecido como louro. É uma árvore que se encontra na terra firme, mede de 1 a 15 metros de altura. É utilizada na para construção de casa, móveis e algumas embarcações. É uma árvore de grande importância para povos indígenas. Seus frutos também servem de alimento para animais de caça e aves. Poucos jovens conhecem essa árvore, somente os mais velhos nas aldeias.

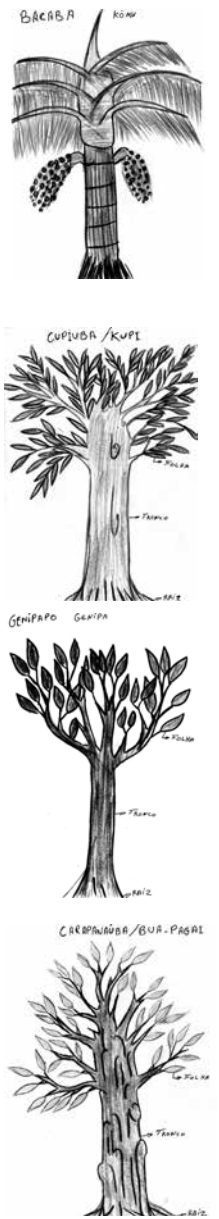
Morototó: O Morototó é encontrado nas capoeiras de terra firme. Não é uma árvore alta e cresce entre 6 a10 metros de altura. Com a sua semente as pessoas fazem artesanatos como colares, brincos e pulseiras. De seu tronco também são feitos alguns bancos do Pajé de onde ele canta durante seu trabalho durante o Turé. Os bancos de Jacaré são utilizados pelas mulheres, diferente dos homens que sentam no banco da Cobra Grande.



Kahapa e Uasei
Autor: Valderino Forte, 2019

Kahapa: *Kahapa* é conhecida como andiroba e é encontrada na terra firme e nas ilhas. É uma árvore alta, que mede de 1 a 20 metros de altura. A madeira da andiroba é utilizada para construção de casa e algumas pessoas usa para embarcação. O fruto é utilizado para extrair óleo que serve de remédio para algumas doenças e também serve de alimentação para algumas espécies de caça como a cutia e outros animais.

Uasei: *Uasei*, conhecido como açaí, é uma palmeira encontrada nas várzeas e igarapés. Os açaizeiros crescem em touceiras com muitos pés. É uma palmeira fina e dá frutas em cacho em camadas. Produz frutos na época chuvosa, a partir do mês abril. Tem alguns açaizeiros que, também, dão fruto no verão, nos meses de outubro até novembro aqui na região do Oiapoque. É uma palmeira com muitas utilidades para os povos indígenas do Oiapoque. O açaí é uma importante fonte de alimento durante a safra. Todas as pessoas gostam muito de tomar ou comer com peixe e carne salgada. As aves e animais também se alimentam do *uasei*. A semente do *uasei* é usada por algumas pessoas para fazer seus artesanatos como colar e pulseiras. As folhas dos açaizeiros são utilizadas para fazer Jamaxi e, também para jogar cima da cumeeira (teto) do *Karbê* (casa de fazer farinha). O pássaro *Iapô* (Japiim) retira partes da folha do açaí para fazer seus ninhos. O tronco foi usado antigamente para tirar ripa (chamada de juçara) e fazer o assoalho. Só os mais velhos se lembram disso. A raiz do açaí também serve para fazer alguns remédios e do talo se tira palmito também para alimentação. O açaí é uma importante fonte de renda para algumas aldeias nas TIs do Oiapoque, que vendem seus frutos ao natural para compradores e atravessadores no Oiapoque e ao longo da BR 156. Algumas aldeias estão fazendo o manejo do açaí para aumentar a produção dos açaizeiros próximos as aldeias.



Komu, Kupi, Jenipap e Bua-pagai
Autor: Valderino Forte, 2019

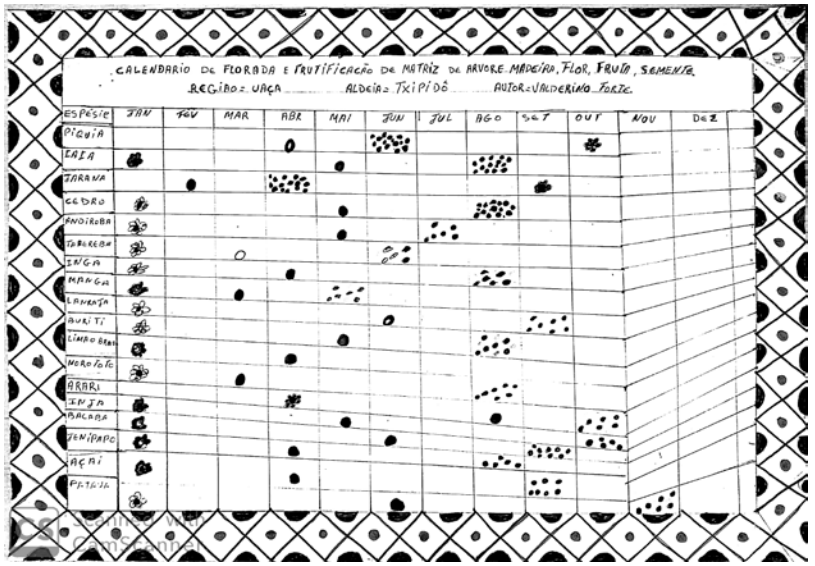
Kõmu: *Kõmu* é conhecido como bacaba. É uma palmeira encontrada na terra firme e em ilhas. Tem até uma ilha com o nome dela, chamada Zilê Komu. Seu fruto serve tanto de alimento para as pessoas como para papagaios, araras, tucanos e macacos. Nós preparamos o vinho de bacaba da mesma forma que produzimos o vinho do açaí. A folha da bacaba é utilizada para fazer jamaxi. Algumas pessoas antigamente faziam óleo do vinho da bacaba ou tiram o óleo para fazer remédio. Tem ciência para tirar esse óleo, não pode tirar de qualquer jeito.

Kupi: *Kupi* é conhecido como Cupiúba, uma árvore que é encontrada na mata firme e nas ilhas. Do tronco da Cupiúba se tira madeira para construção de casa e embarcação é uma árvore alta e grande, mede de 1 a 15 metros de altura.

Jenipap: *Jenipap* é conhecido como jenipapo, que é uma árvore encontrada no campo alagado e na beira das ilhas. De seus frutos se prepara as tintas usadas nas pinturas corporais das marcas indígenas. O tronco se utiliza para fazer alguns artesanatos como colher de pau e outros artefatos. Alguns peixes como o *phápha* e o *ahaku* se alimentam da fruta do jenipapo, em português são conhecidos como acará e aracu.

Bua Pagai: *Bua Pagai*, conhecido como carapãnauba é uma árvore que é encontrada na mata de terra firme e nas ilhas. Seu tronco serve para fazer remo e de sua casca se faz remédio.

Calendário da florada e frutificação das espécies de árvores importantes para os Povos Indígenas do Oiapoque



Os mais velhos relataram nas entrevistas que a procura muito grande por madeira de construção tem feito algumas árvores ficarem mais raras. A população da TI Uaçá está em torno de 9.000 mil pessoas, com algumas aldeias com mais de 1.000 pessoas. Tem muita procura por material para construir casas e também para a construção de embarcações e as árvores que estavam mais próximas, foram usadas e agora se encontram longe e mais raras.

Conclusão

As informações produzidas por esta pesquisa são resultado do processo de aprendizado que acontece nas aldeias. Primeiramente é com os pais. Outras formas de aprender são nas ocasiões dos mutirões, reuniões de trabalho da comunidade e nos velórios, onde se escuta muitas histórias, principalmente dos mais velhos. Esta é uma forma importante de aprender e ensinar entre os Povos Indígenas do Oiapoque, contando as histórias dos velhos. Eu, como pai, ensino meus filhos do jeito que aprendi com meu pai e minha mãe e os mais velhos que são respeitados nas comunidades indígenas do Rio Curipi. Eu, como Agente Ambiental Indígena, ensino meus filhos a respeitar as pessoas mais velhas e a natureza onde nós vivemos e que é importante para nós no futuro, e para que eles não sofram as consequências das mudanças desse processo de aprendizado que ainda existe, mas que está mudando, pois os jovens não tem se interessado em aprender com os ensinamentos dos antepassados que contém muitas coisas boas, nossos costumes, nossa tradição, crenças que são importantes para a manter a cultura do povo Karipuna.

Miasi! Obrigado! *Mo ka humiasi mo methes iela ki ide mo lâdâ mo thavai iko te moh* âphân *pu mo ideh mo komuniteh kote no ka viv.*

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

ROÇAS,
PRODUÇÃO DE FARINHA
E
NOVOS EXPERIMENTOS

A roça e a produção da farinha nas Terras Indígenas do Oiapoque

Lelivaldo Iaparrá dos Santos, indígena Karipuna, nasceu na aldeia Manga, Rio Curipi Terra Indígena Uaçá em 1994. Aos 4 anos de idade, mudou-se com a família para a aldeia Japiim, fundada pelo seu avô. Atualmente trabalha na agricultura e participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

A minha pesquisa é sobre o plantio da roça e a produção da farinha, e também sobre a qualidade e variedade de manivas que nós plantamos na roça. A descrição sobre a construção da roça e produção da farinha é importante para mim porque eu já trabalho no cultivo da roça, isso faz parte da nossa cultura de muitos anos atrás e até hoje. Essa pesquisa foi feita com meus dois avôs: Ivan Iaparrá, da Aldeia Japiim, e Gil dos Santos, da Aldeia Espírito Santo. Foi através das histórias do passado que eles me contaram e também das mudanças que hoje aconteceram.

Pensando a roça

Nós povos indígenas do Oiapoque, antes de fazer uma roça, procuramos um lugar ideal para roçar, que não inunda na época da cheia, pois a nossa região é formada por muitos campos alagados e algumas ilhas e áreas de terra firme, que é onde fazemos nossas roças. Depois de escolher o lugar certo, começamos o processo: escolhemos uma área para medir em braça o tamanho o tamanho da roça, em média uma roça mede 60 por 50 braças, fechando uma quadra. Esse tamanho já é o ideal para você se sustentar o ano inteiro. Na nossa ciência indígena, nós sabemos qual o mês do ano já está na hora de reparar o lugar e começar a marcar a roça para fazer o mutirão de roçar. Esse é um conhecimento dos povos indígenas, que veio desde o passado até o dia de hoje, que os nossos avós ensinaram nossos pais e eles vem nos ensinando, assim como nós vamos ensinar para futuras gerações.

Cada ano a gente faz uma roça nova, porque se você deixar de fazer um ano, você vai ficar dois anos sem farinha para seu sustento. Após marcar a roça, fazemos o mutirão de roçar, onde nós convidamos todos os homens da comunidade para fazer essa troca de trabalho. Roçamos os matos pequenos, para que na hora de derrubar, eles não atrapalhem para você correr. Em algumas vezes, acontecem acidentes nesse tipo de trabalho, fugindo dos galhos que estão caindo. Após a roçada vem a derruba. Levamos de um a dois dias para derrubar as árvores maiores que ainda ficaram depois da roçada. Após a derruba, nós esperamos 25 a 30 dias para queimar. Depois cortamos os galhos com motosserra para fazer o mutirão de encoivarar, que é jogar os galhos um em cima do outro e tornar a queimar de novo. Todos esses processos são feitos através de mutirões. Depois desse processo, o dono da roça e a sua família vão até a roça que foi plantada no ano anterior, para tirar 20 a 25 feixes de maniva. Dependendo do tamanho da roça, essa quantidade de feixes de manivas varia, geralmente a gente faz dois feixes de cada variedade de maniva. Então, é feito um novo mutirão para fazer o plantio.

O *Maiuhi*

No dia do plantio é feito um *maiuhi* (mutirão), o dono chega com a comida e a comunidade já fica ciente que logo haverá o mutirão de plantar a roça. Na hora do trabalho, as tarefas são divididas por sexo e pela idade, por exemplo: os mais idosos são quem cortam as manivas, já os jovens carregam o feixe de maniva de uma roça para outra, e as jovens semeiam as manivas cortadas nas covas que os homens adultos cavam com a picareta, e as mulheres casadas é quem vem plantando as manivas. O dono da roça tem direito de indicar quatro voluntários para repartir água para os trabalhadores. Nesse tipo de trabalho, a maioria das aldeias Karipuna fazem disputa de arco e flecha, que inclui jovens e adultos. Durante o trabalho também é consumido muito cigarro de *tawari*, caxixi, e chibé com pimenta, sal e água.

Na etnia Karipuna, os dias de mutirão começam de manhã cedo e quem dá a comida, a bebida e o cigarro do *tawari* é o dono do maiuhi, o dono da roça. Ele que tem o direito de dar isso. Já em algumas aldeias da etnia Galibi Marworno é diferente o modo de organizar seus trabalhos, como por exemplo: se você não leva sua comida, sua água, você só vai comer quando chegar em casa, porque lá o dono da roça não compartilha a comida. Por isso, geralmente eles fazem o mutirão pela parte da tarde. Mas nem todas as famílias fazem seu mutirão dessa forma, tem algumas pessoas que também compartilham a comida. Além disso, no momento dos *maiuhi*, ocorrem muitas trocas de variedades de maniva. Nós da Aldeia Japiim, participamos geralmente dos mutirões nas aldeias Manga, Zacarias e Benoá. E eles participam dos nossos mutirões. Nesses momentos, quando vemos uma maniva diferente nas outras roças, pedimos para o dono arrumar a planta daquela qualidade para a gente levar para a nossa roça.

Depois que a roça já foi plantada, chega a vez de *sekle*, que na língua indígena *kheuol* significa capinar. Então, nós começamos o mutirão de *sekle*: a gente tira todos os matos do meio da roça, para que fique só as manivas. Ela se desenvolve mais rápido e produz mais mandioca quando está no limpo, essas limpezas você faz duas vezes antes de colher a mandioca. Nas roças feitas na mata virgem é preciso esperar a roça completar um ano e quatro meses para a mandioca ficar bem madura, já nas roças de capoeira, ela leva 9 meses para amadurecer. Nesse tempo, as mandiocas já estão prontas para colher, mas tem uma diferença no tamanho da mandioca, por exemplo: na mata ela produz a mandioca maior, já na capoeira ela produz a mandioca um pouco menor. Nossa forma de plantar é assim: fazemos a roça em um ano na mata firme e quando acabamos de colher, deixamos aquela área se recuperar e escolhemos outra área para plantar. Naquela área de capoeira, crescem muitas frutíferas e também atrai os animais, como paca, cotia, veado, anta, catitu e outros.

TEMPOS ATRÁS

Fiz uma entrevista com o meu avô, Gil dos Santos, e ele me contou como era a vida no passado. Ele conta que no passado era muito diferente o modo de trabalhar. Era mais demorado porque não tinha motosserra e nem máquina para ralar a mandioca. Era tudo manual e também as pessoas eram mais dedicadas a fazer seus artesanatos e a sua cultura. Os homens faziam ralo e tipiti, as mulheres faziam as cuias, e tanto os homens quanto as mulheres faziam os paneiros e as peneiras. Além disso, eram feitas algumas práticas da cultura indígena, como canto de músicas e histórias contadas nos mutirões de roçar a roça, plantar, raspar a mandioca e torrar farinha.

Naquela época, eles utilizavam mais o ralo manual e o tipiti, naquele tempo quando tinha mutirão de plantar roça, em qualquer aldeia eles iam participar do trabalho e quando chegava perto do meio-dia era hora de parar para repousar. Nessa pausa, eles aproveitavam para fazer diversos tipos de artesanato, como por exemplo: tipiti era feito por várias pessoas que estavam participando assim como a peneira, o paneiro e o jamaxi. Eles também faziam disputa de arco e flecha, solteiro contra casado, e quando terminava empatado eles iam para a competição final, onde eles escolhiam cinco flechadores melhores de cada grupo para disputar direita e esquerda. Hoje em dia, as únicas aldeias que ainda fazem isso são as aldeias Espírito Santo e Jõndef. Nas outras aldeias ainda se faz o mutirão, mas não tem mais todas essas práticas culturais. No passado, eles também enfrentavam muitas dificuldades com as muriçocas nas ilhas que empatavam no trabalho, tanto na produção da farinha, quanto no processo da roça. Quando eles iam para a roça, tinha o horário para chegar no *karbe* e o horário para retornar para casa, porque você não aguentava a quantidade de muriçocas.

O senhor Ivan Iaparrá, meu outro avô, que também entrevistei, conta que naquele tempo era muito difícil você tomar um café e leite. Se você quisesse ter isso na sua casa, você teria que remar 4 a 5 dias para poder chegar em Oiapoque e então vender seus produtos, como farinha, laranja, tangerina para que eles pudessem comprar seu café, açúcar, leite, sal e outros tipo de material que eles precisavam. O café da manhã que eles tomavam nessa época era mingau de farinha, de tapioca, de cará e de "daxina", as vezes também com peixe assado. Naquele tempo, eles também plantavam muita cana para extrair

o caldo que servia de açúcar para adoçar mingau e café. Hoje em dia ficou mais fácil para chegar à cidade, em um dia você vai comprar seu alimento pela parte da manhã e volta pela parte da tarde. Ele também contou que naquele tempo tinha muito peixe, tracajá, jacaré, agora com o aumento da população foi diminuindo essas espécies.

TEMPOS DE HOJE

Nos dias de hoje, em algumas aldeias, como a Aldeia Espírito Santo, ainda se faz no mutirão esses tipos de materiais feitos com recurso renovável da floresta, como cipó, arumã, acita e outros, que servem para fabricar colar, pulseiras, cocar, isso tudo faz parte da nossa cultura. A produção da farinha que antes era mais demorada, porque era só com ralo, também mudou. As pessoas começaram a usar mais os objetos que vem de fora, que eles compravam, como: máquina de ralar mandioca, motor de popa, voadeiras, motosserra, tudo isso foi ficando cada vez mais fácil para fazer farinha, derrubar a roça, transportar mandioca e outros materiais para construir casa, e até mesmo para você se deslocar da sua aldeia até a outra para pegar carro e ir até a cidade para comprar seus alimentos. Mas algumas pessoas ainda vão a remo para sua roça. Hoje em dia, você faz cinco a seis sacas de 50kg de farinha dentro de sete dias, no passado você levava mais dias para chegar nessa quantidade de sacos de farinha, porque no passado era tudo manual.

Variedades de mandioca

Nós AGAMIN realizamos uma pesquisa de variedade de manivas e das qualidades de mandiocas que plantamos em nossas roças. Fizemos um levantamento não só da mandioca, mas também das batatas e frutas como: daxina, banana, batata doce, pimenta, limão, gengibre, cará, goiaba, cana, maxixe e jerimum. Todas essas espécies fazem parte do nosso sustento, tanto na alimentação quanto na venda a cidade. Essa pesquisa foi realizada pelos 40 agentes ambientais das três Terras Indígenas, Uaçá, Galibi, e Juminã, onde pegamos todos esses dados e montamos uma tabela e também verificamos qual espécie está diminuindo ou aumentando nas aldeias. Foram feitas 47 entrevistas. Aqui está a tabela com o resultado da nossa pesquisa coletiva:

Tabela com as variedades de manivas e qualidade de mandiocas pesquisadas pelos Agamin durante a formação

N.	Espécie de Planta	Variedades	Frequência	Quantidade Média
1	Mandioca	Xingu	7	3
2	Mandioca	Grelo Roxo	8	3,1
3	Mandioca	Camarão	8	2,4
4	Mandioca	Seis meses	7	3,3
5	Mandioca	Kaximbo	26	15
6	Mandioca	Conhaque	2	3,5
7	Mandioca	Tukumã	33	5,5
8	Mandioca	Ararão	4	4
9	Mandioca	Sãzo	7	2,15
10	Mandioca	Tet ble	14	5,45
11	Mandioca	Batõ may	1	2
12	Mandioca	Sãsan	18	5,2
13	Mandioca	Jham agamin	1	2
14	Mandioca	Kalicha	7	4,9
15	Mandioca	Roxinha	1	2
16	Mandioca	Juminã	16	2,3
17	Mandioca	Pretinha	1	2
18	Mandioca	Bolinho da grande	1	2
19	Mandioca	Bolinho do pequeno	11	3,6
20	Mandioca	Sauaua	5	3,6
21	Mandioca	Folha fina amarela	9	2,6
22	Mandioca	Folha fina branca	3	2,5
23	Mandioca	Macaxeira	18	9,5
24	Mandioca	Baton Uaça	5	3,5
25	Mandioca	Kawawa	1	2
26	Mandioca	Oro	1	2
27	Mandioca	Bata	1	2
28	Mandioca	Baiana	2	2,5
29	Mandioca	Papai	3	2,5
30	Mandioca	Caroço	2	2
31	Mandioca	Baixinha	1	4
32	Mandioca	Leza	2	3,5
33	Mandioca	Velho Chico	3	4,5

A roça, o *kahbe* e os objetos usados na produção da farinha

No processo de produção da farinha, usamos muitos objetos. Vou explicar cada um deles, do que é feito e para que é usado. Também vou mostrar através de desenhos e fotos esses objetos usados na roça. Primeiro você precisa ter uma casa de farinha, que nós chamamos na língua indígena kheuol – *Kahbe* ou *Carbe*. Nesta casa, tem o forno, a peneira, as caixas de madeira, prensa, máquina de ralar, bacias e outros objetos que fazem parte da produção da farinha.

A mandioca pode ser colocada na água de diferentes formas, com casca e sem casca, na caixa d'água ou na canoa. O paneiro serve para carregar a mandioca, o cará, o abacaxi, a banana e materiais para o *kahbe*, que carregamos a mandioca da roça para a casa de farinha. Hoje em dia, usamos mais a máquina de ralar a mandioca do que o ralo, que era mais usado no passado. Nós também fabricamos caixas de madeira, uma para colocar mandioca e outra para ralar dentro. A maior serve para misturar a massa junto com a mandioca d'água. O tipiti e a prensa servem para secar a massa. Hoje em dia, usamos mais a prensa.

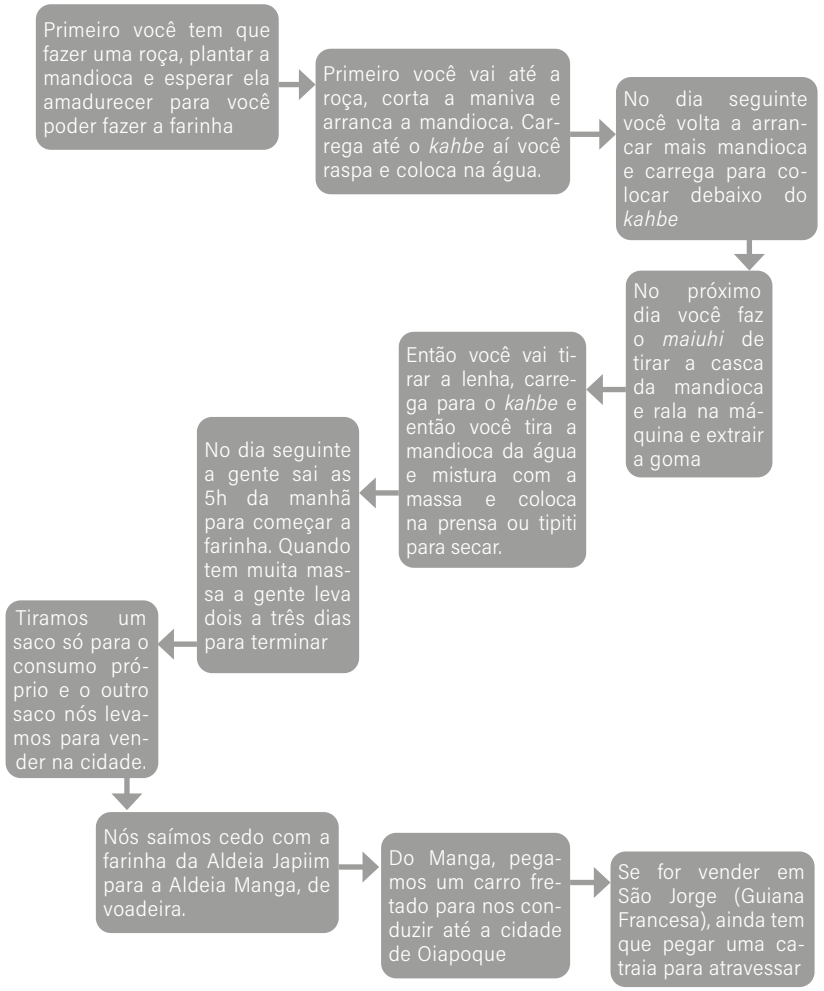
A peneira tem duas qualidades, por exemplo: a peneira fina, que serve para tirar tapioca, coar açaí, bacaba e patauá; e a peneira grossa serve mais para coar a massa, tirar tapioca, e serve também para coar a farinha torrada. O forno com rodo e o tarubá serve para torrar a farinha natural e a farinha de tapioca. No forno, fazemos também o beiju. E a casca da mandioca também serve para fazer adubo.

Comercialização da farinha

Nós AGAMIN, através desse curso de formação, realizamos dois pequenos projetos: um para realização de uma feira de trocas de sementes e remédios medicinais, e outro de realização de uma feira de vendas no município de Oiapoque. A feira de trocas ocorreu na Aldeia Kumarumã, em fevereiro de 2019, durante a Assembleia de Avaliação dos Povos Indígenas do Oiapoque. Nessa feira, nós AGAMIN levamos vários tipos de sementes das cinco regiões para fazer essa troca, pois pensamos que tem planta que tem em uma região e na outra não tem. A outra feira foi realizada no município de Oiapoque, com o objetivo de vender nossos produtos e que eles sejam valorizados na cidade assim como nós valorizamos dentro das nossas comunidades.

A seguir, vou apresentar um esquema sobre a produção da farinha, desde a colheita da mandioca até a venda na cidade. Nesse esquema, apresento o passo a passo da produção da farinha.

Cadeia de produção e venda da farinha dos povos indígenas do Oiapoque.



Conclusão

Foi importante fazer essa pesquisa sobre a roça e a produção da farinha, pois além de aprender como fazer pesquisa, também fiquei conhecendo mais coisas sobre o passado e coloquei no trabalho todo o passo a passo da produção da farinha, a cadeia produtiva e a tabela de variedades que pesquisamos. Tudo isso pode ser usado tanto nas escolas indígenas como para fora, para os não indígenas conhecerem mais sobre nosso modo de vida. Nesse trabalho eu apendi a fazer várias coisas, como: fotografar, pegar informação, fazer pesquisa sobre algo onde se quer chegar, dependendo se a pessoa está disposta a falar essas informações e a forma de como você chegar com as pessoas para fazer essas perguntas. Essa pesquisa contribuiu para buscar coisas do passado, para comparar com o dia de hoje. Eu fiz algumas entrevistas com colegas do curso e também essa formação trouxe muitas coisas importantes, não só para mim, mas também para minha comunidade, coisas que não conhecia e vim conhecendo através desse curso.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

O trabalho na roça do povo Galibi Marworno: conhecimento sobre a produção de farinha

Jarbas Malaquias Pastana, indígena Galibi Marworno, mora na aldeia Samaúma, localizada na margem da rodovia BR-156 km 83, na Terra Indígena Uaçá

Neste capítulo, realizo uma descrição sobre o trabalho na roça do povo Galibi Marworno nas aldeias Kumarumã e Samaúma. Este trabalho é relevante para a valorização da cultura Galibi Marworno na roça. Vou trazer informações de como o povo Galibi Marworno trabalha na roça. Também irá ajudar as pessoas a entenderam o trabalho que se têm para produzir uma farinha. É um registro para que possamos manter a cultura viva e mostrar para as pessoas que não conhecem o *Karbe* (a casa de farinha) verem como o trabalho é pesado e demorado. Para elas perceberem que a farinha não é apenas um alimento, mas sim uma arte, um saber-fazer.

O povo Galibi Marworno possui um conhecimento rico e específico sobre a natureza. Conhecem muito bem o calendário da natureza, porque vivem a partir dos recursos dela. São grandes conhecedores do clima, dos períodos de chuva e seca, e das estações do ano. É com esses conhecimentos que os Galibi Marworno trabalham na roça passo a passo. Eles organizam o trabalho na roça de começo ao fim. Isso vem de todo um conhecimento para tirar o proveito da terra, porque um povo indígena não vive sem a sua terra e a sua farinha, tem que utilizar a terra para fazer suas roças, mas de forma sustentável e a longo prazo. Muitos não indígenas pensam que nós prejudicamos o meio ambiente, mas o jeito como fazemos nossas roças é muito mais sustentável que as grandes plantações.

O trabalho na roça

ROÇAGEM

Uma roça começa com a roçagem que é uma atividade feita somente pelos homens. O período definido da roçagem é durante o mês de agosto no início da seca. Os donos das roças decidem os horários de trabalhos conforme a distância da roça de cada dono. Depois vem a derruba que é o mais perigoso de tudo.

DERRUBA

Os donos das roças se organizam em grupos para decidirem as primeiras roças a serem derrubadas com diferentes períodos. O dono da roça reúne seus parceiros e os orienta sobre o segundo passo por ser um trabalho bastante arriscado, dois homens são tirados para serem vigias, são eles quem avisam os outros quando uma árvore vem caindo em posição errada de seus companheiros. A alimentação e o transporte são por conta do dono da roça, com seu horário bem definido, isso acontece no mês de setembro e quando terminaram vem a queimada.

QUEIMADA

A queimada das roças acontece a partir que a roça completa um mês após a derrubada, até o final de outubro, porque no início de novembro já está começando a chover. A queimada das roças depende do clima, no caso dos dias meio chuvosos a realização não acontece. Só é realizada a queimada nos dias de sol logo após o meio-dia. Outro fator importante é que se deve conhecer muito bem a posição do vento para colocar o fogo. As famílias que possuem roças bem próximas umas das outras tem de combinar o mesmo dia da queimada, para não prejudicar a roça do vizinho. E quando uma roça não foi bem queimada, acaba dando mais trabalho para a coivara.

COIVARA

A coivara é a limpeza da roça, isso acontece depois da queimada que envolvem homens, mulheres, jovens e crianças juntos. Nesse trabalho as refeições são servidas de duas maneiras, na hora da chegada ou ao meio-dia. Quando termina a coivara de todas as roças vem a seleção das manivas.

SELEÇÃO DAS MANIVAS

Nesse momento o dono da roça já tem uma ideia de quantos feixes de maniva a roça vai precisar, e a partir daí ele vai fazer a seleção das manivas brancas e amarelas. E são plantadas de uma forma organizada para poder ter o conhecimento na hora da colheita, de arrancar a mandioca desejada.

PLANTIO

Após a seleção das manivas, começa o plantio, não importa se está chovendo ou não, tem que acontecer de qualquer maneira. Também envolve homens, mulheres, jovens, crianças e idosos. Nesse trabalho o dono da roça oferece um almoço na chegada ou ao meio-dia. Os homens começam fazendo as covas todos juntos, os jovens e as crianças vêm semeando as manivas e as mulheres só passam enterrando as manivas. No mesmo momento o dono da roça com seus filhos carrega as manivas que estão na roça antiga, para que as pessoas mais velhas as cortem. E cada rodada plantada é feita uma pausa para tomar o *xibé* que é água com farinha numa cuia grande. E o dono está sempre verificando o andamento do trabalho, até que termina de plantar a roça.

CAPINA

Depois do plantio, os donos das roças dão uma pausa de um mês, e então vem a capina, que começa no mês de março, por causa do *botã kahem* (verão da quaresma) e vai até o mês de julho. Esse trabalho também envolve homens e mulheres. Só que os homens, ficam responsáveis de caçar e pescar para as mulheres comerem antes de trabalhar na capina. Quando terminam essa primeira capina elas dão uma pausa e só retornam uma segunda mão em agosto. Depois só fica esperando a mandioca amadurecer para tirar o sustento do trabalho.

A COLHEITA E A PRODUÇÃO DE FARINHA

A partir do momento que a roça fica bem madura, após o período de um ano, os donos começam a colheita, que pode ser feita por homens, mulheres, jovens e crianças. O dono e a família vão para a roça arrancar a mandioca, que é colocada no *jamaxi*, *paneiro* ou saca e, depois é levada para a casa de farinha na aldeia. Lá as mulheres colocam na água de preferência numa canoa velha ou nos carotes cortados de 50 litros. No outro dia vão de novo para a roça arrancar mandioca que também vai para o *Karbe*. Quando está tudo lá, as mulheres começam a descascar a mandioca e lavar na gamela, depois rala no caititu ou ralo. Em seguida tira a tapioca e ao mesmo tempo também tira a mandioca puba da água e rala no caititu. Depois de tudo isso, mistura a mandioca puba com a mandioca ralada, para transformar numa massa de boa qualidade. Após isso, cobre bem com um plástico. No dia seguinte cedo coloca a massa na prensa deixa passar um tempo para secar. Depois que secar bem, tira a massa e coloca na gamela para coar na peneira e transformar numa massa bem fina. E ao mesmo tempo já coloca outra massa na prensa para secar. Enquanto isso o forno está esquentando para torrar a farinha. Cada fornada leva aproximadamente duas horas para ficar pronta. É um trabalho bastante cansativo e demorado. Após a farinha ficar bem torrada, depois de esfriar, ela é colocada no saco de fibra pronto para o consumo ou para comercializar na aldeia, no município de Oiapoque ou Saint Georges, na Guiana Francesa.

No inverno se produz mais a farinha para vender porque o acesso nas roças é mais fácil, todos os agricultores têm mais facilidade de chegarem em suas roças com o nível da água alto. Por isso, a produção é maior nessa época. Já no verão o rio fica seco, as roças ficam mais distantes, o que dificulta as pessoas chegarem em suas roças. E as famílias produzem menos quantidade de farinha nessa época. Uma família produz em média, por mês, de dez a doze sacas de farinha de 50 quilos.

A farinha na vida do povo Galibi Marworno

Segundo o professor Jaizinho Mauricio Monteiro, morador da aldeia de Kumarumã: "A roça representa a vida de todo mundo na aldeia, porque é um alimento que o povo nunca vai deixar de fazer e viver disso, e também que fortalece a cultura. E para a maioria das pessoas de Kumarumã é de onde tiram o dinheiro para poderem sustentar suas famílias. A farinha representa o Banco de cada cidadão agricultor da comunidade. Como a maioria não possui emprego, a roça é um emprego sempre na vida deles". Também disse que seu pai José Andrade Monteiro, pajé da aldeia de Kumarumã, contava para ele, que a mandioca é plantada na terra alta porque na terra baixa apodrece. E na parte baixa pode plantar cará, inhame, banana e daxina.

Comercialização no tempo antigo e hoje

Segundo dizem as lideranças da aldeia de Kumarumã, como ex-cacique Paulo Roberto da Silva e alguns conselheiros como Manoel Rufino Nunes, Roberto Forte e outros, a comercialização nos tempos antigos na aldeia de Kumarumã, funcionava com trocas de mercadorias e de alguns objetos necessários. Transportava-se a farinha para Saint Georges, Oiapoque e também para a Vila do Cassiporé porque era bem mais perto. Nesses lugares se fazia a troca com os comerciantes por mercadorias como café, açúcar, roupas, panelas e outros. As viagens para Saint Georges e Oiapoque eram bastantes cansativas porque duravam semanas e meses para chegasse no lugar de destino. Porque o transporte neste tempo era em canoas a remos, não existiram os motores e barcos nestas épocas. A comercialização dentro da comunidade também funcionava na forma de troca dos produtos. Hoje na aldeia de Kumarumã através do contato maior com a cultura do branco, já funciona diferente de antigamente, alguns fazem a troca entre si com os pais, filhos ou irmãos, mas a maioria faz a venda nos próprios comércios locais ou aos seus particulares que por não terem roças, compra por quilo ou sacas.

A Feira Itinerante de produtos indígenas

A Feira Itinerante de Produtos Indígenas começou nos dias 16 e 17 do mês de abril de 2019. Essa ideia foi criada e pensada pelo grupo dos Agentes Ambientais Indígenas, mas também contou com a ajuda dos parceiros, Museu Kuahi, Funai, Iepé, Prefeitura Municipal de Oiapoque, e Rurap. Primeiramente pensamos que seria somente um teste para realizar e tentar conquistar o coração do nosso povo indígena, e de quem dá valor a quem produz naturalmente para a sua venda. Assim as pessoas das nossas comunidades passaram a fazer as suas vendas no dia e na data marcada da nossa feira itinerante durante o ano. Isso porque cada família que participa dessa venda com seus produtos naturais, sabe muito bem da grande importância que essa feira trás para nós. Ela é importante porque a venda na cidade é muito mais rápida e tem mais saída devido ao movimento. Além disso, os valores dos nossos produtos são bem razoáveis, é um preço justo para nós que vendemos e para quem compra. Outro fato importante é a presença dos nossos vizinhos da Guiana Francesa que circulam pela feira e conhecem nossos produtos e também nossa cultura. Com isso, há uma diferença sim entre a venda na nossa feira itinerante, do que a venda no mercado ou na aldeia. No mercado, as pessoas que compram e pagam os preços dos atravessadores e não os preços que nós queremos, pelos nossos produtos, que são de boa qualidade, naturais e bem saborosos.

Preocupação com o clima

Hoje a situação das roças é muito difícil, por causa do clima, o período de chuva está modificando e vem transformando a vida dos agricultores de Kumarumã. A produção de farinha está diminuindo por causa da seca, os donos estão tendo dificuldade de chegar em suas roças. No inverno é para ter grande quantidade de produção de farinha nos *Karbe*. As pessoas estão preocupadas com a mudança do clima, pensando como vai ser a situação das roças que não tem como trabalhar na seca. Pode vir a existir uma crise no período de trabalhar na produção de farinha nos *Karbe*.

Conclusão

O interesse para fazer esse trabalho surgiu porque considero que a farinha e todos os conhecimentos relacionados a ela são muito importantes para meu povo. Foi bastante proveitosa as informações sobre o trabalho na roça do povo Galibi Marworno. Mostrou uma interação muito forte com a natureza. Com certeza através desses conhecimentos as pessoas vão compreender a força que os Galibi Marworno gastam para produzir a farinha de mandioca e sustentar suas famílias. Vão passar a valorizar tudo que foi mostrado de experiência sobre a roça do povo da região do Rio Uaçá. Falo isso porque acredito e vivo sobre essa situação, sempre participo dos trabalhos na roça, considero um grande valor para a cultura que nunca vai acabar. Gostaria de ressaltar que a farinha tradicional do Uaçá abastece o mercado do município de Oiapoque e Saint Georges. Com tudo isso, vai fortalecer o saber-fazer da farinha.

Nuvel dji vuih, "recado da fruta": experimento com plantas na Aldeia Taminã

Nério Forte Karipuna, indígena Karipuna, nasceu e vive na Aldeia Taminã, na Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

É muito importante para um Agamin se envolver mais com as plantas, porque hoje nas comunidades indígenas já foram derrubadas muitas árvores para fazer suas roças, canoas e construções de casa. Agora com essa técnica de reflorestar precisamos colocar em prática para desenvolver atividades. Precisamos correr atrás de sementes ou mudas para fazer um viveiro e cuidar das espécies e depois mapear essas áreas de capoeira para poder reflorestar essas áreas que não têm mais essas espécies, principalmente as madeiras de lei e as frutíferas que atraem os animais, os pássaros, para mais perto da aldeia. Escolhi o tema do experimento com plantas porque trouxe novos conhecimentos para trabalhar. O meu experimento é com banana, açaí, macaxeira, abacaxi, e cana, em uma área de mata virgem, local onde nunca foi feita nenhuma roça. O plantio começou no mês de outubro e será de 2 anos. Nessa fase eu limpei duas vezes por semana. Esse experimento foi realizado perto da Aldeia Taminã, na região do Rio Curipi, na Terra Indígena Uaçá. Nesse momento somente eu realizei esse pequeno experimento que se chama *nuvel dji vuih*, "recado da fruta" em português.

Nossas roças

Nós povos indígenas do Oiapoque, sempre procuramos um lugar antes de fazer a nossa roça e medimos sempre em braços de trinta e trinta de comprimento para poder marcar a roça. Fizemos no começo de verão no mês de setembro, depois nos organizamos para fazemos a roçagem, a derruba. Depois de um mês após a queima, fazemos a limpeza geral da roça. Sempre tiramos uma semana para tirarmos as nossas manivas, abacaxi, batata, inhame, cana, laranja, abacate, cupuaçu, tangerina, pupunha, banana, na língua indígena o nome das nossas plantas são *baton, nanãnapihamkan, avoca, kupuzohanj, madahenbacov.* Tiramos um dia também para pescar e caçar e marcar na primeira lua cheia no mês de outubro para plantar o que nós queremos. Quando chega o dia para ir plantar, vamos cedo para nossas roças. Levamos comida para preparar na roça, assado, cozido e comemos sempre bem cedinho antes do trabalho da roça.

Depois de terminar de comer nós vamos dar início ao nosso trabalho. Antes de plantar cada espécies nós indígenas do Oiapoque pedimos à deus que ele olhe para nós sempre, porque nós somos povos que dependem da floresta para viver e as plantas são muito importantes para nós, todos os dias. Nossa atividade da roça envolve todos: as crianças, jovens e adultos. Todos participam dessa atividade.

Na hora de plantar a gente conversa com a planta, assim como nós estamos de barriga cheia, e queremos também que as plantas produzam também de barriga cheia, falamos também com a lua que ela é tão grande e bonita e assim que nós queremos as plantas, que deem cachos grandes e bonitos. Esperamos que algumas plantas amadureçam durante um ano e outras até três, cinco anos para produzir. Nós povos indígenas não usamos adubo na hora do plantio. Nós esperamos um ano para a mandioca amadurecer. Abacaxi, banana, cana-de-açúcar, inhame e batata são tipos de espécies que produzem mais rápido. Nós dependemos muito desses tipos de plantas no nosso dia a dia. São muito importantes para nós porque são, primeiro, alimentos de qualidade de todos os dias.

E não são só nós seres humanos que dependemos dessas plantas para sobreviver, os animais, os pássaros, também dependem dessas plantas para sobreviver e nós povos indígenas de Oiapoque temos uma grande preocupação pela natureza. Quando escolhemos um lugar para fazer a nossa roça não fazemos uma grande derruba onde tem essas grandes árvores como: copiuba, andiroba, cedro, aquariquara, angelim, yaya, tauari. A gente procura outro lugar para fazer a nossa roça porque eles são muito importantes para a natureza e sustentam bastante o solo, pois ele fica mais firme ainda. Chamamos elas de mães das árvores porque elas são maiores de que as outras e são eles que sustentam as outras pequenas até elas crescerem para poder fazer parte também desse grupo de mães. É por isso que é muito importante para nós indígenas garantir sempre em pé a floresta, porque não é só nós seres humanos que precisamos dela. Os animais e os pássaros dependem muito dela para sobreviver e convivem nela há muito tempo.

Meu experimento com as plantas

Esse experimento com plantas traz uma grande força para você entender melhor sobre agricultura e com essa nova técnica de aprendizagem para plantar qualquer tipo de espécie, você não precisa derrubar a floresta para plantar suas plantas que precisa ter na sua roça. É só procurar um lugar e marcar a roça depois você vai roçando e cortando só os matinhos baixo e deixando as árvores maiores. Não precisa derrubar as árvores grandes para fazer roça, os matos que roçamos nem precisam ser queimados, já servem de adubo para ajuda o solo ainda mais seguro e também deixa o próprio solo bem resistente para receber essas plantas que nós indígenas temos na nossa região. Nós precisamos plantar cada vez mais essas espécies e agora com essa técnica esperamos garantir a nossa alimentação. Com essas novas técnicas nós Agamin aprendemos coisas novas e diferentes do que nós indígenas viemos fazendo a muito tempo atrás.

Com essa nova aprendizagem de como lidar com as plantas, o Agamim aprende mais como plantar a banana, açaí, macaxeira e andiroba. Para plantar a banana você mede uma distância de dois metros e você cava um buraco de quarenta centímetros e antes de plantar a banana você dá um corte nela com terçado e tira todos as raízes que tem na bananeira e joga um pouco de cinza, folha seca ou pau podre dentro do buraco e coloca o pé da banana no buraco depois joga a terra encima da banana. Devemos esperar um mês ou dois meses e logo dará para perceber o pé da banana já nascendo com folha grande e largas e bonito, sem doença. Além disso, cresce mais rápido e produz cachos maiores e plantados todos em linha e nos espaços, planta macaxeira, açaí, abacaxi, andiroba. A maniva você corta trinta centímetros e planta as pontas encostados para poder se comunicar, falar um com outro, e as outras são plantadas como nós plantamos na nossa tradição, mas só que é plantado tudo em linha. Então com essa nova técnica de aprendizagem tem uma grande diferença que dá para observar a terra do plantio está sempre coberto por alguns tipos de folha, galhos, que devem ser produzidos na própria agrofloresta. Isto é feito para permitir que a vida do solo seja mais segura, pois acumula água e ar dentro da terra, no solo, que é o principal local onde as plantas lançam suas raízes para poder pegar os nutrientes. É muito importante também porque nela habitam muitos organismos vivos e diversos animais, como minhocas, formigas e fungos que deixam os nutrientes, a água e o ar à disposição das plantas.

Durante o curso, nós Agamim procurarmos sementes ou mudas de andiroba, solvas, yayá e também das madeiras de lei como angelim, aquariquara e maçaranduba, que são importantes na nossa cultura. Depois de encontrar as sementes é necessário procurar um lugar debaixo das árvores para fazer um viveiro para fazer as mudas e deixar elas crescerem até cinco meses ou mais. Depois devemos procurar essas áreas onde foram feitas as roças que viraram capoeira, pois nelas não tem mais esses tipos de plantas e então plantar elas para reflorestar novamente. Com isso vai aumentar a quantidade dessas espécies e vai recuperar a floresta verde e bonita. Isso também vai atrair os animais e os pássaros, eles vão chegar mais perto da aldeia.

Comparação da agricultura indígena e agronegócio

A aula de "Prática de Conhecimento sobre alimentação", proporcionou conhecimentos para se aprofundar ainda mais no que é a agrofloresta. Trouxe uma nova técnica de aprendizagem de como lidar com o plantio. Na nossa agricultura indígena fazemos pequenos roçados e plantamos vários tipos de espécies, como macaxeira, batata, abacaxi, cana-de-açúcar, daxina, cupuaçu, abacate, banana e açaí. Não utilizamos adubo químico na hora do plantio, assim, a nossa alimentação é de qualidade não tem nenhum agrotóxico. Essas novas técnicas vão ajudar bastante os povos indígenas na hora de fazer seu plantio, não usar adubo químico para plantar suas plantas, e isso vai ajudar o indígena a ter uma boa saúde no seu dia a dia. Com essa nova técnica acredito que a nossa alimentação vai melhorar cada vez mais, vamos produzir mais e ter para o nosso futuro.

No agronegócio, a monocultura tem uma grande escala e a visão é mais pelo lucro e dinheiro. O plantio é todo feito em linha, faz a grande derrubada e usa máquina para remover o solo e deixar a terra bem fofa, mas também degrada o solo. As mudas são criadas em laboratório, usam agrotóxico e também usam, muita das vezes, produtos para antecipar a frutificação, fazer um amadurecimento mais rápido. O agronegócio é um pacote para gerar cada vez mais lucro para os não índios.

Conclusão

Essa técnica vem ajudando as comunidades cada vez mais no seu plantio, para não faltar alimentos na aldeia e ter produtos de qualidade na região. Na minha comunidade, viram a importância das plantas, como são presentes na nossa alimentação todos os dias, e também as pessoas da comunidade viram que a banana prata produz mais rápido na terra firme, perto dos igarapés. A própria comunidade se interessou para fazer seu próprio plantio, com esses tipos de espécie. Tem alguns que se interessaram só para fazer o plantio de banana e outros que querem fazer o plantio com todas as espécies juntas, mas com ajuda do Agente Ambiental Indígena para ensinar essas novas técnicas de plantio. Eu recomendaria para pessoas de outras comunidades que estejam interessadas em adquirir conhecimentos novos para seu plantio procurar o Agamin da sua comunidade ou de uma vizinha, para ele ajudar com esse trabalho. Com certeza seu plantio vai melhorar e vai aumentar a sua qualidade de plantas cada vez mais no futuro. A pesquisa mostra a beleza da relação que as plantas têm com a natureza. E as plantas mostram também a diversidade cultural dos nossos povos indígenas.

Experimento de agrofloresta na Aldeia Kuahi

Vanderson Narciso Iaparrá, indígena Palikur, mora na Aldeia Kuahi, localizada no 21km da rodovia BR156, localizada na Terra Indígena Uaçá. Faz parte da Equipe Uasei, iniciativa de processamento do açaí nas TIs de Oiapoque

O tema desse trabalho é o experimento de agrofloresta. Eu me interessei por esse tema, pois é muito importante para mim. Porque ajuda a nossa floresta e temos nossa biodiversidade, por exemplo: animas, aves, madeiras de lei, plantas medicinais, frutas, etc. São alimentos para a nossa sobrevivência e por isso nós cuidamos da nossa Terra Indígena. O experimento de agrofloresta nas terras indígenas é uma experiência de diálogo entre conhecimentos indígenas e não indígenas, buscando a conservação da biodiversidade e a proteção de nosso território. Nós Agamin fizemos um pequeno experimento de agrofloresta durante nosso curso e foi muito bom. Com isso podemos ajudar a nossa floresta e continuarmos com nosso trabalho, é muito importante para conservar essas espécies. Devemos organizar com as lideranças e todas as comunidades para fazer os plantios, fazer as mudas de sementes e trazer algumas espécies de árvores importantes para mais próximo das aldeias.

A agrofloresta

Meu trabalho de Agrofloresta foi feito durante o curso de formação de Agentes Ambientais Indígenas. A primeira vez que nós fizemos o experimento de agrofloresta foi quando nós estávamos no nosso curso no Centro Formação Domingos Santa Rosa, no ano de 2017. A parcela tem aproximadamente 15 metros de cumprimento e 10 de largura, totalizando 150 metros quadrados de tamanho de área de manejo de experimental. Nós começamos a trabalhar com a área experimental em julho de 2017. Nós plantamos mudas de banana, ipê, andiroba, coco, abacaxi, macaxeira, feijão-guandú, batata doce, caju.

Achei importante porque é uma forma sustentável de produzir plantas e alimentos para a comunidade, além de ter outras vantagens. É muito bom para natureza e muito eficiente para o produtor essa relação que é cultivo não somente de uma cultura, mas de várias na mesma área. Por exemplo, a ideia é cultivar junto as plantas frutíferas, leguminosas e outras espécies nativas da região. A agrofloresta pode ser realizada onde está desmatado, para plantar as novas plantas. Cada espécie de planta realiza a troca de diferentes nutrientes com o solo, além disso, o adubo orgânico gerado por uma árvore pode ser o alimento necessário para outras plantas.

A nossa ideia como AGAMIN é que a diversificação de plantas ajude no crescimento do meio como um todo. Um dos pontos mais importantes para dar certo é fazer manejo, limpar, roçar, acompanhar para ver como as diferentes espécies estão se desenvolvendo. Por exemplo, podemos podar algumas árvores para que ela ajude outras plantas a pegarem um pouco de luz de sol, mas não muita, e também podemos retirar plantas doentes ou galhos envelhecidos para elas não morrerem.

Meu experimento na Aldeia Kuahi

Primeiro, eu escolhi um lugar para fazer o experimento. Decidi fazer em um local que tinha sido uma roça de mandioca da minha mãe, mas que agora já tinha colhido todas as mandiocas e estava começando a capoeira. Escolhi esse local porque ficava próximo da minha casa também. Então, rocei toda aquela área e deixei a mata roçada ficar bem seca para depois plantar. Eu peguei as sementes e fiz mudas em garrafas para depois plantar. Escolhi as seguintes espécies: cupuaçu, pupunha, coco e laranja. Esperei elas crescerem aproximadamente 30cm para então transplantar as mudas para o terreno. O plantio eu fiz em setembro de 2018. Tem que plantar as plantas de manhã cedo ou de tarde, porque será melhor para plantar. Nesse plantio, decidi fazer um experimento de não queimar na hora de roçar, porque o solo tem que estar com adubo verde deixando o mato no chão, perto da planta. Deixamos a terra do plantio sempre coberta por algum tipo de palha, folhas, galho, que devem ser produzidos na própria na agrofloresta.

O solo é o local onde as plantas lançam as suas raízes para se ser desenvolver na terra, para pegar os nutrientes, a água e o que precisam para seu desenvolvimento. Mas, além disso, o solo é muito mais que um lugar, é um organismo, habitado por diversos insetos, minhocas, formigas, cupins, besouros, fungos, bactérias, que deixam os nutrientes e a água à disposição das plantas. É muito importante conservar o solo para termos as condições ideais para as plantas crescerem rápido. Quando o solo está bom com adubo natural, não é necessário comprar adubos químicos ou venenos para o cultivo das plantas. Porque nós indígenas não utilizamos adubo comprado da cidade, o nosso adubo é orgânico, como as folhas, pau podre, casca de mandioca, etc.

Quando vamos plantar, não se pode plantar uma árvore muito perto da outra, porque depois quando cresce fica muito junto, um monte em um só lugar, e isso faz com que elas não consigam ter nutrientes suficientes para se desenvolver bem e dar frutos bonitos. A planta pode até morrer se não tiver espaço e um bom solo para crescer. As plantas precisam estar organizadas no espaço. As plantas que precisam receber mais luz do sol ocupam as camadas de cima dando sombra àquelas que precisam receber menos a luz do sol. Não

se planta nas áreas muito abertas, porque se plantar ela não aguenta o calor do sol diretamente. No meu experimento, coloquei uma distância de 4 metros entre uma planta e outra.

É importante ter vários tipos de plantas juntas, porque elas se ajudam. A poda natural acontece pela ação dos ventos, dos bichos que quebram algumas folhas das árvores. Mas podemos nós mesmos fazer a poda nas plantas também. Esse experimento é como uma roça permanente, que não precisa trocar de local, porque a terra ficou cansada. Na roça agroflorestal a terra não fica fraca, pelo contrário, ela fica cada vez mais rica e mais produtiva de adubo natural. A planta cresce mais rápido a planta fica mais bonita.

Quando eu comecei plantar na minha Aldeia Kuahi, nós começamos com mudas de laranja, coco, cupuaçu, pupunha. O que eu observei ao longo do tempo da plantação da área é que está crescendo bem as plantas onde foi plantado a parcela. O diagnóstico é para verificar as plantas, se está faltado limpar a área, e para ver se falta colocar adubo orgânico nos pés das plantas.

Conclusão

O que eu percebi das espécies plantadas foi que elas melhoraram porque a área está cheia de adubo orgânico. Na minha comunidade nós decidimos fazer esse experimento para aumentar mais a área de plantação, para poder plantar mais espécies de plantas. O que eu pude aprender durante o nosso módulo do curso sobre como que se faz um experimento de agrofloresta e para que ele serve. Eu aprendi sobre a agrofloresta é o que ela pode trazer para nosso território e a nossa biodiversidade. A Agrofloresta é muito boa para conservar as espécies de plantas que já temos na nossa Terra Indígena e também para trazer outros tipos de plantas que não tem nas aldeias, por isso eu vou seguir trabalhando com agrofloresta na minha Aldeia.

A agrofloresta também serve para plantar as espécies de plantas como as madeiras de lei, porque vai trazendo as madeiras mais perto das nossas aldeias. É importante trazer as madeiras mais perto das aldeias, porque estes tipos de árvores estão ficando mais longe das aldeias, pois a população está crescendo mais e eles estão tirando para fazer as construções das suas casas para morar com as suas famílias. Por isso nós temos que plantar as madeiras que nós precisamos para trazer mais perto das nossas aldeias.

Experimento com adubo orgânico na Aldeia Flecha

Garcia Narciso, indígena Galibi Marworno, mora na Aldeia Flecha na Terra Indígena Uaçá, na região do Rio Urukawá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Durante esses quatro anos do curso de formação dos Agentes Ambientais Indígenas, aprimoramos os conhecimentos de como é o nosso território, como cuidar do ambiente. Um dos trabalhos que fizemos foi o experimento de agrofloresta que está relacionado com o trabalho sobre as espécies de árvores que existem dentro das Terras Indígenas. Antes existiam muitas dessas espécies de árvores de madeira de lei na floresta, como: andiroba, iaia, cupiúba, jarana, aquariquara, amapá etc. Essas espécies de árvores, que existiam em abundância, não existem como antes. Hoje nós encontramos cada vez mais longe, e por quê? Porque as pessoas passaram a cortar demais, sem pensar no futuro. Por isso que nós estamos estudando, fazendo experimentos, para que possamos ajudar. Colher as sementes dessas árvores, para replantar, pois essas espécies de árvores são muito importantes para nós.

Por que decidi fazer meu trabalho sobre compostagem, para usar o adubo orgânico nas plantas? Porque eu vi que o meu plantio não desenvolveu bem, ele estava morrendo, o solo tinha poucos nutrientes, estava degradado, e por isso eu fiz essa compostagem. De modo geral, fazer o adubo orgânico é uma forma de ajudar a natureza no processo de crescimento das plantas. O adubo é um nutriente para a planta e pode se perceber a mudança nas plantas quando usamos o adubo.

A produção de adubo orgânico e usos em árvores frutíferas

O ADUBO ORGÂNICO

O tema do adubo orgânico me chamou muito a atenção. Tem que saber preparar, saber fazer e saber coletar a casca dos produtos. Não podemos utilizar quando a casca de mandioca está verde. A primeira vez, para fazer o adubo orgânico, temos que escolher um lugar adequado, limpar bem a área, melhor se estiver perto do *kahbe* (casa de farinha). Primeiro, temos que raspar a mandioca, pegar a casca e misturar com cinza e casca de alguma fruta. Temos que esperar completar 6 meses para ficar bem seca, e assim se transformar em um bom adubo orgânico. Esse tipo de adubo orgânico é natural. Quando for utilizar, temos que verificar a quantidade certa (em quilo) para que o adubo orgânico venha trazer o resultado certo. Isso é importante para que o processo venha ajudar a natureza a se desenvolver melhor, para que o adubo orgânico venha se transformar em uma vitamina para a planta. Além disso, o experimento com adubo orgânico é uma forma prática desse conhecimento. O adubo orgânico promove a melhoria e qualidade de vida para as plantas. Em algum momento, as cascas de mandioca, frutas e cinza se modifica para outra forma, assim se forma o adubo orgânico. Esse adubo é uma oportunidade de utilizar a casca da mandioca que sobra da produção da farinha.

O adubo orgânico tem uma forma de utilizar, tem a medida certa, senão pode até matar a planta. E também tem o jeito certo de colocar o adubo na planta. Não pode colocar muito perto, senão prejudica. Tem que colocar ao redor da planta com uma distância de aproximadamente um palmo. O experimento com adubo orgânico vem sendo um demonstrativo para os Agamin sobre como pode ser feito. No experimento, vamos analisando as suas características: cor, cheiro, temperatura. O adubo pode fortalecer o modo de vida da planta e seu crescimento, traz alimento para a planta e enquanto ela vem a ser protegida, ajuda na conservação da natureza.

Fiz um primeiro experimento em janeiro de 2018. Comecei a juntar casca de mandioca, onde as pessoas produziam a sua farinha, para fazer o adubo orgânico. Mas foi diferente. A primeira vez, eu fiz só com a casca de mandioca e não resultou em muitas mudanças nas plantas. Por quê? Acredito que foi pelas doses de adubo que eu usei. As plantas sempre cresceram na mesma altura que aquelas que não estavam com adubo orgânico. Elas não cresceram rápido. Só que eu estava usando 4 kg de adubo em cada planta e eu não usei a cinza e a casca de manga. Com esses dois materiais, mais a casca de mandioca, deu mais certo o adubo.

Experimento realizado na Aldeia Flecha

Na minha Aldeia Flecha, fiz um experimento de produzir adubo orgânico com base na casca de mandioca, casca de manga e cinza, e utilizei quantidades diferentes para ver o crescimento de três espécies de plantas: andiroba, banana e cupuaçu. Eu procurei uma pequena área perto do meu *karbe*, com um tamanho de três por três metros. Em fevereiro de 2019, fiz a limpeza da área. Foi a segunda experiência que eu fiz com adubo orgânico.

Para fazer o adubo eu coloquei a casca de manga, depois a casca de mandioca, e por fim a cinza. A medida que eu utilizei foi um saco de 50 kg. A primeira camada contém aproximadamente 4 cm de casca de manga. A casca de mandioca também contém aproximadamente 4cm, e a cinza é o mesmo 4cm. Todo esse material, quando juntava dava uma altura de aproximadamente 12 cm. Primeiro,

se percebia as três camadas diferentes. Quando ainda estava verde, aparecia branca. E depois de secar, apareceu uma forma totalmente preta.

Após seis meses, depois de secar, ela diminuiu de altura. Neste período revirava a mistura uma vez por semana, então, ela não vai aparecer em camada ela vai aparecer totalmente misturada uma com a outra. Quando o adubo orgânico ainda está verde, você vai sentir na sua mão, uma temperatura quente. Quando dá a 2ª semana, você vai sentir a temperatura na sua mão meio quente. Quando dá a 3ª semana, você vai sentir na sua mão que a temperatura já mudou, você vai sentir mais frio, e assim vai, até completar 6 meses. Quando está verde, você vai olhar de uma cor branca e marrom. A partir desses 6 meses, você olha para o adubo orgânico, você vai ver uma cor diferente, vai estar preto. Quando o adubo orgânico está verde você não vai sentir o cheiro. Você vai sentir o cheiro a partir de quando ela tem 3 semanas, você vai sentir um cheiro meio azedo, tipo caxixi.

Por que fiz o adubo com esses materiais? Porque antes as pessoas iam produzir a sua farinha, a esses materiais estavam sendo jogados fora. Então eu percebi que eles estão jogando fora, eu disse para eles não jogarem essa casca de mandioca, para eu fazer meu experimento. A cinza que usei foi a que ficava no forno da casa de farinha. Além disso, nos meses de fevereiro e março tem muita manga na minha aldeia, então decidi usar esse material também para o adubo. Para poder usar o adubo, tem que esperar completar 6 meses. Depois desse momento, não precisava acrescentar nada, nem água, etc. Por quê? Se usar a água, ela vai perder todas as vitaminas que têm no adubo orgânico.

Quando o adubo ficou bem seco, depois de 6 meses, ficou pronto para usar. Então eu plantei 3 pés de banana, 3 pés de andiroba e 3 pés de cupuaçu e coloquei quantidades diferentes de adubo em cada uma delas. Eu acompanhei esses 9 pés de plantas, semana após semana. Primeiro eu coletei as sementes, eu coloquei no lugar adequado para elas nascerem. Quando elas começaram a crescer eu retirei as mudas com cuidado. Depois, coloquei o adubo orgânico nas touceiras e plantei. O cupuaçu eu fui recolher já nascido na terra, mas ele estava doente. Fui tirar para plantar com adubo orgânico. Quando passou uma semana, ele já estava começando a se recuperar e as folhas começaram a crescer.

Quando a gente vai tirar plantas nativas para plantar com o adubo orgânico, temos que tirar elas bem, para não quebrar a raiz delas. Depois, tem que cavar um pequeno buraco, para podemos plantar elas. Já as sementes têm outra forma de plantar. Coloca a semente no lugar adequado, quando elas começam a nascer, tem que pegar elas e cavar um pequeno buraco de 3cm para plantar com adubo orgânico, assim o adubo orgânico vai ajudar elas a sobreviver melhor. Assim vai melhorar a saúde das plantas, as plantas precisam ser cuidadas, para não ficarem doentes. As plantas precisam de cuidado para dar boas flores, para serem os alimentos das abelhas, portanto ter mel para os que cuidam das plantas, para acompanhar com o adubo orgânico.

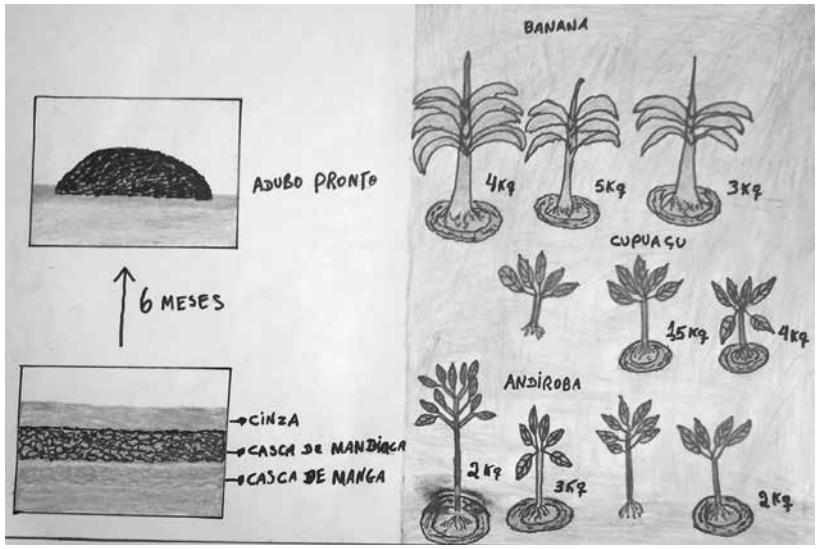


Figura 2: Experimento com adubo orgânico na Aldeia Flecha
Autor: Garcia Narciso, 2019

Resultado do experimento no crescimento das plantas

Vou apresentar o resultado do acompanhamento que fiz durante 6 semanas do crescimento das plantas com quantidades de adubo diferentes. Também deixei uma planta sem adubo, para comparar.

KAHAPA (ANDIROBA)

No experimento com a andiroba, plantei três pés. O primeiro, sem adubo; o segundo, com 2kg de adubo orgânico e o terceiro com 3kg. O que melhor se desenvolveu foi o que tinha 2kg de adubo.

CUPU (CUPUAÇU)

NO EXPERIMENTO COM O CUPUAÇU, PLANTEI 1 PÉ SEM ADUBO ORGÂNICO, 1 PÉ COM 1KG DE ADUBO ORGÂNICO E 1 PÉ COM 2KG DE ADUBO. O QUE MELHOR SE DESENVOLVEU FOI O QUE TINHA 1KG.

BACOV (BANANA)

No experimento com a bananeira, plantei três pés, o primeiro sem adubo, o segundo com 4kg de adubo e o terceiro com 5kg de adubo. O que melhor se desenvolveu foi o que tinha 4kg. O de 5kg morreu e o sem adubo está crescendo devagar.

Conclusão

O adubo orgânico vem ajudar as plantas a nascerem saudáveis, com a folha verde, flores saudáveis e as frutas vem bem doces. O adubo orgânico transmite os nutrientes para as plantas e ajuda a planta a crescer bem, junto com o resto da natureza. O adubo também ajuda a manter a umidade no entorno da planta, o que ajuda ela a crescer bem. Além disso, as plantas quando crescem na natureza, sem adubo, não é tão rápido e as vezes ficam doentes. Principalmente quando fica exposta no sol quente, nas áreas de capoeira. Com o adubo ela cresce melhor, tem mais resistência.

É importante chamar a atenção sobre o que vem de fora para dentro das comunidades indígenas, sobre as diferentes formas de fazer agricultura. Sabemos que a nossa agricultura indígena precisa ser valorizada, sabemos que hoje nós estamos utilizando o nosso próprio adubo orgânico nas plantas. Inclusive podemos comparar com a agricultura de grande escala, como a monocultura. É muito diferente da nossa forma de plantar, eles utilizam agrotóxico nas plantas, o agronegócio usa as máquinas para produzir e também usa grandes quantidades de adubação química. Esse tipo de monocultura nós não queremos que aconteça nas aldeias e nem no entorno da Terra Indígena. Esse tipo de produção faz uma grande adubação química e usa agrotóxico para plantar as grandes plantações de soja.

Adubo orgânico feito da casca da mandioca na Terra Indígena Juminã

Gilmar Nunes André, indígena Galibi Marworno, morador da Aldeia Uahá, na região do Rio Oiapoque, Terra Indígena (TI) Juminã. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Eu escolhi como tema do meu trabalho: *o adubo orgânico da casca da mandioca*. Por que que eu escolhi a casca da mandioca? Porque eu experimentei plantar em dois pés de banana o adubo da casca da mandioca e deram bons resultados. Na primeira, eu peguei uma lata de plástico cheio de adubo orgânico, eu derramei dentro do buraco onde eu ia plantar, ao redor da banana eu coloquei um pouco, então o primeiro pé da banana cresceu mais bonita. Já o segundo pé, onde eu botei só a metade do adubo, a planta está mais ou menos. É por isso que eu escolhi esse adubo orgânico, que é a casca da mandioca.

Considero muito importante trabalhar com adubo orgânico da casca da mandioca porque é um adubo que as plantas gostam muito. Para as comunidades indígenas também é muito importante porque a mandioca é nossa principal produção agrícola, então é bom ter algo útil para fazer com a casca dela, porque tem bastante.

Tem vários tipos de adubo orgânico da própria natureza, são os adubos que servem para qualquer tipo de plantas. Já os não-índios plantam as plantas com os adubos químicos e venenos, por isso prejudica a natureza e também a saúde das pessoas. Nós indígenas não plantamos com adubos químicos nem com veneno, plantamos sempre com adubo orgânico, da própria natureza. É por isso que as nossas plantas ficam bem saudáveis, também contribuindo para termos uma alimentação saudável, sem veneno.

O adubo orgânico da casca de mandioca

Eu observei na minha Aldeia Uahá que tinha muita casca da mandioca espalhada. Um dia eu ia passando para ir na minha roça, quando eu vi dois senhores falado sobre o adubo orgânico, que a casca da mandioca era muito boa para as plantas, principalmente para plantar banana. Então eu perguntei para eles: "*eu ouvi vocês falando sobre a casca da mandioca*?". Eles responderam: "*Sim, é muito bom para plantar banana, você vai plantar teus pés de banana, então tuas bananas nascem bem bonitas*". Eu também aprendi algumas coisas na experiência da professora Jessica Pedreira, na disciplina de "Práticas e conhecimentos sobre agricultura e alimentação", no curso de formação de Agamin. Além disso, aproveitei conhecimentos do professor indígena Dalson Pimentel, que fez uma palestra sobre o seu trabalho com adubo orgânico no nosso curso.

No meu experimento eu fiz diferente dos dois senhores, porque eles tinham falado para espalhar as cascas no chão e deixar um tempo, até desmanchar e depois plantar por cima. Mas eu peguei a experiência da professora Jessica, que é de botar a casca no buraco em que se vai plantar a muda de banana. Para iniciar, eu experimentei em três pés de banana, para ver como ia ficar os dois pés de banana com esse adubo orgânico da casca da mandioca.

Como eu fiz? Primeiro eu peguei uma lata de manteiga de 15kg, cheio de adubo orgânico, que já tinha pronto lá perto do meu *Karbé*, e misturei com a terra preta. Depois de cavar os buracos, onde eu ia plantar as bananas, peguei a lata cheia de adubo, comecei a plantar o primeiro pé de banana. Já o segundo pé de banana, eu peguei meia lata de adubo orgânico eu fiz o mesmo processo. O terceiro pé de banana que eu plantei foi sem adubo orgânico. Depois de plantar os três pés de banana, eu observei uma vez por semana, durante um mês. Quando cresceram, vi que o primeiro pé de banana cresceu mais bonito, e o segundo pé cresceu mais ou menos e o terceiro pé de banana que não foi plantado com adubo orgânico ficou fino. Então é por isso que eu vou continuar plantando banana com esse adubo orgânico da casca da mandioca, pois para mim a casca da mandioca é muito boa para o solo.

Conclusão

Eu fiz uma pequena experiência com esse adubo orgânico da casca da mandioca. Não foi tão fácil para eu fazer o meu trabalho com adubo orgânico, foi muito difícil porque eu fiquei com medo de dar errado. Eu ia lá visitar e não via muita diferença, mas depois de um tempo olhei de novo e vi que cresceu primeiro o pé com mais adubo, e depois o que tinha menos adubo e por último nasceu o sem adubo. Fiquei alegre quando vi que serviu mesmo esse trabalho que eu consegui plantar com adubo orgânico. Com esse adubo penso que se pode aumentar a produção de banana nas comunidades indígenas, ou doar também esse adubo para aquelas pessoas que estão precisando. Pode até ser uma fonte de renda, vendendo este adubo orgânico em Oiapoque. Na minha aldeia, eu vou dar continuidade no meu trabalho, para aumentar a produção de banana, em pequena parcela que eu tenho perto do meu *Karbé*. Quero também divulgar dentro das reuniões nas aldeias.

SAÚDE DAS PESSOAS
E
DOS TERRITÓRIOS

Resíduos sólidos: grande problema, possíveis soluções

Mayke de Oliveira dos Santos, indígena Karipuna, mora na Aldeia Curipi, localizada na margem da rodovia BR 156, no 50km, TI Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

O tema desse trabalho é sobre resíduos sólidos. É um trabalho muito importante porque os resíduos sólidos são encontrados em toda parte, é muito debatido nas escolas, na mídia, nas reuniões etc. Nos anos atuais, sabemos que o acúmulo dos resíduos teve um grande avanço, temos que aprender novas técnicas para saber lidar com a situação. O lixo é um risco para nossa saúde, seu acúmulo, por exemplo, concentra muita água parada atraindo o mosquito *Aedes aegypti* que, através de sua picada pode transmitir dengue, zicavírus, entre outros. Outro exemplo é a pilha, quando jogada fora sem cuidado, ela tem a capacidade de infectar o solo até trinta metros de diâmetro, podendo prejudicar os animais aquáticos, terrestres, plantas e o próprio ser humano. Nesse sentido, temos que buscar estratégias para trabalhar com os resíduos, pois não é um problema de uma ou duas pessoas, envolve a sociedade inteira. Esse trabalho é de suma importância para visualizar, entender e buscar alternativas juntos, não podemos mudar o mundo sozinhos, mas se todos contribuirmos com uma parte teremos um grande resultado.

A escolha do tema foi por dois motivos: 1. Antes de participar do curso de formação, em minha comunidade nós realizávamos a limpeza seletiva, como sempre fazemos até os dias atuais. Nós homens ficamos com a parte da roçagem, as mulheres juntam os resíduos; 2. Teve um encontro do nosso curso, em setembro de 2018 na aldeia Curipi, com a participação de todos os Agamin, professores, Iepé, Funai e a comunidade, onde foi explicado como lidar com os resíduos sólidos fazendo a separação dos recicláveis, rejeitos e reutilizados. Assim, foi dado início a um projeto piloto para coleta de resíduos recicláveis e de instalação de uma composteira para transformar resíduos orgânicos em adubo, contribuindo para a gestão do meio ambiente.

Tipos de resíduos

Consideramos "lixo" tudo aquilo que não presta ou não serve mais para nada, mas pensando bem entre esses resíduos temos os recicláveis, os reutilizáveis e os rejeitos. Podemos gerar renda com os recicláveis, como: alumínio, vidro, papelão, ferro, entre outros. Existem vários tipos de "lixo" considerados como resíduos no mundo inteiro como apresento no quadro a seguir, com alguns tipos de resíduos:

Quadro 1: Tipos de lixo

Lixo domiciliar: que são das casas que contêm principalmente restos de alimentos, embalagens em geral, papel higiênico, fraldas descartáveis etc.

Lixo comercial: são os resíduos dos comércios e serviços como, supermercado, bancos, lojas, bares, restaurantes etc.

Lixo público: são os lixos de limpeza urbana como, resto de poda, limpeza de praias, resíduos das feiras livres entre outros.

Lixo de serviço de saúde: são os resíduos dos hospitais, clínicas médicas, laboratórios, farmácias etc. Como agulhas seringas, lâminas, ampolas de vidro, brocas e outros.

Lixo industrial: são os resíduos dos processos industriais, o tipo de lixo varia de acordo com a atividade da indústria.

Lixo agrícola: são as embalagens de agrotóxico, rações, adubos, restos de colheita, dejetos da criação de animais.

Lixo entulho: são resto de construção civil, reformas, solos de escavações etc.

Fonte: CEMPRE, 2018

Problemas relacionados aos resíduos

O lixo traz vários problemas se não soubermos lidar com a situação como, por exemplo, poluição da água, dos peixes, do ar, etc. Nas grandes cidades, há mais facilidade de poluição, pois os lixões estão cheios e todos misturados, recicláveis, reutilizáveis e os rejeitos. Porém, os catadores e recicladores de alumínio, papelão, vidro, ferro, etc., possuem um papel muito importante, pois essas famílias sobrevivem com a venda dos resíduos todos os dias. Mas podemos minimizar a poluição fazendo boas práticas de manejo do lixo começando por nós mesmos, não misturando os resíduos, conscientizando o povo.

Nós seres humanos do mundo inteiro independente de cor, raça ou etnia, temos que nos preocupar muito com a questão dos resíduos sólidos e buscar soluções, sabemos que as invenções tecnológicas estão muito avançadas. O ser humano conseguiu poluir até o espaço com os satélites enviados para ter acesso a internet, celular, TV, rádio, etc. Também existem os lixos eletrônicos nas cidades, em frente das casas há eletroeletrônicos tomando sol e chuva e esses aparelhos contêm substâncias químicas que são extremamente perigosos para nossa saúde.

Nas cidades existem também as grandes indústrias, empreendimentos com grandes construções como, por exemplo, as barragens de mineração nos rios, que é um risco para a população que mora próximo, correndo risco da barragem romper, poluindo o rio com os produtos químicos que os materiais possuem, gerando morte e destruição. Outro problema é que o lixo acumulado atrai vários animais e insetos que transmitem doenças para nós seres humanos, prejudicando a nossa saúde. Devemos tomar muito cuidado com o que comemos e com os insetos que possam nos prejudicar. Abaixo apresento uma tabela com os animais e insetos que aparecem com o acúmulo de lixo e as doenças que eles transmitem.

Tabela 2: Doenças transmitidas por vetores gerados pelo acúmulo de resíduos

VETORES	DOENÇAS
Rato ou pulga	Transmite através de mordida, urina, fezes e picada: Leptospirose, Peste Bubônica e Tifo Murino
Mosca	Transmite através de asas, patas, corpo, fezes e saliva: Febre Tifoide, Cólera, Amebíase, Giardíase e Ascaridíase
Mosquito	Transmite através da picada: Malária, Febre Amarela, Dengue e Leishmaniose.
Barata	Transmite através de asas, patas, corpo e fezes: Febre Tifoide, Cólera e Giardíase.
Gado ou Porco	Transmite através de ingestão de carne contaminada: Teníase e Cisticercose.
Cão ou gato	Transmite através de urina e fezes: Toxoplasmose.

Fonte: CEMPRE, 2018

Possíveis soluções para os resíduos sólidos

Se pararmos para pensar, há várias soluções para lidar com os resíduos sólidos como: boas práticas de manejo de resíduos e conscientizar a população, dando destino certo para os resíduos recicláveis. Fizemos uma ação na Aldeia Curipi no dia 29 de março de 2019 para coletar os resíduos recicláveis (especialmente vidro e alumínio).

A ação realizada envolveu o Agente Ambiental Indígena, professores e moradores da comunidade, para arrecadar renda para o conserto do gerador de energia. Mesmo sem ter o Local de Entrega Voluntaria (LEVO), coletamos os resíduos que estavam nas casas das pessoas e próximo ao Centro Comunitário, com o apoio do professor da comunidade que transportou os resíduos para a aldeia Manga, onde foi vendido. Abaixo apresento uma tabela com a quantidade de material coletado.

Tabela 3: Resíduos coletados na Aldeia Curipi

Material	Quantidade	Valor Arrecado com a venda
ALUMÍNIO	13KG	19,50 R$
Vidro	386L.	57,00 R$
Total	----	76,50 R$

Fonte: Mayke O. dos Santos, 2019

Existem também várias soluções para contribuir com o meio ambiente como: reciclagem, reutilização, mobilização envolvendo órgãos públicos, como a secretaria de meio ambiente, prefeitura municipal, exército, etc. Também na minha aldeia construímos: o Local de Entrega Voluntaria (LEVO) para coletar resíduos recicláveis, a composteira, uma horta orgânica e um sistema de biorremediação da água, todas iniciativas próximas umas das outras com o objetivo de ligação entre elas: horta orgânica usando o adubo da composteira, a água da biorremediação sendo usada na horta e o LEVO, sempre na coleta dos recicláveis.

Preocupação das comunidades indígenas do Oiapoque com a mudança do aterro controlado

O aterro controlado, popularmente conhecido como lixão, deve ser destinado apenas para os rejeitos e resíduos que não servem mais para nada. Mas sabe-se que nas grandes cidades, municípios, comunidades indígenas e em qualquer lugar do mundo, restos de alimentos, resíduos recicláveis e os que podem ser reutilizados, vão parar nos lixões, e com o excesso de resíduos, as pessoas procuram outro local para abrir e fazer um novo aterro controlado. Nós, povos indígenas do Oiapoque, estamos preocupados, pois há a possibilidade de se abrir um novo lixão do município em um local próximo às aldeias da BR. Estamos preocupados porque a cabeceira dos nossos rios estão todos fora da área indígena, com isso vai afetar bastante as terras indígenas, poluindo a água, os peixes, etc. Devemos estar sempre atentos quando se trata de resíduos sólidos, sempre buscando soluções para minimizar e não poluir mais ainda.

Conclusão

No começo do trabalho, tive dificuldades de entender e desenvolver, pois é um tema muito delicado para debater, mas com toda a formação que tivemos, conhecimentos que adquiri, orientações, palestras e desenvolvimento de atividades dentro e fora da comunidade, facilitou muito o meu desempenho no trabalho. Com isso aprendi que não devemos guardar os conhecimentos que temos, mas sim colocar em prática para que outras pessoas possam absorver esse conhecimento.

A comunidade pode se beneficiar, entendendo o trabalho, conversando um pouco mais sobre o tema, aprendendo técnicas novas e colocando em prática, por isso é de suma importância o registro com vídeos, fotos, entrevistas, etc. Podendo usar o trabalho para fazer palestras com a comunidade e fora dela e mostrar as atividades já realizadas e as que podem ser feitas. Manter o trabalho com visibilidade no que já foi feito e sempre querendo desenvolver mais coisas, pensando em nossas futuras gerações, construir materiais didáticos, trabalhar juntamente, com a escola, comunidade e parceiros para melhor o entendimento da comunidade.

Resíduos sólidos: iniciativas coletivas na Aldeia Tukay

Mercias Silva Narciso, indígena Galibi Marworno,
nasceu na aldeia Kumarumã,
mas vive na aldeia Tukay, que fica
na margem da BR156 no 90km, TI Uaçá.
Atualmente participa do Curso de
Formação em Transformações Ambientais
e Mudanças Climáticas

Neste trabalho, apresento os conhecimentos e atividades sobre a gestão de resíduos sólidos realizados durante a disciplina "Instrumentos de Monitoramento Territorial". Vou falar um pouco sobre a questão do "lixo" (resíduos sólidos), que é uma coisa muito importante para mim como um profissional e principalmente para a minha comunidade indígena, que tem um acesso muito grande à cidade.

A maioria dos resíduos sólidos que chegam aqui na nossa comunidade vem da cidade e vem em grande quantidade. Quando esses lixos chegam dentro da nossa comunidade, eles acabam ficando dentro da própria aldeia. Temos que ver e pensar um jeito de colocar esse lixo em um lugar, para não nos prejudicar muito. E nós sabemos que dentro da nossa comunidade, temos nossas famílias que utilizam esses produtos industrializados no dia a dia (como arroz, feijão, macarrão, enlatado, etc). A gente deve depositar em um lugar específico. Se a comunidade não tiver um cuidado com todas as coisas que a gente traz para as nossas casas, se nós não fizermos bem a separação, se não colocamos em um local adequado todos esses resíduos sólidos, se a gente não tem um cuidado de limpar, então é aí que vão atraí muitos bichinhos (como baratas, ratos, mosquitos, etc), que vão trazer vários tipos de doenças. Se você não lavar aquele enlatado que você consumiu, jogar assim mesmo no solo, com certeza vai sair aquele odor. Então ele vai atrair esses bichinhos que no caso são transmissores de doenças. Isso é uma coisa que se torna muito difícil para mim e para os moradores da comunidade, é por isso que hoje nós temos que ter um destino de lixo onde podemos colocar, porque isso é de suma importância.

Por isso que nós desenvolvemos uma oficina para trabalhar especificamente a questão de resíduos sólidos. Ela foi realizada do dia 21 a 24 de junho de 2019 na Aldeia Tukay (90km da BR156). Durante a atividade, a gente explicou o que a comunidade tem que entender e fazer: selecionar o lixo que é para queimar e selecionar resíduo que não é para a queima. Hoje nós sabermos que estamos inseridos dentro dessa questão, o lixo nunca vai terminar dentro da nossa comunidade, mas a gente tem que ter um jeito correto de como podemos colocar esses resíduos em um local apropriado para que a gente não se prejudique no futuro.

É muito relevante falar sobre resíduos sólidos, que é um problema que está aumentando agora e vai continuar. A gente tem que ter um jeito, um modelo, de como reduzir, ou seja, minimizar essa questão dos resíduos sólidos dentro da nossa comunidade. Nós, como agentes ambientais, temos que ter essa preparação, esse aconselhamento, essa ideia de educação do meio ambiente. Saber

as consequências que afetam no nosso dia a dia, como por exemplo, o resíduo mal depositado, mal entregado e até mesmo mal separado. Temos que ter essa consciência de como podemos fazer um trabalho que vai favorecer com certeza a comunidade, assim a comunidade vai ter uma saúde de qualidade. Um lugar onde nós circulamos diariamente, ruas bem limpas, água dos rios, igarapés e subterrâneas bem limpas. Tudo isto vai trazer para nós uma boa saúde, tanto para mim quanto para a população dessa comunidade Tukay e as demais das Terras Indígenas do Oiapoque.

Sabemos hoje que praticamente a maior parte do lixo que a gente produz nas comunidades vem do nosso próprio consumo indígena. E não temos uma organização, um jeito, de como fazer a coleta seletiva e a separação dos resíduos. Por esse motivo, eu como Agamin, alguns acadêmicos indígenas da Unifap e jovens da comunidade, fizemos uma oficina de quatro dias na aldeia Tukay, para falar especificamente sobre resíduos sólidos. Antes, os professores indígenas já tinham feito esse tipo de trabalho de criar lixeiras em cesta do cipó para colocar dentro da aldeia. Tudo isto ajuda a comunidade a pensar que o descaso com o lixo pode trazer grandes impactos para nós povos indígenas.

É muito importante desenvolver e confeccionar as lixeiras, colocar placas de conscientização para que a comunidade venha a olhar e refletir para dizer que realmente precisamos fazer aquilo que é do nosso interesse. E se não fizer isso, daqui pela frente quem vai ser prejudicado somos nós mesmos. Tem que acontecer três vezes por ano a coleta de resíduos na aldeia, porque o lixo está ao nosso redor todo dia, tudo está inserido na nossa vida cotidiana. Por essa razão, nós não temos que deixar de lado, temos sempre que continuar para amadurecer esse trabalho.

Figura 1: Campanha sobre resíduos sólidos na Aldeia Tukay
Autor: Mercias Silva Narciso, 2019

Entrevista com o Agente de Saúde Indígena (AIS)

Entrevistei o agente de saúde indígena (AIS), Senhor Daniel, da aldeia Tukay (BR156). Ele falou:

> *"o lixo é um meio de poluição nas aldeias, em qualquer lugar pelo ambiente, qualquer lugar do setor de onde a gente mora. Onde a gente convive dia a dia, que o lixo ela prejudica praticamente a saúde, é um meio de como contrair a doença, porque por exemplo uma aldeia limpa, bem organizada, contém menos doenças, então ela tem mais acesso a saúde de todo mundo ficar sadio. O lixo atrai bichos, qualquer coisa, principalmente acidente ofídios que é cobra, escorpião etc. Então é esses que vem trazendo vários tipos de doença, por isso que o lixo ele é muito prejudicial à saúde. Outros tipos de resíduos, por exemplo, na cozinha, os restos de comida, muita das vezes o pessoal sabe que ela traz contato mal que causa doença, mas por um outro lado ele ajuda para servir de adubo orgânico no caso como muitas pessoas já fizeram*

um teste, são as coisas que do outro lado ajuda a pessoa, ao mesmo tempo as prejudica se não cuidar bem desse resíduo orgânico. Esse no caso a lixeira da cozinha, resto de comida e as outras coisas de alimentos que serve de adubo orgânico para facilitar as plantas, também prejudica a nossa saúde de um lado ela ajuda na saúde das plantas, bem dizer" (Entrevista com o AIS Daniel, no dia 24 de junho de 2019).

Falar do lixo é uma coisa muito ampla, todo mundo sabe que o lixo é prejudicial para a vida comunitária de diversos seres. Então quando a gente fala de resíduos sólidos, a gente fala de material industrializado, lixo que a gente sabe que a comunidade traz de fora. Todos os resíduos que estão dentro de uma comunidade, todos são de cidade, de comércio, de quando as pessoas vão para a cidade fazer as compras, ele já traz o lixo para dentro da comunidade.

Tipos de resíduos

Existem dois tipos de "lixo". O lixo orgânico, que são os resíduos que nós mesmos produzimos, por exemplo: resto de comidas, casca de alguns frutos. Então todas essas coisas que são os resíduos orgânicos não trazem muitos problemas para nós. O outro tipo de lixo é o inorgânico, que é tudo aquilo que têm um tempo prolongado para se decompor, por exemplo: garrafa pet, vidro, plástico. Esses são os resíduos que trazem problemas para uma comunidade, que atrai os insetos, que deixa a comunidade sem ter a saúde adequada. Sabemos que hoje o lixo ainda não tem uma solução definitiva, a gente não tem um local adequado para deixar o lixo, para dizer que está livre do lixo, mas temos um ponto para tentar minimizar a questão dos resíduos da comunidade. O lixo inorgânico traz problemas, se queimamos ele polui a atmosfera, se enterramos contamina o solo, se jogamos nos rios, igarapés contamina a água, então para ter um fim adequado do lixo a gente tem que pensar em uma possiblidade de minimizar os lixos dentro da nossa comunidade.

Hoje a minha comunidade tem um local onde colocar os resíduos sólidos, a gente tem um incinerador, um ponto onde toda a comunidade deposita os lixos que vem da cidade para dentro da comunidade. É importante ter esse ponto incinerador para que a gente não deixe a comunidade cheia de lixo espalhado. Para mim é importante, que a escola, os agentes de saúde, possam ajudar que a comunidade tenha conhecimento sobre a questão do lixo, fazer a coleta seletiva, juntar a comunidade, a escola, as crianças, para fazer uma ação.

Entrevista com o cacique da Aldeia Tukay

Entrevistei o cacique Izardes Charles, da Aldeia Tukay (BR156). Ele me falou:

"Então, para mim hoje como cacique, eu tenho uma visão que a gente tem que ter um ponto fixo, onde jogar todos os tipos de lixos, onde fazer o nosso aterro controlado, para minimizar o lixo que tem dentro da comunidade. Mas um ponto que a gente vê hoje é o lixo que a gente vem trazendo da cidade para cá na aldeia. Eu como cacique, o pessoal da saúde, os Agamin, e os professores da escola e a maioria da comunidade já temos um conhecimento sobre os resíduos sólidos, o tipo de problema que o lixo pode causar para nós indígenas. Por isso recentemente teve uma oficina onde a comunidade participou muito e apresentou interesse de não deixar o lixo acumular na rua, então tudo isto vem no incentivo dos professores, os Agentes Ambientais Indígenas, que fizeram coleta seletivo de lixo, confeccionando as lixeiras onde a comunidade possa deixar cada tipo de lixo para não deixar acumular na rua. Tudo isso é de suma importância e eu vejo que a comunidade está envolvendo nessa gestão, hoje eles têm um conhecimento de não deixar os lixos serem acumulados na rua, isso que é importante, mostrar o exemplo. Porque a saúde está presente a escola também, faz presente de diversos conhecimentos que a gente tem que ter, de saber que o lixo pode prejudicar uma comunidade inteira. É muito importante nós trabalharmos com a coleta seletiva de resíduos sólidos na nossa terra indígena, para que mais tarde não haja casos de malária. Com tudo o que fazemos, nós não temos muito esses tipos de problemas na nossa comunidade, porque a gente sempre trabalha em coletividade para minimizar a questão do lixo que no caso podemos dizer resíduos sólidos aqui na aldeia"

Atividades que realizamos na Aldeia Tukay na gestão de resíduos sólidos de 2017 a 2019

AÇÃO NA ALDEIA TUKAY – outubro de 2017

No dia 15 de outubro de 2017, eu juntamente com o Agente Indígena de Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento (AISAN) e alguns jovens da comunidade, fomos vasculhar e fazer um diagnóstico geral na comunidade para avaliar a questão dos resíduos, de como estão os locais de acúmulo. Durante todo esse percurso de atividade do trabalho que a gente estava fazendo, foi encontrado vários tipos e resíduos acumulados. A partir daí fizemos todo o processo de coletar esses lixos que tinham na comunidade e levar a um local onde costumamos de depositar nossos lixos. Foi daí que surgiu mais incentivo, a comunidade se mobilizou muito nessa questão.

Também fizemos a coleta de pilhas e baterias de celulares velhas e outros, porque são grandes problemas ambientais. Nós Agamin de toda a região do Oiapoque abraçamos esta causa, começamos a executar este trabalho desde quando começou o curso de formação e pretendemos seguir essa ação armazenando as pilhas e baterias em recipiente lacrados. Entramos em parceria com a Secretária Municipal de Meio Ambiente (SEMMAM) e o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé) que se colocou a nossa disposição para ajudar nessa questão, acionando os pontos de vendas e fabricantes das pilhas para recuperarem o material.

AÇÃO NA ALDEIA TUKAY – setembro de 2018

No dia 22 de setembro de 2018, na aldeia do Tukay com a presença dos professores não indígenas do SOMEI e os indígenas da própria aldeia, a técnica de enfermagem, cacique, os jovens alunos do nono ano e as crianças das terceira e quarta séries e eu Agamin, fizemos uma grande mobilização para fazer a coleta seletiva dos resíduos sólidos na comunidade e no seu entorno também. Foi um momento em que cada profissional fez sua fala para orientar o povo para não jogar o lixo em qualquer lugar da comunidade (perto dos igarapés, rio, nascente, lago), porque também pode prejudicar a saúde dos animais. Por esse motivo fizemos uma limpeza geral, todo o pessoal junto e todo esse lixo que foi retirado, colocamos em um lugar destinado especificamente para colocar os lixos.

MONITORAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS – Acompanhamento Agamin – setembro de 2018

No dia 17 de setembro de 2018, todos os Agentes Ambientais Indígenas participaram de um acompanhamento de campo. Fizemos diagnóstico da situação dos resíduos domiciliares em cinco comunidades diferentes. Três na região da BR 156, que foi nas aldeias Curipi, Ywawká e Tukay e duas na outra região do rio Curipi, nas aldeias Japiim e Santa Izabel. Nessas comunidades fizemos reuniões nas quais falamos sobre a questão dos resíduos sólidos nas Terras Indígenas do Oiapoque. Percorremos todas as comunidades para fazer um diagnóstico dos resíduos sólidos. Nos resultados encontramos vários tipos de resíduos:

- Resíduos orgânicos: sobra de alimentos, casca de frutas e resto de caças e pesca etc.
- Resíduos recicláveis: materiais secos como garrafa pet, latas de alumínios, papelão, plástico duro, vidro, ferro velho e bronze dos fios velhos.
- O rejeito: papel higiênico, absorvente, fraldas descartáveis, papéis laminados, papeis sujo, plástico mole e outras.

Essa atividade foi realizada com os Agamin no acompanhamento de setembro de 2018 na disciplina Instrumentos de Monitoramento Territorial. As comunidades que nós visitamos gostaram do trabalho realizado. Dessa atividade surgiu a proposta e a ideia para construir um Local de Entrega Voluntária (LEVO): um local fixo bem limpo, todo decorado com desenho e marcas indígenas, para receber esses materiais recicláveis, que são coletados da comunidade. Criamos também um local de compostagem de resíduos orgânicos para colocar os restos de alimentos e outras coisas que é resíduo orgânico, para servir de adubo saudável, para ser usada em horta orgânica. A compostagem é todo um processo de decomposição que pode ajudar na produção agrícola.

OFICINA NA ALDEIA TUKAY – junho de 2019

Em 2019, do dia 21 até 24 de junho foi feita uma oficina na aldeia do Tukay. O trabalho foi feito com a ajuda dos acadêmicos da Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap, Hozandinho Charles dos Santos e o Abílio Charles, que também estavam fazendo pesquisas sobre lixo na aldeia. Realizamos a primeira etapa da oficina no centro comunitário da aldeia Tukay, mobilizando a comunidade, escola e saúde, para uma roda de conversa. Estiveram presentes os professores Jucemin da disciplina de História e Silas Macial com seus alunos do oitavo ano de ensino fundamental, além dos professores do primeiro e quinto ano. Também esteve presente o cacique da aldeia.

Após nos apresentarmos e apresentarmos o nosso trabalho para a comunidade refizemos e confeccionamos lixeiras. Falamos da importância e todo o cuidado que devemos ter, onde eu Agente Ambiental Indígena falei da importância do trabalho que os Agamin estão fazendo dos resíduos sólidos nas suas comunidades. Cada vez está aumentando a quantidade de lixo nas nossas comunidades, descartando nos igarapés, rios e nascentes. Isso tudo prejudica a nossa fauna e flora de maneira inadequada. Por isto devem ser apresentados e discutidos nas reuniões e assembleias de avaliação dos povos indígenas, para buscar uma forma, uma solução de melhorar a sua gestão. Por isso construímos o Local de Entrega Voluntário (LEVO) para o recebimento de resíduos recicláveis na nossa comunidade, para servir de exemplo para outras aldeias na Terra Indígena Uaçá.

Em seguida, os professores fizeram pequenas dinâmicas com seus alunos sobre as diferenças do resíduo orgânico e inorgânico. Foram essas atividades que tivemos juntos com os professores da escola do Tukay, João Batista Macial, com os alunos do nono ano de ensino fundamental.

Fomos até o mato com os alunos, professores e os acadêmicos indígenas procurar cipó titica. No dia seguinte, reunidos todos de novo no casarão o Centro Comunitário da aldeia para descascar os cipós. Depois de tudo descascado começamos a construir pequenas cestas do próprio produto da natureza para confeccionar lixeiras e construímos também pequenas placas de tábuas, todas com escritos em nossa língua materna, o *Khéol*, e também no português.

Quando tudo terminou saímos para colocar em lugares adequados mobilizando toda a comunidade. O incentivo foi muito grande e vamos continuar fazendo esse trabalho, esperamos não parar.

Conclusão

Escolhi trabalhar com esse tema de resíduos sólidos porque é muito importante para mim, atuando como Agamin na minha comunidade, junto com o meu cacique e as demais lideranças e profissionais para contribuir e refletir juntos para uma melhoria do nosso povo da aldeia. Por mais que tenha dificuldades, não temos que desistir, o nosso dever é mostrar o trabalho para a comunidade. Tentar ver uma maneira de conquistar a população, conscientizar mais nas reuniões comunitárias, apresentar para eles o que aprendemos durante os módulos durante o curso de formação. Ter um diálogo mais próximo com os professores, cacique, técnico de enfermagem, AIS, AISAN para o fortalecimento da comunidade na gestão de resíduos sólidos. As ações e atividades que fizemos na aldeia do Tukay beneficiam a própria comunidade para ter locais mais limpos e os resíduos recicláveis guardados no local específico, o LEVO.

Portanto, é uma valorização cultural, uma ética de respeito de não deixar os resíduos espalhados nos locais inadequados, pelo bem da nossa saúde e da natureza. É muito importante de estarem fazendo ações em coletividade, porque quem vive em uma comunidade indígena organizada sempre consegue cumprir deveres de ações, realizar as atividades de uma forma bem tranquila. Com certeza a comunidade vai achar esse trabalho de suma importância, pois pode trazer uma grande melhoria e ao mesmo tempo ajudar o meio ambiente.

Porém, de fato este trabalho não pode parar aqui, é necessário dar essa continuidade, porque o lixo é um ponto principal que prejudica muito, se não cuidamos dele pode afetar os nossos rios, lagos, igarapés, nossas ruas, fauna e floresta. Porque sabemos que o lixo é uma fonte de contaminação, geralmente são muitos tipos diferentes de lixo, por isso vamos trabalhar em conjunto para conseguir dar melhorias à nossa comunidade. Para que as crianças possam se sentir à vontade para brincar em áreas limpos, tomar banhos nos rios, igarapés sem contaminação. Sempre vamos fazer limpeza, cuidar da proteção dos recursos naturais, dando palestras nas escolas e sempre falando nas reuniões. Nós não vamos deixar a nossa comunidade, floresta, rios, lagos e igarapés acumularem lixo para correr risco de vida.

Trabalho orientado pelo professor Bruno dos Reis Fonseca

Trabalho com resíduos sólidos na Aldeia Amomni

Adailson Labontê, indígena Palikur mora na Aldeia Amomni, Rio Urucauá, Terra Indígena Uaçá, em Oiapoque, Amapá

O meu trabalho é sobre gestão de resíduos sólidos. Fiz a pesquisa na minha aldeia, eu fiz uma reunião para explicar meu trabalho com resíduos sólidos na comunidade. A comunidade aprendeu e me ajudou a fazer o trabalho de coletar os resíduos sólidos e também separar o que era lata, garrafa pet, pneu, pilhas, entre outros. Expliquei para a comunidade as coisas que aprendi no curso de formação, como por exemplo, que a pilha não pode jogar na água e nem na terra, porque tem muito veneno.

O trabalho na aldeia

Na disciplina de Instrumentos de Monitoramento Territorial, do professor Bruno Reis, conhecemos os instrumentos de monitoramento e tivemos um debate sobre a importância disso para o trabalho do Agamin. Durante o acompanhamento de setembro de 2018, nessa mesma disciplina visitamos a Aldeia Curipi no km50 da BR156, e construímos um Local de Entrega Voluntária de Resíduos Recicláveis (LEVO). Em 2019 voltamos lá e fizemos uma avaliação se havia sido alcançado os objetivos, e quais seriam os novos desafios colocados.

No Oiapoque, nós fomos visitar o aterro (mais conhecido como "lixão") da cidade. Depois daquela visita eu voltei para minha aldeia e conversei com a minha família. Eu expliquei o meu estudo da formação, falei sobre o lixão do Oiapoque, onde as pessoas jogam garrafas, plásticos, geladeira, máquina de lavar roupa. Falei também que o lixão tem um cheiro ruim, podre e tem muito urubu e moscas.

Depois de conversar na minha aldeia, acertamos de trabalhar junto com a comunidade para fazer a limpeza do território. Falei para as pessoas não jogarem mais plástico, nem as garrafas de água mineral na água, porque faz mal para os peixes e também para nós quando bebemos essa água. Também falei para não jogar as pilhas na terra e na água, porque elas têm muito veneno e contaminam a terra e água. Orientei as pessoas que têm bicicleta a não jogarem na água os pneus velhos, quando eles trocam o pneu.

Falei para as pessoas que temos que cuidar da terra onde a gente mora, cuidar do território. Por exemplo, falei que quando as pessoas vão lanternar não é para jogar o lixo, os cartuchos e as pilhas fora. Disse que eles têm que trazer para casa, juntar tudo num buraco e queimar. Expliquei que as latinhas de cerveja podem ser recicladas. Que as pessoas podem guardar elas num saco e depois levar para o Oiapoque. Porque as latinhas podem ser vendidas para reciclar. Esse é um dos trabalhos do Agamin nas comunidades.

Conclusão

Nessa conclusão vou explicar o que aprendi com o trabalho. Aprendi que a gente não deve jogar pilha na água, que temos que cuidar muito do rio e não jogar os resíduos nos campos alagados e na terra. Também aprendi que devemos falar de "resíduos sólidos" e não de "lixo" e que esse é um problema sério que precisa ser trabalhado na nossa gestão do território. Uma vez encontramos até uma fralda de plástico dentro da barriga de um tracajá, isso é muito preocupante.

Como as comunidades podem se beneficiar do meu trabalho? Com a minha formação, eu posso explicar na comunidade sobre o problema dos resíduos sólidos e também explicar sobre os nossos trabalhos como Agamin: manejo de tracajá, manejo e experimento com plantação de banana, manejo do açaí e da andiroba, entre outros. Assim, posso trazer benefícios na comunidade e fazer meu trabalho, falando nas reuniões na aldeia.

Trabalho orientado pelo professor Bruno Reis

Pesquisa sobre alimentação na Aldeia Flamã

Rivaldo dos Santos Forte, indígena Galibi Marworno, mora na Aldeia Flamã, que se localiza no Rio Uaçá, na Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Na Terra Indígena Uaçá cada povo ocupa uma região de um rio diferente: os Palikur no Rio Urucauá, os Karipuna no Rio Curipi e os Galibi Marworno no médio Rio Uaçá. Eu morava na Aldeia Kumarumã, onde se concentra a maioria da população Galibi Marworno. A população dessa aldeia continuou crescendo e as pessoas começaram a não ter mais lugar para fazer suas casas e a busca de alimento foi ficando mais difícil. Algumas famílias decidiram buscar então um outro local para viver, fundando aldeias menores na beira do Rio Uaçá, entre elas a Aldeia Flamã onde eu vivo. Essas novas aldeias foram criadas em lugares onde já tinham sido aldeias antigamente, retomando nosso modo de viver em aldeias menores.

A criação de aldeias menores em outros lugares melhorou a vida das pessoas. Elas têm mais liberdade e espaço para viver, para construir suas casas e roças mais perto de onde moram. Ficou mais fácil também para pescar e caçar para a nossa alimentação na nova aldeia, pois a aldeia Kumarumã é mais antiga e muito povoada (aproximadamente 2000 pessoas). Hoje, na Aldeia Flamã já tem escola, posto de saúde, centro comunitário e a igreja evangélica. É mais fácil também para o cacique trabalhar, organizar atividades comunitárias, pois é uma aldeia pequena com apenas quinze famílias.

Nossa forma de viver depende muito daquilo que encontramos na natureza. É dela que a gente tira os materiais para construir nossas casas, os remédios que usamos vem da mata e são conhecidos pelos nossos pajés e curadores. Também são a nossa alimentação, pois conhecemos e usamos várias espécies tanto de peixes quanto de animais diferentes, dependendo das estações do ano. Entre essas espécies de peixes estão o pirarucu, tucunaré e piranhas, além de pescarmos jacarés. Comemos também muitas espécies de animais como cotia, porcão do mato e caititu. Mas tem pessoas que também utilizam alimentos industrializados na alimentação, que precisam ser comprados, diferente do alimento que tiramos da natureza.

O alimento que vem de fora pode afetar a nossa cultura e também a saúde dos povos indígenas. Temos nossas maneiras de pescar, caçar, de preparar os alimentos, conhecendo bem os animais e peixes que podemos pegar em cada estação do ano. Mas sabemos também que hoje existem alimentos industrializados que podem ser comprados e que são usados na nossa alimentação. Na nossa pesquisa queríamos saber se houve mudanças entre o que consumimos hoje e o que nossos avós consumiam na minha aldeia. Essa descrição da alimentação é importante para os indígenas saberem também quais os principais tipos de peixes que são mais consumidos.

Eu me interessei nesta pesquisa para fazer meu trabalho, pois queria conhecer melhor como mudava a alimentação ao longo das estações, qual época a caça ou pesca eram mais importantes e se os alimentos industrializados eram mais utilizados na alimentação do que os alimentos retirados da natureza. A partir desse primeiro levantamento nas TI's do Oiapoque queremos fazer novas pesquisas para aprofundar um pouco mais a questão do consumo alimentar nas aldeias.

Levantamento sobre alimentação na Aldeia Flamã

Entrevistei 46 pessoas na pesquisa na Aldeia Flamã durante o ano de 2017. Não foi fácil para mim porque fiz a pesquisa durante duas estações, tanto no inverno quanto no verão, dentro da Terra Indígena Uaçá. Aqui estão os dados da pesquisa na estação seca de 2017, com as espécies mais consumidas, na Aldeia Flamã:

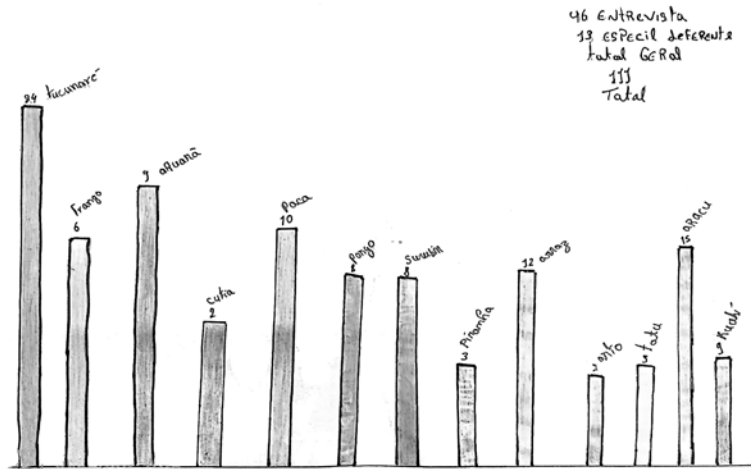


Figura 4: Gráfico das espécies mais consumidas no período de fevereiro a maio de 2017
Autor: Rivaldo dos Santos Forte, 2019

Os peixes mais consumidos foram o tucunaré, seguidos do aruanã, surubim e piranhas. Os peixes são bastante importantes na alimentação do povo Galibi Marworno, especialmente na época da estação seca.

Eu comparei o número de vezes que as pessoas falaram peixe, caça ou alimentos industrializados. Os peixes foram mais importantes que a caça e que

os produtos industrializados na Aldeia Flamã em 2017, penso que isso acontece porque na Aldeia Flamã estes recursos ainda são abundantes. Entre as espécies mais caçadas, durante esse período, observei um maior consumo de paca, tatu e a cutia. Entre os produtos industrializados consumidos os mais comuns foram o arroz, e o frango. Esses são os resultados da minha pesquisa, durante esse período. Esse resultado pode ser observado no gráfico abaixo:

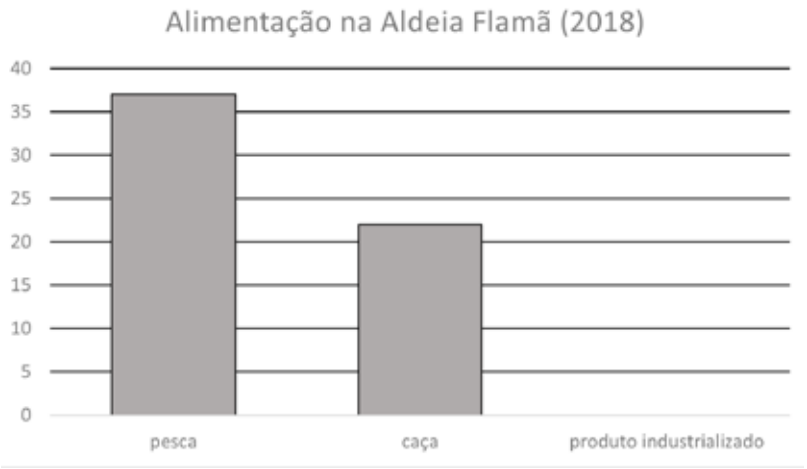


Figura 6: Gráfico resultado da pesquisa sobre alimentação na Aldeia Flamã
Autor: Rivaldo dos Santos Forte, 2018

Nossa alimentação e nossa relação com os recursos naturais

Ainda temos diferentes tipos de caça nas nossas terras, porque são áreas grandes e cuidamos bem delas. Nós pescamos só com anzol, arco e flecha e arpão. Caçamos com arco e flecha e espingarda. Às vezes, também levamos nossos cachorros que nos ajudam a caçar. Nós do povo Galibi Marworno temos uma regra para consumir os alimentos da natureza, temos todo respeito. Na época da piracema do peixe e quando os animais se reproduzem, nós não pescamos nem caçamos. Nesse momento, consumimos mais produtos industrializados. Fazendo esse tipo de controle, ajudando a natureza se conservar.

Dentro da minha comunidade nós necessitamos ter esses animais, plantas e árvores porque sem eles não conseguimos viver. Dependemos das plantas medicinais e de tudo que tem na floresta, inclusive os espíritos visíveis e invisíveis. Um está ligado ao outro. Por exemplo, têm lugares da nossa terra que são muito especiais, onde tem muitos peixes, como o trairão e surubim. Esses lugares têm seus donos invisíveis que cuidam deles e por isso tem tantos peixes quando chega o verão.

Nosso calendário

Nós conhecemos as épocas certas de pegar os tipos de peixes e animais. Os animais e peixes tem também suas épocas de se alimentar e nós precisamos respeitar as regras deles e da natureza. Da mesma forma, como a roça tem seu tempo de plantar e colher que é de onde tiramos os nossos alimentos para o nosso sustento, também as plantas têm suas épocas de suas safras. Quando está começando a cair a chuva, sabemos que as plantas vão dar seus frutos e também os peixes procuram se locomover e achar um lugar para desovar. Nós indígenas temos nosso calendário através da natureza, pois sabemos que quando a chuva vai cair, por exemplo, é a época que dá mais peixes e caças. A roça avisa através de uma cigarra, quando vai chegar o verão e as borboletas começam povoando todas as partes. Isto nos faz perceber que é verão. Nós reconhecemos vários sinais que indicam as estações: esse é o verdadeiro calendário do povo Galibi Marworno.

Nos meses de fevereiro em diante, é a época que dá mais peixe no campo, eles estão espalhados. Nesta época então nós consumimos mais peixes e caça na Aldeia Flamã. Neste período que a água está grande aparecem os peixes: pongo, aruãnã, paku, aracu, kuari, cará, jacaré pedra e jacaré açu. Nessa época também nós consumimos caça, como paca, caititu, cutia, macaco, tatu, anta. Esses alimentos fazem parte da nossa alimentação e ocorrem na nossa Terra Indígena.

Os produtos industrializados

Na Aldeia Flamã não se consomem muitos produtos industrializados, porque não tem comércios para as pessoas comprarem esse tipo de produto. Isso pude perceber como resultado da minha pesquisa. Já na Aldeia Kumarumã, tem mais de dez comércios e o consumo de produtos industrializados é muito maior. Sabemos que hoje nós vivemos em um mundo capitalista e que em certa medida as Terras Indígenas também fazem parte desse sistema eco-

nômico. Também temos salários, benefícios e usamos dinheiro para comprar produtos dentro da Terra Indígena e também na cidade, trazendo muitos produtos de fora para as comunidades.

Com relação aos produtos industrializados nós comemos frango, calabresa, sardinha, conservas, mortadela, margarina e macarrão. Os produtos industrializados que usamos no dia a dia são o café, o óleo, o sal e o açúcar. Isso também produz uma quantidade grande de resíduos sólidos, o que acaba virando um outro problema socioambiental para termos que pensar em como resolver.

Como era a alimentação antigamente

Na conversa que tive com as pessoas mais velhas da minha comunidade, eles relataram que atualmente se consome mais produtos industrializados do que se fazia antigamente. Antes, eles comiam principalmente peixe ou caça, acompanhado por farinha. Também faziam mingau de crueira, de batata doce, de inhame, de farinha, entre outros. Já hoje, ainda que algumas vezes se faça mingau, estamos consumindo cada vez mais biscoitos, refrigerantes e sucos em pó. Antes, não se usava temperos industrializados como usamos hoje em dia. Era usada apenas chicória, tucupi, pimentas e outros. Também se tomava muito caxixi, a bebida fermentada de mandioca. Hoje quase não tomamos mais. Essas mudanças também se relacionam com a maior facilidade de acesso à cidade. Se antes levava quase um mês para ir do Rio Uaçá até a cidade do Oiapoque, hoje em dia esse percurso é feito em apenas 4 horas, se for em voadeira com motor de popa.

Impactos para a saúde

Os alimentos industrializados causam muitas doenças, como diabetes, pressão alta, obesidade, entre outras. Percebemos que com essas mudanças na nossa alimentação, esses tipos de doenças têm aumentado muito nas nossas comunidades. Então precisamos pensar sobre como consumir mais peixes e caças, porque são importantes na nossa cultura e são mais saudáveis para nós. Nós povos indígenas precisamos cuidar da natureza e preservar o meio ambiente, pois são eles que fornecem para nós os recursos naturais dos quais dependemos.

Conclusão

A pesquisa sobre alimentação mostrou que as pessoas da Aldeia Flamã consomem muito mais alimentos extraídos da natureza, mostrando vários tipos de peixes que são muito importantes na nossa alimentação. Não temos dificuldade de achar alimento na nossa nova aldeia, bem diferente de quando a gente morava na Aldeia Kumarumã. Lá era difícil de encontrar peixes e de comer caça na nossa alimentação. Lá também se consome mais produtos industrializados do que na Aldeia Flamã. Os alimentos que vêm da natureza têm melhor qualidade e são melhores para a saúde. Os alimentos industrializados geram doenças e produzem muito lixo, que faz mal para a saúde.

Mudar para outro local, numa comunidade menor, contribuiu para melhorar nossa alimentação. Esta pesquisa de alimentação fez eu me interessar em continuar esse trabalho e conversar com a comunidade sobre a importância de valorizar a comida local, tanto para saúde quanto para fortalecer a nossa cultura. Vou apoiar e continuar trabalhando junto com cacique da aldeia e os professores da escola, sobre esse tema na minha comunidade.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Mudanças na alimentação das famílias na Aldeia Manga

Roniele Forte dos Santos, indígena Karipuna, nasceu na Terra Indígena Uaçá. Mora na aldeia Manga região do Rio Curipi

Durante o curso de formação de Agentes Ambientais Indígenas (Agamin) comecei a discutir o tema da alimentação da comunidade indígena, a partir de uma pesquisa que fizemos no curso. Nessa pesquisa, encontrei vários tipos de alimentação que os moradores consomem. Observei o jeito que as pessoas estão se alimentando hoje e por isso me interessei no tema alimentação da aldeia Manga.

Procurei estudar o que as pessoas estão deixando de consumir e os novos produtos industrializados que estão entrando na alimentação. Durante a pesquisa, uma das coisas que me chamou muito atenção foi a facilidade de encontrar os produtos industrializados em vários comércios da própria aldeia e também na cidade. Mas a questão é que esses produtos industrializados podem trazer vários problemas de saúde (como hipertensão, diabetes, entre outras).

A aldeia Manga se encontra relativamente perto do centro de Oiapoque e as pessoas vão com frequência, as vezes inclusive morando lá parte do ano. É uma aldeia com quase 1500 habitantes e que continua crescendo e necessita de muito alimento. É uma aldeia que possui muitas pessoas assalariadas, o que permite que elas comprem comida industrializada mais facilmente do que famílias que não são. Devido ao aumento da população da comunidade, as pessoas vêm deixando de se alimentar com os produtos da roça e da natureza, pois está ficando mais longe da aldeia. Por isso a pesquisa focou em como as pessoas estão comprando mais alimento da cidade para consumir. Fiz esta pesquisa para descobrir que tipo de alimento que cada família está utilizando e se estão mudando sua forma de alimentar por influência da cidade.

Alimentação do povo da Aldeia Manga

Os resultados das entrevistas sobre alimentação mostraram que na Aldeia Manga os alimentos industrializados foram os mais consumidos (Gráfico 1). Os peixes foram também bastante consumidos e muito mais vezes citados que as carnes de caça. Entre os peixes mais consumidos estavam daxê, tucunaré, traíra, wakaiá e acara preto. Os poucos animais de caça citados foram a paca, o veado vermelho, a cotia e pássaros como o jacupéu e tucano. O frango, a mortadela, carnes em conservas, sardinhas, feijoada em lata foram os itens industrializados mais citados pelos moradores. A farinha sempre acompanhou as refeições, como também o arroz e macarrão.

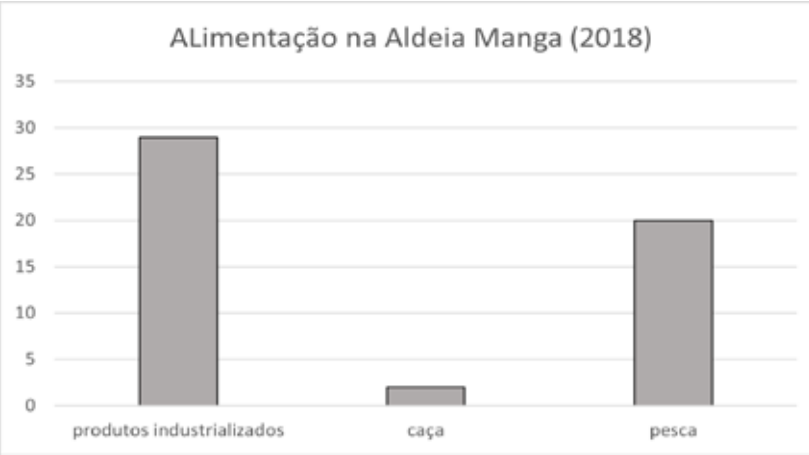


Figura 1: Gráfico da Aldeia Manga
Autor: Roniele Forte dos Santos, 2018

Os alimentos industrializados foram mais consumidos na aldeia Manga e pouco menos o alimento da natureza. Quase não consumiram animais de caça. Eu acredito que uma das razões seja por causa da dificuldade de encontrar a caça porque está ficando mais escasso. Isso dificulta o grande consumo de várias espécies, pois houve um grande aumento de pessoas na aldeia e levou as pessoas a se adaptar e comer outro alimento, como os produtos industrializados.

Um dos problemas sérios de saúde hoje na Aldeia Manga, e também em outras aldeias, é a obesidade que vem aumentando dentro das comunidades indígenas. Além dela, a pressão alta que começa atingir também a juventude. Entre as pessoas adultas, principalmente as pessoas mais velhas, um dos problemas é a diabete. Esses problemas de saúde não ocorriam antes, esse tipo de situação pode ser um efeito dos alimentos industrializados dentro comunidade. Esses produtos vêm de outra cultura, que nós indígena não comíamos antes, mas hoje, faz parte da nossa alimentação. Nós conversamos também durante a pesquisa sobre jeito que as pessoas vêm se alimentando também com algumas famílias. Nós Agamin orientamos as pessoas, falamos sobre tipos de problemas de saúde que eles estão tendo pelo fato de utilizar muitos produtos industrializados. Quando eles consumiam alimentação tradicional, esses problemas de saúde não eram comuns. Essas foram algumas das conversas que nós tivemos e que precisamos continuar fazendo daqui para frente.

Conclusão

O que me motivou durante a pesquisa de alimentação na aldeia Manga é saber mais como a comunidade se alimentava antes e como os alimentos tradicionais não traziam complicações para saúde dos indígenas. O que chamou a atenção na pesquisa foi a quantidade de alimentos industrializados. As pesquisas feitas em aldeias menores e longe da cidade, que os outros colegas de curso fizeram, mostraram que nessas comunidades as pessoas consomem bastante peixes e caça, muito mais do que na Aldeia Manga.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Plantas utilizadas pelos Karipuna da Aldeia Manga

Pedro dos Santos, indígena Karipuna, vive na aldeia Manga, Rio Curipi Terra Indígena Uaçá. Fez parte da primeira turma de formação de Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque em 2002. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso de Geografia da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

Desde minha infância eu já observava o valor que as plantas tinham em relação à medicina. Porque, quando eu ficava doente com resfriado ou dor na garganta, minha mãe fazia remédio como chás das plantas para eu tomar e tudo ficava bem. Meu interesse pelas plantas é a importância que elas têm em vários aspectos da vida dos Karipuna na nossa região. Usamos na nossa medicina, na construção de casas e canoas, no nosso artesanato e, principalmente, na nossa alimentação.

Plantas medicinais na Aldeia Manga

Fiz meu levantamento sobre as plantas frutíferas e medicinais baseado em meus conhecimentos, visitando algumas casas e observando as plantas cultivadas em seus quintais e através de entrevistas com conhecedores locais de plantas medicinais. Entrevistei 3 conhecedores incluindo uma Pajé sobre as plantas usadas nas suas curas. Abaixo apresento uma tabela com as espécies de plantas e ervas do meu levantamento.

Tabela 1: Levantamento de plantas e ervas usados na alimentação e medicina indígena

	PLANTAS FRUTÍFERAS		PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS
1	Laranjeira	1	Quebra-pedra
2	Tangerineira	2	Andirobeira
3	Cupuaçu	3	Cajueiro
4	Limãozinho	4	Xixizeiro
5	Limão galego	5	Cipó-para-tudo
6	Pupunheira	6	Escada-de-jabuti
7	Abacateiro	7	Folha do pirarucu
8	Pimenteira	8	Pião-roxo
9	Bananeira	9	Bananeira
10	Macaxeira	10	Cipó-dalho
11	Cará roxo		
12	Açaizeiro		
13	Maracujá		
14	Bacabeira		
15	Patauazeiro		
16	Pepineiro		
17	Jerimun		
18	Mandioqueira (roças).		
19	Cana-de-açúcar (roças).		
20	Mangueira		
21	Abacaxizeiro		
22	Coqueiro		

A partir do meu levantamento as plantas se classificam de acordo com seus usos. Podem ser medicinais, de uso do pajé e frutíferas.

As plantas medicinais:

Andiroba: É uma espécie de planta que na maioria das vezes se concentra em partes mais baixas, como beira de igarapés, recantos de montanhas, no meio de açaizais, e beira de rios. Essa planta contém em sua semente um óleo muito importante que se retira e serve como: cicatrizante de feridas, coceira, e inflamações e também sua casca serve para cozinhar e tomar como água para dor no estômago.

Bananeira: É uma planta que se adapta principalmente em lugares baixos, onde o solo é úmido, não muito encharcado. Ele contém um valor importante no comércio e na produção. A banana branca é a mais usada para remédio, o leite da banana branca serve para dor de barriga para sarar feridas na garganta, diarreia e também é um cicatrizante.

Quebra-pedra: É uma planta que se encontra em terrenos ou quintais, é uma planta rasteira com folhas finas ele serve contra gastrite, ardimento no estômago, pedra no rim. Esta planta é muito utilizada dentro da aldeia.

Cajueiro: É uma planta que se encontra em quase toda aldeia, esta planta tem como característica sua casca que é grossa e enrugada. Do tronco do cajueiro retira-se sua casca que depois de bem fervido, dependendo do sintoma serve para lavar ferimentos, para banho pós-parto. É um cicatrizante forte, sua casca mistura-se com outros remédios servindo-se assim para outras diversas doenças do corpo ou do estômago.

Xixizeiro: É uma árvore alta com folhas pequenas meio arredondadas, esta espécie se encontra em vários lugares da floresta na região. Tem como característica sua casca que serve para sarar feridas. A casca fervida serve para doenças como gastrites, ardimentos no estômago etc. Existem dois tipos, o da terra firme e o da várzea. O da terra firme tem mais utilidade na medicina e é mais usado ou valorizado. É também um cicatrizante e serve como lavagem pós-parto, como banho, sendo esta sua característica importante.

Cipó-para-tudo: É uma planta que se encontra geralmente em terra firme, no tronco de outras árvores. Ela depende dessas árvores para se desenvolver. Este cipó tem como característica sua cor marrom, se enrola no tronco das árvores, tem gosto muito amargo, e serve para todos os tipos de doenças, independentemente do sintoma.

Lexel totxi (cipó escada-de-jabuti): É um cipó que se encontra na terra firme. Se desenvolve se enrolando na copa até a raiz das outras árvores. Tem como características formas de escada, é largo e chato. Serve como remédios para limpar o intestino e outras doenças intestinais.

Folha do pirarucu: A folha do pirarucu tem esse nome porque tem uma folha arredondada que parece o rabo do pirarucu. Gosta de lugares secos. É importante na cura de doenças como: gastrites, dor no peito, ardimento no estômago ou inflamação do estômago, úlcera.

Pião-roxo: É uma planta de folhas roxas que se encontra nos quintais das casas, tem como importância o leite que serve para feridas na garganta, feridas na boca, funcionando como cicatrizante.

Plantas e ervas medicinais que o pajé sempre utiliza:

Algumas plantas são fundamentais nas práticas de cura da medicina dos Pajés, que sabem como usar cada uma delas. Cito abaixo as espécies mencionadas pela Pajé dona Fátima.

- Cipó d´alho
- Tawen
- Arari
- Nurinuri
- Lapo kunauahô
- Cipó de Paulo Afonso

Uma observação importante deve ser feita, a Pajé preferiu não indicar os usos dessas plantas por ser parte das suas práticas de cura.

Meu segundo entrevistado, um morador da aldeia Manga, Seu Manoel Aniká, conhecido na aldeia Manga como Rebók, mencionou as seguintes plantas medicinais:

- Verônica da beira do rio: serve para limpar e fortalecer o sangue
- Anauerá: serve para dor de barriga
- Caferana: a casca cozida serve para beber contra febre e malária
- Apukuriuá: serve para sarar feridas e também para tomar banhos
- Ucuúba: o leite serve para dor de barriga, e diarreia
- Iaia: a casca serve para lavar feridas

Minha terceira entrevistada foi Dona Solange, "fazedora" de remédios, que citou algumas espécies de plantas medicinais, sem revelar seus usos diretos.

Isso é um conhecimento que pertence a eles, que muitas vezes guardam para si, pois faz parte do seu ofício. Algumas delas se encontram tanto em áreas da mata quanto dentro da aldeia, onde podem ser encontrados com facilidade. É importante conservar estes ambientes que abrigam essas plantas que nos curam hoje, pois servirão para as nossas futuras gerações.

Todas essas plantas são de extrema importância na medicina indígena, devido ao efeito positivo na cura de doenças, sem os efeitos colaterais que os remédios da farmácia costumam ter. Essas plantas são fundamentais na natureza e na medicina. Abaixo apresento eles por meio de fotos:

Plantas frutíferas

As plantas frutíferas também são destaques deste levantamento. Sua importância está relacionada com a diversidade de espécies que temos, com sua produção e comercialização. Cito, abaixo, algumas das principais frutíferas da aldeia.

Laranjeira: São plantas que se encontram principalmente dentro da aldeia. São plantas extremamente valorizadas tradicionalmente na alimentação.

Tangerina: São muito valorizadas dentro da aldeia devido a sua qualidade e sabor. Esta planta contém um valor econômico muito importante no comércio, tem boa qualidade, apesar de haver pouca produção.

Cupuaçu: O cupuaçu se encontra dentro da aldeia, mas também perto das casas de farinhas perto das roças da comunidade. É uma fruta muito valorizada, mas é atacada por pragas que secam as folhas e as pessoas têm desanimado de plantar.

Limãozinho: Esta planta também se encontra em um número bastante reduzido entre tantas outras talvez pelo fato de as pessoas terem deixado de produzir, ou plantar perto de suas casas ou roças.

Limão-galego: É uma fruta que se encontra em um número bem razoável dentro da aldeia e que é muito valorizado no comércio. Hoje essas frutas são muitos procuradas na Guiana Francesa, devido à qualidade do produto e de suas utilidades no dia a dia.

Pupunheira: Se encontra em pequena quantidade nos quintais dentro da aldeia e um valor alto na comercialização.

Abacateiro: É uma planta encontrada em poucas quantidades na aldeia, mas com um valor altíssimo no comércio por ser planta da região. Serve para fazer sucos, cremes, chopp, sorvetes.

Pimenteira: Existem muitas variedades de pimenta dentro da aldeia: a pimenta de cheiro, pimenta malagueta, pimenta *Baiahá*. São poucos os que plantam porque ela não nasce de qualquer jeito, se não preparar bem o plantio ela não se desenvolve a semente acaba morrendo.

Bananeira: Encontrada em todas as roças das pessoas da aldeia. A produção é feita todos os anos, a partir das mudas da própria plantação. Isso faz com que haja uma boa produção, todos os anos, mas poucas pessoas comercializam a banana na Aldeia Manga.

Macaxeira: A macaxeira é uma planta que tem em quantidades razoável dentro da região. É importante na alimentação indígena. É plantada na roça.

Açaizeiro: É encontrado em alguns lugares baixos e alagados da aldeia. Usamos a polpa para fazer o vinho que é muito apreciado na alimentação indígena. A produção de açaí na natureza está aumentando cada vez mais e tem um valor econômico tanto dentro como fora da aldeia. É importante informar que os açaizeiros não são plantados, existindo manejo em algumas aldeias.

Conclusão

Baseado na pesquisa de levantamento de espécies frutíferas e medicinais utilizadas pelos Karipuna da Aldeia Manga concluí que no passado se cultivava muito mais frutíferas do que hoje. Do mesmo modo, as plantas medicinais antes eram bem mais usadas do que são atualmente. Eu tive interesse em estudar a questão ambiental porque sei que é fundamental nos preocuparmos com a natureza em que vivemos, por isso me envolvi nessa questão de fazer uma pesquisa de levantamento e agora chego com êxito a uma resposta sobre a importância de termos essas plantas como fontes principais na ciência e na cultura tradicional indígena.

As plantas frutíferas e as medicinais se caracterizam em diversas formas e utilidades de usos diferentes uma da outra, entre elas destacam-se as medicinais: cipó-d'alho, tawen, arari, nurinuri, lapo kunauáhô, verônica, caferana, ucuúba, apukuriuá e iaiá. E entre as frutíferas destacam-se: açaizeiros, maracujazeiros, bacabeiras, bananeiras, pimenteiras, abacateiros, macaxeiras, pupunheiras, cupuaçuzeiro, limõezinhos, limões galegos, abacaxizeiros. Essas são as mais consumidas pelos Karipuna, como resultado da minha pesquisa.

Trabalho orientado pela professora Rosélis Remor Mazurek

Saúde da mulher indígena

Rosenilda Santos Martins, indígena Karipuna é da aldeia Santa Izabel, mas reside no município de Oiapoque. Participou de formações sobre mudanças climáticas e incidências políticas. Atualmente é acadêmica do curso de Licenciatura em Biologia da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

O tema desse trabalho é o da saúde da mulher indígena. Esse tema eu venho acompanhando há alguns anos nos encontros de mulheres indígenas, onde nós trocamos experiências uma com as outras sobre os seguintes assuntos: parteira, doenças, plantas medicinas, higiene, prevenção e família. Todos esses assuntos são muito importantes para a saúde da mulher, porque ela precisa estar saudável fisicamente e psicologicamente. A saúde da mulher indígena está interligada ao meio ambiente de diversas formas. Como por exemplo ao utilizar algumas espécies de árvores para fazer remédios. As pajés são as que mais usam a floresta tanto com os remédios, quanto com os *kahuanãs*. Este trabalho tem como objetivo de fortalecer a cultura e os saberes das mulheres indígenas.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Santa Izabel, através de entrevistas com mulheres indígenas sobre a saúde da mulher. Na entrevista com mulheres mais velhas da comunidade, colhi um material muito bom, onde elas relatam o cuidado que elas têm com as suas filhas, desde bebê até a fase adulta. Também houve registro de informações em oficinas, como a troca de conhecimento entre mulheres de outras etnias. Coletei informações muito importantes de como essas mulheres utilizam remédios tradicionais para sua saúde.

Modos indígenas de cuidar

Umas das coisas que as mulheres visam é o futuro, passando para suas filhas todos seus conhecimentos. O cuidado de uma para outra na hora de dar à luz é um deles. Ensinando uma a outra a melhor forma de benzer, de se interligar com os *kahuanas* que vivem na natureza. A biodiversidade é tão generosa que nos ensina e oferece a vida através de múltiplas escolhas de seus elementos. Trabalhamos muito com realizações de oficinas dentro e fora das comunidades, com palestras e depoimentos de mulheres que se curaram com produtos da natureza. Essas oficinas apoiam também mulheres que nascem com o dom de cura, para que se possa trabalhar com sua própria comunidade quando assim for necessário para uma cura de forma interligada entre mulher pajé, dom, *kahuanas*, lua e remédios da floresta, isso tudo precisa existir para que se possa ter uma cura através dos e das pajés. Esses são os nossos jeitos de ter saúde com os ingredientes do meio ambiente.

A mulher indígena tem um olhar diferente da mulher não indígena. Nossa saúde deve estar sempre boa fisicamente, mentalmente e espiritualmente para que possamos todos os dias viver tranquilamente, assim garantimos que

nossos filhos nascerão saudáveis. Nós temos um costume de todas as manhãs ou a tarde dependendo da hora, fazer visitas às nossas vizinhas e entre uma conversa e outra, sempre chegamos nos assuntos de doenças e remédios, quando percebemos já estamos ensinando e aprendendo umas com as outras. Trocamos desde remédios que curam as doenças até trazer mudas de plantas. Isso são formas de nós mulheres afirmar e fortalecer cada vez mais nossos saberes. Hoje como nosso povo está transformando muito, a juventude não está muito preocupada com sua própria saúde, aí nós entramos em ação para ajudar essas jovens a aprender a se cuidar mais, dando valor a sua própria vida. Isso é feito através de palestras juntos com as mães, parteiras, pajé, agamins, profissionais de saúde, todos envolvidos para trazer as jovens para a realidade da vida. Porque hoje vivemos em um mundo cheio de doenças malignas, onde, se não tivermos cuidados com nossos filhos, é adquirido da forma mais rápida essas doenças. Portanto nós todos estamos envolvidos para que nossos saberes, culturas e costumes prevaleçam sempre.

Plantas Medicinais

As plantas medicinas são muito usadas pelas mulheres no tratamento de doenças. Algumas são plantas nativas das nossas Terras Indígenas (TI), outras vieram de fora da TI, das quais não sabemos sua origem. Essas plantas são cultivadas no quintal de nossas casas. Quando há oficinas ou uma mulher precisa de um tipo de planta para fazer remédio, eles fazem mudas, dão ou trocam com outra muda de planta. Relacionado com as enfermidades as mais comuns entre as mulheres são: cólicas menstruais, corrimentos etc. Para essas enfermidades as plantas mais usadas são: hortelã, barbatimão, caju, anani, arruda, cabi, etc. Seu uso se dá através de chás, garrafadas, emplasto, banho, asseio. Há também plantas indicadas exclusivamente pela pajé que são: arari, tawuen, cipó de alho, etc. Além de usar garrafadas e chás, é muito comum usar óleos de plantas frutíferas, pomadas feito de banhas de animais e benzimento de todos os tipos.

Parteira

Em julho de 2019 conversei com a senhora Macenilda Santos da Paixão, parteira da aldeia Santa Izabel. Ela relatou que quando a mulher sente dor para ter o bebê, o homem vai chamar a parteira na sua casa, independente da hora, seja de noite ou de dia para ela dar o procedimento no parto. No processo do parto a parteira usa alguns remédios fundamentais na barriga da mulher como as gorduras de animas, chá de ervas para ajudar no nascimento do bebê. Depois que o bebê nasce a parteira faz um outro tipo de remédio para as cólicas que tem depois do parto, banhos de acentos de casca de pau travosos, garrafadas para ajudar a cicatrizar mais rápido o útero. A parteira puxa a barriga da mulher durante oito dias, depois ela entrega para a família com as seguintes recomendações: que a barriga continue amarrada, não comendo comidas remosas, não manter relações sexuais durante quarenta dias.

Mulher Pajé

Em julho de 2019 na aldeia Santa Izabel conversei com a senhora Cátia Cilene Anika. Na entrevista, ela me relatou que as pessoas a procuram para tratar das enfermidades. A pajé faz um ritual (xitotó) para verificar qual enfermidade que a mulher tem e qual remédio tem que indicar para o tratamento dessa mulher. Durante esse procedimento, a paciente não pode comer peixe, a comida não pode cair no fogo e não pode manter relações sexuais, são essas regras que o paciente deve seguir. Os remédios usados no tratamento são garrafadas, banho sem horários, *kataplam* (emplastos). As ervas usadas são: apucuriwa, tawuen, arari, arruda, catinga de mulata, nurinuri, cabi etc. A pajé também faz o tratamento com benzimento quando necessário. Para finalizar esse tratamento é feito um outro xitotó para entregar do paciente aos familiares.

Mulheres benzedeiras

Existem várias mulheres que sabem benzer, e elas passam esse conhecimento para as jovens. Esses *pota* (rezas) existem em variedades, como na proteção de inveja, mau olhado, animas peçonhentos, coceiras no corpo, picada de cobra, quebranto, rezipela (feridas avermelhadas), etc. Esses *pota* são diferentes um dos outros, alguns precisam de ervas para ajudar no tratamento são elas: desinflama, vassourinha, e também se usa casca de pau travoso. Abaixo trago o trecho de um *pota*:

> *"Foi andando num caminho encontrei mãe senhora, perguntei a ela aonde vai, ela respondeu, vou matar rezipela, com três bago de sal e três ramos de vassourinha. Depois disso coloca a folha de desinflama."*

Conclusão

Concluí que essa pesquisa buscou valorizar a saúde da mulher indígena. Reforçou para mim esse conhecimento milenar que, vem passando de geração em geração. Aprendi através de entrevistas a valorizar, mais as plantas medicinais, e o trabalho daquelas que são os nossos esteios, o fundamento da nossa vida. A comunidade se beneficiará deste material para repassar nas escolas indígenas e aos jovens a importância de se manter o conhecimento de saúde Karipuna. A juventude hoje tem bastante influência do mundo "branco", então devemos continuar a pesquisar para verificar se isso não está afetando de uma forma ou de outra, as nossas jovens, porque, elas têm a missão de continuar o trabalho de nossas anciãs. É importante ressaltar que as mulheres indígenas sofrem muito preconceito no mundo lá fora, mas que, elaboramos grandes oficinas, palestras, e assembleias para orientar elas sobre esse preconceito, sobre o quanto é fundamental elas fortalecerem esses saberes dos remédios tradicionais.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

As parteiras indígenas

Zanilda Narciso Lourenço, indígena Galibi Marworno, mora na aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá

O meu tema pesquisa é sobre as parteiras, porque é importante saber como as parteiras fazem para uma mulher ganhar o bebê dela na aldeia. Quais remédios elas usam e que materiais são necessários para usar no parto da mulher. Busquei pesquisar também quais as comidas que a gestante pode se alimentar e quais ela não deve comer. E também qual o momento certo, em quantos meses, que as parteiras olham para ver se o bebê está normal na barriga dela para depois não dar problema com a mulher nem com o bebê.

Nós povos indígenas temos os nossos remédios tradicionais, nós mesmos que fazemos na aldeia, sem comprar remédio na cidade. Quando fui fazer minha pesquisa conversei com as pessoas primeiro, antes eu perguntei sobre as parteiras para ela falar para mim. Fiz minha pesquisa na minha aldeia, fui eu mesmo que escolhi esse tema dentro do nosso conhecimento tradicional. Na minha pesquisa eu entrevistei três pessoas diferentes das etnias Galibi Marworno, Palikur e Karipuna.

As parteiras indígenas

Com relação aos partos das mulheres, nós temos duas opções, o parto na aldeia e no hospital em Oiapoque. As pessoas procuram a parteira para fazer o parto da mulher, na aldeia, quando não for uma situação muito grave. Caso não seja possível, os enfermeiros mandam a mulher para o hospital em Oiapoque, para não perder o bebê, pois pode ocorrer algumas complicações. Mas as mulheres têm preferência pelas parteiras, elas são mais valorizadas. Pois é mais adequado fazer esse tipo de trabalho na comunidade.

A parteira tem seus próprios remédios tradicionais, casca de árvores, banha de animais, entre outros. Na aldeia a mulher faz o parto na sua própria casa e de parto normal. Já no hospital é diferente, geralmente é feito uma cesariana para a mulher ganhar o bebê. Hoje em dia as parteiras não ganham nenhum auxílio do governo, assim eles têm que cobrar algum valor das famílias, geralmente elas cobram por diárias. Tudo isso fica por conta da família, da mulher e seu marido.

As parteiras sempre estão a postos na hora do parto. Quando a mãe sente a dor a parteira deve estar junto com ela. Nós indígenas nos preocupamos muito com a relação que existe entre a parteira e o remédio caseiro que ela utiliza na hora do parto para "puxar" a barriga da mulher. As parteiras sabem quando vai precisar puxar e mexer a barriga da mulher. A partir dos três meses em diante a parteira já sabe ver se o bebê está no local ou posição certa ou não. Se ele está se movimentando bem ou não. Ela tem que estar presente durante toda a gestação, se a mulher está bem, se a criança está bem, se está crescendo bem, e na hora certa puxar a barriga da mulher. Isso deve ser de manhã porque a barriga da mulher está vazia, aí dá para ver tudo o local de dentro da mulher e naquela hora a parteira observa tudo.

Depois do parto, a mulher tem que ficar 40 dias sem fazer nada só com bebê e com a pessoa que cuida dela, que lava roupa e faz comida pra ela. Para ajudar a recuperação da mulher nesses 40 dias nós podemos utilizar algumas plantas medicinais, como por exemplo: casca de caju e goiaba que serve para as feridas, e sarar o útero da mulher. Depois do parto, a mulher não pode deixar de se alimentar, isso pode dar dor de cabeça, vômito, dor de barriga.

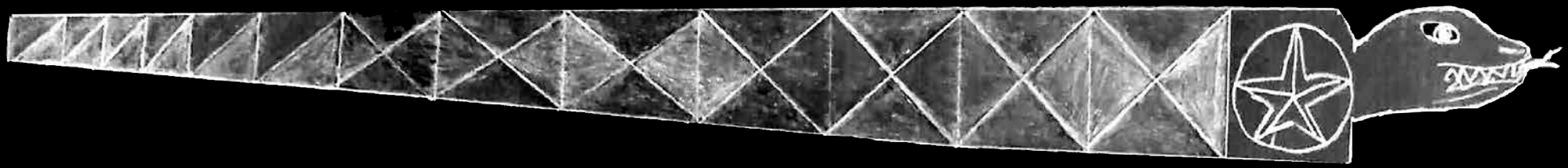
O alimento da mulher que ganhou nenê deve ser controlado. Ela não pode comer peixe remoso, apenas peixes especiais como, tucunaré e traíra, por exemplo. Ela pode comer sopas e mingau de vários tipos, por exemplo, de farinha e arroz, para não ficar com a barriga vazia e assim ficar fraca. Isso porque nós povos indígenas temos muita preocupação com a saúde, pois muitas mulheres passam mal e chegaram a falecer por não estarem se alimentando corretamente, obedecendo os costumes tradicionais.

Conclusão

A segurança dos povos indígenas é a garantia das terras, o seu uso traz o sustento para quem nela vive. A gente sabe que é preciso o desenvolvimento, mas isso não quer dizer que nossos direitos não precisam ser respeitados. É necessário conhecer e aprender coisas de fora que nos ajudam, buscar aliados para viver bem hoje e no futuro, proteger nossa terra e os recursos naturais, manter nossos valores, nossa cultura, num momento pós-demarcação nos coloca face a face a inúmeras pressões internas e externas, as quais é preciso identificar, refletir e planejar sobre como vamos enfrentá-las. Manter os conhecimentos das parteiras vivos é uma forma importante de manter a nossa cultura e valorizar as nossas formas de cuidar das pessoas e do território.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

HISTÓRIAS,
FESTAS,
ARTEFATOS
E SUAS TRANSFORMAÇÕES



As histórias de Cobra Grande no Rio Oiapoque

Ronivaldo Severino, mora na região do Rio Oiapoque, na aldeia Kunanã, Terra Indígena Juminã. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Há muito tempo atrás, os grandes contadores de história contavam que uma das histórias mais importantes na vida dos povos indígenas do Oiapoque são as da Cobra Grande. Elas são muito faladas nas Aldeias em todas as regiões da Terra Indígena Uaçá, Galibi e Juminã. Os rios Rio Uaçá, Urukawa, Curipi e Juminã, todos eles têm donos. Todos eram cobra, por isso em toda a região Uaçá é falada a história da Cobra Grande.

Esse tema da Cobra Grande faz parte também do trabalho dos Agamin porque envolvem as comunidades indígenas das Terras Indígenas do Oiapoque. Essas histórias são muito importantes porque falam do nosso território, porque através dela que os rios ficavam limpos, porque a cobra cuidava do lugar. Hoje quem cuida somos nós indígenas que tem esse cuidado com a natureza. Nós sabemos que os animais gostam de uma água bem saudável e uma floresta bem cuidada. Isso vem do trabalho dos Agamin também. Nós Agentes Ambientais Indígenas temos grande preocupação com a nossa terra, nós conservamos ela com cuidado e muito carinho.

Histórias de cobra grande

PRIMEIRA HISTÓRIA DA COBRA GRANDE

É muito importante saber a história da Cobra Grande. As pessoas de antigamente contavam que as aldeias eram divididas. Cada família morava individualmente com sua família. Como eles moravam individualmente, uma família resolveu morar na Montanha Tipok. Lá tinha muitas espécies de animais, como arara, papagaio. Após algum tempo um indiozinho chamado Yakaíkani que morava na ponta da Montanha Tipok saiu para brincar com seu colega, na baixada da Montanha, onde tinham muitos papagaios. Aí o índio Yakaikani falou para o seu amigo:

– Vamos flechar um papagaio para levar para casa?

Aí ele flechou. Quando ele flechou o papagaio, no mesmo instante ele pensou que tinha caído dentro de um buraco. Depois ele percebeu que ele, Yakaikani, estava num lugar encantado no outro mundo. Quando ele olhou, ele viu um menino na frente de uma casa. O menino falou:

– Não precisa ter medo, você vai ser meu camarada, foi minha mãe que pegou você para brincar comigo. Eu não tenho camarada.

Aí o menino falou:

– Me espera um instante, vou chamar minha mãe para falar com você.

Ele foi, não demorou e chegou a mãe do menino. Aí ela falou para indiozinho Yakaikani:

– Não se preocupe, vou cuidar de você. Eu que te peguei para brincar com meu filho, não tenha medo. Você vai ser amigo do meu filho.

No mesmo instante ela contou que Yakaikani era cobra. Ela falou:

– Meu marido não está, ele está pescando, antes que chegar vou cobrir você debaixo de um jarro para ele não sentir teu cheiro. Assim que ele chegar vou encontrar meu marido com caxixi para ele não atacar você.

Aí passou dois dias depois ele chegou e pegou o cheiro de longe. Ele perguntou para a mulher dele:

– Que cheiro Bom?

A mulher respondeu:

– Eu não peguei nada, quem sou eu, uma mulher para caçar comida.

Mas depois ela contou que tinha pego um yunkun (um animalzinho), aí Cobra Grande ficou alegre. Ele falou:

– Mostra eu quero ver!

Aí o índio saiu de debaixo do jarro. A Cobra Grande disse para o Yakaikani não ficar com medo.

– Eu sou seu avô.

E aí ele mandou o indiozinho desembarcar os peixes do barco.

Em outro momento o índio Yakaikani saiu para caça com seu amigo o filho da Cobra Grande. A cobra mostrou para ele um caminho para eles não ir caçar. Seu amigo, o filho da cobra, andaram uma boa distância, o amigo do índio parou e ele falou:

– Vamos voltar que está acontecendo alguma coisa em casa.

Aí o Yakaikani respondeu:

– Que nada, não está acontecendo coisa nenhuma.

No mesmo instante o filho da cobra disse:

– Se você quer seguir pode seguir, eu vou voltar.

Então ele voltou, quando ele chegou na casa onde estava a mãe dele ele não encontrou ninguém. Ele ficou bravo porque haviam matado mãe e pai dele. No mesmo tempo ele fez trovão e relâmpago e falou:

– Vou embora para o lugar do meu avô onde está a minha família.

Na mesma hora chegou Yakaikani, ele falou para Yakaikani:

– Se você quer me seguir vamos, vou para o lago Amapapuruá onde está meu avô.

Então eles foram embora. Chegaram no Amapapuruá. Passou um tempo e Yakaikani resolveu mudar para um lago que chama Conopô onde vive até hoje.

SEGUNDA HISTÓRIA DA COBRA GRANDE

A segunda história da Cobra Grande do Rio Oiapoque que aconteceu abaixo da Vila do Taparabu, numa ponta da mata que chama Saint Louis, do lado francês. Lá uma família estava trabalhando, um rapaz com seu tio. Um dia o rapaz estava na casa fazendo comida e tio dele estava serrando madeira para construir sua casa. Por volta do meio-dia a mulher do tio estava na sala fazendo a filha dela dormir quando apareceu duas mulheres estranhas.

As duas mulheres pediram água para beber. O rapaz pegou e deu para elas beberem. Elas fingiram que bebiam, mas não beberam. Aí a mulher do tio do rapaz percebeu que essas duas mulheres não eram desse mundo. Ela chamou o rapaz:

– Venha aqui!

Ela falou para ele:

– Essas duas mulheres não são desse mundo.

O rapaz falou:

– Sim, elas são turistas.

Aí mulher falou:

– Elas não são turistas, elas têm marca de cobra, repare o braço delas, todos pintadas. As pernas têm pintura de outro mundo.

No mesmo instante as duas mulheres chamaram o rapaz e fizerem perguntas do passado e do presente. Aí a mulher do tio dele tremendo de medo ela correu chamando o marido. Quando o tio do rapaz chegou, viu que elas tinham olhos brilhando. Elas falaram:

– Está quase na hora da gente ir embora porque nosso pai está quase voltando da pescaria, ele está pescando para baixo do oceano, mas ele não faz nada a ninguém.

Na mesma hora o tio do rapaz perguntou em que elas vieram. Elas responderam:

– Nós viemos de canoa.

Aí o tio do rapaz perguntou:

– Onde está a canoa de vocês?

Elas disseram:

– Está ali no porto. Vocês querem ver a nossa canoa?

O rapaz respondeu que sim, então saíram da casa e andaram rumo do porto. A mulher do tio do rapaz estava no quarto quando ela viu que as duas mulheres estavam levando o marido dela com rapaz para o porto, ela gritou:

– Vocês não devem ir, que essas duas mulheres são cobra!

Aí o rapaz olhou para a tia, quando ele olhou de novo ele não viu mais as irmãs. Elas já tinham desaparecido. Aí quando deu noite o tio do rapaz focou com a lanterna para a margem do rio. Ele viu duas cobras boiando no rio e então falou:

– Era verdade, essas duas mulheres eram cobra.

Aí quando deu de manhã ele, sua mulher e o rapaz embarcaram na canoa e foram-se embora. Assim que chegaram na vila eles contaram, mas ninguém acreditou, mas depois alguns pescadores que estavam pescando na frente da vila também viram a cobra boiando no rio.

TERCEIRA HISTÓRIA DA COBRA GRANDE

Na terceira história da Cobra Grande o nome da cobra era Juminã, ela morava numa ponta de uma montanha que se chama Kunanã na beira de um igarapé, por isso nome do igarapé ficou Juminã. Então durante o tempo que ela morava lá o igarapé ficava limpo, tinha muitas espécies de animais como peixe, caça, tracajá, jacaré, pássaros e outros peixe que entravam de fora como pirapema, bagre, pescada e outros peixes. O sobrenome do igarapé chamava "fartura de peixe", então com o aumento da população foi diminuindo a quantidade de animais. E a cobra ficou agoniada de tanto barulho, resolvendo mudar de lugar.

O primeiro casal que morava na montanha contava que essa cobra boiava no porto onde eles encostavam e o igarapé realmente era limpo. Mas depois que ela mudou de lugar o igarapé vem fechando, hoje existem bem poucos animais como peixe e pássaro. Antes tinha vários tipos de peixes: tucunaré, pirapema, aruanã e até mesmo tinha pirarucu. Hoje não se encontra mais esse tipo de peixe. Esses peixes eram piolho da cobra, os antigos contavam que onde têm uma Cobra Grande tem muito peixe. Essa cobra andava do lago Txijuminã e no lago Axiua até a Ponta dos Índio, essa é a rota que ela fazia.

Hoje em dia, a Cobra Grande ainda boia no rio, ela boia mais no inverno por causa do tempo, quando está chovendo muito, trovejando ou de noite. Nós que moramos no Rio Oiapoque eventualmente vemos a Cobra Grande boiando no rio, tanto de dia como de noite. Mas é somente nós que a vemos. Em uma ocasião algumas pessoas já passaram por cima da Cobra Grande. Porém não aconteceu nenhum acidente porque ela já está acostumada com barulho de motor e de barco. Mesmo assim, nós indígenas do Rio Oiapoque não confiamos de passar por ela, porque ninguém sabe se ela não vai nos atacar. Nós mantemos o respeito por ela.

Conclusão

Esse trabalho é importante porque a história da Cobra Grande é muito falada dentro das aldeias em toda região do Rio Oiapoque, ela também é importante porque a Cobra Grande é mãe dos lagos, dos igarapés, e dos rios. Através dela que os pajés mantêm contato com mundo espiritual, com os *karuana.* Também a sua importância é a marca dela que envolve a nossa cultura indígena, porque sua marca chama muito a atenção na nossa tradição do povo indígena do Oiapoque e toda região. Nossos bisavôs contavam que é muito importante na vida de uma pessoa saber e passar de geração para geração. Os pajés usavam muito a marca da Cobra Grande para pintar o banco da cobra. Através dessa pintura que vem o espírito da cobra para competir no Turé de todos os pajés.

Também a importância da cobra é quando os pajés engajam com ela para curar doenças das pessoas no mundo real, assim que os antigos contavam. Os pajés mantêm contato diariamente com o mundo espiritual, falavam ao vivo com a Cobra Grande. Os pajés contavam que tem vários tipos de Cobra Grande, e a Cobra Grande cresce até certa parte, e quando ela está grande demais ela para de andar e fica no buraco ou vai para o mundo espiritual onde que fica

os *karuana*. Inclusive as Cobras Grande da montanha Tipok do Rio Oiapoque, do Igarapé Juminã são muito faladas na região Uaçá.

As histórias vêm da nossa origem, hoje muitas pessoas não sabem contar as histórias da Cobra Grande por motivo de outras tradições, como festa de cidade. Hoje as nossas crianças estão aprendendo costumes com a cidade, por isso que hoje estamos perdendo um pouco o nosso costume. Os antigos contavam que há muitos anos atrás esses rios eram o caminho dessas Cobras Grandes, elas vieram de fora e entraram dentro desses rios. Por isso hoje a nossa cultura envolve a marca da Cobra Grande, que tem uma forma um pouco diferente do que no passado, porque o pessoal vivia em povoados, as famílias um pouco distantes umas das outras, e tinham sua própria cultura.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

Turé na Aldeia Espírito Santo

Judson dos Santos Batista, indígena Karipuna, mora na aldeia Espírito Santo, no rio Curipi, Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Neste trabalho pretendo fazer a descrição sobre o Turé do povo Karipuna da Aldeia Espírito Santo, que estamos acostumados a realizar todos os anos. Eu enquanto Karipuna conheço os costumes e a organização do meu povo, que habita neste lugar desde antes que eu nasci, por isso que é muito importante falar sobre os Karipuna e o Turé. O Turé é uma festa tradicional do povo Karipuna e é realizado desde muito tempo, pelas primeiras pessoas que moravam ao longo do Rio Curipi. Depois, com o passar do tempo, foi passando esse conhecimento de geração para geração, para que essas pessoas pudessem aprender a valorizar cada vez mais essa festa.

O Turé esconde muitas regras que devem ser respeitadas durante a festa, porque é uma festa de agradecimento aos *karuanas* que vivem em outro mundo. Todos os anos no mês de outubro o Turé é realizado pelas pessoas da comunidade e o pajé, além de reunir muitas pessoas de outras comunidades para comemorar e dançar. Esse trabalho foi feito na Aldeia Espírito Santo, entrevistando os mais velhos e o pajé que é o principal dono do Turé e o sabedor de todos os mistérios do Turé.

Para entender mais sobre o meu tema de pesquisa, conversei com o pajé Makci Miano. Ele me disse que antes o Turé era uma festa sagrada na aldeia Espírito Santo, porque muitas pessoas gostavam de festejar o Turé, dançar, beber o caxixi e respeitavam as regras que tinha durante a festa. Mas que hoje o Turé está sendo festejado por poucas pessoas, e isso está prejudicando a nossa cultura que vinha desde os nossos antepassados.

O Turé

O Turé é uma festa que é realizada todo ano em outubro. Todas as pessoas que moram na aldeia Espírito Santo sabem dançar o Turé, porque é uma festa de agradecimento aos *karuanas* – seres importantes que vivem nos outros mundos conhecidos pelos pajés Karipuna. No dia que é festejado o Turé, os *karuanas* vêm para festejar junto com o pajé e com as pessoas que estão dançando no *lakuh*.

O Turé começa às cinco horas da tarde com a abertura de apresentação das crianças. Às sete horas, a dança fica para os adultos dançarem com respeito, para serem respeitados pelos *karuanas* que vem de outros mundos para conhecer a nossa aldeia para comemorar, beber o caxixi junto com o pai, que é o pajé, e as pessoas da aldeia até o amanhecer. Ao amanhecer, os homens começam a imitar o urubu, brigando por uma bacia de caxixi. No Turé, se apresenta a diversidade de animais que existem na floresta, nas águas e os pássaros. Os cantos e as danças contam as histórias dos animais e dos seres dos outros mundos que fazem parte dos conhecimentos do povo Karipuna.

No segundo dia, à noite, a dança continua até a meia noite. Quando o Turé termina, todas as pessoas vão para suas casas, e o pajé se despede dos seus companheiros que o acompanharam durante a dança e sempre vão lembrar das noites que dançaram e beberam com os *karuãnas*. Quem participa da festa do Turé vai aprendendo e também lembrando dos significados dos bancos, dos mastros e dos mitos.

O Turé faz parte da nossa tradição e nos ajuda, como indígenas Karipuna, no reconhecimento da nossa cultura, dos nossos conhecimentos e do nosso costume. A festa do Turé faz com que a gente mantenha contato com os *karuanas*, o que nos ajuda na cura de doenças como: febre, dor de cabeça, mal olhado e vários outros tipos de doenças que são curadas pelos *karuanas* dentro da comunidade. E isso passa a ser valorizado tanto pelos adultos, quanto pelas crianças e pelos jovens.

Organização da festa do Turé

Um mês antes da festa, o cacique faz uma reunião com a comunidade sobre o Turé, para distribuir os trabalhos para os homens, mulheres e jovens. Para poder realizar o Turé de forma correta, é necessário fazer muitas coisas e tem muito trabalho. Precisa fazer os bancos, fazer o *kahbe* do caxixi, preparar o caxixi, fazer e montar o *lakuh* e também os mastros, que são os principais pontos para realização do Turé. Para cada nova festa, se prepara um novo *lakuh*.

O *LAKUH*

O *lakuh* é feito no meio da aldeia, pelos homens, durante o dia. O local é escolhido pelo pajé, que ajuda os homens a preparar o espaço para ser usado durante a noite.

OS BANCOS

Os bancos são feitos de madeira para serem usados durante a dança do Turé. Os que são feitos pelos homens são a cobra grande e o jacaré, esses bancos representam a mãe da cobra grande e a mãe do jacaré, que vivem no

outro mundo. Durante a dança do Turé, o banco de jacaré é para os homens e o banco da cobra grande é para as mulheres sentarem. Todos esses bancos são feitos e pintados de várias cores, justamente para colorir o *lakuh*.

O *KARBE* E O CAXIXI

O *Karbe* é feito pelos homens, dois dias antes da festa para colocar o caxixi que é feito pelas mulheres da comunidade. É no *Karbe* que fica toda a bebida que é feita para beber durante a dança do Turé. O caxixi é a bebida tradicional do povo Karipuna, que é bebido durante o Turé. Ele é feito de mandioca pelas mulheres adultas. Dentro do caxixi é colocado batata doce, ela que faz o caxixi ficar com o gosto que ninguém consegue fazer outro caxixi melhor.

O *MAHAKA*

O *mahaka* ou maracá em português, é o principal instrumento do pajé. O maracá é feito de uma pequena cuia, penas de pássaro e um pedaço de madeira, são esses materiais utilizados para fazer o maracá. Dentro da cuia, coloca-se miçangas. O som das miçangas balançando é que faz o pajé cantar e se comunicar com os seus *karuanas* durante o Turé.

Artefatos usados no Turé

KOLA

Nõmem êdjiê *ka fe kola dji pana koko dji mahamaha i dji colie pu no ize kã no ka dãse Turé lãdã no lakumin pase a metxe ki no gãiê dji dãse ke kola.*

BUTXE

Butxe é feito pelas mulheres adultas, para serem usados durante a festa, tanto pelos adultos, jovens e crianças. *Butxe mun ka fel dji fil blâ ke kolie i ke zel mãmã solei.*

Os cantos

Os cantos que o pajé tem são relacionados aos *karuanas*. Cada *karuana* tem seu canto e só o pajé que pode ouvir esses *karuanas*. Então, ele repassa para nós seres humanos que habitam neste mundo. É o canto do pajé que faz as pessoas dançarem a noite toda. Durante a noite, o pajé imita vários tipos de animais, como: galinha, macaco, jacamim e vários outros. Todas as pessoas respeitam o pajé durante a dança, nenhuma pessoa pode entrar no *lakuh* com sandália ou atravessar os bancos que estão no *lakuh*.

OS CANTOS DO PAJÉ

XÃTE KI PAJE LA KA XÃTE PU NO DÃSE

XÃTE MAKAK (CANTO DO MACACO)

Makakî makakÎ

makaî

ahagutã

teiãte he tehe

makakî makakî

makakÎ

ahagutã

teiãte he tehe

makakÎ ahagutã etõtai tõtaihãnã pihoho makakÎ.

XÃTE DJI KAIMÃ (CANTO DO JACARÉ)

Kaimã so hei uahukamã

Kaimã so hei uahukamã

Ueio kuã kapo kaimã so hei uahukamã.

Sa xãte iela ki paje la ka xãte pu no dãse a selmã linso ki ka phepa-he ie. A pusa kã li ka fe so tuhe li ka xãte tut kalite xãte dji animal ki gãiê lãdã dãbua iela i lãdã djilo, pase selmã linso puve koze ke mãmã dji dãbua iela i dji dlo.

Esses cantos que o pajé canta para nós dançarmos são preparados por ele antes da festa. Quando o Turé é festejado pelo pajé e pelas pessoas da comunidade, o pajé canta vários cantos de animais que tem na floresta e na água. Porque é só o pajé que pode falar com a mãe da floresta e da água.

As comunidades que fazem o Turé e as que não fazem

Hoje poucas comunidades realizam a festa do Turé, por diversos motivos como a religião, o desinteresse dos jovens, entre outros, essa festa tem sido menos praticada atualmente. Mas existem duas aldeias que fazem até hoje o Turé: Aldeia Espírito Santo e Aldeia Açaizal. Outras aldeias do Rio Curipi que não fazem o Turé são: Manga, Santa Izabel, Jõdef, Paxiubal e outros. Isso mostra que certos costumes e conhecimentos indígenas hoje estão sendo pouco praticados, especialmente em relação ao Turé. Outros costumes como usar remédios tradicionais, pescar, fazer roça, ainda estão sendo praticados.

O Turé e a questão ambiental

O Turé está relacionado à questão ambiental como: a terra, os remédios, o ar, a água, e os donos da floresta. Os *karuanas* que são os maiores médicos do povo Karipuna, que acreditam nos seus remédios que passam para o povo. Os donos da floresta estão nas histórias que nós conhecemos. E os *karuanas* são os seres que vivem no outro mundo e que só o pajé que pode ouvir eles.

Conclusão

Nos dias de hoje, tem acontecido uma desvalorização do Turé, pois em algumas comunidades já não estão fazendo essa festa. Mas nós estamos sabendo que o Turé faz parte dos conhecimentos e da cultura dos povos indígenas do Oiapoque. Hoje o Turé está sendo pouco praticado nas comunidades indígenas por causa do contato com os brancos. Ainda hoje os povos indígenas estão lutando para não perder a sua prática de festejar e dançar o Turé, porque o Turé é um dos principais eventos que fortalecem a cultura Karipuna e que até hoje o povo Karipuna luta para manter o Turé vivo. Por isso que todos os anos é comemorado com vários convidados de outras aldeias, justamente para representar a cultura do povo Karipuna, para fortalecer o costume e o jeito dos indígenas que lutam desde muito tempo, usando o reconhecimento da sua terra e da sua cultura.

Na cultura indígena, o Turé é um dos instrumentos importantes para manter a cultura do povo Karipuna viva, ou seja, praticar o Turé todos os anos faz com que o povo não perca a sua força de ser indígena. Também ajuda a fortalecer nossa identidade por muito tempo e queremos continuar por muitos anos fazendo o Turé, e que os nossos filhos que virão possam continuar com a cultura do povo que começou desde as primeiras pessoas que fizeram o Turé. Até hoje, o Turé está sendo realizado com muito respeito e valorização pelas pessoas das comunidades, que querem que ele continue sendo festejado por muito tempo.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

Mahaka, *bã* e *pagha*: os artefatos usados pelo pajé nas Terras Indígenas do Oiapoque

Sielton Forte, indígena Karipuna, vive na aldeia Espírito Santo, no Rio Curipi, Terra Indígena Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas

Maracá, Cesto e Banco são objetos usados pelo pajé para lembrar dos ancestrais, principalmente nos rituais da cultura dos indígenas do Oiapoque. Pesquisei sobre esses três objetos, comparando como funcionava no passado e como mudou nos dias de hoje, porque eu vejo com bastante preocupação que hoje nós quase não encontramos mais esses artefatos nas nossas comunidades. Tudo isso fornece uma vida tranquila. Com esses objetos, o pajé consegue memorizar os lugares sagrados e pode até curar os doentes. Dentre os instrumentos do pajé tem alguns que são consagrados dos próprios animais. Esses objetos são muito importantes para a natureza porque eles ajudam as plantas, os rios, a paisagem e principalmente as aves. Essa vai ser minha pesquisa no curso de Agamin. Além disso, os objetos que vou pesquisar são importantes porque nos conectam com a natureza, meu objetivo é recuperar essa conexão em mais aldeias. Realizei a minha pesquisa dentro da comunidade Espírito Santo, com o pajé Maximiliano e o professor Lino.

O pajé trabalha a natureza

O pajé trabalha a natureza, pois ele nasceu com este dom para ser pajé. A partir dos 7 anos, o Senhor Maximiliano começou a desenvolver os trabalhos espirituais e sobrenaturais através do xamanismo, que são os *Karuanãs,* e começou a realizar curas, através de remédios que são dados pelos grandes curandeiros. O primeiro reparo que ele fez para realizar curas através dos *Karuanãs* aconteceu em uma ilha bem distante da Aldeia, para uma mulher bastante doente e ele estava com apenas 7 anos de idade. Quando realizou a primeira cura foi com esta mulher, depois ele seguiu em frente com esse trabalho de pajé e até hoje ele continua ainda com esse trabalho.

Durante sua jornada ele percorreu não só o Brasil, mas também outros países, como Guiana Francesa, Suriname e outros. Desde criança, quando ele começou com esses cânticos ele necessitava providenciar alguns instrumentos que são necessários para realizar a cantarola, que são fundamentais nesses momentos especiais para o tratamento dos pacientes que são levados até ele. O pajé Maximiliano assim me disse "*Quando tu vens com esse dom de sonhar desde criança, você valoriza esse trabalho para defender o seu povo dos perigos que vem de diversas partes, muitas pessoas vem te procurar para fazer tal remédio ou cantar para os doentes*."

Os instrumentos do pajé

Os principais instrumentos do pajé são maracá, banco e cesto, alguns são feitos de plantas, outros de aves e outros de madeiras. Os cestos são feitos de arumã ou acitá e de cipó. O cigarro do pajé é tirado de casca de uma árvore, chamado *tauari,* e um mosquiteiro do pajé se chama de *tukai* para fazer a cantarola. Esses são os instrumentos que são necessários para serem usados durante os trabalhos do pajé.

O pajé realiza a dança do *Turé* todos os anos, especialmente no mês de outubro, na lua cheia, onde ele convocava os *Karuanãs* através dos cânticos, para dançarem juntos nesses dias. Antes disso ele organizava o local onde aconteceria a dança, e com algumas pessoas escolhidas como conselheiras ou *tet dansé* para tomar contar da dança durante três dias juntos com o pajé.

MAHAKA (MARACÁ)

O *mahaka* ou maracá em português é uma ferramenta do pajé e é utilizado na dança do *Turé.* Quando o pajé faz a sua cantarola ele usa o *mahaka*, nas danças tradicionais para comunicar com os seus *karuanãs*, para ter os contatos de vários lugares com os *karuanãs* das águas, das montanhas, dos lagos, das florestas, etc. Através do *mahaka* o pajé consegue fazer seus trabalhos e dialogar com outros pajés, principalmente ficar sabendo algo que vem acontecer de mal para eles, o *mahaka* avisa o *mahaka.* Quem pode tocar é só o pajé, não é qualquer pessoa que toca nele porque está cheio de vários *karuanãs* e pode acontecer algo para a pessoa que toca no *mahaka*.

Quando o pajé faz sua cantarola ou a dança do Turé, ele faz todo o processo com o *mahaka* para chamar os *karuanãs* dele e também tem todo o respeito. Por exemplo, a mulher menstruada não pode participar desse evento. Também não pode ir pessoa que consumiu peixe naquele lugar. Mas tem uma exceção, se a pessoa quer ir lá, pode avisar o pajé e ele faz todo o processo para que nada de mal aconteça com ela depois de terminar de participar do evento. Por isso o *mahaka* é importante, porque sem essas ferramentas não acontece nada.

O *mahaka* é feito de uma espécie de planta própria para fazer o instrumento do pajé, ele é enfeitado de penas de aves e outros e também dentro dele é utilizada a miçanga e as marcas. Esses objetos quem faz são tanto adultos, como jovens e crianças.

BÃ (BANCO)

O *Bã* do pajé é uma ferramenta muito importante para os povos indígenas e principalmente nas danças culturais e tradicionais. O pajé valoriza o *bã* dele, o *bã* é um objeto feito de madeira representando uma ave ou animal. O pajé pega o *bã* e consagra passando por vários processos. Chama os donos espirituais e os *karuanãs* de diversos lugares, ele me informou que é muito perigoso, tem que ter coragem e postura.

Por isso o *bã* do pajé serve para essas coisas. Tem também o *bã* que dança o Turé, que pode ter várias formas como *bã* de sucuri e *bã* de jacaré. O *bã* do Turé é muito importante, e quando o pajé faz a celebração da cantarola é a forma de organizar para ter o encontro com os *karuanãs*. O pajé convida algumas pessoas para participar do trabalho dele por exemplo os *tet dansé* da festa. Só essas pessoas que ficam perto do *bã* para ajudar o pajé durante aquela ocasião. O *bã* do pajé tem todo o respeito dele, cuidar dele é como cuidar uma criança.

Para fazer o *bã* não é tão difícil de conseguir o material. Geralmente se encontra nas capoeiras, tem bastante essas madeiras, o nome da madeira se chama *mohotótó* e limão brabo ou na língua *kheoul* se chama *papa kuaió.* Algumas pessoas sabem fazer o *bã*, geralmente os mais adultos e os mais velhos. Nós do povo Karipuna utilizamos as marcas tanto no *bã* do pajé e em outras atividades que for necessário, como na pintura corporal e até nas pulseiras e nos artesanatos como tipiti e outros.

PAGHA (CESTO)

O *pagha* é uma ferramenta muito usada pelo pajé, dentro desse objeto o pajé guarda todos as outras ferramentas dele, como *mahaka*, *tauahi*, cocar e outros mais. Todos esses objetos do pajé são consagrados com diversos *karuanãs* e donos espirituais. Sem esses donos, o pajé não consegue localizar onde está a enfermidade de tal pessoa. No passado os pajés tinham poder de curar essas doenças com esses objetos como o *mahaka*, *pagha*, *tauahi*, cocar, etc. Hoje continuam tratando as pessoas da aldeia, mas é menos do que antes. Através dessas ferramentas, se uma pessoa fala com o pajé, ele olha o que ela está sentindo na vida dela, e é por isso que os próprios médicos são os pajés.

O *pagha* só é utilizado na hora certa, por exemplo na cantarola do pajé, na dança do Turé. Depois de acabar com a cantarola, tem que tomar bastante cuidado para os *karuanã* não ficarem brabos com o dono. É principalmente a esposa do pajé quem pode guardar o *pagha* num lugar bem seguro. O *pagha* é

feito de cipó ou de *arumã* ou de *acitá.* É muito difícil para tecer o *pagha*, o pajé que entrevistei me falou bastante sobre esses três objetos, que são os mais utilizados pelo pajé.

O *pagha* do pajé é feito principalmente pelos mais velhos, porque é muito difícil para os mais jovens fazerem esses tipos de artesanato, pois esses artefatos demoram bastante tempo para aprender.

Conclusão

Nesse trabalho dos objetos do pajé e seus conhecimentos, aprendi sobre como funcionam as coisas dentro da nossa cultura. Porque nessa pesquisa que eu fiz junto com o pajé, vi que ele tem um olhar bastante amplo, então perder ele é um fato que pode prejudicar a nós, as futuras gerações. Ele disse: "*Só eu que sou pajé antigo, tem outros novatos, mas não se preocupam tanto com essas coisas da natureza*." A visão dele é conversar com os mais jovens, se tiver um sonho de ser pajé desde criança é para abraçar essa causa para ajudar a recuperar e conservar o meio ambiente das diversas degradações. Temos que valorizar o trabalho do pajé dentro da comunidade indígena, temos que valorizar no geral a nossa própria cultura. Por exemplo, o trabalho do pajé, as normas de nossas aldeias, respeitar os limites de nossas terras e os seres visíveis e invisíveis que temos no nosso ambiente - as mães da floresta, dos rios, das pedras, das plantas medicinais e outros tantos mais.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

A festa da padroeira da Aldeia Santa Izabel

Hildson dos Santos Iaparrá, morador da Aldeia Santa Izabel indígena Karipuna, Região do Rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque

Eu escolhi fazer a pesquisa sobre a Festa da Padroeira de Santa Izabel. Achei muito importante fazer essa pesquisa para saber desde quando vem sendo realizadas essas festas de santo? Por que fazem essas comemorações? Qual a importância? Que envolvimento cultural envolve nessa festa? Quem vem realizando e qual a data que é realizada a festa? Neste trabalho, pretendo fazer uma descrição da festa da padroeira de Santa Izabel. Nós Karipuna somos um povo muito festeiro, sempre temos crença em algum Santo. Conversando com os mais idosos da aldeia, eles disseram que quando festejam o dia do Santo é para reunir os familiares que moram longe da Aldeia, principalmente nossos parentes que moram fora da Aldeia e os que vivem na cidade, muitos deles vêm participar da festa para rezar e festejar. A festa é uma maneira de reunir parentes e pessoas que resolveram sair da Aldeia em busca de trabalho na cidade.

A festa de santo na Aldeia Santa Izabel

Eu comecei a pesquisa em março de 2017, começando pela entrevista com pessoas que moram na aldeia Santa Izabel. A minha primeira entrevista foi com uma senhora chamada Alexandrina, moradora mais antiga da comunidade. A entrevista com essa senhora aconteceu no dia 09 de março de 2017, onde que ela falou: "*Essa é uma longa história desde o surgimento da festa de santo aqui na aldeia*", então a senhora começou contando desde antigamente até os dias de hoje.

Festa antigamente

Fazendo as perguntas, ela começou falando que antigamente quando ela chegou na aldeia eles faziam a festa tradicional, que era a Dança do Turé, onde todas as pessoas da comunidade participavam, tanto adultos, jovens e crianças. Então todos participavam, essas festas eram feitas à noite, no tempo de lua cheia, e todos se reuniam para festejar. Não tinha uma data certa, todo tempo era festejada a Dança do Turé.

Os preparativos para a Dança do Turé

Uns dias antes da data marcada para a Dança do Turé as mulheres preparavam a bebida tradicional feita da mandioca, o caxixi. Para preparar primeiro elas vão na roça e tiram a mandioca, retiram a casca, ralam, espremem o tucupi e depois preparam o beiju para colocar no pote. Deixavam passar 2 dias para que o caxixi fique bem apurado (forte), depois coam e retiram só aquela água para beberem. Na entrevista, ela contou que os primeiros materiais utilizados eram a Coroa de pena e a tinta de jenipapo e o urucum para a pintura corporal. A cuia para servir a bebida e os bancos para as pessoas sentarem. Suas vestimentas são muitos simples, é apenas o pano chamado *calember*. Já na parte dos instrumentos são utilizado o maracá, as flautas de bambus e os cutis. Esse são seus preparativos para a Dança do Turé.

Momentos e regras da Dança do Turé

Então quando iniciavam a festa, geralmente o pajé primeiro faz a rodada das crianças, dando 4 a 5 voltas no *lakuh*. Depois são os jovens que entram na roda dando 7 a 8 voltas; e depois são os adultos. Quando chega a vez dos adultos geralmente eles fazem a rodadas deles até o dia amanhecer, sempre repartindo o caxixi. Quando o dia está para amanhecer fazem um agradecimento para que todos possam ir para a suas casas. Existe todo um conjunto de regras antes de iniciar a Dança do Turé. Primeiro que não era permitido dançar calçado, porque quem entrasse calçado era punido, e não podia sair sem avisar o pajé, até porque nas duas portas de entrada e saída ficavam dois vigias de olho. Esses vigias são chamados de *jãdam*, porque era apenas eles que se comunicavam com o pajé. Então quem não cumprisse a regra era colocado no meio da roda para que tomasse 4 a 5 cuias de caxixi sem parar, o *lamã*. As mulheres em período menstrual não podiam participar da festa. Essas são algumas das regras da festa.

Hoje com a chegada da Santa na Aldeia

Segundo a senhora Alexandrina, quando chegou a padroeira na aldeia teve uma grande mudança, ela considera que fomos perdendo nossa cultura e costumes, porque hoje a festa não é igualmente como era antes, teve envolvimento de outros produtos não indígenas dentro da nossa aldeia. Hoje a Santa tem uma grande importância para nós na aldeia, porque quase todo mundo acredita nela. Toda vez que acontece a festa, as pessoas fazem uma promessa. Cada ano tem um festeiro que faz a festa, começando desde a festa da roça que acontece no dia 10 a 12 de novembro e a primeira festa chega até o dia 16 a 18 do mesmo mês.

Preparativos para a festa da Santa

Geralmente as pessoas têm o ano todo para prepararem a festa, para que possam preparar todos seus materiais necessários para festejar. Depois que estiverem todos preparados, aí sim estarão prontos para receberem a grande festa comemorativa.

Procedimento da primeira Festa (Festa da Roça)

A festa da roça inicia no dia 10 de novembro, onde todas as pessoas da comunidade vão participar da limpeza geral, limpando perto da Igreja, em volta do centro comunitário e outros lugares da aldeia, é quando também fazem a distribuição de tarefas para as pessoas irem atrás de alimento para a festa. Também enfeitam o centro comunitário, com frutas como banana, coco, cana, caju, macaxeira etc. À noite, a partir das 10 horas eles fazem uma pequena festa para as pessoas dançarem para quem quiser participar, mas primeiro antes da festa começar fazem a liberação das frutas para as crianças pegarem. Depois a festa continua até o dia amanhecer.

No dia 11 de novembro, que é o segundo dia da festa, primeiro as pessoas fazem uma reza na Igreja, depois algumas pessoas vão no mato retirar o mastro, quando chegam com o mastro enfeitam ele com frutas da roça. Na parte da tarde fazem o levantamento do mastro, onde toda a comunidade participa desse momento. À noite todas as pessoas vão se divertir, elas vão dançar e beber novamente até o dia amanhecer.

No dia 12 de novembro, que é o terceiro dia da Festa da Roça, na parte da manhã o cacique reúne todos os festeiros para ver se realmente vão festejar na festa grande que é a Festa da Padroeira Santa Izabel para ele ter certeza que vai acontecer o evento. À tarde continua o divertimento até algumas horas da noite quando a festa termina.

Procedimento da Festa da Santa Izabel

A grande festa que nós comemoramos, inicia no dia 15 de novembro. Começa com o *bule kafe* (a torração de café), onde as mulheres vão fazer café. Nesse dia os caçadores chegam com comida como, caça, boi etc. Nesse mesmo dia fazem a limpeza dos alimentos deixando tudo pronto para o dia seguinte, para o almoço que é feito para todas as pessoas comerem e beberem. Os jovens chegam no centro comunitário para enfeitarem deixando tudo preparado e até mesmo nossos parentes e amigos vem participar conosco.

No dia 16 de novembro, o primeiro dia oficial da festa, na parte da manhã as mulheres fazem almoço, café para todas as pessoas. Depois do café toda a comunidade vai para a Igreja para fazerem a procissão a caminhada na aldeia dando a volta toda na aldeia sempre parando em cada estação para fazer uma reza e um cântico são 18 estações até chegarem na Igreja sempre soltando fogos de artifícios, terminando de fazer a procissão todas as pessoas são liberadas e no *Karbe* os festeiros se reúnem para se organizarem para repartirem a bebida para o pessoal beber.

À noite todos os festeiros se reúnem no salão para fazerem uma palestra sobre as regras da festa antes de entregarem o salão. As regras são que os homens não podem dançar de boné e bermuda, tem que participar com respeito. Quem desobedecer a regra vai pagar uma punição: a pessoa fica presa em um pedaço de madeira que nós chamamos de *kubahi*, quem for para o *kubahi* passa uma noite e um dia preso para poder sair de lá, então depois dessa palestra fazem a entrega do salão para as pessoas dançarem. Depois da entrega, as pessoas vão para suas casas se trocarem para voltarem para dançar, aí a festa começa! A partir da meia noite a festa dá uma pausa para fazerem a reza na Igreja, depois que a reza termina a festa continua e as pessoas se divertem dançando e bebendo até o dia amanhecer.

No dia 17 de novembro, que é o segundo dia da festa, pela manhã enquanto umas pessoas vão descansar, outras vão fazer comidas para as pessoas que vieram participar da festa. Na parte da tarde a partir das 15 horas todas as pessoas vão participar da derruba do mastro. Primeiro fazem uma reza na Igreja depois todo mundo sai para fora. Antes de derrubar o mastro uma pessoa sobe em cima do mastro para retirar a bandeira onde está a Santa, depois que aquela pessoa chega com a bandeira em baixo a pessoa que quer fazer uma festa vai e pega na bandeira e fica segurando até fazerem a finalização da derrubada do mastro. Então quando a bandeira é tirada os festeiros pegam o machado e começam a cortar o mastro, cada festeiro tem direito de dar uma cortada até o mastro cair quando o mastro cai as crianças correm para pegar as frutas. Depois que não tiver mais nenhuma fruta no mastro os festeiros retalham o mastro e levam para jogar no rio e as pessoas que pegaram a bandeira fazem o acompanhamento até retornarem para Igreja. Quando voltam para a Igreja os festeiros entregam as fitas para as pessoas que pegaram a bandeira porque são essas pessoas que vão ser os próximos festeiros ano que vem. É quando recomeça todo o preparo da festa. À noite acontece o mesmo procedimento da festa, as pessoas bebendo e se divertindo até amanhecer.

No dia 18 de novembro, que é o terceiro e último dia da festa as pessoas fazem comida só na parte da manhã para o pessoal comer à tarde a partir das 16 horas, as mulheres se reúnem para fazer a *lave sodje* ("lavação" das panelas) onde que só as mulheres participam, os homens não podem participar porque durante a lavação das panelas acontecem várias rodadas de bebidas no meio. Quando as mulheres terminam de fazer a lavagem, fazem uma rodada de dança com as panelas no salão e sempre fazendo a rodada de bebidas para elas. Depois de terminarem de fazerem a dança no salão as mulheres se retiram e a festa continua para quem quiser dançar. Isso vai até de madrugada, quando é próximo das 2 ou 3 horas a festa finaliza e todas as pessoas vão para suas casas descansarem para a espera da próxima festa no ano que vem.

As festas e os resíduos sólidos

Antigamente nas Danças de Turé, não eram produzidos resíduos sólidos como nas festas de hoje em dia. Como a maior parte dos alimentos e bebidas vem de fora, no final da festa acaba gerando uma enorme quantidade de resíduos sólidos. Nas festas de hoje, se separa o que é possível reciclar, vender, como latinhas, garrafas de vidro e garrafa PET, e o resto dos resíduos é queimado na aldeia mesmo. Mesmo que os Agentes Ambientais Indígenas e o cacique orientem a comunidade, sempre ficam muitos resíduos espalhados no final da festa. Então essa é uma preocupação para nós também.

Conclusão

Considero que minha pesquisa na comunidade e a participação na festa da minha aldeia Santa Izabel muito bom e importante porque eu adquiri muito mais conhecimento do que eu não conhecia com pessoas mais antigas da comunidade. É bom também porque eu tenho um pouco de conhecimento por participar desses eventos de festa na comunidade e também é importante porque ajuda a entender que não é só uma festa, mas sim um evento de aproximação de parentes e amigos.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

As festas de santo dos povos Indígenas do Oiapoque

Ederlan Severino Pastana, indígena Galibi Marworno, nasceu na aldeia de Kumarumã e vive atualmente na aldeia Piquiá, no quilometro 40 da BR156, Terra Indígena Uaçá

A minha pesquisa é sobre as festas de santo. Na minha pesquisa apresento as festas de santo que tem nas aldeias e a diferença de comemoração em cada aldeia, porque os Karipuna têm um jeito de preparar a festa, tem as regras deles no dia da festa, já os Galibi Marwono têm o preparativo da festa um pouco diferente, o jeito de receber as pessoas no dia da festa. Cada aldeia tem uma regra diferente.

As festas de santo

As festas de Santo existem nas aldeias das três Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi. Sabemos que nas aldeias no dia da festa tem uma regra e tem que respeitar. No dia da festa, tem muitas pessoas que chegam para participar. Antes de começar a festa, os festeiros se reúnem para fazer a limpeza da igreja e do casarão. Em algumas aldeias da etnia Karipuna os festeiros começam os preparativos uma semana antes da festa, já em algumas aldeias da etnia Galibi Marworno os festeiros fazem a limpeza ou mutirão perto da igreja no dia da festa, com algumas pessoas participando. As festas das aldeias não são como na cidade, tem uma regra que o cacique coloca na aldeia e as pessoas que vem de outro lugar tem que respeitar. Existem dois tipos de punição, por exemplo, se uma pessoa briga ou bagunça no dia da festa: os festeiros pegam essa pessoa e levam para o *kubahi* ou a pessoa faz uma faxina depois quando terminar a festa.

Na região da BR 156, por exemplo, na aldeia Piquiá a festa comemorativa é São Raimundo, comemorada todo dia 28 de agosto. No primeiro dia as pessoas levantam o mastro e quando for a noite as pessoas vão para igreja para fazer as suas orações. Quando termina as pessoas voltam para o casarão, o cacique faz a reunião para liberar o salão e passar algumas informações para as pessoas como para eles se divertir na festa. Em cada aldeia se festeja e enfeita a festa no dia da sua padroeira.

A festa de Santo dos Karipuna é diferente dos Galibi Marworno. A festa do Divino dos Karipuna é considerada como sua festa maior. A festa da aldeia Espírito Santo, reúne também pessoas de outras aldeias do rio Curipi e da BR 156. Comparecem também os Karipuna que moram no Oiapoque, em Macapá e Guiana Francesa que vêm participar da festa, as casas se abrem para receber os parentes.

A FESTA DE SANTO NA REGIÃO DO RIO CURIPI

Na aldeia Santa Izabel tem só uma festa, que é o nome da própria aldeia. Na aldeia Espírito Santo tem seis tipos de festa: Ascensão, Santa Maria, Festa Grande, São Pedro, São João e Santo Antônio, já na Aldeia Japiim tem a Nossa Senhora de Nazaré.

Em todas as festas à meia noite tem uma pausa, todas as pessoas se dirigirem para a igreja para participar da ladainha quando termina o povo volta para o casarão e a festa continua e vai até ao amanhecer. No segundo dia todos os participantes da festa vão repousar só ficam os festeiros e algumas pessoas participando preparando a comida, para o almoço. Quando dá meio-dia todas as pessoas se reúnem no casarão para o almoçar e quando dá cinco horas tem uma pausa para a derrubada do mastro para os novos festeiros pegarem a bandeira para fazer a festa no outro ano. Quando dá as sete horas a festa continua e vai até a meia noite ou duas horas da manhã. E no terceiro dia a gente chama de *Lava Panela*, a festa continua o dia todo com os jovens e os mais velhos participando e brincando sem violência e no quarto dia chama de *Lava Colher*, mas acontece só em algumas aldeias da etnia Karipuna.

A festa de Santo nas aldeias tem uma diferença entre cada etnia e comunidade. Nas aldeias da etnia Galibi Marworno como, por exemplo, no Kumarumã que é a maior aldeia da região Uaça, a maior festa que tem naquela comunidade é a festa de Santa Maria que acontece no dia 14 ao dia 15 de agosto. No Kumarumã alguns anos atrás tinham muitos festeiros que pegava bandeira para fazer a festa, as pessoas tinham um compromisso muito grande com Santo. Antes tinham uma regra, se uma pessoa pegasse a bandeira para fazer a festa ela tinha que cumprir com sua promessa e se não cumprisse era chamada por todas as lideranças da comunidade, era feita uma reunião com aquela pessoa para perguntar o motivo por que ela não fez a festa. A pessoa se justifica e quando fosse no outro ano ela faria a festa que é o seu compromisso com o Santo. No dia 14 a 16 de agosto é a derrubada do mastro para os novos festeiros pegarem a bandeira, só pode pegar quem é maior de idade.

LISTA DAS FESTAS DE SANTO NAS DIFERENTES REGIÕES

Abaixo apresento uma tabela feita a partir das minhas pesquisas mostrando as festas das principais aldeias em quatro regiões das Terras Indígenas do Oiapoque, Região Rio Uaçá, Região Rio Curipi, Região Rio Oiapoque e Região BR156.

Tabela 1: Festas por região e aldeia

REGIÃO	ALDEIAS	FESTAS
Região Uaçá	Aldeia Kumarumã	Santa Maria Santo Antônio São Benedito
Região Curipi	Aldeia Espírito Santo	Divino Espírito Santo São Pedro Santo Antônio Santa Maria
	Aldeia Santa Isabel	Santa Isabel
Região Rio Oiapoque	Aldeia Uahá	Santa Maria São Benedito
	Aldeia Kunanã	Santa Lucia
Região Br 156	Aldeia Curipi	São José
	Aldeia Samauma	Santo Antônio
	Aldeia Tukai	São Benedito
	Aldeia Piquiá	São Raimundo

Conclusão

Nas pesquisas que eu fiz eu aprendi algumas coisas que eu não sabia como por exemplo o preparativo da festa de Santo como são comemoradas em cada aldeia o tipo de material que as pessoas usam no dia da festa. Como as pessoas se preparam para fazer a sua festa. Nessa pesquisa eu observei como mudaram as festas nas aldeias. E também em algumas aldeias as festas mudaram muito com a entrada de outras religiões.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

Transformações de algumas práticas culturais do povo Galibi Marworno

Ronaldo Narciso Anicá, indígena Galibi Marworno, morador da aldeia Tukay que está localizada a margem da BR156 km 90, TI Uaçá. Atualmente participa do Curso de Formação em Transformações Ambientais e Mudanças Climáticas e é acadêmico do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap no Campus Binacional do Oiapoque

Nesse trabalho pretendo fazer uma pequena pesquisa sobre algumas transformações que o povo Galibi Marworno sofreu principalmente em algumas práticas culturais como por exemplo: as festas tradicionais e materiais dos *Kabe*, a nossa casa de fazer farinha, como que está nos dias atuais. É muito importante para mim como indígena saber um pouco o passado do meu povo e o que mudou agora e por que mudou. A minha pesquisa foi feita com os mais velhos sobre a cultura do povo Galibi Marworno.

Pesquisando as transformações culturais Galibi Marworno

Eu fiz uma pesquisa com uma senhora da aldeia, Dona Maria Lucia Maciel, e perguntei "como era os trabalhos dos antigos?", ela falou que antigamente os trabalhos eram muito diferentes do que nos dias de hoje, eles faziam suas farinhas em seus *carbês* que eram de palha, e as mandiocas eram raladas no ralo manual e a massa era prensada no tipiti. Para fazer um tipiti os mais velhos iam no mato para cortar arumã e traziam até a aldeia e passava por vários processos para depois fazer o tipiti e servir como material para família usar na fabricação da farinha.

Também pude perceber que na época dos nossos avós não se encontravam ralos motorizados e quase todos eles sabiam tecer um tipiti. Quando tiveram contato com a cidade viram que tudo era diferente, passaram a usar os materiais industrializados que não era da cultura indígena Galibi Marworno e isso motivou a que eles comprassem os materiais que usam nos *Kabe* na fabricação da farinha. Foi aí que perceberam que é muito mais fácil o trabalho e ajudava bastante. Ao invés de fazer um trabalho que durava uma semana, hoje se faz em quatro dias. Isso fez com que o povo Galibi Marworno não usasse mais um ralo manual e já nos dias de hoje não se vê mais na maioria dos *Kabe* do povo, materiais que os próprios indígenas fabricavam, mas sim tudo industrializados. É por isso que hoje a maioria dos jovens que vem crescendo não sabem tecer um tipiti, porque não veem mais o pai ou mãe fazerem esses artefatos, pois é esse conhecimento está com os mais velhos eram eles quem praticavam essas artes.

Nós, como indígenas, podemos pensar que a cultura é dinâmica, sem que nós percebemos ela muda, passa por diversas transformações e é uma preocupação muito grande para as comunidades pensar sobre essa questão e também nas transformações dessa cultura. Até mesmo a questão dos trabalhos, como por exemplo os materiais de tecelagem, antes era tudo perto, era fácil de conseguir os materiais e já nos dias de hoje tudo está ficando difícil.

O aumento da população indígena vem ocupando os espaços e os recursos naturais passam a escassear. Hoje temos mais ou menos 11 aldeias Galibi Marworno, das quais 6 são abaixo do rio Uaçá, quatro a margem da BR 156, e uma na TI Juminã.

Os mais velhos são grandes acervos de conhecimento dentro de uma comunidade e deveria ser do interesse de muitos dos jovens se aproximar de um velho e aprender com ele esse conhecimento, para passar de geração em geração. Um dos principais motivos para isso é que os velhos que sabem essas artes estão se acabando e esse conhecimento está indo junto com eles e hoje são poucos que estão vivos. Além disso são poucos jovens que procuram eles.

Nas festas tradicionais, antes eram muito usadas as bebidas de origem indígena como caxixi, que se bebia durante a Festa do Turé até porque tinha muito pajé. Hoje não tem pajé, está diminuindo o número de pajés atuantes. E por isso a Festa do Turé não está acontecendo mais como antes acontecia e isso também mudou muito. Mas em algumas aldeias onde tem pajé eles fazem a festa tradicional. Todas as minhas pesquisas foram feitas com uma pessoa mais antiga da aldeia e fazendo perguntas como o povo Galibi Marworno vivia antes e sua organização comunitária.

Para fazer a pesquisa utilizei um questionário que fizemos na disciplina de "Sistemas de Conhecimento". Cada questionário tinha de duas a três perguntas e queria saber se determinada prática cultural vem sendo realizada e qual o motivo para isso.

O questionário sobre o uso do ralo e do tipiti foi aplicado com fazedores de farinha. Ele buscou respostas para três indagações:

- Se na aldeia se usa mais o ralo ou máquinas motorizadas.
- Se na aldeia se usa mais o tipiti ou o ralo.
- As razões pelas quais se prefere utilizar os instrumentos mais antigos ou os mais novos.

O questionário sobre o Turé foi aplicado para um pajé ou, se a aldeia não tivesse pajé, a uma pessoa mais velha. Ele buscou respostas para as indagações:

- Se na aldeia ainda se faz o Turé e com frequência. Se é feito, nunca foi feito ou deixou de ser feito.
- Quando é o caso, as razões pelas quais o Turé não é feito mais feito.
- O questionário sobre os partos foi aplicado a uma parteira da aldeia e coletou respostas para as indagações:
- Se na aldeia, as mulheres procuram mais parteiras ou hospitais para se ter a criança.
- As razões pelas quais procuram mais um ou outro.

Resultados da pesquisa coletiva sobre práticas culturais

USO DO RALO E TIPITI

Como podemos observar na tabela abaixo, os resultados das pesquisas que foram feitas por nós Agentes Ambientais Indígenas, apontam que todas as comunidades entrevistadas não usam mais o tipiti, passando a usar a prensa, bem como o uso majoritário da máquina ao ralo.

Tabela 1: Uso do ralo e tipiti

	USAM MAIS RALO	USAM MAIS MÁQUINA	USAM MAIS TIPITI	USAM MAIS PRENSA
ALDEIAS	Taminã Jondef Flecha Urubu	Todas as outras	Nenhuma	Todas as outras

De acordo com as pesquisas podemos observar que onde o ralo usado em pouquíssimas aldeias já sendo substituído pela máquina e o tipiti pela prensa. Onde as pessoas ainda usam o ralo, as justificativas são que tanto o ralo como o tipiti produzem uma farinha mais gostosa. Além disso, nem todas as famílias tem dinheiro para comprar máquina e depende do combustível para funcionar.

Tabela 2: Motivos do uso e não uso do ralo e tipiti

USA	NÃO USA
	Máquina/prensa é melhor
	Difícil conseguir material para fazer o ralo e tipiti
Ralo/tipiti é melhor	
	Mais rápido, mais fácil, menos cansativo
Algumas pessoas gostam mais da farinha do ralo	
	Mais jovens não sabem fazer e não procuram mais velhos para aprender
Nem todos têm dinheiro para comprar as máquinas	
	Desenvolvimento/tecnologia
Dependência de combustível para a máquina funcionar	
	Hoje comprar tipiti é caro
	Antes só os homens ralavam (No Uaçá; Curipi não)
	Aumento da população e do consumo/venda da farinha

TURÉ

Na tabela abaixo apresento a relação das aldeias em relação ao Turé nas seguintes categorias: Faz bastante; não faz; faz pouco/eventualmente.

Tabela 3: Aldeias e a realização do Turé

	FAZ BASTANTE	NÃO FAZ	FAZ POUCO/EVENTUAL
ALDEIAS	Espírito Santo Açaizal	Txipidon Japiim Kunanã Uahá Região Uaçá Kuahi Tuluhi Tukay Kumenê Região Urukauá (apenas em 2017, depois de 30 anos sem fazer)	Santa Isabel Manga Taminã Curipi Piquia Ahumã Anawerá Kumarumã (2013 último Turé tradicional) Aruatu (2005 último Turé)

Quando perguntamos os porquês de não ser mais realizado o Turé, tivemos as seguintes respostas:

1. Tem outras festas que substituem o Turé (festas de Santo e outras);
2. Menor envolvimento da comunidade, dos jovens (união);
3. Evangelização – religião evangélica influencia na não participação no Turé;
4. Tecnologia – jovens não querem aprender;
5. Importância da geração mais antiga que fazia mais Turé;
6. Não tem pajé/Pajé mudou-se;
7. Jovem que tem o dom, mas não quer ser pajé;
8. Pajé não quer mais fazer;
9. Fazer Turé não é de qualquer jeito;
10. Hoje tem outras formas de cura (plantas medicinais X remédios biomedicos);
11. Falta recursos para fazer.

Podemos observar na tabela acima que onde o Turé é mais realizado e onde é menos, como festa tradicional dos povos indígenas. Para as aldeias que não fazem mais a festa do Turé, alguns dizem que existem outras festas (festas do santo e outras), e que tem menos envolvimento da comunidade, dos jovens (união), e também devido a religião evangélica que influencia na não participação no Turé. Um dos motivos é a tecnologia (celular, internet), pois os jovens não querem aprender, e acaba desvalorizando a importância da geração mais antiga que fazia o Turé. Hoje em dia não tem pajé, os jovens que têm "dom" não querem ser pajé, e para fazer Turé não é de qualquer jeito. Hoje tem outras formas de cura e as plantas medicinais passaram a ser substituídas pelos remédios da farmácia.

O trabalho das Parteiras

Foi feita também uma pesquisa sobre a parteira, para ter uma informação de como que está hoje nas aldeias. A tabela nos mostra que as aldeias Galibi Marworno preferem mais hospital. Também pudemos perceber que algumas aldeias do povo Karipuna e Palikur preferem mais parteiras do que hospital.

Tabela 4: Aldeias e preferência entre partos com parteiras ou no hospital

	Preferência pelo hospital	Preferência pela parteira
ALDEIAS	Japiim Kumarumã Região Uaçá Kunanã BR156 Flecha	Txipidon Taminã Espírito Santo Manga Santa Isabel Uahá Kumenê Região Urucauá

Na tabela seguinte apresentamos os motivos pelos quais as mulheres preferem a parteira ou o hospital.

Tabela 5: Motivos de preferência entre partos com parteiras ou no hospital

Por que preferem hospital	Por que preferem parteira
No primeiro filho preferem hospital; Parteiras ganhavam benefício do governo, agora querem cobrar; Tem medo de algo grave acontecer; Tem dúvida sobre parto na comunidade; Auxilio-maternidade (exigência de ter feito pré-natal) – muitos pensam que é preciso ter no hospital para ganhar benefício.	Recuperação mais fácil com a parteira/ mais difícil no hospital; Parteira consegue reposicionar o bebe e o útero, quando "mãe do corpo" está baixo, por exemplo; Família toda acompanha na aldeia, está perto; Cuidados especiais (comida, resguardo, reza, remédio); Hospital já quer operar; Alguns lugares têm muitas parteiras; Acompanhamento pós-parto – parteira faz um acompanhamento de 8 dias depois do parto (diretamente);

Quando analisamos os motivos vemos que para as preferem mais hospital dizem que é melhor no hospital quando é o primeiro filho, pois têm medo que algo de grave aconteça, tem dúvida sobre o parto na comunidade. E para aquelas que preferem mais parteiras dizem que a recuperação é mais fácil com parteiras e mais difícil no hospital, parteiras consegue reposicionar o bebê e o útero quando está baixo, por exemplo. Outro motivo para o parto na aldeia é que toda a família pode acompanhar e está perto, podendo dar cuidados

especiais (comida não é qualquer, fica de resguardo, reza, usa remédios caseiros), já no hospital é frequente querem operar. O acompanhamento pós-parto da parteira é um acompanhamento de oito dias depois do parto, diretamente com a mulher.

Conclusão

Esse trabalho foi importante, com isso eu aprendi um pouco sobre o passado e sobre o presente nas aldeias. Esse conhecimento eu pretendo compartilhar principalmente nas palestras e reuniões da comunidade, onde será um grande aproveitamento e benefício voltado para a comunidade e para os alunos.

Através disso, quero ajudar a fortalecer a cultura, porque com uma união podemos cuidar do nosso território de fazer a vigilância dos limites e também do meio em que vivemos. E ter um consenso a se relacionar com a natureza, como por exemplo na pesca na caça e ver uma forma de manejar esses recursos naturais. É por isso que é importante uma cultura fortalecida para nós indígenas Galibi Marworno, não só para a geração atual, mas para as gerações futuras.

Trabalho orientado pelo professor Augusto Ventura dos Santos

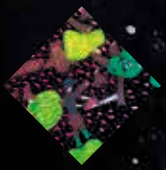
Eles se autodenominam AGAMIN, que além de ser a sigla para denominar uma nova categoria em ação nas aldeias, a dos Agentes Ambientais Indígenas, é o nome de um pássaro típico dessa região do país que, segundo afirmam, cuida e limpa a floresta.

Este livro traz o resultado das pesquisas interculturais realizadas pelos agentes ambientais sobre instrumentos de governança territorial, histórico das aldeias, manejo e uso sustentável de recursos naturais, roças, produção de farinha, alimentação, medicina tradicional, festas e artefatos. É um convite para conhecer mais sobre a realidade de três terras indígenas contíguas, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Luis Donisete Benzi Grupioni

Coordenador Executivo do Iepé

9 786589 357056



iepé

INSTITUTO FEDERAL
Amapá

Rainforest Foundation
Norway

The Nature Conservancy
Brasil